



**ARNALDO CORTINA**

# **LEITOR CONTEMPORÂNEO:**

**Os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004**

**Araraquara  
2006**

**ARNALDO CORTINA**

**LEITOR CONTEMPORÂNEO:  
Os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004**

Tese apresentada ao Departamento de  
Linguística da Faculdade de Ciências e Letras  
da Universidade Estadual Paulista, câmpus de  
Araraquara, para obtenção do título de Livre-  
Docente.

Araraquara  
2006

Ao Bruno, com quem convivi durante momentos mútuos de escrita e reflexão.

Ao Lucas, que se lançou para o futuro depois de um longo tempo de espera.

Ao Murilo, para quem o tempo presente é o das descobertas.

Ao Ian, sempre companheiro, tanto nos bons quanto nos maus momentos.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho chegou a termo, porque, durante momentos diversos, várias pessoas e instituições me auxiliaram das mais diferentes formas. A todos manifesto meus agradecimentos e de forma particular:

às amigas Renata, Gladis e Rosane, que muito me ajudaram durante o período de escrita da pesquisa, dividindo comigo os extenuantes trabalhos da organização do 54º Seminário do GEL;

ao Fiorin, amigo e exemplo de pesquisador, que me recebeu quando precisei dividir as incertezas do trabalho;

ao professor Jacques Fontanille, que me recebeu e com quem pude discutir minhas intenções iniciais de pesquisa;

a meus alunos das turmas de 2006 e a todos os meus orientandos que souberam entender meus momentos de ausência;

ao professor Dalton Geraldo Guaglianoni, que me ensinou a usar o programa Excel para produzir as listas dos livros mais vendidos;

à bibliotecária-chefe do setor de arquivos do *Jornal do Brasil*, Floripes Marinho Falcão, e à sua secretária, que me auxiliaram no levantamento do *corpus* da pesquisa;

à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior, pela bolsa de estágio pós-doutoral concedida durante o período de setembro de 2001 a agosto de 2002, na Universidade de Limoges na França;

à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio à pesquisa concedido durante o período de junho de 2004 a maio de 2005;

ao CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa, pela concessão da bolsa de Produtividade de Pesquisa.

## SUMÁRIO

Resumo.....	i
Abstract.....	ii
Introdução.....	1
1. Em busca do <i>corpus</i> perdido.....	7
2. Leitor apaixonado e leitor representado: construções do discurso.....	23
2.1. Paixão e apaixonados nos discursos mais lidos pelo público brasileiro.....	30
2.2. O <i>pathos</i> do enunciatário nos discursos mais lidos pelo público brasileiro.....	39
3. O que lê o leitor brasileiro contemporâneo? Primeira abordagem.....	52
4. Mudanças nas leituras do público brasileiro ao longo das últimas décadas: segunda abordagem.....	105
5. Escolhas de leitura como reflexos da cultura contemporânea.....	152
5.1. Civilização em crise e o sentimento de mal-estar.....	153
5.2. Cultura narcisista do ego mínimo.....	159
5.3. As políticas das ondas.....	169
5.4. O vazio na sociedade contemporânea.....	176
5.5. O narcisismo na visão brasileira.....	183
6. Encontro do <i>éthos</i> do leitor de auto-ajuda.....	187
6.1. Alguns estudos sobre a auto-ajuda.....	188
6.2. O gênero e o estilo da auto-ajuda.....	198
Considerações finais.....	223
Bibliografia.....	229
Referências bibliográficas do <i>corpus</i> .....	236
Anexos.....	241

# RESUMO

Este trabalho procura examinar o que o leitor brasileiro contemporâneo lê, com o propósito de explicar as razões que levam esse leitor a realizar suas escolhas. Nesse sentido, portanto, o objetivo central do trabalho será examinar o perfil desse leitor brasileiro.

O levantamento dos dados para estabelecer o *corpus* da pesquisa foi realizado por meio do registro das listas de livros mais vendidos, publicadas em dois jornais brasileiros. O primeiro jornal fonte da pesquisa foi o *Leia*, periódico mensal que circulou no território nacional durante o período de abril de 1978 a setembro de 1991. O segundo, foi o *Jornal do Brasil*, diário carioca que publicou listas dos livros mais vendidos no Brasil a partir de 1966 até o mês de dezembro de 2004, data de encerramento da pesquisa, em caderno destinado à leitura. Como o segundo jornal interrompeu a publicação das listas dos mais vendidos durante o período de fevereiro de 1976 a abril de 1984, propusemos uma fusão dos dados dos dois jornais de forma a cobrir um período que compreende os anos de 1966 até 2004.

A base teórica a partir da qual se estabeleceu o exame do perfil do leitor brasileiro foi a semiótica da escola de Paris. Para o tratamento da questão da leitura elegeu-se o exame das manifestações da enunciação no discurso, as projeções do enunciador e do enunciatário e o tratamento das paixões. Foram observados em cada um dos textos do *corpus* como essas categorias enunciativas projetam-se em cada um dos textos mais lidos pelos leitores brasileiros e, posteriormente, como, nas listas dos livros mais vendidos, esse leitor manifesta-se como enunciador. Para tanto propôs-se a contraposição entre o *ethos* do enunciador-leitor das listas e o *pathos* do enunciatário dos discursos de leitura.

Uma vez que o *corpus* da pesquisa revelou um crescimento na opção pelos textos de auto-ajuda, foi examinada a questão específica da auto-ajuda em dois capítulos do trabalho. No primeiro observaram-se as características das sociedades contemporâneas que reforçam a opção pelos textos de auto-ajuda e, em seguida, trataram-se mais detidamente as características desse tipo específico de texto.

# ABSTRACT

This work intends to examine what the Brazilian contemporary reader reads, with the intention to explain the reasons that lead this reader to make their choices. For that, the central goal of this research will be to examine the Brazilian reader profile.

The researched data compiled to establish the *corpus* of this work was made through the usage of best-selling books lists, published by Brazilian journals. The first journal's consulted source was "Leia"; a monthly journal that circulated through the national territory from April 1978 through September 1991. The second reference was "Jornal do Brasil", a carioca journal that published best-selling books list in Brazil from 1966 to December 2004, when they stopped the sequence of this special issue compilation. Since the last consulted source was interrupted from February 1976 through April 1984, we proposed a data fusion of the two journals aiming to cover a total period between the years of 1966 through 2004.

The theoretical plateau adopted to create an evaluation profile of the Brazilian reader was based from the Paris School of semiotics. For the analysis of the reading matter, we chose the exam of the manifestations of the discourse enunciation, the projection of the enunciator, the enunciatee and the analysis of passions. We observed in each one of the best-selling *corpus* texts how those enunciations categories are projected in each one of the best-seller books read by Brazilian readers and lastly following the published best-seller list how this reader manifest itself as enunciator. For that point we propose the contraposition between the enunciator-reader *ethos* from the lists and the *pathos* of the reader enunciatee discourse.

The *corpus* of the research revealed an increasing option for self-help books, thus, we examined this topic in two chapters. In the first one we analyze the contemporary society characteristics that reinforce the option of this type of self-help text, following a detailed treatment of this specific kind of text.

# Introdução

---

O estudo da perspectiva do leitor há muito já faz parte dos trabalhos sobre literatura e sobre a constituição do texto. Candido (1975), em seu ensaio intitulado “O escritor e o público”, já apontava para a indissociabilidade entre o autor, a obra e o leitor, quando se pretende estudar literatura.

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (p. 74)

Embora não negue a importância e a necessidade do exame dos fatores internos para o tratamento do texto literário, Candido (1975) ressalta também o valor dos fatores externos, que classifica como mais sociológicos e indispensáveis “senão à sondagem profunda das obras e dos criadores, pelo menos à compreensão das correntes, períodos, constantes estéticas” (p. 73). O leitor, nesse sentido, é elemento fundamental, pois é ele que justifica a existência da obra.

Eco (2000 e 2001), por sua vez, numa direção muito próxima, porém, não absolutamente igual à de Candido, porque não trata apenas do texto literário, irá defender que, para o processo de interpretação do texto, é preciso levar em consideração três fatores nele instaurados: a *intentio auctoris*, a *intentio operis* e a *intentio lectoris*. Embora afirme que a identificação da *intentio operis* seja decorrente do reconhecimento de uma estratégia semiótica própria do processo de produção de sentido, defende uma relação dialética entre esses três elementos. Na medida em que reconhece que a *intentio operis* não pode ser revelada pela superfície textual, defende que “é possível falar da intenção do texto apenas em decorrência de uma leitura por parte do leitor. A iniciativa do leitor consiste basicamente em fazer uma conjectura sobre a interpretação do texto” (Eco. 2001, p. 75).



Ao invocar as observações de Candido e Eco sobre a perspectiva da leitura, posso constatar ainda que é possível caminhar em duas direções quando se quer explorar esse aspecto. Uma é a que focaliza o leitor enquanto categoria do próprio texto, isto é, como constituinte de sua organização interna. Outra é aquela que estuda o leitor enquanto um sujeito do processo comunicativo, que é determinado historicamente e sociologicamente.

Para a semiótica greimasiana, por exemplo, o leitor corresponde à projeção do enunciatário do discurso que, juntamente com o enunciador, constitui a instância da enunciação. Isso significa afirmar que, em todo discurso, há um sujeito que diz algo para um outro a quem esse dizer é dirigido e que, além disso, o leitor é co-autor do enunciado, porque, na medida em que o discurso é direcionado para ele, é ele que controla o dizer do enunciador. Dessa forma, uma maneira de tratar a questão da leitura pode ser o exame das imagens de leitor que um determinado discurso projeta no momento em que é produzido. Pautado por essa perspectiva, um estudo sobre a leitura seria aquele que observaria como se configura esse leitor construído no texto. Esse tem sido o caminho de alguns trabalhos, quer da semiótica quer da teoria literária, preocupados em investigar as projeções do leitor no texto, o que significa enfocar seu narratário.

É dessa forma, por exemplo, como Lajolo & Zilberman (1999) irão olhar, embora não segundo a perspectiva semiótica, o processo de construção do leitor na literatura brasileira. O objetivo das autoras, no primeiro capítulo de sua obra, consistiu, primeiramente, em mostrar como o leitor foi se modificando historicamente, chegando ao estado de leitor solitário do mundo moderno. A partir das revoluções burguesas, a figura do leitor vai deixando de ser coletiva para se tornar mais familiar e, posteriormente, individual. Em um segundo momento, focalizando a literatura brasileira a partir do século XIX, discutem os casos em que o narrador dialoga com o leitor que se manifesta na trama narrativa de seus livros de ficção. Sobre essa questão irão afirmar que há uma evolução no tratamento da figura do leitor brasileiro. Segundo as autoras, Machado de Assis, por exemplo, dirige-se a um leitor que precisa ser ensinado, que não é competente para a leitura; já para Graciliano Ramos, especificamente em *São Bernardo*, há um tratamento de igual para igual, isto é, o narrador de Graciliano não menospreza seu leitor. Nos capítulos seguintes da mesma obra, Lajolo & Zilberman (1999) continuam abordando a perspectiva da leitura sob diferentes ângulos: ora a história do livro no Brasil enquanto suporte da leitura, produzido por um mercado editorial; ora a história do livro didático no Brasil, destacando o caráter pedagógico da leitura; ora a história da mulher leitora no Brasil.

Outra possibilidade para o tratamento da leitura é aquele apontado pelos estudos culturais. Voltados para a reconstituição da história do livro enquanto materialidade e para a formação das bibliotecas, esses trabalhos aliam a observação do suporte à ação do leitor sobre ele. Um exemplo dessa perspectiva é a coleção “História de Leitura”, da Associação de Leitura no Brasil, cujo primeiro volume, *Leitura, história e história da leitura*, foi lançado em 1999 sob a organização de Márcia Abreu. Essa obra contém os trabalhos apresentados durante o I Congresso de História do Livro e da Leitura no Brasil, realizado na Universidade de Campinas, em 1998. Na segunda parte dessa obra, intitulada “Leituras em história”, há uma série de artigos de vários autores em que a questão da formação histórica da leitura no Brasil é discutida por vários pesquisadores reunidos nessa associação. Os textos publicados nesse volume adotam a concepção de leitura como discurso da cultura, como discurso-histórico. É nessa direção que caminham os autores citados pela maioria dos articulistas: Chartier, Ginzburg, Le Goff, Darnton e de Certeau, entre outros. Estão reunidos entre os enunciadores desse livro, em nome de uma análise do discurso, estudiosos da literatura e da linguagem, historiógrafos, pedagogos, cientistas sociais, etc. Esses são trabalhos que têm muito a contribuir quando se pensa num sentido mais de registro histórico da leitura no Brasil. A concepção de discurso adotado por esses pesquisadores que se congregam em torno da Associação de Leitura do Brasil é a de que ele é atravessado por inúmeros pontos de vista indispensáveis para sua análise, com a determinante da visão sócio-histórico-cultural.

Numa outra perspectiva ainda caminham trabalhos que recuperam a história da leitura no Brasil, observando-a a partir da indústria editorial brasileira. A obra de maior fôlego sobre esse tema é a de Hallewell (1985). Nela, o autor relata a história de obras, autores e editoras, acompanhada de dados sobre os vários aspectos da indústria editorial brasileira, desde os tempos em que aqui chegou o prelo que inaugurou oficialmente a impressão de livros no Brasil até meados da década de 1980. O tema do leitor aparece à medida que Hallewell mostra como a produção dos livros, ao longo da história brasileira, era determinada pelo público consumidor desse mercado editorial. Também nessa mesma linha de pesquisa inscrevem-se os trabalhos de Reimão (1996), que analisa o mercado editorial brasileiro entre as décadas de 1960 e 1980, de Torresini (1999) e Amorim (1999), que examinam a história da editora Globo, do Rio Grande do Sul, e suas diversas traduções, organizadas por ela em diferentes coleções, durante o período de 1930 a 1950. Na mesma perspectiva há ainda os seis volumes da coleção “Editando o Editor”, publicada

pela Com-Arte e EDUSP, que registram relatos históricos dos mais influentes editores da região sudeste do estado de São Paulo.

Mas, se quiser considerar todos os fatores apontados pelas perspectivas cultural, editorial e a sócio-histórica, subordinando-os a uma base do estudo da linguagem, será necessário redefinir um percurso de trabalho. Na medida em que se caminha para uma interdiscursividade, não é possível mais falar em leitura da busca do significado; é necessário ir à busca do sentido. Uma vez que o tratamento da história da leitura no Brasil que pretendo empregar neste trabalho é marcado pela busca do sentido, torna-se necessário um determinado aporte semiótico para esse estudo. A semiótica da Escola de Paris, também chamada aqui no Brasil de semiótica greimasiana, parece apresentar uma perspectiva teórico-metodológica importante, que pode somar-se às perspectivas dos estudos sobre leitura produzidos no Brasil e propiciar um outro olhar sobre a questão.

O primeiro problema que se coloca, então, é o do estabelecimento de um *corpus* que forneça as informações necessárias para se chegar a uma caracterização do público leitor. Esta pesquisa partiu, portanto, da hipótese de que o levantamento dos livros mais lidos pelo público brasileiro levar-me-ia um perfil desse leitor, isto é, poderia chegar a conhecê-lo por meio do levantamento dos temas que mais lhe despertavam interesse, quando propunha realizar o ato de leitura. A partir da detecção desse universo de leituras é que poderia, então, observar quais são os textos mais lidos pelo público brasileiro e, por meio do aparato teórico-metodológico da semiótica, perspectiva a partir da qual tenho desenvolvido minhas pesquisas desde o mestrado até o pós-doutorado, examinar os mais representativos para chegar a um possível “perfil” desse leitor. Como é impossível caracterizar os leitores propriamente ditos, parto da hipótese de que a escolha que ele faz do que lê é reflexo de seus interesses, valores e desejos.

Embora não levasse em consideração a perspectiva teórico-metodológica da semiótica para a análise das obras mais vendidas no final do século XIX e começo do XX, foi com mesmo espírito que El Far (2004) produziu seu trabalho:

Tendo em vista que o livro, além do seu conteúdo intrínseco, carrega consigo mecanismos de fabricação, distribuição e publicidade, ingredientes fundamentais na atividade criativa da leitura, julguei necessário analisar essa literatura dita popular em compasso com a história do mercado editorial carioca, marcada por uma dinâmica de trocas, interações, intercâmbios econômicos e culturais, para então tentar responder a uma questão central: entre tantos livros anunciados, por que alguns romances venderam mais que outros? Ou então, por que alguns títulos, especificamente, mantiveram-se no mercado por anos a fio? O tratamento editorial dado a essas obras muito influenciou em sua disseminação. Mas por outro lado, não

explica inteiramente a entrada de certas histórias nas preferências ou mesmo no imaginário dos leitores daquele tempo. (p. 310)

Para realizar tal intento então, precisava, ainda, estabelecer um período de tempo na cronologia histórica para o exame dessas escolhas do leitor brasileiro. Por meio do levantamento bibliográfico é possível constatar que há mais trabalhos, a partir de diferentes enfoques teóricos, sobre o leitor brasileiro em diferentes períodos da história. Além do trabalho aqui já citado de Lajolo & Zilberman (1999), dos diferentes estudos sobre história da leitura no Brasil que fazem parte do volume organizado por Abreu (1999) e o de El Far (2004), que faz um interessante estudo sobre os livros de literatura popular mais vendidos, classificados por ela como “romances de sensação” e “romances para homens”, no Rio de Janeiro, durante o período de 1870 a 1924, poderia citar ainda o de Nunes (1994), que observa as escolhas do leitor brasileiro durante o período colonial, mais especificamente durante os primeiros séculos do descobrimento. O que se constata, portanto, é que existem poucas pesquisas sobre o leitor brasileiro contemporâneo. Embora em Reimão (1996) essa perspectiva esteja apontada, constata-se que não há uma preocupação específica da autora em trabalhar o imaginário do leitor brasileiro, mas sim em produzir um panorama do mercado editorial brasileiro, aos moldes do que havia sido proposto por Hallewell (1985).

Partindo do exame desses diferentes estudos sobre leitura é que decidi trabalhar com os mais vendidos no Brasil no final do século XX, uma vez que não existem estudos atuais sobre o tema. A execução dessa proposta, então, apresenta-se por meio de seis capítulos que fazem parte da organização deste trabalho.

No capítulo 1, intitulado “Em busca do *corpus* perdido”, apresentarei um histórico do processo de elaboração do *corpus* que deu origem a este trabalho. Mesmo correndo o risco de construir um capítulo um tanto descritivo, julgo que é importante sua manutenção no trabalho para que o leitor possa ter uma noção mais clara das características dos dois jornais a partir dos quais foram extraídos os dados para a análise do leitor brasileiro.

O capítulo 2, cujo título é “Leitor apaixonado e leitor representado: construções do discurso”, procurará apresentar a perspectiva teórica a partir da qual será desenvolvido o trabalho com a leitura aqui proposto. Nesse capítulo destacarei os principais conceitos da teoria semiótica para o tratamento da questão da leitura e não será minha preocupação reconstituir todos os aspectos da proposta teórica da semiótica da escola de Paris, tarefa já realizada por outros autores em diferentes obras. Centrar-me-ei nos aspectos específicos para o desenvolvimento dos objetivos deste trabalho.

O interesse do capítulo 3, “O que lê o leitor brasileiro contemporâneo? Primeira abordagem”, consiste exatamente em apresentar uma primeira resposta à pergunta que aparece em seu título. Tomando por base o gráfico 1 em anexo, procurarei descrever e produzir uma análise geral das obras mais lidas pelo público brasileiro referente ao período da pesquisa. Nesse capítulo procurarei dar voz ao *corpus*, para que o leitor deste trabalho possa ter uma noção do que falam os textos mais lidos pelo leitor brasileiro contemporâneo.

A proposta do capítulo 4, “Mudanças nas leituras do público brasileiro ao longo das últimas décadas: segunda abordagem” é a de ampliar e corrigir uma possível distorção considerada relativamente à construção do gráfico 1. Partindo, portanto, de um levantamento década por década (gráficos 2 a 6), cheguei a uma compilação de dados que deu origem à tabela 2, em que estão agrupados todos os livros que estiveram entre os primeiros lugares na preferência do leitor brasileiro desde os anos 60 até o ano de 2004. Neste capítulo, além de apresentar os novos livros que não apareceram no primeiro levantamento, iniciarei uma interpretação dos dados com o objetivo de explicar as razões pelas quais os leitores escolheram o conjunto de obras mais lidas, detectado pela pesquisa.

A preocupação central do capítulo 5, “Escolhas de leitura como reflexos da cultura contemporânea”, será examinar, em obras de quatro diferentes autores, o conceito de individualismo e suas interpretações sobre as características da sociedade contemporânea, uma vez que o exame do *corpus* realizado durante os capítulos 3 e 4 apontam para o crescimento da chamada literatura de auto-ajuda na preferência do público leitor brasileiro.

No capítulo 6, “Encontro do *ethos* do leitor de auto-ajuda”, focalizarei especificamente a questão da auto-ajuda, partindo de um levantamento de alguns trabalhos já realizados sobre o tema para poder caracterizar de forma mais aprofundada essa preferência do leitor contemporâneo.

Nas considerações finais deste trabalho recuperarei as principais contribuições sobre a questão da leitura aqui apresentadas e apontarei possíveis desdobramentos e perspectivas de continuidade para o projeto aqui desenvolvido.

# 1. Em busca do *corpus* perdido

---

Durante muito tempo, deitava-me cedo. Às vezes, mal apagada a vela, meus olhos se fechavam tão depressa que eu nem tinha tempo de pensar: “Vou dormir”. E meia hora depois, a idéia de que já era tempo de conciliar o sono me despertava: queria deixar o livro que julgava ainda ter nas mãos e assoprar a vela; dormindo, não havia deixado de refletir sobre o que acabara de ler, porém tais reflexões haviam tomado um aspecto um tanto singular; parecia-me que era de mim mesmo que o livro falava: uma igreja, um quarteto, a rivalidade de Francisco I e Carlos V. Essa crença sobrevivia por alguns segundos ao meu despertar; não ofendia a razão, mas pesava como escamas sobre os olhos, impedindo-os de perceber que a vela já não estava acesa.

(Marcel Proust. *No caminho de Swann*)

Durante estágio pós-doutoral realizado na França, cujo resultado foi publicado no livro “*Razões e sensibilidades. A semiótica em foco*”, Cortina (2004), para o qual já havia o propósito de discutir a questão das obras mais consumidas pelo público leitor contemporâneo, ao me dirigir à biblioteca Saint Geneviève, que se localiza na Place du Panthéon, e perguntar ao bibliotecário como poderia fazer um levantamento dos livros mais lidos na França durante o ano de 2000, a resposta que me foi dada chamou-me atenção para um dado inicial que não havia sido sequer pensado quando propus a pesquisa. Na verdade o que me disse o bibliotecário foi que não existiam listas dos livros mais lidos pelo público francês, que a única possibilidade era ter acesso a listas de livros mais vendidos e, a partir desse dado, entender que os mais vendidos eram exatamente os mais lidos. Para tanto, indicou-me um anuário chamado *Quid*, que consiste na forma latina da expressão *Quoi?*, com que os falantes da língua francesa exprimem o ato de curiosidade. Segundo os próprios editores, o *Quid* é “une encyclopédie annuelle en un volume bourré de faits, de dates, de chiffres sur tous les sujets... Du sérieux au moins sérieux.”<sup>1</sup>. Um dos

---

<sup>1</sup>. “uma enciclopédia anual em um volume repleto de fatos, de datas e de cifras sobre todos os assuntos... Dos sérios ao menos sérios.”

dados apresentados pelo *Quid*, desde sua criação, é uma relação das obras mais vendidas em território francês. E foi com os dados compilados desse anuário francês que produzi minha pesquisa de estágio pós-doutoral. Nessa mesma época descobri uma revista mensal, que era vendida em bancas de revista, chamada *Lire*. Nessa revista aparecem diferentes textos que tratam de livros e de autores, tais como, entrevistas, críticas sobre obras, lançamentos, etc., mas não há relação das obras mais vendidas no território francês.

Ao iniciar, no Brasil, o trabalho para o levantamento de um *corpus* para a pesquisa, com o objetivo de saber o que o leitor brasileiro lê a partir dos anos 60, deparei-me com alguns exemplares do jornal *Leia Livros*. Curiosamente esse jornal, que a partir do número 70, de agosto de 1984, passou a se chamar apenas *Leia* e que, a partir do número 124, de fevereiro de 1989, assumiu o formato de uma revista, inspirou-se muito na revista *Lire* que eu havia encontrado nas bancas de revista, na França. Diferentemente dela, porém, embora apresentasse formatos de textos bastante semelhantes (entrevistas, críticas sobre obras, lançamentos, etc.), publicava sempre uma relação dos livros mais vendidos no território nacional.

Minha pesquisa iniciou-se na biblioteca “Mário de Andrade”, do município de São Paulo, quando para ali fui para obter uma resposta a minha pergunta inicial que consistia em saber como chegar aos livros mais vendidos no Brasil. O bibliotecário encaminhou-me para a sala de periódicos e me indicou a revista *Veja* e o jornal *Leia Livros*. Embora a relação dos livros mais vendidos apresentada pelo *Leia Livros* iniciasse em maio de 1978 e a da *Veja*, em setembro de 1968, optei pelos dados do *Leia Livros* porque verifiquei, por meio de um exame dos diferentes exemplares do jornal, que eles refletiam um trabalho de pesquisa realizado em diferentes livrarias do país inteiro. A cada lista publicada apareciam as livrarias que haviam fornecido os dados para o levantamento.

Já as listas da *Veja*, revista publicada pela editora Abril, eram mais inconstantes e variava muito o número de livros elencados. Na primeira lista, publicada no n° 1, de 11 de setembro de 1968, aparecem os nomes de cinco livros mais vendidos, sem indicação da fonte de informação para sua obtenção. No n° 2, de 18 de setembro de 1968, a lista contém doze livros; no n° 3, de 25 de setembro de 1968, 10 nomes e assim sucessivamente, apresentando ora 11, ora 9, ora 12, ora 6, ora 5, etc. Esse quadro me levava à conclusão de que a *Veja* dava pouca importância para a relação dos livros mais vendidos, aumentando e diminuindo o número de títulos dependendo da sobra de espaço na última das três colunas que apareciam, até o n° 19, de 15 de janeiro de 1969, examinado por mim, entre as páginas de 60 a 70 da revista. Optei então por fazer um registro completo das listas dos

livros mais vendidos publicados pelo *Leia Livros* e mais tarde procurar outra fonte que me permitisse o registro dos livros mais vendidos desde 1960 até 2000. Os dados da revista *Veja* não foram, porém, inteiramente desprezados, pois continuaram a ser levantados por um orientando de Iniciação Científica, com bolsa do CNPq, Levi Henrique Merenciano, e serviram de *corpus* para sua pesquisa com os livros mais vendidos no Brasil durante as décadas de 1970 e 1980.

Nascido em abril de 1978, o *Leia Livros* tinha como objetivo examinar a questão do livro no Brasil e, conseqüentemente, o que o leitor brasileiro lia. Assumindo que não existe projeto editorial que não reflita um ponto de vista pessoal, o editor do jornal, Caio Graco Prado, escreveu seu editorial, à página 2 do n° 0, o primeiro do jornal, falando exatamente da parcialidade:

A imparcialidade é um mito de que se alimentam aqueles que temem ter seus atos e decisões contestados ao nível da paixão. Os partidários enfim daquela senhora cegada e ameaçadora<sup>2</sup> ou aqueles que desejam que a humanidade se limite a exercer a santa virtude da discrição só vendo, falando e ouvindo aquelas coisas que podem ser vistas, faladas e ouvidas sem qualquer conseqüência maior que não a de simples passatempo. Com conseqüência, com “parcialidade” estão autorizados a falar, ver e ouvir somente aqueles que são para isso investidos e, é claro, a favor da manutenção das regras do “clube”.

Tenho consciência de minha parcialidade e a exerço permanentemente no sentido que me pareça mais interessante.

Este jornal será, portanto, o reflexo da parcialidade consciente de todos nós.

O vice-editor do jornal, Cláudio Abramo, na mesma página 2 do n° 0 irá contar como surgiu o projeto do jornal, marcando claramente seu ponto de vista passional. O título dado ao editorial é “Bilhete”. Ei-lo:

Não que jamais tivesse existido um jornal de livros e seria injustiça deixar no esquecimento, as tentativas feitas até agora, no Brasil. Tenho uma vaga lembrança de um “Jornal de Letras”, cujos animadores não me recordo quais fossem; e ultimamente alguns grandes jornais entraram nessa onda, mantendo páginas ou cadernos destinados à indústria editorial.

Por alguma razão, a idéia apelava agora com muita insistência ao coração e às mentes de muitos brasileiros: Alberto Dines sonhava com uma revista do tipo de “New York Review Books”. Na última semana de dezembro de 77, Mario Pedrosa pelo telefone de Paris, me estimulava a produzir uma revista; e Mino Carta me encorajava a fazer uma revista de cultura.

Não fiz nenhuma das três. Eu alimentava projeto parecido, noutras linhas. Caio Graco já estava decidido a fazê-lo. De uma conversa, numa noite de domingo

---

<sup>2</sup>. Referência à estátua da justiça, de que fala o autor em parágrafos anteriores ao trecho aqui citado.



recente, resolvemos, ele e eu, juntar o que tínhamos pronto e o que imaginávamos e o resultado é LEIA LIVROS.

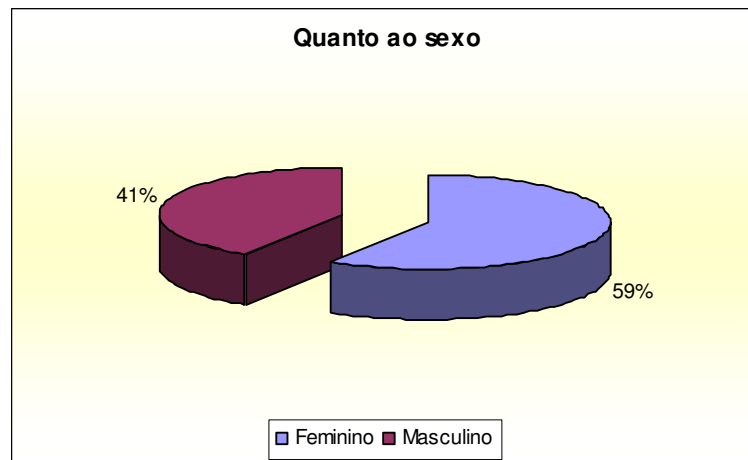
Haveria muito que falar sobre os livros no Brasil, ou de sua ausência. Acho-os caros; acho também que algumas editoras muitas vezes não tomam o devido cuidado com suas edições. E observo, de passagem, que editar, p. ex., “Anarquistas e Comunistas no Brasil” sem índice remissivo é quase inútil para os interessados, estudiosos e estudantes. Eu sei que encarece a edição, mas é preciso fazê-lo, que diabo. Quanto à maioria das traduções, tremo em pensar.

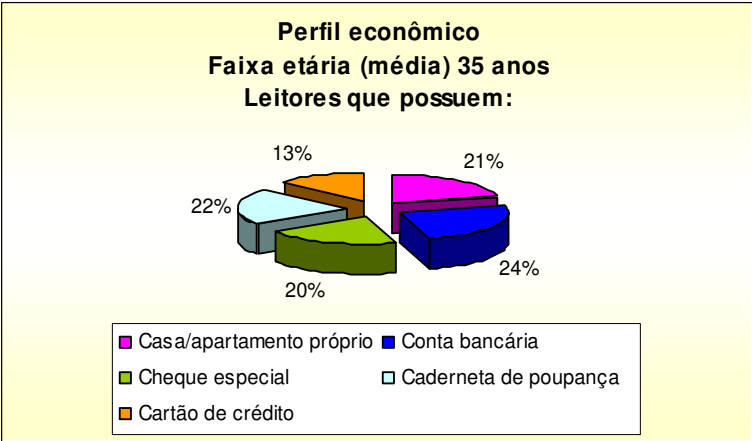
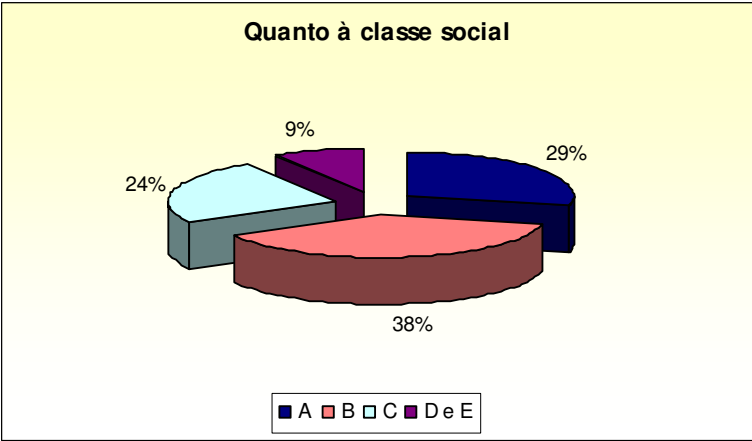
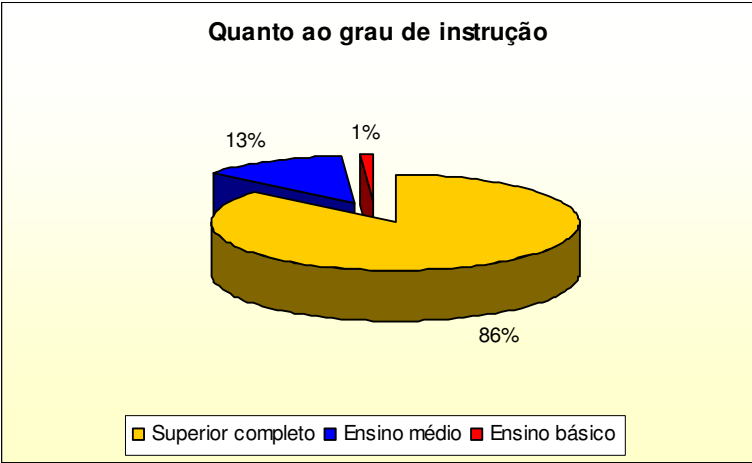
Os leitores informados (e portanto da chamada elite) que comprarem este jornal sofrerão alguns choques. Imagino a comunidade universitária perplexa ante a escolha do bravo Rubem Braga para resenhar um livro sobre nazistas: é que ele os viu de perto, foi correspondente de guerra na Itália, com a FEB. Antecipo o horror de alguns ante a inclusão, num jornal de livros – e portanto de cultura – de uma página regular sobre novelas de televisão. É porque em nossa opinião, a telenovela brasileira adquiriu, por sua qualidade e sua quantidade (uma dá na outra, crianças) um lugar entre as artes; e é uma forma de cultura popular forte e vigorosa, se muitas vezes errada e falsa.

LEIA não tem preconceitos – só em relação à falta de caráter. De início, devo dizer, portanto, que muita gente jamais escreverá aqui. Mas LEIA tem também horror às panelas, com sua culinária de sabor duvidoso.

Enfim, LEIA.

O texto de Cláudio Abramo, por sua vez, delimita, já nos primeiros sons produzidos por esse recém-nascido jornal em forma de tablóide, muito semelhante a um outro que existiu na época e que tinha uma postura política marcadamente de esquerda, o jornal *Movimento*, o perfil de seu leitor. O leitor de *Leia Livros* pertence a uma elite, a uma elite intelectual, universitária, que compra e lê livros no Brasil. Essa imagem do leitor é tão concreta para o *Leia Livros* que, numa propaganda de si mesmo veiculada na página 19 do nº 136 do jornal, de janeiro de 1990, em que justifica por que os interessados devem anunciar em suas páginas, aparece uma descrição desse leitor atribuída a uma pesquisa realizada por uma empresa chamada Marplan. Essa pesquisa configura o seguinte perfil do leitor:





Constituído como um jornal marcadamente de editores, o *Leia Livros* não só reflete as preferências de leitura do leitor brasileiro como também a influencia, pois não são poucas as vezes em que uma reportagem sobre determinado livro não o leve, no mês seguinte, a um dos dez postos da lista dos mais vendidos. Outro fator que influencia muito o aparecimento de um título na lista dos mais vendidos são as adaptações feitas para o cinema ou, principalmente, para as mini-séries da Rede Globo.

Esse é o caso, por exemplo, do livro de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, que aparece em oitavo lugar na lista dos mais vendidos do n° 87 do *Leia Livros*, de janeiro de 1986. Nessa época a Rede Globo passou a mini-série dirigida por Walter George Durst, que fazia adaptação da obra de Guimarães Rosa. Um exemplo de adaptação de obra ao cinema que coloca o livro adaptado na lista dos mais vendidos é o caso de *O nome da rosa*, de Umberto Eco. Traduzido para o português em 1983, pela Nova Fronteira, esse livro permaneceu na lista dos dez mais vendidos durante todo o ano de 1984. Com sua adaptação para o cinema em 1986, sob direção de Jean-Jacques Annaud, ele voltou aos postos da lista dos mais vendidos em 1987 quando foi lançado no Brasil.

Os leitores do *Leia*, além de serem influenciados por suas reportagens também falam no jornal. Muitas vezes, as falas dos leitores encontram discordâncias ou apoios e a “Coluna do leitor” acaba reproduzindo um diálogo entre eles. Um exemplo bastante peculiar dessa conversa entre leitores do jornal é o debate que se instaura a propósito do livro *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera. No n° 91 do *Leia*, de maio de 1986, uma leitora de São Paulo, chamada Bárbara Schultz escreve a seguinte carta para o jornal, intitulada “A insustentável leveza do sucesso”:

Venho por meio desta implorar que algo muito surpreendente aconteça no mercado editorial, que o bom-gosto volte aos leitores e que afinal nos tornemos um povo culto.

Posso não ser uma leitura assídua do jornal LEIA, ou de qualquer outro meio de comunicação impresso, mas não consigo entender como o leitor brasileiro se atém tanto, e por tanto tempo, a apenas alguns títulos que as editoras acabam por nos forçar a ler.

Começo a analisar estas listas dos mais vendidos que as livrarias fornecem semanalmente, mensalmente e, por que não?, anualmente (sim porque elas me parecem sempre iguais). Veja-se, por exemplo, *Risíveis amores* e *A insustentável leveza do ser* que já alcançaram um ano na lista dos mais vendidos (Milan Kundera está fazendo seu pé de meia no Brasil, é tudo o que posso concluir), e me pergunto: Que fenômeno é este? O que acontece com o mercado editorial? Seria falta de opções por melhores títulos, ou será que o brasileiro gosta mesmo é de best-sellers? Ou é um problema de educação e cultura?

Realmente, não sei o que pensar, e se alguém tiver idéia do que está acontecendo, por favor, me dê um alô! E neste não saber o que pensar, me

pergunto: quem somos nós? Discípulos de Milan Kundera, Irwing Wallace, Sidney Sheldons da vida? Me recuso a pensar que sim, e por isso me dirijo aos senhores editores, pedindo-lhe que prestem maior atenção nas bombas que nos fazem (quase ingenuamente) ler, e avaliem o perigo que elas significam. Que tal nos dar uma chance?

A leitora do jornal atinge diretamente o ponto desta pesquisa. Ela critica as listas dos livros mais vendidos porque entende que são uma forma de induzir a leitura de quem consome o jornal<sup>3</sup>, mas, além disso, indaga sobre a identidade do leitor brasileiro, que gosta dos *best-sellers*, ao invés de uma literatura que, embora não diga explicitamente qual seja, é considerada por ela de “melhor qualidade”.

Dois meses depois, no nº 93 do *Leia*, de julho de 1986, um leitor do Rio Grande do Sul, chamado Victor Biasoli, escreve na coluna do leitor criticando a carta da leitora que falou mal de Milan Kundera. Sua carta, intitulada “Dos *best-sellers* ao fenômeno Kundera” diz o seguinte:

Sou leitor esporádico do LEIA há muitos anos. Muito livro fui ler por influência do LEIA. Muito autor fui descobrir nestas páginas. O Milan Kundera, por exemplo, numa entrevista de novembro de 84, se não me engano. E agora esta poetisa paranaense, Helena Kolody (fiquei fascinado pelos poemas publicados no número 91). E me espantei com a carta da leitora Bárbara Schultz, colocando o Kundera ao lado de Irving Wallace e Sidney Sheldon, Um exagero, me parece. São autores de qualidades diferentes. Se *A insustentável leveza do ser* entra no rol dos best-sellers, então estou muito perdido nas literaturas. O livro não me pareceu de fácil digestão (o que não quer dizer que seja complicadíssimo). Também não estou querendo dizer que é uma obra-prima. É um livro bom e instigante. Boas idéias e ótimos personagens para dar corpo às idéias. Agora que é um fenômeno de vendas, isto é. E não compreendo o porquê disto. (...) Acho que ainda não assimilei a idéia do livro sendo uma mercadoria como outra qualquer.

Mas escrevi estas linhas com outro objetivo (gostaria de polemizar sobre o caso Kundera, mas não dou pro ramo). Escrevi para sugerir um artigo a respeito de best-sellers. Que bicho é este? Que rótulo é este que de vez em quando alguém lasca em cima de livros que vendem muito? (A Marguerite Duras não sai há nove meses da lista dos dez mais: virou best-seller porque vende bem – artes de algum marketing genial – ou por qualidades intrínsecas da obra?).

Esse leitor que agora escreve não só se contrapõe à leitora anterior, mas também aponta para duas questões que, na verdade se complementam. Em que medida pode-se pensar o estatuto de mercadoria a um livro? O que é um *best-seller*? Um livro que vende bem porque está amparado por um marketing genial ou porque é bom mesmo?

---

<sup>3</sup>. É interessante apontar um fato de minhas pesquisas nas bibliotecas em que fiz o levantamento do *Leia*. Nos exemplares do jornal a que tive acesso na biblioteca “Mário de Andrade”, de Araraquara, foi curioso notar a presença do leitor do jornal em algumas marcas por ele ali deixadas. Como o acervo da biblioteca é de doações, pude perceber que existia um leitor que se guiava pelas listas dos mais vendidos, fazendo marcas em determinados livros ou para dizer que já havia lido ou para selecionar uma compra futura.

Para incrementar essa polêmica em torno do autor de *best-seller*, da boa e da má literatura, dois cariocas escrevem para a seção de cartas do leitor de *Leia*.

### **Subliteratura**

Quero cumprimentá-los pela publicação da excelente entrevista com Saul Bellow (LEIA nº 91), um dos melhores escritores contemporâneos. Desafortunadamente, este autor americano não tem recebido a acolhida que mereceria do público brasileiro.

Também aproveito a ocasião para falar com uma leitora desavisada que, na seção de cartas deste jornal, colocou o escritor Milan Kundera ao lado de Sidney Sheldon e Irving Wallace. Não dá para comparar. Ao contrário do que ela diz, apenas os dois últimos é que são membros da boca do lixo que as multinacionais nos impõem: uma sórdida subliteratura, que nada acrescenta além do sensacionalismo barato. Também eu fui, nos idos de 1976-77, quando comecei a ler, vítima desse descabro. (José Fausto Toloy)

### **Subliteratura - II**

Como leitor assíduo do jornal LEIA, sinto-me no dever de lançar o meu protesto contra uma leitora paulista que, nesta seção, mostrou-se incomodada com a presença de *A insustentável Leveza do Ser* por mais de um ano na lista dos mais vendidos (saiu no LEIA nº 91). Usando termos bem deselegantes (coisa que não é comum entre pessoas de bom gosto), enquadrou o escritor tcheco Milan Kundera entre os operários da subliteratura contemporânea, sem ao menos ter afirmado se leu ou não a sua obra, que, na minha opinião, é uma das mais ricas do momento. Penso que *A insustentável Leveza do Ser* não é sucesso apenas pelo fato da Editora Nova Fronteira ter dado uma atenção especial à sua divulgação, pois conheço livros que apesar do sucesso de divulgação, mofaram nas prateleiras.

Friso que nada tenho com o mercado editorial. Sou apenas um leitor, que leu três vezes o polêmico romance e que aproveitou o intervalo entre um livro e outro para responder ao apelo feito pela leitora paulista. Aproveito para implorar que não se cometam gafes como estas, pois nunca se deve chamar de **bomba** (no sentido pejorativo) àquilo que não se conhece a fundo, pois isto retrata apenas radicalismo desenfreado, preconceito puro. Preconceito bobo! (Alberto Sobrinho)

O carioca José Fausto confessa ter sido induzido ao consumo de subliteratura, quando tomou conhecimento dos livros de Sidney Sheldon e Irving Wallace. O outro carioca, Alberto Sobrinho, chama a leitora paulista Bárbara Schultz de preconceituosa e radical por causa da crítica que faz a Milan Kundera. Por seu lado ressalta a qualidade dos textos do autor tcheco dizendo que leu *A insustentável leveza do ser* três vezes e que não acredita que a propaganda intensa de uma editora em relação a um livro seja capaz de incentivar sua leitura se ele não tiver qualidades.

Para finalizar essa polêmica, um alagoano envia uma carta à seção dos leitores do *Leia* nº 99, de janeiro de 1987, e defende a paulista que iniciou toda a celeuma, perguntando por que Milan Kundera estoura nas listas dos mais vendidos, enquanto Elias Canetti fica esquecido. Para responder a sua própria pergunta diz que Kundera ganha

tantos leitores porque é um escritor anticomunista, enquanto Canetti não assume tal postura. Diz o leitor:

(...) Canetti é mais profundo, mais fino, mais filosófico – mas não sustenta dia-e-noite nenhuma bandeira anticomunista. Milan Kundera não é exatamente um mau escritor, não se identifica com sublitteraturismo – mas a *Insustentável leveza do ser*, em alguns passos, parece obra de um Bukovski recheado de metafísica alemã (“Religião é a metafísica das massas, metafísica é a religião dos pensadores”, *dixit* Spinoza). Lê-se, até, Kundera, com sofrível e relativo agrado, mormente se tivermos ingerido algumas providenciais garrafas de cerveja, mas ele não chega a roçar a sola dos pés de um Robert Walser (inexplicavelmente intraduzido entre nós!), de um Arno Schmidt (agudo demais para nosso paladar crônico), de um Gunter Grass (já digerido cinematograficamente, mas de páginas osso duro de roer!), ou do citado Elias Canetti, prosador soberbo.

A discussão sobre o que é um *best-seller* e a influência das editoras no mercado de livros parece contaminar todo o jornal. Além de reportagens que analisam as vendas das principais editoras do país, na maioria, instaladas no eixo Rio-São Paulo, do sucesso de alguns livros e da própria polêmica em torno do tcheco Milan Kundera acima mostrada reflete essa preocupação do jornal. Na verdade poder-se-ia até pensar que o caso dos leitores que falam de Kundera seria até uma estratégia do próprio jornal para fomentar o debate entre leitores, mas essa é uma questão que não acredito ter grande importância. O fato é que o *Leia* estava imbuído desse espírito crítico sobre a literatura produzida no Brasil, sobre seus leitores e sobre o trabalho das editoras. Por essas razões é que, no n° 103 do *Leia*, de maio de 1987, às páginas 36 e 37, numa matéria intitulada “Os mais vendidos”, o jornal apresenta um depoimento de Ênio Silveira, editor da Civilização Brasileira e ex-presidente, na época, do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, a respeito do sucesso alcançado pelos livros da então recém-criada editora de Luís Schwarcz, a Companhia das Letras.

Ao longo de seus números, sempre mensais, o jornal *Leia* divulga as listas dos mais vendidos e, nas diversas reportagens, ou comentários sobre elas, dialoga diretamente com seus leitores. As listas, por sua vez, desde o n° 0 do jornal, publicado em abril de 1978, até o n° 117, de julho de 1988, subdividem-se em I e II. A lista I apresenta os dez livros mais vendidos da categoria “ficção” e a lista II, os dez mais vendidos da categoria “não ficção”. De forma mais irregular existiu, ao longo desse período e do período subsequente, até o desaparecimento do jornal, uma lista III, em que eram arrolados os livros mais vendidos da categoria “infanto-juvenil”.

No nº 118 do *Leia*, de agosto de 1988, porém, desaparecem as listas I e II e, ao invés de apresentar os dez livros mais vendidos das categorias “ficção” e “não ficção”, o jornal opta por apresentar uma lista única, sem qualquer distinção tipológica, com os nomes dos vinte livros mais vendidos durante o mês. Nesse número em que ocorre a mudança de critério classificatório, o jornal apresenta a seguinte explicação para o fato:

“Ficção”, “não-ficção”... No Brasil, todas as publicações que divulgam a lista dos dez livros mais vendidos adotam essas distinções. Assim, o que o leitor tem para exame é sempre uma relação de vinte títulos, divididos em dois “gêneros” que, em princípio, não se confundiriam.

Mas pouca gente se detém para pensar que não existem dois públicos diferentes. Tampouco existem dois tipos de livrarias. O leitor de *As brumas de Avalon* (“ficção”) de Marion Zimmer Bradley, pode ser o mesmo de *A vida é um palco* (“não-ficção”), de Shireley MacLaine. E é provável que esse leitor adquira os livros no mesmo local.

Até do ponto de vista dos gêneros literários, a distinção é frágil. O que significa “não-ficção”? E quantos livros não se encaixam num gênero intermediário? Grandes obras de ficção, como a caudalosa *À procura do tempo perdido*, de Marcel Proust, baseiam-se em vivências muito pessoais. São simultaneamente ficções e depoimentos. Recriações do vivido.

Por todos esses motivos, a partir deste mês, o LEIA publica a lista dos mais vendidos sem dividi-la em duas categorias, a exemplo da revista francesa *Lire*, uma das mais respeitadas em todo o mundo. Com isso, nossa intenção é fornecer ao leitor uma informação mais clara e objetiva sobre os livros de sucesso, sem partidarismos. De gênero, número ou grau.

Com a palavra, a preferência popular.

As explicações apresentadas pelo jornal para a mudança do critério parecem assentadas na discussão sobre a dificuldade de se estabelecer uma fronteira entre o que se deve classificar como livro de ficção e o que se deve chamar de não-ficção, mas, na prática, ela conserva a divisão anterior, pois o número de livros elencados passa a ser vinte e não dez. Na verdade, essa divisão entre ficção e não-ficção é mais problemática, como o próprio texto do jornal aponta, quando o livro é considerado memória ou depoimento pessoal. Por esse motivo, *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva, e *Baú de ossos*, de Pedro Nava, por exemplo, apareceram sempre na coluna II, a dos livros de não-ficção.

A referência explícita então à revista *Lire* francesa, a que me reportei no início, é um índice inequívoco das fontes de inspiração do *Leia*. Isso se confirma também pelo fato de que, seis números mais tarde, a partir do 124, o *Leia* assume o formato de revista e não mais de jornal tablóide. Só não posso confirmar que a revista francesa publicava uma lista de vinte livros mais vendidos porque não tenho esse dado relativo ao ano de 1988, mas os

números de 2001 e 2002, que adquiri na França, não apresentam nenhuma lista de livros mais vendidos.

Uma última alteração ocorre no número 133, da então revista *Leia*, de novembro de 1989. A partir desse número, depois de apresentados os vinte livros mais vendidos no mês, aparece uma nova lista com os dez livros nacionais mais vendidos, sendo que muitos deles já apareceram na lista anterior. Abaixo dessa segunda lista aparece uma terceira, em que constam os dez livros de literatura infantil mais vendidos no mês. Nenhum desses livros infantis, porém, havia aparecido na primeira lista, a dos vinte mais vendidos.

A *Leia* sobrevive por mais dois anos, chegando ao seu último e derradeiro número, o 155, de setembro de 1991.

Como tinha o propósito de abarcar um período de tempo mais extenso que o das publicações de *Leia*, precisei procurar outro veículo impresso que apresentasse listas de livros mais vendidos no Brasil antes do período inicial de *Leia* e depois de seu desaparecimento.

Cabe dizer ainda que só foi possível levantar todos os números de *Leia* quando pude visitar a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. A coleta que havia feito previamente, antes de obter o auxílio da FAPESP, compreendia boa parte de todos os volumes de *Leia*, mas muitas lacunas existiam, porque certos números do jornal não podiam ser encontrados nas coleções das duas bibliotecas “Mário de Andrade”, tanto a de Araraquara quanto a de São Paulo.

Não foi possível encontrar um veículo impresso que apresentasse listas dos livros mais vendidos no Brasil a partir de 1960 como era minha intenção inicial. Tive acesso à coleção da “Revista do Livro” que existiu no Brasil desde os anos 30, em visita à biblioteca de livros antigos da Oficina do Livro “Rubens Borba de Moraes”, na capital paulista, de propriedade do editor Cláudio Giordano, mas nela havia apenas registro dos livros editados no Brasil pelas diferentes editoras existentes, mas nenhuma referência à venda de livros e, menos ainda, a livros mais vendidos.

Durante minha primeira consulta ao acervo da Biblioteca Nacional, além de completar os registros de *Leia*, obtive a informação de que o *Jornal do Brasil* veiculava uma lista de livros mais vendidos no Brasil num caderno publicado aos sábados que se intitula “Idéias”. Em consulta ao banco de dados da biblioteca constatei que esse jornal, embora tivesse sido fundado em 1890, começou a publicar uma coluna dos livros mais vendidos no Brasil apenas no número 2 de seu caderno intitulado “Suplemento do Livro”, que começou a ser editado em agosto de 1966.



Os exemplares mais antigos do *Jornal do Brasil* estavam todos microfilmados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mas era impossível registrar os dados porque os microfilmes estavam em péssimo estado de conservação, muito riscados, o que impedia a leitura do que neles estava registrado. À vista dessas condições entrei em contato com o setor de biblioteca do *Jornal do Brasil* e solicitei um registro das listas de livros mais vendidos publicados pelo jornal para dar continuidade a minha pesquisa. Mantive contato com a bibliotecária-chefe do acervo do *Jornal do Brasil* e com ela consegui, por meio do sistema de fotocópias, as listas dos livros mais vendidos, publicadas pelo *JB* desde 1966 até 2004.

Minha proposta inicial era recuperar as listas dos livros mais vendidos a partir do ano de 1960 até 2000, mas como foi impossível obter esse dado anteriormente ao ano de 1966 e como o *Jornal do Brasil* podia fornecer-me os dados até 2004, estabeleci que a pesquisa levaria em consideração os dados obtidos entre 1966 e 2004. Esse mesmo jornal já havia se tornado fonte para uma outra pesquisa sobre leitura, desenvolvida por Travancas (2001).

No nº 195, ano LXXVI, do *Jornal do Brasil*, num sábado, dia 20 de agosto de 1966, na parte de baixo da primeira página, aparece em destaque uma chamada do “Suplemento do Livro”, em que se lê o seguinte:

Hoje é o terceiro sábado do mês, dia em que o JB lança o **SUPLEMENTO DO LIVRO**, noticiando o movimento editorial nacional e estrangeiro, para divulgar e debater os temas lançados em livro. Não é um suplemento literário: seu objetivo é promover maior intimidade entre autores e leitores. Todo terceiro sábado de cada mês no **JORNAL DO BRASIL**.

Nesse número não aparece nenhuma lista de livros mais vendidos; isso só acontecerá, como disse acima, a partir do segundo número do suplemento. Curiosamente, nessa edição de 20/08/66 do *JB*, a manchete central é a seguinte: “Castelo promete zelar pela futura Constituição”. Logo abaixo dessa manchete há uma foto que registra o momento em que o então Ministro Medeiros Silva, ao lado do Presidente Castelo Branco, recebe, no Palácio das Laranjeiras, o projeto da Constituição das mãos de seus autores, os juristas Levi Carneiro, Temístocles Cavalcanti e Orozimbo Nonato. Esse projeto tornar-se-á, no ano seguinte, em 1967, a Constituição da República Federativa do Brasil.

O levantamento de livros mais vendidos publicado na página 16 do nº 2 do “Suplemento do Livro” do *JB* vem encabeçado com o título: “Jorge Amado é quem vende mais nos lugares onde mais se lê”. Logo abaixo, a página inteira é dividida em três colunas

em que estão elencados os livros mais vendidos em cinco capitais brasileiras: Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Recife e Porto Alegre. As listas do Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo apresentam duas colunas distintas, uma para livros nacionais outra para livros estrangeiros. As listas de Recife e Porto Alegre não fazem essa divisão. Além disso, há disparidade de registros entre elas. Enquanto a lista carioca apresenta cinco livros nacionais e cinco estrangeiros como mais vendidos do mês, a brasiliense apresenta os nomes de dez livros nacionais e dez estrangeiros e a paulista, nove nacionais e dez estrangeiros. A lista de Recife, por sua vez, apresenta o nome de dez livros mais vendidos e a de Porto Alegre, quinze. Essa variação só se estabiliza a partir do quarto número do “Suplemento do Livro”, de 19 de novembro de 1966, em que os mais vendidos são apresentados ainda com a divisão em cinco capitais, com o registro, em cada uma delas, dos nomes de cinco livros nacionais e de cinco estrangeiros.

O “Suplemento do Livro” existiu de agosto de 1966 a dezembro de 1969, quando foi editado o suplemento de número 41. Meu levantamento apresenta algumas lacunas entre esses quarenta e um primeiros números, ou porque a biblioteca do *JB* não tivesse um exemplar do jornal, ou porque as listas dos mais vendidos não saíam em todos eles.

A partir do dia 30 de janeiro de 1971 o *Jornal do Brasil* volta a publicar um suplemento dedicado ao livro. Seu nome agora é “Livro. Suplemento do Jornal do Brasil” e sua numeração volta para o primeiro algarismo, de tal forma que o suplemento desse sábado corresponde ao ano 1, número 1. Mantendo ainda a coluna dos livros nacionais mais vendidos e a dos livros estrangeiros, o suplemento veicula mensalmente então dez nomes para cada categoria. Nesse número de janeiro, o suplemento *Livro* é apresentado da seguinte maneira por sua equipe editorial:

Volta a circular o *Suplemento* que o JORNAL DO BRASIL dedica especialmente ao livro. Neste último sábado de janeiro, e mensalmente, estaremos não só nas bancas de jornais, mas nas livrarias.

O *Suplemento do Livro* pretende ser o veículo mais acessível ao livro e mais diretamente voltado para o leitor de livros em todo o país. Acessível ao livro-ídéia, ao livro-autor, ao livro-editor, ao livro-livreiro, ao livro-leitor. Não será, pois, um suplemento literário, ou um veículo de literatura (na completa acepção do termo), mas um veiculador de idéias postas em livro, um orientador permanente do leitor sobre tudo o que publica o mercado editorial, ao estilo e à feição dos melhores e mais conceituados suplementos dos grandes jornais e revistas europeus e norte-americanos.

Embora afirme seu propósito exclusivo de informar ao leitor a respeito de tudo o que o mercado editorial brasileiro lança nas livrarias, com uma distinção curiosa entre

livro-idéia, livro-autor, livro-editor, livro-livreiro, livro-leitor, e de se dizer um suplemento não literário, ao final desse texto de apresentação, no último parágrafo, aparece o seguinte:

(...) O leitor contará, ainda mais, com a colaboração de alguns dos mais considerados críticos de letras de escritores, professores e jornalistas, para a apresentação de reviews dos livros que obtiveram não só a preferência popular, mas os aplausos da crítica. Entre os que chamamos a colaborar de forma permanente estão os Srs. Otto Lara Resende, Carlos Lacerda, Hélio Pólvora, Antônio Callado, Paulo Rónai, Willy Levin, R. Souza Dantas, Luiz Orlando Carneiro, Walmir Ayala e outros.

Tal como o *Leia*, portanto, o espírito do suplemento do *JB* é divulgar os lançamentos do mercado editorial, o que é de grande interesse para as editoras e, por outro lado, influenciar o leitor na decisão de seleção de suas leituras. As listas dos mais vendidos refletem sempre esse propósito.

No suplemento de número 5 do *JB*, de 29 de maio de 1971, ocorre outra alteração na forma de registro dos livros mais vendidos. Além de serem divididos em duas colunas, a dos nacionais e a dos estrangeiros, cada uma delas passa a ser sub-dividida em “ficção” e “não ficção”. Inicialmente há uma certa variação entre os números de livros catalogados em cada uma das sub-divisões, mas a partir do suplemento de número 9, de 25 de setembro de 1971, em cada uma delas são registrados cinco nomes de livros, totalizando, ao final, vinte livros mais lidos no mês.

Em 28 de outubro de 1972, ano 2, número 2, o suplemento do *JB* muda sua forma de apresentação. Ao invés de ser chamado “Livro. Suplemento do Jornal do Brasil” passa a se intitular “Livro. Guia mensal de idéias e publicações”. A partir do ano 3, número 3, de 14 de julho de 1973, o suplemento muda novamente seu título e passa a sair duas vezes por mês, por essa razão passa a ser chamado “Leia. Guia quinzenal de idéias e publicações”. Esse suplemento do *JB* circula, nesse último formato, até o ano 4, número 94, de 21 de fevereiro de 1976, quando sua edição é interrompida.

A volta à publicação de listas dos mais vendidos somente vai acontecer em 7 de abril de 1984. Inicialmente elas se apresentam na forma de pequenos quadrinhos, em algum canto de uma das folhas do jornal, ao lado de propagandas de shows, bailes de carnaval, peças de teatro, exposições de arte e programas de lazer no Rio de Janeiro. A partir de 6 de abril de 1985 as listas começam a ganhar um contorno gráfico (uma borda em forma de livro ou de estantes de uma biblioteca) que a coloca em certo destaque na página do jornal.

Uma série de outras modificações acontece no *JB* durante o retorno à publicação das listas dos livros mais vendidos em abril de 1984. Em primeiro lugar, não existe mais um suplemento dedicado ao livro. O jornal lança agora quinzenalmente o “Caderno B” e nesse caderno existe uma seção chamada “Livro”, dedicada a apresentações, divulgações, resenhas e comentários sobre livros e escritores. Nessa seção aparecem então as listas dos mais vendidos que elencam, em ordem de classificação, cinco livros de ficção e cinco de não-ficção, sem a distinção mantida até então pelo suplemento *Leia* entre livros nacionais e estrangeiros. Além disso, sempre ao final das duas listas com cinco nomes, aparece a indicação do que o jornal chama de “outros livros bem vendidos”, apenas com a indicação do nome do livro e de seu autor, mas sem o nome da editora ou o preço. Durante o registro desconsidere essas referências a outros livros bem vendidos, porque ela não obedecia a nenhum critério de classificação.

O “Caderno B” do *Jornal do Brasil* é publicado com esse nome até a edição de 14 de setembro de 1985. Na edição seguinte, de 4 de outubro de 1986, passa a se chamar “Idéias”, nome que recebe até hoje. Dentro do caderno “Idéias” há uma seção destinada aos livros. Além de continuar apresentando resenhas e críticas dos livros lançados no mercado editorial, esse novo caderno do *JB* dedica uma de suas folhas para a apresentação dos livros mais vendidos juntamente com uma coluna intitulada “O que eles lêem/O que eles recomendam”. Nessa coluna aparecem fotos de personalidades da mídia ou de diferentes atividades profissionais que dizem o que estão lendo e que leitura recomendam para o público brasileiro. No caderno *Idéias* de 4 de outubro de 1986, para citar um exemplo, aparecem as seguintes pessoas nessa coluna: Agnaldo Silva (roteirista de novela da Globo que declarou estar lendo *O terceiro homem*, de Graham Greene), Márcio Tavares do Amaral (professor da UFRJ, lendo *A brincadeira*, de Milan Kundera e *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva), Antonio Cícero (poeta e letrista, lendo *Le visible et l’invisible*, de Merleau-Ponty), Fausto Fawcett (*performer*, lendo livros sobre a história da Turquia), Eva Todor (atriz, lendo *Um estranho no espelho*, de Sidney Sheldon), Eduardo Mascarenhas (psicanalista, lendo *Vernônia*, de William Kennedy), Junito Brandão (professor de mitologia Greco-latina, lendo *A mulher madura*, de Afonso Romano Sant’Anna) e Arthur Moreira Lima (pianista, aconselhando a leitura de *Memórias de um soldado*, de Nelson Werneck Sodré). Logo abaixo aparece o espaço dedicado aos livros mais vendidos, dividido em duas colunas, uma para ficção, com a indicação do nome de dez livros em ordem de classificação e outra coluna para a não-ficção com mais dez nomes classificados.

Esse formato de apresentação dos livros mais vendidos, que deixou de ser quinzenal e passou a ser semanal desde a criação do “Idéias”, só será modificado na edição de 4 de abril de 1992, quando desaparece a coluna “O que eles lêem/O que eles recomendam”.

Para efeito de registro dos livros mais vendidos para esta pesquisa, como todo o levantamento inicial com o jornal *Leia* e com os primeiros suplementos do *JB* eram sempre mensais, continuei a registrar apenas uma lista para cada mês. Para tanto estabeleci como norma considerar sempre a primeira lista do mês, que correspondia à edição do “Caderno B” e, posteriormente, do “Idéias” que saía no primeiro sábado de cada mês. Seria completamente inviável fazer uma planilha de registro dos livros mais lidos nas quatro semanas (às vezes, cinco), para calcular os mais vendidos do mês, desde abril de 1992 até dezembro de 2004. Como as alterações entre as listas semanais não são muito grandes, a escolha aleatória de uma semana para representar o mês foi uma decisão própria dos levantamentos de dados estatísticos.

O programa Excel foi utilizado para o registro dos diferentes livros classificatoriamente organizados em cada lista mensal e, com as ferramentas desse mesmo programa inserido no Microsoft do Office do Windows, cheguei aos diferentes gráficos (em anexo) que indicam os livros mais vendidos durante os 38 anos de pesquisa (de 1966 a 2004) e os mais vendidos por década. O critério utilizado para a classificação dos livros mais vendidos foi o número de vezes que eles apareceram nas listas dos dez mais, independentemente da posição que nelas ocupavam. Assim, por exemplo no gráfico 1, o livro mais vendido é *O alquimista*, de Paulo Coelho, pois apareceu 59 vezes nas listas dos dez mais vendidos no período de 1966 a 2004; em segundo lugar está *Virando a própria mesa*, de Ricardo Semler, que aparece nas listas 40 vezes e assim sucessivamente, até chegar no vigésimo primeiro classificado, *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella, que aparece 22 vezes nas listas dos mais vendidos.

Como possuía registro de livros mais vendidos em dois diferentes veículos impressos, o jornal *Leia* e o *Jornal do Brasil*, optei por uma forma de agrupamento desses dois veículos. Para tanto, mantive integralmente o registro do jornal *Leia* (de maio/1978 a out./1991) e acrescentarei a ele o levantamento do período anterior e o do posterior (não coincidente com o do jornal *Leia*) do *Jornal do Brasil* (de set./1966 a fev./1976 e de nov./1991 a dez./2004). A partir desse agrupamento de dados estabeleci ainda cinco diferentes gráficos com o levantamento dos livros mais lidos pelo leitor brasileiro durante as décadas de 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000.

## 2. Leitor apaixonado e leitor representado: construções do discurso

---

Para começar, considero que tudo quanto se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos uma paixão em relação ao sujeito a quem acontece, e uma ação com respeito àquele que faz com que aconteça. Assim, embora o agente e o paciente sejam, com freqüência, muito diferentes, a ação e a paixão não deixam de ser sempre uma mesma coisa com dois nomes, devido aos dois sujeitos diversos aos quais podemos relacioná-la.

(René Descartes, *As paixões da alma*.)

Na medida em que o *corpus* da pesquisa está constituído é preciso então discutir os procedimentos de análise. Assim, compete entender, neste momento, a proposta inicial do projeto que consistiu na descrição de um perfil do leitor brasileiro contemporâneo a partir dos anos 60. Não se trata evidentemente de desenvolver um estudo sobre o leitor real, aquele em “carne e osso”, para saber como e por que lê os livros colocados no mercado editorial brasileiro. O máximo que conseguiria, se tentasse tal empreita, seria chegar a algo parecido com o perfil econômico do leitor do *Leia*, apresentado pelo próprio jornal, e aqui reproduzido no capítulo anterior. Chegaria, portanto, a saber se o público leitor brasileiro é constituído mais por homens do que por mulheres, qual sua faixa etária predominante, se pertence às classes A, B, C, D ou E e mais algumas outras características que dependeriam das intenções do pesquisador ao organizar os formulários de pesquisa. Além disso, um levantamento como esse jamais poderia recuperar o período compreendido entre a década de 60 até a de 2000, pois a coleta de dados por questionários ou entrevistas não é uma forma de registro viável para a caracterização de um conceito tão vasto como o de “leitor brasileiro contemporâneo”.

Para fazer uma recuperação histórica da leitura seria necessário, se insistisse na técnica da entrevista ou dos formulários, estabelecer um determinado público a ser examinado, para chegar, assim, à reconstituição da memória de leitura desse público. Outra estratégia poderia ser, por exemplo, a utilizada por Lacerda (2003), que examinou em seu

trabalho as autobiografias ou os diários da mulher leitora brasileira de meados do século XIX e início do século XX.

Em meu trabalho de doutorado, Cortina (2000), também propus um exame histórico da leitura, na medida em que investiguei distintas interpretações realizadas por diferentes leitores do livro *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel, desde o século XV, quando foi publicado pela primeira vez, até o século XX. Para tanto foi necessária uma pesquisa para resgatar os registros escritos de leitura dos diferentes leitores do autor florentino. Os objetivos com que pretendi realizar essa tarefa foram os de “verificar os mecanismos lingüísticos, por um lado, e os do contexto sócio-histórico, por outro, responsáveis por tantas leituras distintas” (p 17).

A presente pesquisa, por sua vez, aproxima-se mais da perspectiva a partir da qual El Far (2004) examinou os livros mais consumidos pelo leitor carioca do final do século XIX e início do XX. Por meio de um levantamento realizado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em jornais da época, a autora pôde identificar os nomes dos livros mais consumidos nas diferentes livrarias da então capital brasileira. Da mesma maneira que procurou chegar ao leitor carioca da época, analisando os livros mais lidos por eles, é como pretendo realizar esta investigação. A diferença, porém, entre o trabalho de Al Far (2004) e o meu consiste na perspectiva teórica a partir da qual será examinado o perfil desse leitor brasileiro contemporâneo que desejo identificar. Enquanto a autora se valeu de um modelo interpretativo que poderia ser chamado sócio-cultural, pretendo aqui utilizar, para tal tarefa, as propostas teóricas da semiótica da escola de Paris.

Além disso, se entendo a semiótica como um “conjunto significante que se suspeita, a título de hipótese, possua uma organização, uma articulação interna autônoma” (Greimas e Courtés, [1985?], p. 409) o qual se pretende conhecer e que pode ser caracterizada como “natural”, na medida em que compreende dois diferentes conjuntos significantes, “de um lado as línguas naturais e, de outro, os ‘contextos extralingüísticos’ que consideramos como sendo semióticas do mundo natural” (Greimas e Courtés, [1985?], p. 409-10), posso realizar também uma análise semiótica do conjunto de dados que o *corpus* da pesquisa me apresenta, uma vez que entendo esse mesmo *corpus* como um “conjunto significante” que representa o leitor brasileiro contemporâneo.

Sobre essa questão vale a pena observar como Discini (2003) trata a noção da totalidade e da unidade, a partir da retomada da proposta de Brøndal (1986), para discutir a questão do estilo em diferentes totalidades de *corpora* de análise. Segundo a autora, deve-se pensar o princípio de unidade e o de totalidade enquanto universais quantitativos e, ao

tratar a questão do estilo, este será tomado enquanto unidade e enquanto totalidade; “unidade, porque há um sentido único, ou um efeito de individuação; totalidade, porque há um conjunto de discursos, pressuposto à unidade” (p. 31).

Assim, quando Discini (2003) propõe analisar o estilo pensado como *ethos*, como corpo de uma totalidade, examinando, para tanto, textos da imprensa dita série vs. imprensa dita sensacionalista no Brasil, seu objetivo consistirá em mostrar o jogo de vozes que constitui essa totalidade e sob que princípios essas diferentes vozes estão articuladas às unidades, isto é, às manifestações particulares de textos que compõem o todo do jornal. Para melhor compreender sua proposta, observemos o seguinte trecho de sua obra:

Podemos exemplificar um pouco mais a homologação das articulações da categoria da totalidade, à totalidade do estilo, lembrando um estilo de época: o neoclássico; um estilo de época num país: o neoclássico no Brasil; um estilo de um autor: Tomás Antônio Gonzaga; um estilo de uma obra: as *Liras*, de Dirceu a Marília; um estilo e partes de uma obra: o da primeira e o da segunda parte das *Lira*, e assim por diante. Analisar um estilo supõe recortar partes da totalidade. Em cada uma, está pressuposta a totalidade englobante e integral, já que se trata de um conjunto, ou bloco, de discursos. Essa totalidade integral, o *totus*, supõe um enunciatório sancionador, que impõe os limites e determina a unidade a ser recortada. (...)

Partimos, então, do princípio de que estilo é efeito de sentido e, portanto, uma construção do discurso. Acreditamos que esse efeito emerge de uma norma, determinada por recorrências de procedimentos na construção do sentido, desde os níveis mais profundos até os mais superficiais do percurso gerativo do sentido. Para poder falar em recorrência, estabelecemos, então, como objeto de análise, em princípio, sempre o *mais de um*. Como exemplo, temos um conjunto de primeiras páginas do jornal, que constrói o efeito de individuação. Um sistema deve, portanto, estar subjacente à totalidade. (p. 36-7 – grifos da autora)

Embora minha proposta não seja idêntica à de Discini (2003), porque não procuro observar o estilo de jornais da imprensa brasileira, pensar que, por meio do exame daquilo que o leitor brasileiro escolhe para ler (os casos particulares, isto é, o *unus brøndaliano*) para chegar a constituir um perfil desse leitor (portanto uma totalidade, ou seja, o *totus*, segundo proposta de Brøndal), é construir um caminho metodológico paralelo. Assim, as listas dos livros mais lidos pelo leitor brasileiro desde 1966 até 2004 constituem o texto objeto de minha análise. A partir dessa totalidade elegerei uma unidade, que em si é outra totalidade, quando me detiver, no último capítulo deste trabalho, no exame de um tipo de literatura bastante identificada com o leitor brasileiro contemporâneo, que é a chamada auto-ajuda.

Embora possa pensar, porém, na constituição do *ethos* do leitor brasileiro contemporâneo, se levar em consideração a proposta de Discini (2003), é possível tratar a



questão de forma diferente, qual seja, que para constituir o leitor brasileiro partiremos da configuração do *pathos*, tal como propõe Fiorin (2004b). Mas deixaremos essa discussão para mais tarde. Tentarei por enquanto, mostrar em que medida a semiótica de orientação greimasiana será importante para dar suporte à investigação aqui proposta.

Nascida no bojo de uma tradição lingüística, a semiótica greimasiana é fortemente influenciada pelos trabalhos de Ferdinand de Saussure e, posteriormente, de Louis Hjelmslev, que fundou as bases da distinção entre uma perspectiva exclusivamente lingüística ou propriamente semiótica. Por essas razões é que a obra inaugural de Greimas (1976) chama-se *Semântica estrutural*, pois sua preocupação consistia em discutir as condições de produção do significado lingüístico, foco das pesquisas menos exploradas, até então, que os estudos fonológicos, morfológicos e sintáticos, empreendidos pelos estruturalistas.

Uma vez que a semiótica desloca suas preocupações com a questão do significado, própria da denominada perspectiva semiológica com que ela se confunde inicialmente, e passa a privilegiar o sentido, quando trabalha com uma extensão lingüística superior à da frase, precisa desenvolver um método para o tratamento de seu objeto.

Para precisar um pouco mais a noção de sentido para a semiótica, vale observar, uma vez mais, como Greimas e Courtés ([1985?], p. 417) referiram-se a ele:

L. Hjelmslev propõe uma definição operatória de sentido, identificando-o com o “material” primeiro, ou com o “suporte” graças ao qual qualquer semiótica, enquanto forma, se acha manifestada. Sentido torna-se, assim, sinônimo de “matéria”: uma e outra são empregadas indiferentemente, falando-se de dois “manifestantes”: o do plano da expressão e o do plano do conteúdo. O termo substância é em seguida utilizado para designar o sentido enquanto algo que é assumido por uma semiótica, o que permite distinguir então a substância do conteúdo da substância da expressão.

Quando digo que a semiótica, ao investigar o sentido, propõe ir além da frase significa dizer que privilegia, inicialmente, uma outra dimensão lingüística, qual seja, o texto. Assim, posso dizer que, ao tomar o texto como seu objeto, a atitude da semiótica será a de “descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz*” (Barros, 1990, p. 7). O texto, por sua vez, deve ser compreendido, segundo a perspectiva semiótica, como um “objeto de significação” ou como um “objeto de comunicação”. Esses conceitos são assim caracterizados por Barros (1990, p. 7):

(...) A primeira concepção de texto, entendido como *objeto de significação*, faz que seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um “todo de sentido”. (...) A segunda caracterização de texto não mais o toma como *objeto de significação*, mas como *objeto de comunicação* entre dois sujeitos. Assim concebido, o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas.

Ao trabalhar aqui com o conceito de texto segundo a perspectiva dos estudos semióticos, estarei sempre levando em consideração tanto sua dimensão significativa quanto a comunicativa, uma vez que elas estão sempre interligadas, porque não se pode falar em significação se ela não é decorrente de uma interlocução. Mesmo que examine um texto escrito, cuja aparência é a de ser oriundo apenas do sujeito produtor, seu dizer só adquire sentido na medida em que é dirigido a um outro sujeito que, pelo fato de ser o destinatário da mensagem, nele interfere. Ao analisar um conjunto de dados dos livros mais lidos ao longo do período da pesquisa, destacarei a segunda dimensão em relação à primeira.

O sentido de um texto, segundo a semiótica, constitui-se por meio de uma sucessão de níveis, concebidos a partir de seu plano do conteúdo, que compreende o discursivo, nível mais superficial, mais próximo da manifestação textual; o narrativo, nível intermediário, que compreende a busca do sujeito pelo objeto; e o nível fundamental, que abarca as oposições semânticas mínimas a partir das quais o discurso se manifesta. A essa maneira de descrever a produção do sentido no texto, a semiótica dá o nome de percurso gerativo de sentido.

Ao longo desses quase quarenta anos de investigações sobre a perspectiva semiótica, o percurso gerativo foi encarado ora como um modelo capaz de dar conta de todo processo de apreensão do sentido do texto, o que deu margem à repetição quase exaustiva de suas diferentes etapas e particularidades quando se produzia uma análise de discurso, ora como um modelo superado por se prender muito rigidamente a uma visão dualista do sentido produzido no texto e, ao mesmo tempo, por ser interpretado de forma muito estática. Não tenho, porém, a intenção de reconstituir aqui essa polêmica, porque esse não é um objetivo deste trabalho.

A utilização do percurso gerativo para o tratamento do sentido do texto, proposto pela semiótica de Greimas, é mais fecunda quando se atribui uma maior mobilidade à relação entre seus diferentes níveis de constituição. Devem-se prever, durante a análise, a articulação sintático-semântica de cada um dos níveis e a inter-relação dos próprios níveis

entre si. Assim, as isotopias temático-figurativas articuladas no discurso pela instância da enunciação, no nível discursivo, refletem as relações de busca do sujeito pelo objeto, no nível narrativo, que, por sua vez, são determinadas pelas oposições semânticas mínimas do nível fundamental. Entender o percurso gerativo de forma dinâmica e não estática é uma maneira de tornar as análises de textos mais produtivas e de assumir a mobilidade dos sentidos.

No que diz respeito às formas de produção do efeito de sentido no nível discursivo, a semiótica, sob a influência dos estudos de Benveniste (1976), identifica as projeções de pessoa, espaço e tempo enquanto forma de manifestação da enunciação. Nesse sentido, todo discurso, ao ser acionado, projeta um *eu*, um *aqui* e um *agora* que correspondem às instâncias básicas da enunciação. O *eu* é consequência do ato de dizer, ou seja, sempre que o discurso se manifesta é porque ele é o resultado de um ato enunciativo. Mesmo que se faça uma asserção genérica, como “A água é formada por dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio”, existe um sujeito da enunciação nela pressuposto, que, no caso do exemplo apresentado, corresponderia a: “Eu digo que a água é formada por dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio”. Não existe enunciado que não seja o resultado de uma enunciação.

Por outro lado, deve-se observar que, ao projetar um *eu* que enuncia, automaticamente fica estabelecido um *tu* para quem o *eu* se dirige. Nesse sentido, a enunciação é dupla, pois instaura dois actantes responsáveis pelo ato comunicativo então presente: o enunciador, aquele que diz *eu*, e o enunciatário, o *tu* a quem o enunciador se dirige. Enunciador e enunciatário correspondem, respectivamente, ao autor e ao leitor, mas não a seres existentes no mundo real. Entendido o discurso enquanto manifestação de linguagem, o sujeito que enuncia é uma imagem de sujeito por ele construída, ao mesmo tempo em que o enunciatário também o é. No caso específico deste trabalho, por exemplo, o sujeito que aqui diz *eu* é a imagem de um autor que não corresponde exatamente ao Arnaldo em carne e osso que escreve. Ao mesmo tempo, este texto constrói uma imagem de leitor que, primeiramente, reflete o lugar do discurso da academia universitária brasileira, concretizada na banca que irá avaliá-lo. Em segundo lugar, como pretende divulgar os resultados da pesquisa para um público mais extenso do que os cinco membros de uma banca, este trabalho também se organiza a partir da imagem de um público da área de humanidades, embora ainda universitário. Se se pensasse em uma publicação dirigida ao leitor médio brasileiro, de quem aqui se fala, seria necessário reorganizar o dito para que esse leitor, que não se identifica com as questões acadêmicas da linguagem, pudesse se

interessar pelo texto e, conseqüentemente, comprá-lo. O discurso de um texto (em sentido específico ou lato) constrói-se sempre a partir da imagem de enunciatário que lhe é inerente.

Essas questões podem ser consideradas muito banais, mas do ponto de vista teórico têm uma importância muito grande. Já Aristóteles [19\_], em sua *Arte retórica*, dizia que

[...] Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança. As pessoas de bem inspiram confiança mais eficazmente e mais rapidamente em todos os assuntos, de um modo geral; mas nas questões em que não há possibilidade de obter certeza e que se prestam a dúvida, essa confiança reveste particular importância. É preciso também que este resultado seja obtido pelo discurso sem que intervenha qualquer preconceito favorável ao caráter do orador. [...] Obtém-se a persuasão nos ouvintes, quando o discurso os leva a sentir uma paixão, porque os juízos que proferimos variam, consoante experimentamos aflição ou alegria, amizade ou ódio. [...] Enfim, é pelo discurso que persuadimos, sempre que demonstramos a verdade ou o que parece ser a verdade, de acordo com o que, sobre cada assunto, é suscetível de persuadir. (p. 33-4)

Na passagem acima reproduzida, Aristóteles [19\_] fala das três provas fornecidas pelo discurso para se produzir o efeito persuasivo, próprio da arte retórica. A primeira diz respeito ao enunciador, a segunda ao enunciatário e a terceira ao próprio discurso, na medida em que é produto de um processo constitutivo de verossimilhança. O que o autor grego já disse em sua *Arte retórica* é o que a semiótica procura demonstrar segundo sua concepção de enunciador e enunciatário enquanto construções de imagens do autor e do leitor no próprio texto com o objetivo de tornar o discurso verossímil.

Essa afirmação de Aristóteles de que a persuasão do ouvinte é obtida pela capacidade que o discurso tem de nele instaurar a paixão é a base de minha proposta para o estudos sobre os livros mais consumidos pelo leitor brasileiro de 1966 a 2004. A paixão, segundo a semiótica, é um efeito produzido, em um primeiro momento, por meio do processo de modalização. Assim, a adesão de um leitor ao discurso veiculado por um texto é resultado da instauração de um querer sobre o ser do enunciatário. De certa forma, o público que consome determinada obra é impulsionado por esse querer que, aqui já posso arriscar dizer, tem por objetivo preencher duas funções: por um lado o leitor quer estar informado sobre alguma coisa, o que, no caso dos livros mais vendidos, corresponderia a estar inserido no universo de conhecimento dos leitores que lêem o que o mercado editorial publica; por outro lado, esse movimento de leitura pode se dar por identificação, ou seja, o

leitor lê aquilo que julga ser sua própria verdade ou, arriscando mais ainda, aquilo que ele deseja ouvir (ler) para reafirmar sua verdade.

## **2.1. Paixão e apaixonados nos discursos mais lidos pelo público brasileiro.**

A questão da paixão para a semiótica não diz respeito especificamente, como algumas vezes acaba sendo interpretada, a um estado amoroso. Ela deve ser entendida como uma característica própria do discurso que pode, como já diziam Greimas e Fontanille (1993), tanto manifestar-se no dizer do sujeito do discurso como naquilo que é dito:

(...) não apenas o sujeito do discurso é suscetível de transformar-se em sujeito apaixonado, perturbando seu dizer cognitiva e pragmaticamente programado, mas também o sujeito do 'dito' discursivo é capaz de interromper e de desviar sua própria racionalidade narrativa para emprestar um percurso passional, ou mesmo acompanhar o precedente, perturbando-o por suas pulsões discordantes. (p. 17).

Ao propor uma epistemologia das paixões, Greimas e Fontanille (1993) associam-na à sensação olfativa, razão pela qual são detectadas pelo sentir, como o perfume:

(...) as paixões não são propriedades exclusivas dos sujeitos (ou do sujeito), mas propriedades do discurso inteiro, e (...) elas emanam das estruturas discursivas pelo efeito de um "estilo semiótico" que pode projetar-se seja sobre os sujeitos, seja sobre os objetos, seja sobre sua junção.

(...) Poder falar de paixão é, portanto, tentar reduzir esse hiato entre o "conhecer" e o "sentir". Se a semiótica dedicou-se, num primeiro momento, a evidenciar o papel das articulações modais moleculares, é bom que ela procure dar conta agora dos perfumes passionais que suas ordenações produzem. (p. 21-2)

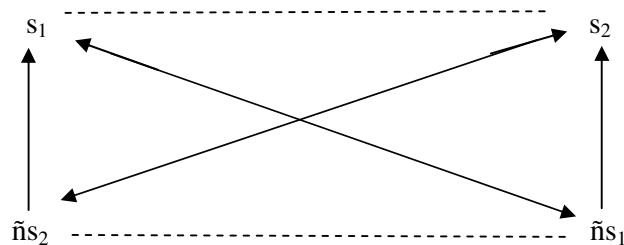
Segundo os autores, as paixões, portanto, consistem em efeitos de sentido de qualificações modais que incidem sobre o sujeito de estado. Para compreender essa afirmação torna-se necessária uma recuperação da configuração modal do sujeito de estado e, por conseguinte, do sujeito do fazer.

O sujeito de estado corresponde a um actante da narrativa que busca estabelecer com o objeto do desejo uma relação de conjunção ou de disjunção. Trata-se, portanto, de uma configuração terminativa, na medida em que corresponde a uma posição sintática do sujeito num enunciado narrativo mínimo. Num contexto em que alguém, por exemplo, quer comprar um carro para poder locomover-se com maior liberdade no lugar onde mora,

diria que, nessa etapa da seqüência narrativa, esse sujeito é um sujeito de estado porque está em disjunção com seu objeto-valor, o carro. Na medida, porém, em que realiza o ato da compra, torna-se um sujeito do fazer, porque tinha “competência” para executar a ação de comprar. O sujeito passou do estado de disjunção para um estado de conjunção com seu objeto-valor. Essa passagem dá-se pelo fazer.

Por esse motivo a semiótica reconhece duas classes de modalizações, a das modalidades intencionais, que incidem sobre o fazer, e a das modalidades existenciais, que incidem sobre o ser. Essas duas classes, por sua vez, serão determinadas por duas outras diferentes configurações modais, as virtualizantes (dever e querer) e as atualizantes (poder e saber). Assim, o sujeito modalizado pelo dever-fazer e pelo querer-fazer é um sujeito virtual, enquanto o sujeito modalizado pelo poder-fazer e pelo saber-fazer é um sujeito atualizado ou qualificado para o fazer. Já o sujeito modalizado pelo dever-ser, pelo querer-ser, pelo poder-ser e pelo saber-ser é um sujeito patêmico, pois é responsável pela modificação do estatuto dos objetos que com ele estão em relação.

Para a descrição das diferentes estruturas em que o actante sujeito é modalizado será necessário valer-me do quadrado semiótico entendido, no nível fundamental, como a representação lógica o mais simples possível da estrutura elementar. O quadrado semiótico é concebido como uma oposição binária positiva superior em relação a outra oposição binária negativa inferior. Em razão da existência dessas quatro posições que estabelecem entre si relações de contrariedade (entre dois eixos:  $s_1$  vs  $s_2$  e  $\tilde{n}s_1$  vs  $\tilde{n}s_2$ ), de contradição (entre dois esquemas:  $s_1$  vs  $\tilde{n}s_1$  e  $s_2$  vs  $\tilde{n}s_2$ ) e de complementaridade (entre duas *deixis*:  $s_1$  vs  $\tilde{n}s_2$  e  $s_2$  vs  $\tilde{n}s_1$ ), é que se caracteriza a figura do quadrado, assim representada:



Não repetirei aqui todos os quadrados que descrevem cada uma das estruturas modais, por julgar desnecessário redesenhá-los. Eles serão referidos na forma linear discursiva. O que é necessário dizer, porém, é que as relações entre os quatro elementos do

quadrado dão-se por meio de percursos marcados pela foria, isto é, um dos termos é valorizado euforicamente e seu contrário, disforicamente.

Para recuperar as diferentes possibilidades de modalização no discurso, procurarei descrever cada uma delas. Iniciarei o levantamento pelas modalidades intencionais, isto é, aquelas constituídas por enunciados modais que incidem sobre o fazer. Cabe antes dizer que tanto no caso das modalidades intencionais, que descreverei inicialmente, quanto nas existenciais, que descreverei posteriormente, cada um dos elementos do quadrado é representado por um enunciado modal que pode receber uma denominação apropriada e arbitrária. Segundo Greimas & Coutés (s/d), “o procedimento de denominação – que consiste (...) na conversão de uma formulação verbal e sintática em uma expressão nominal e taxionômica – tem por efeito transformar, por condensação, os dois predicados em um só valor modal.” (p. 117).

Na modalização do dever sobre o fazer, os quatro enunciados modais que compõem a configuração quadrangular são: dever-fazer (prescrição), dever não fazer (interdição), não dever não fazer (permissividade) e não dever fazer (facultatividade). Na modalização do querer sobre o fazer, os enunciados modais são: querer-fazer (volição), querer não fazer (abulia), não querer-fazer (nolição) e não querer não fazer (decisão). Na modalização do poder sobre o fazer, identificam-se os seguintes enunciados modais: poder-fazer (liberdade), poder não fazer (independência), não poder-fazer (impotência) e não poder não fazer (obediência). Na modalização do saber sobre o fazer, aparecem os seguintes enunciados modais: saber-fazer (competência), saber não fazer (habilidade), não saber-fazer (incompetência) e não saber não fazer (inabilidade).

Quanto às modalidades existenciais, que correspondem a enunciados modais que incidem sobre o ser, e que são responsáveis pela relação apaixonada entre sujeito e objeto, há diferentes possibilidades de realização. Cabe dizer, antes de mais nada, que algumas das denominações aqui apresentadas para alguns predicados modais são propostas por mim, uma vez que os diferentes estudos em semiótica não chegaram ainda a uma nomeação estável para todas elas. Assim, na modalização do dever sobre o ser, os quatro enunciados modais que compõem a configuração quadrangular são: dever-ser (necessidade), dever não ser (impossibilidade), não dever não ser (possibilidade) e não dever ser (contingência). Na modalização do querer sobre o ser, os enunciados modais são: querer-ser (desejo), querer não ser (desprendimento), não querer-ser (renúncia) e não querer não ser (apego). Na modalização do poder sobre o ser, identificamos os seguintes enunciados modais: poder-ser (possibilidade), poder não ser (contingência), não poder-ser (impossibilidade) e não

poder não ser (necessidade). Na modalização do saber sobre o ser, aparecem os seguintes enunciados modais: saber-ser (verdade), saber não ser (falsidade), não saber-ser (ocultação) e não saber não ser (ilusão).

Além das modalidades intencionais e existenciais existem ainda as epistêmicas, que consistem na incidência do crer sobre ser. Elas podem-se configurar por meio dos seguintes enunciados modais: crer-ser (certeza), crer não ser (improbabilidade), não crer-ser (incerteza), não crer não ser (probabilidade). A modalização do “crer”, por sua vez, opõe-se ao “fazer-crer”, ou persuasão, e essa oposição é caracterizada por Greimas e Courtés (s/d) da seguinte maneira:

No eixo da comunicação (real ou “imaginária”, quando depende de um discurso interiorizado), o “crer” opõe-se ao “fazer crer” (ou persuasão) e corresponde, por conseguinte, à instância do enunciatário que exerce seu fazer interpretativo, ao passo que o “fazer crer” é obra do enunciador encarregado do fazer persuasivo. (...) numa visão mais ampla, o fazer crer, o qual, enquanto fazer persuasivo, não pode ser tratado independentemente do crer, constitui uma das formas principais da manipulação. Sendo assim a questão do crer aparece como um dos temas da pesquisa semiótica dos anos a virem. (p. 91-2)

A descrição das predicções modais aqui apresentadas teve como intuito reconstituir os critérios de organização modal propostos pela semiótica para poder observá-los, embora não todos necessariamente, no *corpus* desta pesquisa. Assim, se comparar os títulos de obras que aparecem na lista dos livros mais vendidos no Brasil entre 1966 e 2004, apresentados no gráfico 1 e distribuídos na tabela 1, ambos em anexo, posso identificar, por meio das configurações modais, um perfil do leitor brasileiro ao longo desse período.

Cabe ressaltar, porém, que não pretendo aqui descrever a organização discursiva de cada um dos livros que aparecem no levantamento registrado pelo gráfico 1. Meu intento será, por ora, observar a questão específica da modalização, pois a descrição das obras do levantamento apresentado por esse gráfico será realizada no capítulo 3.

Observando a distribuição dos livros mais vendidos organizados na tabela 1, concluo que as escolhas dos leitores brasileiros contemporâneos são determinadas por um desejo, o que significa perceber que o fazer desses leitores é modalizado pelo querer. Na medida em que a referida tabela anexada ao final deste trabalho reflete preferências dos leitores, isto é, os livros mais consumidos/vendidos durante um período de 38 anos, devo entender “leitor” como um actante coletivo desse texto construído pelas listas, cuja representação consiste no gráfico 1.



De um total geral de 21 registros dos livros mais vendidos, 13 correspondem à literatura de auto-ajuda. Essa escolha instaura-se por uma falta, isto é, o actante está em disjunção com um objeto-valor (a saúde, o sucesso, a felicidade, a paz espiritual, a satisfação) e com ele quer entrar em conjunção. E esse estado do desejo é acompanhado pelo estado de espera. Um leitor, por exemplo, de *Você pode curar sua vida*, de Louise Hay; de *O sucesso não ocorre por acaso*, de Lair Ribeiro; de *Inteligência emocional*, de Daniel Goleman; de *Comunicação global*, de Lair Ribeiro; de *A arte da felicidade*, de Dalai Lama e Howard Cutler; de *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera; de *203 maneiras de enlouquecer um homem na cama*, de Olívia Clare; de *Minutos de sabedoria*, de Torres Pastoriano, é aquele que espera encontrar no texto que escolhe ler uma resposta para sua falta. O desejo (querer-ser) pode estar acompanhado pela necessidade (dever-ser ou não poder não ser), pela ocultação (não saber-ser) ou pela impossibilidade (dever não ser ou não poder ser), pela ilusão (não saber não ser), ou ainda pela improbabilidade (crer não ser), modalização epistêmica. Por essa razão é que afirmi, nas últimas linhas do item anterior que o leitor procura no texto que escolhe ler uma confirmação daquilo que é sua verdade. O saber implícito nas lições da literatura de auto-ajuda, por exemplo, são formas de sedimentar e confirmar essas verdades já anteriormente admitidas pelo leitor.

Por outro lado, o efeito persuasivo que se instaura na relação dialógica estabelecida entre enunciador e enunciatário desse tipo de textos está centrado na prescrição (dever-fazer), na liberdade (poder-fazer), na volição (querer-fazer), na competência (saber-fazer); ora na interdição (dever não fazer), na independência (poder não fazer), na abulia (querer não fazer), na habilidade (saber não fazer). A quase totalidade dos textos de auto-ajuda, especificamente os acima apontados, é do tipo injuntivo, pois irá apresentar a seus leitores uma série de normas e regras que devem ser cumpridas para que o actante leitor aproprie-se de seu objeto-valor.

Esses processos de modalização podem ser encontrados em enunciados como os seguintes:

- (1) Quando alguém vem a mim com um problema, não importa qual seja – má saúde falta de dinheiro, relacionamentos insatisfatórios, criatividade sufocada -, trabalho unicamente numa só coisa, ou seja, em *amar o eu*. Aprendi que, quando realmente amamos, aceitamos e *aprovamos a nós mesmos exatamente como somos*, tudo na vida funciona.” (*Você pode curar sua vida*, de Louise Hay, p. 26 – grifos da autora)
- (2) A **auto-estima** é fundamental na conquista do sucesso. Se você não gosta de você mesmo, como vai convencer os outros a gostarem? Não adiante se cobrir de ouro, usar

roupas lindas, se a auto-estima estiver baixa. O problema é que o modo como fomos criados nos leva a não gostarmos de nós mesmos. Nossa estrutura nos torna autocríticos demais. (*O sucesso não ocorre por acaso*, de Lair Ribeiro, p. 31 – grifo do autor).

- (3) Do ponto de vista do budismo, estar em estado de depressão, em estado de desânimo, é considerado uma espécie de caso extremo que pode obviamente ser um obstáculo para que demos os passos necessários para atingir nossos objetivos. Um estado de ódio a si mesmo é ainda mais extremo do que um simples desânimo e pode ser muitíssimo perigoso. Para aqueles que se dedicam à prática budista, o antídoto para o ódio a si mesmo consistiria em refletir sobre o fato de que todos os seres humanos, nós mesmos incluídos, têm a natureza do Buda – a semente ou o potencial para a Perfeição para a plena Iluminação – por mais fraca, miserável ou carente que possa ser nossa situação atual. (*A arte da felicidade*, de Dalai Lama e Howard Cutler. P. 325-6)
- (4) Todos nós temos a necessidade de ser olhados. Podemos ser classificados em quatro categorias, segundo o tipo de olhar sob o qual queremos viver. A primeira procura o olhar de um número infinito de pessoas anônimas, em outras palavras, o olhar do público. (...) Na segunda categoria estão aqueles que não podem viver sem ser o foco de numerosos olhares familiares. São os incansáveis organizadores de coquetéis e jantares (...). Vem em seguida a terceira categoria, aqueles que têm necessidade de viver sob o olhar do ser amando. (...) Por fim, existe a quarta categoria, a mais rara, a daqueles que vivem sob o olhar imaginário dos ausentes. São os sonhadores. (*A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera, p. 271-2)
- (5) Levante sua cabeça!  
Não fique triste!  
Por que vai aborrecer-se pelo que disseram de você?  
Por quanto tempo continuará queixando-se, reclamando?  
Vamos, levante sua cabeça e siga à frente!  
Você é filho de Deus!  
Caminhe seguro, porque aqueles que falam de você vão ficar parados atrás, sem progredir.  
E quando eles perceberem, você já progrediu tanto, que eles o perderam de vista...  
(*Minutos de sabedoria*, de Torres Pastoriano, p. 63).

A seleção de *Virando a própria mesa*, de Ricardo Semler, ou a de *Iacocca. Uma autobiografia*, de Lee Iacocca e William Novak, é subordinada a um dever-saber, pois o desejo (querer-ser) tem no saber seu objeto-valor. Os leitores desse tipo de auto-ajuda para o mundo dos negócios estão à procura de um conhecimento (o saber), manifestado na experiência do enunciador, para modificar o seu fazer, enquanto sujeitos mobilizados pela possibilidade (não dever não ser ou poder-ser). O enunciador por seu lado instaura um fazer-creer em seu enunciatário por meio da demonstração da verdade (o saber-ser), ancorado ainda pela competência (saber-fazer), que se torna exatamente o objeto-valor a busca do qual está o leitor. O efeito de sentido de verdade e de realidade é mantido nesses dois textos na medida em que eles se constroem na forma da autobiografia. Não os

coloquei no grupo das narrativas memorialistas, a que me referirei mais adiante, porque seu propósito central não consiste em destacar a vida da personagem em si, mas mostrar como deve ser a administração de uma empresa moderna brasileira, no caso de Ricardo Semler, ou como é a competitividade dos altos cargos nas empresas norte-americanas de automóveis, no caso de Lee Iacocca.

Novamente é possível identificar esses procedimentos de modalização nos seguintes enunciados:

(6) Como é a tal profissionalização da empresa familiar?

Difícil. Penosa. Dois passos para frente e um para trás.

De qualquer forma, cada caso é um caso, e não tem certo ou errado. Cada empresa tem de achar o ponto onde a sensação de conforto da família, dos executivos e dos empregados seja adequada. Para cada empresa este ponto é outro na escala. Correndo o risco de ser pretensioso e didático sobre um assunto que não tem respostas corretas, proponho abaixo para estudo e pensamento um roteiro de profissionalização de empresa familiar que tenha como objetivo a sobrevivência e prosperidade da empresa a longo prazo. Os passos parecem ser mais ou menos os seguintes: [segue uma lista de 9 conselhos] (*Virando a própria mesa*, de Ricardo Semler, p. 103)

(7) Tive uma carreira magnífica, e foi este país [os EUA] que me deu a chance de fazer essa carreira. Aproveitei a oportunidade, mas não fiquei de braços cruzados. Foram necessários quase quarenta anos de trabalho duro.

As pessoas me dizem: “Você é um grande sucesso. Como você conseguiu?” E eu me volto para aquilo que meus pais me ensinaram. Seja esforçado. Obtenha toda a instrução possível, mas, depois, pelo amor de Deus, *faça* alguma coisa! Não fique parado, faça alguma coisa acontecer. Não é fácil, mas se você se mantiver num caminho determinado e trabalhar para chegar ao seu final, é impressionante como, numa sociedade livre, você pode se tornar tão grande quanto desejar. E, é preciso não esquecer, seja sempre grato por todas as bênçãos que Deus lhe der. (*Iacocca. Uma autobiografia*, de Lee Iacocca e William Novak, p. 399 – grifos dos autores)

*O alquimista e Brida*, de Paulo Coelho, e *A profecia celestina*, de James Redfield, são escolhas que refletem também um desejo (querer-ser), mas esse desejo ancora-se na idéia de falsidade (saber não ser) relativa à razão. Em outras palavras, o leitor desse tipo de texto procura uma explicação para a realidade que o cerca, portanto deseja alcançar a verdade (saber-ser), que se afasta das explicações ditas científicas. Trata-se, portanto, de uma perspectiva epistêmica (crer) em relação a fatos ou seres que não fazem parte do mundo natural e que, conseqüentemente, não têm uma explicação lógica.

O misticismo, entendido como “inclinação para acreditar em forças e entes sobrenaturais e preocupar-se com eles, em detrimento das explicações racionais e científicas” (Houaiss eletrônico), é a postura que se pode encontrar nessas narrativas e é o valor em busca do qual está o leitor. Nesse sentido também, essas narrativas adquirem um

valor esotérico, na medida em que refletem uma atitude doutrinária ou sectária segundo a qual certos conhecimentos (relacionados com a ciência, a filosofia e a religião) devem ser comunicados a um grupo de iniciados. É exatamente esse o processo persuasivo (fazer-crer) que se instaura entre o enunciador e o enunciatário. Este quer ser um iniciado em uma filosofia mística; aquele se apresenta como o iniciador que lhe revelará uma verdade (saber-ser).

Os textos do *corpus* da pesquisa constroem-se por meio de vários enunciados que reafirmam o que acima ficou dito.

(8) O livro que mais interessou ao rapaz contava a história dos alquimistas famosos. Eram homens que tinham dedicado sua vida inteira a purificar metais nos laboratórios; acreditavam que se um metal fosse cozinhado durante muitos e muitos anos, terminaria se libertando de todas as suas propriedades individuais, e em seu lugar sobrava apenas a Alma do Mundo. Esta Coisa Única permitia que os alquimistas entendessem qualquer coisa sobre a face da Terra, porque ela era a linguagem pela qual as coisas se comunicavam. Eles chamavam esta descoberta de Grande obra – que era composta de uma parte líquida e uma parte sólida. (*O alquimista*, de Paulo Coelho, p. 126-7)

(9) “Wica sabe organizar um *Sabbat*”, pensou o Mago, à medida que se aproximava. Ele podia ver e sentir a energia das pessoas circulando livremente. Nesta fase do ritual, o *Sabbat* parecia com qualquer outra festa – era preciso fazer com que todos os convidados comungassem de uma única vibração. No primeiro *Sabbat* de sua vida, ficou muito chocado com tudo aquilo; lembrou-se de haver chamado seu Mestre para um canto, para saber o que estava acontecendo. (*Brida*, de Paulo Coelho, p. 245)

(10) Olhei a árvore e tentei recordar a emoção na crista. Aos poucos, comecei a admirar sua forma e presença. Minha apreciação aumentou até eu sentir na verdade uma emoção de amor. A sensação era exatamente a mesma que recordo ter sentido quando criança por minha mãe, e a de quando jovem pela menina especial que era objeto de meu “amor de criança”. Contudo, embora estivesse contemplando a árvore, esse amor em particular existia como uma sensação de fundo. Sentia amor por tudo.

O padre afastou-se em silêncio vários passos e voltou a me olhar intensamente.

- Muito bom – disse. – Você está aceitando a energia.

Notei que tinha os olhos ligeiramente fora de foco.

- Como você sabe? – perguntei.

- Porque vejo seu campo de energia aumentando.

(*A profecia celestina*, de James Redfied, p. 130-1)

Os outros livros da lista dos mais vendidos, relacionados na mesma tabela 1, que não se encaixam na categoria de auto-ajuda são, na maior parte deles, narrativas. De um total de oito textos, sete são narrativas que classificaria como memorialista, de ação e

intriga, humorística, de fantasia e filosófica. Apenas um não é de ficção e eu o chamo de texto histórico<sup>4</sup>.

Do ponto de vista do processo de modalização, os dois livros de memória, *Olga*, de Fernando de Moraes, e *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella, pelo fato de afirmarem que estão contando fatos da realidade, seu maior investimento modal recai sobre a proposição da verdade (saber-ser). Os procedimentos de modalização da narrativa em si são bastante complexos, uma vez que se sucedem em diferentes momentos das várias etapas de transposição entre sujeitos e objetos. Da mesma forma, *Operação cavalo de tróia*, de J. J. Benítez, que chamei de ação e intriga, também modaliza o leitor através da afirmação da verdade e, mais do que isso, de uma revelação que propõe transformar o leitor de um estado de ignorância (não saber-ser) para um estado de verdade (saber-ser). Enquanto narrativa de “fatos verídicos”, o relato memorialista do herói consiste na construção de uma probabilidade (não crer não ser) dessa verdade que incide ainda sobre a crença do leitor (sua certeza) na existência do mártir do Novo Testamento.

*As mentiras que os homens contam*, de Luís Fernando Veríssimo, apresenta diferentes narrativas cujo propósito consiste em discutir a verdade (saber-ser) e a falsidade (saber não ser), em contraposição à ocultação (não saber-ser) e à ilusão (não saber não ser). O humor será o elemento mediador dessas modalizações, na medida em que a revelação de cada um dos estados dos sujeitos da narrativa denuncia uma ambigüidade entre a verdade e a mentira, ou, para dizer de outra maneira, quando a mentira é produzida em um contexto que transforma seu valor, pois deixa de ser negativa e passa a ser positiva.

Os textos de narrativa de fantasia são dois: *As brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley, e *Harry Potter e a pedra filosofal*, de J. K. Rowling. Basicamente o procedimento modalizador desses textos é o da possibilidade (poder-ser) ou da probabilidade (não crer não ser). As situações construídas no ambiente da fantasia (saber não ser) relacionam-se com o mundo real (saber ser) na medida em que reconstituem os fatos deste na situação daquele. No caso de *As brumas de Avalon*, os poderes da sensibilidade feminina própria das fadas resgatam a importância da mulher no mundo contemporâneo e no caso das peripécias de Harry Potter, embora os bruxos possuam poderes mágicos que lhes permitem realizar ações sobrenaturais, suas atitudes, seus comportamentos e suas formas de organização social reproduzem os do mundo humano.

---

<sup>4</sup>. Na tabela 1 há apenas uma categoria que classifico como “didatismo histórico-filosófico”. *O mundo de Sofia* é de caráter filosófico e *A viagem do descobrimento* corresponde à temática histórica.

Os dois textos da modalidade histórico-filosófica estão centrados na modalização pelo saber. A narrativa de Jostein Gaarder, *O mundo de Sofia*, apresenta-se como doadora de um saber (a história da filosofia do mundo Ocidental) que é buscado pelo leitor; o texto de Eduardo Bueno também doa um saber só que, em seu caso, esse saber contrapõe-se a uma ignorância (não-saber), porque pretende revelar uma verdade, qual seja, a verdadeira versão do descobrimento do Brasil, que se contrapõe à falsa idéia da descoberta ao acaso, afirmada por diferentes livros de história.

Não pretendi aqui esgotar todas as possibilidades de modalização próprias dos recursos passionais manifestos nos textos mais lidos pelos leitores brasileiros de acordo com a distribuição da tabela 1. Antes, procurei mostrar como essa proposta semiótica pode desenvolver um procedimento de leitura possível para o levantamento realizado para a pesquisa. O que intento fazer no próximo tópico é observar em que medida é possível pensar no processo de escolha dos leitores por meio da focalização do enunciatário.

## **2.2. O *pathos* do enunciatário nos discursos mais lidos pelo público brasileiro.**

Para retomar a questão dos procedimentos discursivos, segundo a perspectiva da semiótica, é preciso voltar ao que inicialmente ficou aqui colocado e dizer que, enquanto o *eu* e o *tu* correspondem a uma projeção actancial do enunciado, o *aqui* e o *agora* são, respectivamente, responsáveis pela instauração do espaço e do tempo orientados pela perspectiva do sujeito da enunciação. Assim, como diz Fiorin (2004a),:

[...] Aqui é o espaço do **eu**, a partir do qual todos os espaços são ordenados (**aí**, **lá**, etc.); **agora** é o momento em que o **eu** toma a palavra e, a partir dele, toda a temporalidade lingüística é organizada. A enunciação é a instância que povoa o enunciado de pessoas, de tempos e de espaços. (p. 117)

Segundo a proposta de Benveniste (1976), que irá refletir sobre os procedimentos lingüísticos inerentes ao ato enunciativo, que influenciou fortemente a perspectiva da semiótica em relação ao componente discursivo do percurso gerativo de sentido, o *eu* e o *tu* são os actantes da enunciação, na medida em que a ação enunciativa é produzida por um sujeito (o sujeito da enunciação) que é duplo. A duplicidade do sujeito da enunciação é decorrente do fato de ele conter, ao mesmo tempo, o produtor do enunciado (aquele que diz *eu*) e a imagem que projeta de seu destinatário (aquele a quem o *eu* se dirige, o *tu*),

incorporado também ao enunciado. O princípio da enunciação, portanto, é dialógico, uma vez que todo ato enunciativo é um coro de duas vozes, a que fala e a que ressoa.

Segundo a semiótica, o mecanismo básico responsável pelas projeções actanciais, espaciais e temporais no texto é denominado *debreagem*, que, por sua vez, pode ser de dois tipos diferentes: enunciativa e enunciva. A *debreagem* enunciativa corresponde à projeção do *eu-aqui-agora*; a *debreagem* enunciva, à projeção do *ele-lá-então*. Porque projeta o actante de primeira pessoa, a *debreagem* enunciativa produz um efeito de sentido de subjetividade; já a *debreagem* enunciva, porque projeta o actante de terceira pessoa, um efeito de sentido de objetividade. A semiótica vale-se da expressão “efeito de sentido” exatamente porque é por meio de uma escolha lingüístico-discursiva que o discurso parece mais ou menos parcial (subjetivo) ou imparcial (objetivo). O que se observa, portanto, é que, instaurado o modo de manifestação do sujeito da enunciação, as referências temporais e espaciais serão construídas no enunciado a partir da escolha realizada.

O texto, por sua vez, compreende duas ordens de manifestação, a enunciação enunciada, que corresponde aos componentes lingüísticos indicadores de pessoa, de tempo, de espaço e dos elementos que materializam o ponto de vista do *eu* que enuncia; e o enunciado enunciado, que é o produto da enunciação, desprovido das marcas da subjetividade.

Na medida, porém, que os actantes são posições enunciativas, ao se constituir o texto, o actante passa a ser investido de um componente temático-figurativo que o torna um ator. Ele corresponde, portanto, ao enunciador e ao enunciatário do discurso. O enunciador do texto é seu autor e o enunciatário, seu leitor. Cabe dizer, porém, que autor e leitor são entendidos aqui como simulacros e não como seres do mundo real. Isso significa dizer que o enunciador é a imagem de autor construída pelo discurso, da mesma forma que o enunciatário é a imagem de leitor, construída pelo enunciador, com o objetivo de determinar o sujeito para quem ele dirige o seu dizer. É nesse sentido, portanto, que se diz que o enunciatário é a outra face do sujeito da enunciação, uma vez que dois enunciadores estão manifestos, o Enunciador<sub>1</sub> (o enunciador propriamente dito) e o Enunciador<sub>2</sub> (o enunciatário).

A semiótica, no entanto, além de reconhecer no texto o enunciador e o enunciatário, enquanto formas de manifestação do autor e do leitor, identifica nesse mesmo objeto semiótico ainda a realização do narrador, do narratário, do interlocutor e do interlocutário. Qual é, porém, a diferença entre eles? Se recuperar a distinção entre totalidade e unidade apresentada no início deste capítulo, diria que enunciador e enunciatário dizem respeito a

totalidades, isto é, remetem ao autor, instância englobante de uma obra, e seu leitor, o sujeito com quem dialoga. Já a distinção entre narrador e narratário centra-se na unidade, pois o narrador é a forma específica como o enunciador pode manifestar-se em um discurso particular e o narratário é o sujeito particular a quem ele se dirige. Quando, no interior do texto, o enunciador projeta outros atores, as personagens, por exemplo, a quem dá a voz em discurso direto ou indireto, materializam-se as figuras do interlocutor e do interlocutário.

Retomando uma vez mais a perspectiva retórica de Aristóteles [19\_] anteriormente referida, identifica-se na proposta do autor que o efeito persuasivo do discurso assenta-se na inter-relação entre o orador e seu auditório. Isso significa admitir que a força persuasiva do discurso reside na capacidade que o orador deve ter para moldar seu discurso de acordo com o público a quem ele se dirige. Ao abordar o estilo como o recurso utilizado pelo orador para exprimir o conteúdo que deseja transmitir a seu auditório, Aristóteles [19\_] afirma:

(...) há um estilo apropriado a cada gênero e a cada disposição. Entendo por gênero as diferentes idades: crianças, homem, velho; o sexo: mulher ou homem; a nação: lacônio ou tessálio. As disposições são as maneiras de ser que dão à vida tal ou tal caráter, pois a vida dos indivíduos não ostenta sempre tal ou tal qualidade, devido a uma disposição qualquer. Portanto, se o orador emprega as palavras que são próprias da disposição, exprimirá o caráter. Pois um rústico e uma pessoa culta não podem empregar as mesmas palavras nem da mesma maneira. (p. 187)

Além de levar em consideração o tipo de público a quem se dirige, Aristóteles vai mais longe e afirma que, ao construir sua argumentação, o orador deve “prever as censuras de outrem”, pois assim fazendo, garantirá ainda o efeito de verossimilhança que é decisivo para o estabelecimento da persuasão, na medida em que o ouvinte passa a acreditar na verdade do que é dito. Nas palavras de Aristóteles: “o que ele [o orador] diz parece então ser verdade, visto que tem consciência do que faz” (p. 187).

O que se percebe então, já nas proposições do estagirita, na Antigüidade Clássica, é o caráter constitutivo do enunciatário como elemento presente no ato enunciativo, à maneira como venho defendendo aqui a proposta semiótica. Além disso, ao argumentar o caráter dialógico do discurso, razão pela qual Aristóteles afirma que a retórica mantém uma relação com a dialética<sup>5</sup>, o autor afirma o princípio passional da argumentação

---

<sup>5</sup>. O sentido em que é empregado o termo “dialética” na *Arte retórica* é a de que a constituição dos argumentos do discurso se dá por meio do diálogo, uma vez que a coerência do raciocínio lógico está fundamentado em idéias prováveis que, por essa razão, são passíveis de sofrer uma refutação.



presente em todo texto. Uma vez que, para ele, a defesa do ponto de vista do orador e sua relação com o auditório baseiam-se na construção de provas, afirma que essas provas são de três tipos, residindo cada uma delas ora no caráter moral do orador, ora nas disposições criadas nos ouvintes e ora no próprio discurso. O caráter passional está presente, portanto, no terceiro tipo de prova de que se vale o orador/enunciador. “Obtém-se a persuasão nos ouvintes, quando o discurso os leva a sentir uma paixão, porque os juízos que proferimos variam, consoante experimentamos aflição ou alegria, amizade ou ódio” (p. 33).

Partindo dessa mesma consideração de Aristóteles, Fiorin (2004b) irá afirmar que no ato de comunicação estão envolvidos, portanto, três elementos: o *ethos*, o *pathos* e o *logos* (p. 71). O primeiro diz respeito ao enunciador do discurso, ou, como já apontei anteriormente, à imagem de autor que o texto constrói ao estabelecer o ato enunciativo. O *pathos*, por sua vez, diz respeito ao enunciatário, entendido como “o estado de espírito do auditório” e “a disposição do sujeito para ser isto ou aquilo”, conforme considera Fiorin (2004, p. 71). O conceito de *pathos* tem a ver, então, com a imagem do leitor que se instaura quando o enunciador constrói o seu dizer e não com o leitor real que se dispõe a ler um texto, conforme também já foi apontado mais acima. Nesse sentido posso dizer que um texto é sancionado positivamente pelo leitor na medida em que seja capaz de provocar a adesão passional. O *logos*, por fim, refere-se ao próprio discurso, isto é, aos recursos de que pode se valer para construir sua argumentação.

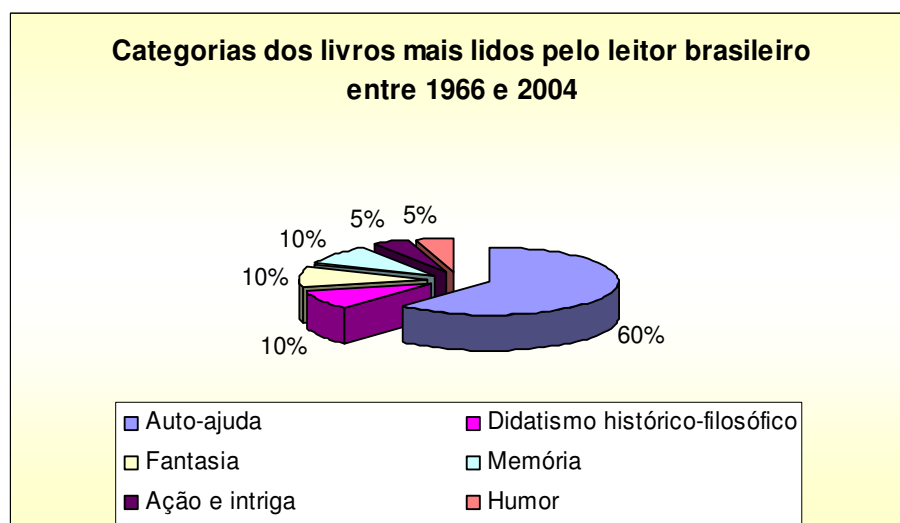
Com o intuito de recuperar os pressupostos da semiótica acima apresentados para o tratamento das questões relativas ao processo de produção do texto, valer-me-ei do *corpus* desta pesquisa para realizar um exercício interpretativo dos dados mostrados pela relação das obras que aparecem na tabela 1, em anexo. Ressalto, uma vez mais, que não descreverei o *corpus* da pesquisa, porque isso será realizado no próximo capítulo. Pretendo aqui reconstituir o *ethos* do leitor brasileiro contemporâneo a partir de uma leitura específica da referida tabela.

Além disso, ainda neste item, examinarei mais detidamente as manifestações discursivas em dois dos livros indicados como os mais lidos pelo público brasileiro durante o período de 1966 a 2004, segundo o mesmo gráfico. Além de tornar mais claro o que foi anteriormente apresentado, pretendo mostrar que os conceitos desenvolvidos pela semiótica para o exame da constituição discursiva do texto não se resumem a uma simples questão terminológica, como querem fazer entender aqueles que a acusam de hermetismo teórico.

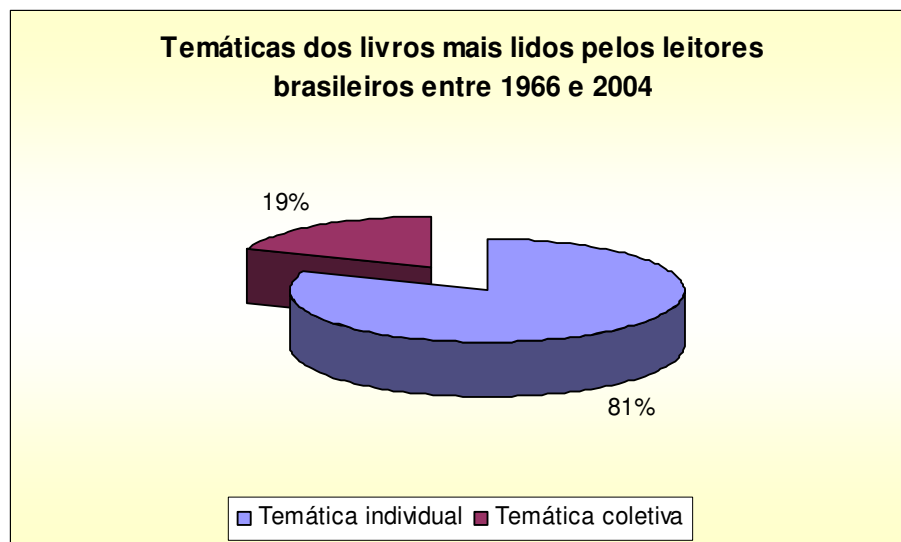
Observando, portanto, a tabela 1, percebe-se que as obras ali elencadas estão distribuídas nas seguintes categorias: auto-ajuda, memória, ação/intriga, humor, fantasia e didatismo histórico-filosófico. Enquanto na categoria de auto-ajuda aparecem treze livros mais vendidos, nas demais a variação do número de obras classificadas é bastante pequena, duas para memória, para fantasia e para didatismo histórico-filosófico e uma para ação e intriga e para humor. O que esse texto nos diz é que o conjunto de hábitos, portanto, o *ethos* do enunciatário brasileiro é voltado para os livros que abordem questões ligadas mais, por exemplo, a temas individuais que a temas sociais. Utilizo aqui o termo *ethos* do enunciatário porque, na medida em que a tabela 1 registra a preferência dos leitores contemporâneos brasileiros, o que está nele realizado é o discurso desse actante coletivo, isto é, ele torna-se um enunciador. Mas o exame dos dados dessa lista certamente conduzirá ao *pathos* do enunciatário, na medida em que poderei perceber quais os sentimentos que impulsionam o leitor a realizar suas escolhas de leitura.

Em verdade, dos vinte e um livros que aparecem na lista, apenas quatro deles pertencem ao universo da temática social, que são *Olga e Estação Carandiru*, da categoria de memória e *O mundo de Sofia* e *A viagem do descobrimento*, da categoria do didatismo histórico-filosófico. Não discutirei por enquanto o caráter individualizante das duas obras de memória que aparecem no gráfico que estou analisando. Deixarei isso para a discussão que aparecerá nos capítulos seguintes.

Pode-se então observar, em termos de porcentagens, que 60% dos livros mais lidos pelo leitor brasileiro contemporâneo pertence à categoria de auto-ajuda, enquanto os restantes 40% estão distribuídos entre as outras cinco categorias levantadas, o que pode ser verificado por meio do seguinte quadro:



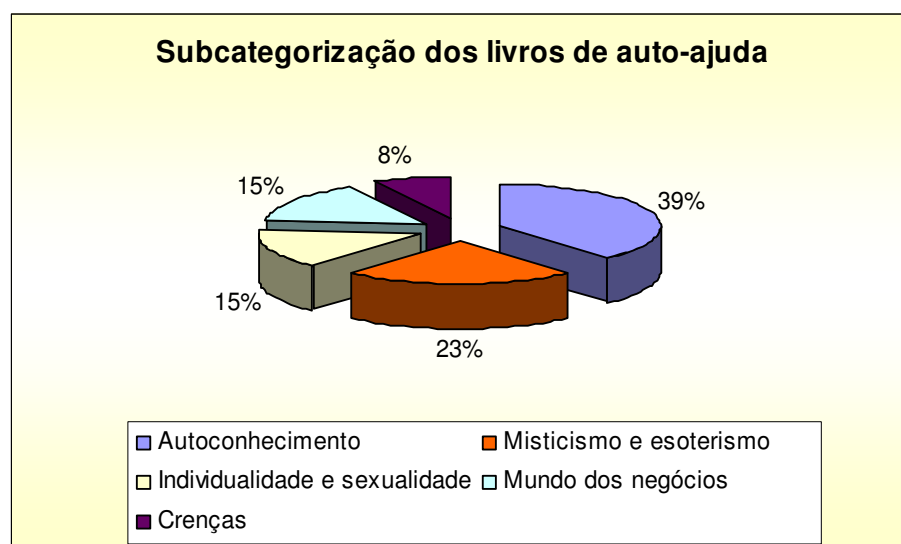
Se levar em consideração o que apontei acima, verifico que 17 dentre os livros distribuídos entre as categorias de auto-ajuda, ação e intriga, fantasia e humor tratam de temas mais voltados para questões individuais, enquanto os 4 outros, distribuídos entre as categorias de didatismo histórico-filosófico e memória, abordam temas mais coletivos. A partir dessa constatação, portanto, o quadro acima assume a seguinte configuração:



Os livros das categorias de memória e didatismo histórico-filosófico, *Olga*, *Estação Carandiru*, *O mundo de Sofia* e *A viagem do descobrimento*, discutem, respectivamente, a perseguição aos judeus pelo regime nazista alemão durante a Segunda Grande Guerra, a condição de vida dos presidiários do Carandiru em São Paulo, a recomposição didática da história da filosofia do mundo Ocidental e uma versão do descobrimento do Brasil que contradiz a que considerou a descoberta um acaso. Portanto o que se conclui é que o leitor brasileiro volta-se para esse tipo de leitura modalizado pelo querer-saber.

Por outro lado, o que os leitores buscam nos livros das categorias de ação e intriga, humor e fantasia refere-se a um saber que não é da ordem da aquisição de conhecimento, mas sim ao de uma realidade distinta daquela em que vivem, portanto um deslocamento do tempo real para o da imaginação.

Dentre os livros da categoria de auto-ajuda, o que se identifica é uma subdivisão das 17 obras em subcategorias assim denominadas: autoconhecimento, misticismo e esoterismo, individualidade e sexualidade, mundo dos negócios e crenças, que, em termos percentuais, podem ser assim representadas:



“Autoconhecimento”, que envolve cinco diferentes livros, e “misticismo e esoterismo”, com três livros, correspondem a 62% das preferências dos leitores na categoria de auto-ajuda. “Individualidade e sexualidade” e “mundo dos negócios”, cada uma com dois livros, correspondem, juntas, a 30% das buscas dos leitores, sobrando 8%, com apenas uma obra, para “crença”.

A diferença entre “autoconhecimento” e “misticismo e esoterismo”, além do fato de o primeiro ser constituído por livros de não-ficção e o segundo, de livros de ficção, configuram-se a partir de subtemas da individualidade. Os livros de “autoconhecimento” oferecem saberes a partir dos quais os leitores poderão chegar à cura de suas doenças, conquistar sucesso pessoal e profissional, adquirir maior capacidade comunicativa e atingir um estado pleno de felicidade consigo mesmos e com os as pessoas que os cercam. Os livros de “misticismo e esoterismo” discutem a crença em elementos não naturais como forma de adquirir maior espiritualidade e, conseqüentemente, maior felicidade.

Os dois livros do subtema de “individualidade e sexualidade” procuram discutir, a partir de duas posturas diferentes, uma mais passional, outra mais prática, a busca do prazer sexual. As obras relativas a “mundo dos negócios” dirigem-se a um público que gerencia empresas, procurando mostrar formas de melhor administrar os negócios. O único livro de “crenças”, diz respeito à reprodução e à afirmação do pensamento da Igreja Católica como forma de atingir o equilíbrio espiritual.

Percebe-se, portanto, por essa apresentação das listas dos livros mais vendidos ao público brasileiro no período de 1966 a 2004 que o *ethos* desse ator chamado leitor

constrói-se a partir da afirmação do individual, da preocupação com as questões que tocam mais especificamente o bem-estar físico, econômico e espiritual do ser humano. Pode-se dizer, ainda, que esse leitor é aquele que procura no que lê uma resposta a problemas de ordem mais prática e particular do que aqueles que dizem respeito às grandes temáticas coletivas. Se a felicidade ou o bem-estar chega a ser proposto para uma coletividade isso é entendido como uma soma particular de estados de diferentes sujeitos e não como um estado coletivo. O exame do *ethos* desse leitor brasileiro contemporâneo parece captar um reflexo de nossa sociedade capitalista, em que o consumo e, em decorrência disso, a estabilidade econômica são elementos decisivos em seu comportamento. Se se observa sua preocupação com o lado humano e espiritual, isso é pensado em decorrência de uma adequação ao sistema sócio-econômico em que o leitor está inserido e não especificamente por causa de uma pré-determinação. Quero dizer com isso que o leitor brasileiro dos últimos anos é menos modalizado pelo dever-ser e mais pelo poder-ser.

Para concluir esse exame dos constituintes subjetivos dos livros eleitos pelos leitores brasileiros, passo agora a observar mais especificamente a configuração discursiva de dois dos textos mais lidos durante o período da pesquisa. Demonstrarei, a título de exemplo, como se manifestam os enunciadores nas duas obras escolhidas e em que medida instauram-se os efeitos de subjetividade e de objetividade em cada um deles. Nesse sentido, portanto, não estaborecerei o *ethos* do enunciador, mas a forma como ele se projeta no interior do discurso. Para tanto reproduzo os seguintes trechos de textos abaixo.

- (1) O rapaz chamava-se Santiago. Estava começando a escurecer quando chegou com seu rebanho diante de uma velha igreja abandonada. O teto tinha despencado há muito tempo, e um enorme sicômoro havia crescido no local que antes abrigava a sacristia.

Resolveu passar a noite ali. Fez com que todas as ovelhas entrassem pela porta em ruínas, e então colocou algumas tábuas de modo que elas não pudessem fugir durante a noite. Não haviam (sic) lobos naquela região, mas certa vez um animal havia escapado durante a noite, e ele gastara todo o dia seguinte procurando a ovelha desgarrada.

Forrou o chão com seu casaco e deitou-se, usando o livro que acabara de ler como travesseiro. Lembrou-se, antes de dormir, que precisava começar a ler livros mais grossos: demoravam mais para acabar e eram travesseiros mais confortáveis durante a noite.

Ainda estava escuro quando acordou. Olhou para cima, e viu que as estrelas brilhavam através do teto semidestruído.

“Quería dormir um pouco mais”, pensou ele. Tivera o mesmo sonho da semana passada, e outra vez acordara antes do final. (Coelho, 2001, p. 21-2)

- (2) A grande desvantagem de ter apenas 28 anos é não ter tido tempo de acumular dezenas de histórias e “causos” pra contar. Para contar histórias com essa idade é preciso vasculhar os primeiros anos de vida. E preencher um capítulo inteiro com quedas de triciclo e primeiros beijos não vai ser fácil.

Porém, quem compra um livro acha que tem o direito de ouvir detalhes picantes, lados obscuros e impropriedades variadas. Farei o possível para agradar.

Lendo o livro do Iacocca, fiquei com vontade de ser um pobre imigrante italiano para dar a volta por cima, despejando rancor e bÍlis em cima do mundo malvado. Já o Akio Morita me fez querer ter nascido no Oriente para poder andar a 180 quilômetros por hora com cara de quem está participando de uma cerimônia de chá.

Enfim, não vai dar para partir de nenhum empurrão ambiental como estes. Vou ter que me ater a fatos bem menos cinematográficos, e dificilmente o leitor fará uso do lencinho que preparou para as passagens emotivas (Semler, 1988, p. 15)

O trecho (1) corresponde aos primeiros parágrafos da primeira parte da narrativa de *O alquimista*, de Paulo Coelho. Nesse trecho percebe-se que o enunciador manifesta-se na forma de um narrador que não se materializa por meio do pronome pessoal *eu*; diferentemente, há um sujeito que narra e que se refere aos fatos narrados segundo a forma da terceira pessoa, o *ele*. Assim, o sujeito que realiza determinadas ações expressas pela narrativa, a personagem Santiago, é um sujeito que não corresponde ao narrador que conta a história; ele é o sujeito de referência do actante enunciador. Ao mesmo tempo, o espaço em que ocorrem os fatos narrados é um espaço do *lá*, distinto do *aqui* do enunciador; o tempo da narrativa é o do *então*, manifestado lingüisticamente pelo pretérito imperfeito e pelo perfeito 2, segundo proposta de Fiorin (1996), distinto do *agora* do enunciador.

O narrador manifestado no enunciado dirige-se a um narratário, projeção discursiva da imagem que o enunciador constrói de seu enunciatário, que, no caso de (1), não é materializado por meio de um pronome ou substantivo. O narratário, para quem o enunciador se dirige, corresponde também a uma terceira pessoa, o “ele”.

Por meio desses procedimentos discursivos, pode-se perceber o efeito de objetividade presente nessa narrativa que pretende reconstruir um espaço mítico próprio das lendas e das fábulas. Essa é a forma mais adequada para a construção de uma verdade que não pode ser atribuída a um sujeito individual, mas sim a fatos que parecem ser contados por si próprios.

Quais são os índices apresentados pelo enunciado que remetem à maneira como a narrativa constrói a imagem de seu narratário? A referência ao pastor e suas ovelhas é um primeiro índice de remissão ao contexto dos discursos fabulares. Além disso, há uma expressão manifestada no enunciado que recupera implicitamente uma passagem bíblica: “ovelha desgarrada”. A referência a essa expressão retoma indiretamente a parábola bíblica da volta do filho pródigo. Portanto, infere-se disso que o sujeito a quem o narrador se dirige é alguém que, espera-se, possa reconhecer esse interdiscurso, portanto é um destinatário com quem compartilha um conhecimento sobre o texto bíblico. O ambiente em

que se dá a cena narrada é o interior de uma velha igreja abandonada, o que também remete ao universo do vocabulário cristão.

Outro elemento presente nessa cena de início da narrativa é o “sicômoro”. Essa escolha vocabular do sujeito da narrativa pode ter como propósito chamar a atenção do narratário para esse objeto, cujo nome é incomum, ou então impressionar pela erudição, isto é, pela construção da imagem de um sujeito narrador sábio, pois ao invés de usar o termo mais popular, “figueira”, faz uso da forma mais científica, pois remete a nome de classificação da planta, *ficus sycomorus*. Acredito que essa segunda hipótese esteja, de antemão, descartada, pois um narrador que pretende mostrar erudição não cometeria um erro de concordância no parágrafo logo abaixo, ao construir uma frase com o verbo “haver”. Parece, então, que o uso do termo desconhecido serve para apontar algo para o narratário, porque o final da narrativa irá retomar exatamente essa mesma igreja abandonada e essa mesma figueira que aparecem na cena de abertura, pois o tesouro que o pastor queria encontrar em um lugar tão distante, estava escondido ali naquele mesmo lugar, debaixo daquela figueira. Outra característica da fábula ou da parábola é sua circularidade narrativa.

Um elemento que poderia chamar metalingüístico é a referência que a narrativa faz ao próprio livro, enquanto objeto material, quando, no contexto da história, o herói é um leitor que usa o livro como travesseiro para dormir. É uma imagem um tanto esdrúxula, mas está manifestada no texto. Por fim mais um índice da imagem que o narrador faz de seu narratário pode ser detectado no último período do último parágrafo acima reproduzido: “Tivera o mesmo sonho da semana passada, e outra vez acordara antes do final”. À medida que a história vai sendo narrada, percebe-se que o sonho é um elemento mítico, pois o que Santiago sonhava repetidamente era exatamente um aviso de uma força oculta que o chamava para sua “Lenda Pessoal”, grafada em maiúsculas no próprio texto.

O narratário construído, portanto, pelo texto de Paulo Coelho, é o sujeito de discurso que manifesta um *pathos* de enunciatário com quem o *ethos* do enunciador dialoga. O leitor da obra de Paulo Coelho identifica-se com esse *ethos* e, por esse motivo escolhe ler suas obras. Em termos de uma narrativização do discurso diria que o enunciatário aceita o contrato proposto pelo enunciador, na medida em que assume como seus os valores manifestados na narrativa, o que constitui uma sanção positiva de seu fazer.

O trecho (2), que corresponde aos primeiros parágrafos do primeiro capítulo, intitulado “Memórias de um velhinho de 28 anos”, do livro *Virando a própria mesa*, de Ricardo Semler apresenta, por sua vez, um enunciador que se projeta no enunciado na

forma de um narrador em primeira pessoa. O enunciado é fruto da manifestação de um *eu* que conta determinados fatos em que está envolvido. O espaço do enunciado é o espaço do *aqui*, aquele em que se coloca presentemente o enunciador, e o tempo, por sua vez, é o do *agora*. A partir de seu presente ele pode referir-se a fatos anteriores, concomitantes ou posteriores. Em (2) podemos constatar o uso do presente e do futuro do presente para indicar, respectivamente, a concomitância e a posterioridade relativas ao tempo da enunciação. Ao reconstituir suas experiências em empresas brasileiras, o enunciador utilizar-se-á, também, da forma do pretérito perfeito 1, segundo proposta de Fiorin (1996), para indicar a anterioridade em relação ao tempo da enunciação.

Além de ser a abertura da narrativa, momento em que o narrador apresenta-se para o narratário, momento em que se instaura portanto o contrato entre os dois sujeitos, o que se pode observar, ainda em (2), é que o narratário está manifestado no enunciado por meio do sintagma oracional “quem compra um livro”. Ao construir essa expressão, o discurso materializa uma figura de leitor e, no caso do texto em questão, chega a fazer referência à própria crença desse sujeito: “(...) acha que tem o direito de ouvir detalhes picantes, lados obscuros e impropriedades variadas”. Numa forma dialógica, o narrador responde à crença do narratário com o enunciado “Farei o possível para agradar”, que se refere a sua própria performance enquanto ator responsável por determinados acontecimentos que configuram a história narrada no livro.

Ao se referir a outros dois textos de memórias que se identificam com a subcategoria de “mundo dos negócios” em que esse texto foi por mim classificado, o narrador remete a um universo de conhecimento de seu narratário, o que, pela intertextualidade estabelecida, deve ser a de um homem de negócios também. Ao se reportar ao livro de Iacocca em co-autoria com William Novak, *Iacocca. Uma autobiografia*, que juntamente com ele aparece na lista dos mais vendidos da década de 1980, o narrador instaura uma identidade temática, mas aponta uma diferença de enfoque, ao afirmar que o dizer de Iacocca está carregado de “rancor e bÍlis em cima do mundo malvado”. As escolhas lexicais para caracterizar seu concorrente é a de uma pessoa que usa uma linguagem mais jovem, menos formal, traço que também remete à identificação do narrador com seu narratário durante o desenrolar de toda a história. Sua referência à obra de Akio Morita, *Made in Japan. Akio Morita e a Sony*, também bastante vendida na década de 1980, embora não apareça nos gráficos do *corpus* deste trabalho, é também uma forma de identificação temática e de distinção de enfoque, quando se refere ao comportamento de *play-boy* do autor japonês, em uma construção como: “andar a 180



quilômetros por hora com cara de quem está participando de uma cerimônia de chá”. Akio Morita foi um dos criadores da Sony, responsável pelo lançamento mundial de produtos de alta tecnologia, que se tornou um símbolo do Japão moderno. Sua autobiografia é considerada um clássico da literatura mundial de “business” que, ao mesmo tempo, veicula a idéia de que a força de vontade é a base de uma carreira bem sucedida.

Por meio dessas referências o narrador constrói sua identidade, que consiste em se afirmar como um jovem e um empresário brasileiro, características que podem ser identificadas em seu próprio discurso.

No último parágrafo do trecho de Semle acima reproduzido, o narratário é novamente materializado no enunciado, agora por meio do substantivo “leitor”: “(...) Vou ter que me ater a fatos bem menos cinematográficos, e dificilmente o **leitor** fará uso do lencinho que preparou para as passagens emotivas” (grifo meu). E essa irônica referência ao leitor configura-o por meio do estereótipo de leitor de romances, do qual o dizer do narrador quer se distanciar.

Curiosamente, é preciso apontar, o livro de Ricardo Semler não pretende ser uma narrativa ficcional como o de Paulo Coelho. A proposta de *Virando a própria mesa* é de produzir uma análise da relação empregado/patrão em empresas brasileiras para defender a idéia de que a postura de um relacionamento mais dinâmico e mais aberto por parte do empresário é economicamente mais eficiente que a do empresário que se distancia de seu operário, porque dele desconfia sempre. Talvez o sucesso desse livro venha exatamente dessa característica, qual seja, de abordar subjetivamente um tema que, aparentemente, merece um tratamento mais objetivo. Seu tom de “memória-crítica” acaba criando uma empatia com seu enunciatário que passa a acreditar no que lê, pois interpreta o que ali é colocado segundo os padrões da “experiência” (porque o narrador fala do lugar de um sujeito que viveu as situações de relação patrão/empregado em empresas) e da “sinceridade” (porque o narrador atribui a seu relato um tom de descontração e de espontaneidade).

Embora não tenha esgotado a discussão sobre a questão teórica da semiótica em foco neste trabalho, pude mostrar as bases a partir das quais pretendo levar a cabo esse exame do perfil do leitor brasileiro entre a década de sessenta e a de 2000. Meu trabalho constrói-se, então, a partir do exame das formas de configuração do *pathos* do enunciatário em relação a seu outro, o *ethos* do enunciador.

Compreendida a constituição do *ethos* como uma imagem do autor, isto é, “um autor discursivo, um autor implícito” (Fiorin, 2004b, p. 120) e a do *pathos* “como a

imagem que o enunciador tem do seu auditório” (Fiorin, 2004a, p. 71), a proposta deste trabalho será exatamente verificar que conformação de leitor brasileiro contemporâneo está manifestada nas listas dos livros mais vendidos no Brasil durante o período de 1966 a 2004. Nesse sentido, porém, ao longo do trabalho, os conceitos de *ethos* e *pathos* serão intercambiáveis. Quando examinar como os textos das listas constituem seus leitores, estarei focalizando o *pathos*; quando, por outro lado, observar o perfil que as listas, entendidas como um discurso, constroem do leitor brasileiro contemporâneo, estarei refletindo o *ethos*.

Caberia ainda nesta parte da metodologia do trabalho discutir a concepção de gosto para a semiótica, uma vez que parto da constatação de que os livros mais vendidos refletem uma preferência, portanto um gosto, do leitor brasileiro. Mas deixarei essa questão para o capítulo seguinte quando procurarei esboçar uma análise semiótica dos dados gerais levantados pelo *corpus* da pesquisa.

### 3. O que lê o leitor brasileiro contemporâneo? Primeira abordagem

---

En resolución, él (Don Quijote) se enfrascó en su lectura, que se le pasaban las noches leyendo de claro en claro, y los días de turbio en turbio; y así, del poco dormir y del mucho leer se le secó el cerebro, de manera que vino a perder el juicio. Llenósele la fantasía de todo aquello que leía en los libros, así de encantamientos como de pendencias, batallas, desafíos, heridas, requiebros, amores, tormentas y disparates imposibles; y asentósele de tal modo en la imaginación que era verdad toda aquella máquina de aquellas sonadas soñadas invenciones que leía, que era él no había otra historia más cierta en el mundo.

(Miguel de Cervantes. *Don Quijote de la Mancha*)

Para discutir a questão do gosto propria, inicialmente, um levantamento dos sentidos que esse termo adquire no léxico da língua portuguesa. Segundo o dicionário eletrônico Houaiss, esse substantivo tem os seguintes significados: 1) sentido pelo qual se distinguem sabores; paladar; 2) propriedade que têm certas substâncias de impressionar o paladar; 3) sensação gustativa característica de determinadas substâncias; sabor; 4) desejo de comer; apetite, vontade; 5) opinião ou apreciação crítica sobre alguma coisa, baseadas em critérios subjetivos; preferência, entendimento, discernimento; 6) modo de agir ou qualidade estética indicativa de tal apreciação ou julgamento. Etimologicamente esse termo vem de *gustus*, do latim, cujo sentido é “gosto, sabor, pequena porção para provar, degustação”. Do ponto de vista de sua origem, portanto, a palavra “gosto” está ligada ao paladar, à sensação que determinado objeto propicia no sujeito que o experimenta. É esse também o sentido do verbo “degustar” (“experimentar com atenção e deleite o sabor de; saborear, provar”), cuja raiz de composição é “gost-“.

Pode-se observar, então, que o termo “gosto” possui quatro acepções que remetem ao universo da alimentação, portanto ao corpo, uma vez que faz referência a uma sensação própria do homem que, através do sentido do paladar, experimenta algo que lhe parece comestível. Nessa direção poderia dizer, ainda, que algo apetece ao sujeito quando tem um

gosto bom, em oposição a algo que tem gosto ruim. Do ponto de vista do paladar o sujeito procura sempre aquilo que lhe desperta uma sensação positiva.

Já nas acepções 5 e 6, a palavra “gosto” refere-se a um conceito mais abstrato que expressa uma sensação próxima da “inclinação”, do “interesse”, da “atração”. Especificamente em relação à sexta acepção, que diz respeito ao julgamento crítico de algo, pode-se falar em “bom gosto” ou “mau gosto”, “gosto apurado” ou “gosto exótico”. Mas, para dizer, nesse sentido, que o gosto é bom ou mau, refinado ou grosseiro, é preciso considerar, conforme Fiorin (1997), que essas qualificações partem da perspectiva da norma, isto é, que existem condicionantes sociais, de um determinado lugar e de uma determinada época, que estabelecem um padrão positivo e outro negativo do gosto.

O modelo de beleza pode ser um exemplo para discutir a variabilidade do gosto. Assim, os padrões que definem quando uma pessoa deve ser considerada bela ou feia diferenciam-se de época para época, de região para região, de cultura para cultura. Portanto, para cada época, região ou cultura existe uma norma que estabelece as condições de apreciação positiva da beleza e tudo que não está a ela adequada é considerado marginal, fora da regra. Se fizermos uma leitura semiótica dos sentidos do gosto podemos dizer, do ponto de vista da *foria*<sup>6</sup>, que aquilo que é estabelecido como bom tem uma valorização positiva, portanto eufórica, enquanto o que é visto como mal tem uma valorização negativa, portanto disfórica. Do ponto de vista da extensão, que estabelece o grau de maior ou menor intensidade de um valor fórico, percebe-se que a determinação do gosto pode ainda ser estabelecida por uma gradação. Isso significa dizer que o gosto está ora mais próximo do grau máximo de positividade, ora mais distante, estabelecendo-se dessa forma, uma maior ou menor capacidade de apreensão ou julgamento do gosto.

Nesse sentido, devo considerar que, diferentemente do que se pode imaginar, o gosto não tem uma característica individualizante. Ao contrário do que diz a expressão “gosto não se discute”, quando se quer reforçar a idéia de que o gosto é particular de um determinado indivíduo, ao destacar seu caráter normativo, estou reafirmando a sociabilidade do gosto. Portanto, aquilo que um sujeito julga ser seu gosto particular, na verdade reflete a norma de um determinado grupo sócio-cultural em que está inserido.

É a afirmação dessa idéia de que o gosto não é individual mas social que me leva a considerar a questão da preferência do público leitor brasileiro contemporâneo (de 1966 a

---

<sup>6</sup>. Segundo Tatit (2001), “a *foria* vem gradativamente ocupando o lugar teórico da noção de *timia* (‘disposição afetiva fundamental’), embora nem sempre com muita facilidade. De todo modo, além da motivação morfológica inegável quando aparece subsumindo os termos *euforia* e *disforia*, *foria* contém o semema ‘conduzir’ que apresenta melhor rendimento sintático que o termo *timia*” (p. 17 em nota de rodapé).

2004) por certos livros como sendo determinada por padrões próprios da sociedade capitalista-industrial ocidental em que esse leitor está inserido. Para examinar essa questão, porém, no âmbito da sociedade moderna, valer-me-ei de alguns conceitos propostos por Morin (1969).

O que se deve considerar inicialmente é o caráter de mercadoria que o livro adquire<sup>7</sup> quando incorporado às listas dos “mais vendidos”. Como aponta, Morin (1969), no início do século XX desenvolveu-se um segundo processo de industrialização, cujo impulso tecnológico não estava apenas voltado para a organização exterior, mas também se reportava para o domínio interior do homem, o que justificou, segundo ele, a produção da “mercadoria cultural”.

(...) Não há dúvida de que, já o livro, o jornal, eram mercadorias, mas a cultura e a vida privada nunca haviam entrado a tal ponto no circuito comercial e industrial, nunca os murmúrios do mundo – antigamente suspiros de fantasmas, cochichos de fadas, anões e duendes, palavras de gênios e de deuses, hoje em dia músicas, palavras, filmes levados através de ondas – não haviam sido ao mesmo tempo fabricados industrialmente e vendidos comercialmente. Essas novas mercadorias são as mais humanas de todas, pois vendem a varejo, os ectoplasmas da humanidade, os amores e os medos romanceados, os fatos variados do coração e da alma. (p. 15-6)

Dessa forma, investigar o *best-seller* significa adentrar no domínio da cultura de massa, compreendida como um determinado bem cultural que é produzido segundo as normas de produção industrial maciças e que, ao mesmo tempo, é propagandeado por diferentes técnicas de difusão também maciça. Isso significa dizer que os produtos culturais da sociedade industrial do século XX são destinados a uma massa social, a um vasto grupo de indivíduos, independentemente das distinções estruturais internas da sociedade, tais como, classe, família, profissão, etc.

A mercadoria cultural é ideologicamente marcada, porque reflete os valores de um determinado grupo social, mas, na medida em que adquire o estatuto de bem industrial que deve circular no mercado, pode expandir-se ideologicamente para outros contextos. Esse é o fenômeno que pode ser constatado quando observo, por exemplo, que um autor como Paulo Coelho é o que mais vende no Brasil, no período de trinta e oito anos (1966 a 2000) a que se refere o *corpus* levantado para esta pesquisa. Além disso, segundo informações divulgadas recentemente pela imprensa escrita e televisiva, Paulo Coelho é o segundo

---

<sup>7</sup>. Questão já apontada pelo leitor gaúcho de *Leia*, citado no item 1, “Descrição do *corpus* da pesquisa”.

autor mais vendido no planeta e não apenas no Brasil. Nesse sentido, valem ainda as seguintes considerações de Morin (1969, p. 18):

A cultura de massa integra e se integra ao mesmo tempo numa realidade policultural; faz-se conter, controlar, censurar (pelo Estado, pela Igreja) e, simultaneamente, tende a corroer, a desagregar as outras culturas. A esse título, ela não é absolutamente autônoma: ela pode embeber-se de cultura nacional, religiosa ou humanista e, por sua vez, ela embebe as culturas nacional, religiosa ou humanista. Embora não sendo a única cultura do século XX, é a corrente verdadeiramente maciça e nova deste século. Nascida nos Estados Unidos, já se aclimatou à Europa Ocidental. Alguns de seus elementos se espalharam por todo o Globo. Ela é cosmopolita por vocação e planetária por extensão. Ela nos coloca os problemas da primeira cultura universal da história da humanidade.

Esse caráter universalizante da mercadoria cultural, portanto, carrega no seu bojo um problema que consiste na diluição das diferenças. Nesse sentido é que dizia acima, que a discussão do gosto, quando se trata de observá-lo em relação a um bem cultural da sociedade industrial, não pode estar desligada da contextualização do problema da cultura de massa. O gosto, portanto, não pode representar um valor individual, porque nossa sociedade tecnológica capitalista moderna irá determinar os valores que estão em jogo na indicação do que se considera bom ou mau, desejável ou indesejável.

Mas, ao mesmo tempo, esse caráter uniformizador da mercadoria cultural não resiste a uma reação do público consumidor que, por estar inserido em uma determinada esfera ideológica, cultural e social, procura a identificação com aquilo que é particular, ou seja, original em meio ao geral da massificação. Por esse caminho é que, muitas vezes, retomando uma vez mais o fenômeno Paulo Coelho, alguns de seus leitores, mesmo que com um grau superior de escolarização, irão afirmar que o que os identifica com as obras do autor não é seu grau de literariedade ou a maneira como o autor trabalha a língua quando escreve seus romances, mas sim a “simbologia” (não no sentido semiótico ou lingüístico do termo) de que seus textos estão impregnados. O caso de *O alquimista*, que comentarei mais adiante, é bastante característico dessa visão do leitor de Paulo Coelho que procurei aqui esboçar. Evidentemente pode haver outras razões que levem o leitor a identificar-se com o autor, mas essa aqui mostrada é muito comum quando se discute preferência com alguns de seus leitores.

Para aprofundar um pouco mais essa contradição entre o universal e o particular, própria da mercadoria cultural, retomarei uma vez mais Morin (1969) quando discute o que chama paradoxo entre as estruturas burocratizadas-padronizadas e a originalidade.

Esse paradoxo é de tal ordem que se pode perguntar de que modo é possível uma organização burocrático-industrial da cultura. Essa possibilidade reside, sem dúvida, *na estrutura mesma do imaginário*. O imaginário se estrutura segundo arquétipos: existem figurinos-modelo do espírito humano que ordenam os sonhos e, particularmente, os sonhos racionalizados que são os temas míticos ou romanescos. Regras, convenções, gêneros artísticos impõem estruturas exteriores às obras, enquanto situações-tipo e personagens-tipo lhes fornecem as estruturas internas. A análise estrutural nos mostra que se podem reduzir os mitos a estruturas matemáticas. Ora, toda estrutura constante pode se conciliar com a norma industrial. A indústria cultural persegue a demonstração à sua maneira padronizando os grandes temas romanescos, fazendo dos arquétipos em estereótipos.

Praticamente, fabricam-se romances sentimentais em cadeia, a partir de certos modelos tornados conscientes e racionalizados. Também o coração pode ser posto em conserva. (p. 29, grifos do autor).

Enquanto mercadoria, a produção do livro vai atingindo uma escala industrial crescente no Brasil.

Durante o período colonial, no Brasil não existia nenhuma casa de impressão responsável pela publicação de qualquer tipo de obra impressa. Segundo Hallewell (1955), há o registro de um alvará expedido em 20 de março de 1720 que proibia as “letras impressas” em todo o território da então Colônia Portuguesa na América. Tudo que existisse de impresso no Brasil de então era trazido do exterior e qualquer publicação em língua portuguesa era originária da corte, em Portugal. Mesmo as obras escritas por pessoas que aqui viviam, como, por exemplo, Sebastião da Rocha Pita, Cláudio Manuel da Costa, José de Santa Rita Durão, Domingos Caldas Barbosa, José Basílio da Gama e outros, eram impressas e publicadas em Portugal e posteriormente vinham para a colônia.

Somente após a chegada da corte portuguesa ao Brasil, ocorrida em 7 de março de 1808 é que oficialmente uma casa de impressão é instalada no Rio de Janeiro. Isso irá propiciar o surgimento das livrarias. Em 1808 havia duas livrarias no Rio de Janeiro, já em 1816 elas eram doze no total. Os primeiros editores também começam a aparecer no Brasil. Em 1824, Plancher abre sua loja no Rio de Janeiro, sendo seguido, mais tarde, por outros editores franceses ou de formação francesa, como Baptiste Louis Garnier e Eduard Laemmert. O mercado editorial brasileiro cresce lentamente e somente na primeira metade do século XX é que atinge um impulso maior, podendo-se destacar, nessa época, a figura de Monteiro Lobato, com sua iniciante “Revista do Brasil”. Posteriormente outras editoras vão aparecendo e, principalmente a partir da década de 60, o mercado editorial brasileiro vai se diversificando e modernizando, com a incorporação de diferentes tipos de livro: a coleção, o livro de bolso, o livro didático, a literatura infantil, etc.

As listas dos livros mais vendidos no Brasil durante o período de 1966 a 2004 revelam, portanto, uma dimensão histórica da produção e consumo dessa mercadoria cultural que é o livro. Por meio de um levantamento estatístico das obras que aparecem entre as mais vendidas posso realizar um primeiro exame interpretativo que consiste em verificar quais são os livros mais lidos pelo público leitor brasileiro no período de tempo acima referido e qual a temática explorada por eles.

No capítulo 1 mostrei como e em que período as listas dos mais vendidos foram publicadas nos dois jornais de que me vali para estabelecer o *corpus*. Resta dizer ainda que esses dois veículos informativos sempre declararam que o levantamento dos livros mais vendidos era feito por meio de uma consulta às principais livrarias de diferentes capitais dos estados brasileiros. Mensalmente, no caso do *Leia*, ou mensalmente no início, depois quinzenalmente e por fim semanalmente, no caso do *Jornal do Brasil*, diferentes livrarias de diversas capitais de estados brasileiros passavam os nomes dos livros que mais vendiam a uma equipe editorial dos jornais e assim alimentavam as listas dos mais vendidos por eles publicadas.

Com o objetivo de fazer uma interpretação das listas dos livros mais vendidos durante o período de 1966 a 2004 no Brasil (conforme gráfico 1), procurarei mostrar, num primeiro momento, o enfoque que cada um dos livros registrados no referido gráfico dá para os temas a partir dos quais são construídos. Num segundo momento, aprofundarei a interpretação da tabela 1 iniciada no capítulo anterior, por meio de uma leitura semiótica dos dados por ela apresentados.

(1) *O alquimista*, de Paulo Coelho.

O primeiro livro mais vendido, em destaque no levantamento do gráfico 1, é *O alquimista*, de Paulo Coelho. Conforme já foi comentado na exemplificação do capítulo precedente, a constituição do narrador se dá pela projeção de uma terceira pessoa. Esse livro narra a história de um jovem guardador de rebanho de ovelhas, Santiago, que, certa noite, tem um sonho repetido que lhe fala de um tesouro oculto, guardado próximo às pirâmides do Egito. Santiago resolve seguir seu sonho. Sai de Andaluzia, onde vivia, e se dirige à África, em direção ao Egito. Durante sua busca, defronta-se com “os grandes mistérios que acompanham a humanidade desde o começo dos tempos”: os sinais de Deus, a Lenda Pessoal, que cada um dos seres humanos precisa viver, e a misteriosa Alma do



Mundo, onde qualquer pessoa pode penetrar se ouvir seu próprio coração. Ao final de sua busca Santiago descobre que o tesouro que tanto procurava estava enterrado exatamente no lugar onde sempre vivera.

A narrativa de *O alquimista* é construída por uma mistura entre o discurso bíblico e esotérico. Um exemplo da interlocução com o texto bíblico, além do que já aponte no capítulo anterior, pode ser observado na passagem em que Santiago vai à tenda dos chefes árabes no oásis em que estava, para contar um sonho que havia tido sobre o ataque de um exército de guerreiros. Há nesse trecho referência ao capítulo 41 do Gênesis em que José interpreta o sonho do Faraó que previa sete anos de abundância e sete anos de privação que se seguiriam a eles. O trecho abaixo reproduzido inicia-se com a fala do chefe maior da tribo:

- Há dois mil anos, numa terra distante, jogaram num poço e venderam como escravo um homem que acreditava em sonhos – disse o velho. – Nossos mercadores o compraram e o trouxeram para o Egito. E todos nós sabemos que, quem acredita em sonhos, também sabe interpretá-los.

“Embora nem sempre consiga realizá-los”, pensou o rapaz, lembrando-se da velha cigana.

- Por causa dos sonhos do faraó com vacas magras e gordas, este homem livrou o Egito da fome. Seu nome era José. Era também um estrangeiro numa terra estrangeira, como você, e devia ter mais ou menos a sua idade. (p. 169)

Junto a esse discurso bíblico subsiste uma interpretação mística sobre o amor e as forças que o movem, ou que movem as ações dos homens. É essa, por exemplo, a concepção de “Alma do Mundo” presente na narrativa e que pode ser observada no seguinte trecho:

Então foi como se o tempo parasse, e a Alma do Mundo surgisse com toda a força diante do rapaz. Quando ele olhou seus olhos negros [de uma moça que chegou ao poço onde estava Santiago], seus lábios indecisos entre um sorriso e o silêncio, ele entendeu a parte mais importante e mais sábia da Linguagem que o mundo falava, e que todas as pessoas da terra eram capazes de entender em seus corações. E isto era chamado de Amor, uma coisa mais antiga que os homens e que o próprio deserto, e que no entanto ressurgia sempre com a mesma força onde quer que dois pares de olhos se cruzassem como se cruzaram aqueles dois pares de olhos diante de um poço. Os lábios finalmente resolveram dar um sorriso, e aquilo era um sinal, o sinal que ele esperou sem saber durante tanto tempo em sua vida, que tinha buscado nas ovelhas e nos livros, nos cristais e nos silêncios do deserto. (p. 153)

O que se percebe na narrativa de Paulo Coelho, de certa forma, é uma reinterpretação mística do discurso bíblico, que faz parte do imaginário cultural do Ocidente, para diluí-lo no senso comum.

(2) *Virando a própria mesa*, de Ricardo Semler.

O segundo livro mais vendido é o de Ricardo Semler. *Virando a própria mesa* é um relato-memória da trajetória do autor, um jovem de 28 anos, no campo de administração de uma empresa brasileira de produtos industriais, a Semco. Assumindo um discurso em primeira pessoa, o narrador-autor faz uma retrospectiva de sua infância para chegar a demonstrar como revolucionou o sistema de gestão da indústria de seu pai. Em um tom de sujeito empreendedor e modernizador, aborda questões como o papel das multinacionais, a profissionalização da empresa familiar, o relacionamento com os sindicatos de trabalhadores e as comissões de fábrica. Seu discurso burguês inovador defende a força e a eficiência da indústria brasileira como forma de resolver os problemas sociais brasileiros.

Além do trecho que destaquei no capítulo anterior quando mostrei a perspectiva a partir da qual se constrói o discurso no livro de Semler, reproduzo abaixo outro trecho em que se pode perceber o “tom conciliador” da relação entre patrão e empregado que o enunciator pretende construir:

Quase todos os empresários acham que seus funcionários são partícipes da empresa, e que são o maior ativo do empreendimento.

Por outro lado, quase todos os funcionários acham que são tratados com insuficiente atenção e respeito, mas não têm espaço para falar o que pensam, e acham que o empresário vive numa ilha da fantasia, sabendo pouco sobre o que acontece na empresa.

Como é que se conciliam estas duas posições? São inconciliáveis. Se você é um dos que acreditam que na sua empresa as coisas são diferentes, faça um questionário franco e anônimo e distribua para os funcionários preencherem. Depois de tabular o resultado, refreie o impulso de perguntar ao Departamento Pessoal se as respostas podem ser enquadradas no artigo de insubordinação da CLT que trata de justa causa. O único que merece justa causa por insubordinar-se à lei da natureza humana – que diz que as coisas só têm futuro se todas as partes se sentem satisfeitas – é você mesmo.

A verdade é que o funcionário da empresa moderna tem pouco para se sentir satisfeito, muito menos realizado. A empresa de hoje não tem tempo nem interesse em ouvi-lo, e não tem recursos suficientes para treiná-lo para coisas melhores. Exige um elenco de coisas e retribui com um salário insuficiente, e é implacável na dispensa se ele começar a ficar velho ou tiver queda de desempenho temporária. Além disso, manda-o para a aposentadoria com amargas recordações

de injustiças, ou com a sensação de que poderia ter ajudado muito mais se alguém tivesse pedido sua opinião. (p. 73)

No trecho acima percebe-se claramente o “discurso humano” do novo empresário pregado pelo enunciador. Prevalece a concepção do empresário que respeita o empregado e que o torna seu parceiro, para o bem da empresa, e não seu inimigo, que deve ser explorado. Essa é a tônica, em todo o livro, de uma nova concepção da empresa brasileira, como se percebe na ironia com a qual o enunciador brinca com seu interlocutor (outros empresários). Além disso, o texto funciona como um discurso preceitual que apresenta fórmulas de procedimento para garantir a melhor eficiência da empresa ao mesmo tempo que mais respeito ao trabalhador.

### (3) *O mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder.

*O mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder, é um romance narrado em terceira pessoa, cuja personagem central é uma garota chamada Sofia Amundsen. A narrativa tem início no dia em que Sofia completa seus quinze anos. Nesse dia começa a receber bilhetes e cartões postais muito estranhos, vindos do Líbano, de uma pessoa desconhecida. Esses postais perguntam a Sofia de onde vem o mundo em que os homens vivem. O mistério que envolve esses postais e as conseqüentes aventuras por que passa a personagem central são o mote para a narrativa apresentar, capítulo a capítulo, uma história da filosofia ocidental, desde os pré-socráticos até os filósofos modernos.

Uma vez que a personagem central é uma menina, a narrativa é bastante marcada pela perspectiva do adolescente. Nesse sentido, o leitor com quem o texto dialoga também é uma criança. A forma de exposição das questões filosóficas discutidas em cada um dos capítulos assume, em função dessa imagem do leitor infantil, um tom pedagógico, na medida em que pretende explicar cada um dos princípios em que as diferentes correntes de pensamento da filosofia Ocidental estão assentadas.

No início da narrativa há muitos trechos que reproduzem o tom da carta em que um sujeito está se dirigindo à garota para discutir determinadas questões do mundo prático que levarão a uma discussão filosófica.

Querida Sofia.

Muitas pessoas têm hobbies diferentes. Algumas colecionam moedas e selos antigos, outras gostam de trabalhos manuais, outras ainda dedicam quase todo o seu tempo livre a uma determinada modalidade de esporte.

Também há os que gostam de ler. Mas os tipos de leitura também são muito diferentes. Alguns lêem apenas jornais ou gibis, outros gostam de romances, outros ainda preferem livros sobre temas diversos como astronomia, a vida dos animais ou as novas descobertas da tecnologia. (...)

Mas será que existe alguma coisa que interessa a todos? Será que existe alguma coisa que concerne a todos, não importando quem são ou onde se encontram? Sim, querida Sofia, existem questões que deveriam interessar a todas as pessoas. E é sobre tais questões que trata este curso. (p. 24)

O que se pode perceber no trecho da carta acima reproduzido é a maneira como o interlocutor é tratado. Em todo o livro, há um tom professoral na exposição das questões sobre a evolução do pensamento filosófico da humanidade. Tal como o próprio título do livro apresenta, a intenção do enunciador-instrutor é fazer com que seu “discípulo”, no caso Sofia, amplie seus horizontes, deixando de enxergar a realidade apenas segundo a perspectiva fechada de seu mundo.

Esse tom pedagógico faz parte da proposta do próprio livro, que consiste em fazer um panorama da evolução da filosofia no mundo Ocidental. Do ponto de vista da organização textual, há uma história sendo contada, em que um narrador relata o relacionamento entre um sujeito do saber (o autor das cartas para Sofia) e a garota. Esse sujeito, muitas vezes, confunde-se com o próprio narrador da história, de tal forma que parece ser esse sujeito do saber que fala sempre. Portanto, o que pode justificar o fato de esse livro ter sido muito lido não só pelo público juvenil é que, embora o narratário construído no interior da narrativa identifique-se com a imagem do adolescente, seu enunciatário não está reduzido a ele. O que pretendo dizer é que o tom didático e explicativo com que as noções de filosofia vão sendo expostas no texto é uma forma de tornar acessíveis as principais noções das teorias filosóficas a um público não especializado, portanto um leitor que não é apenas o adolescente, mas o adulto também.

(4) *As mentiras que os homens contam*, de Luís Fernando Veríssimo.

*As mentiras que os homens contam* é uma coletânea de crônicas que abordam a questão da mentira em diferentes situações. Na maioria delas o caráter negativo da mentira é desfeito e o que o texto procura mostrar é seu lado benéfico. Essa é a idéia já anunciada

na própria introdução do livro que, à maneira de uma crônica também, assume a forma de um diálogo entre um “nós” (os homens) e um vocês (as mulheres). Nessa introdução, o enunciador procura justificar ao enunciatário as razões pelas quais a mentira é extremamente importante porque é mais “verdadeira” que a própria verdade, como na seguinte passagem:

Namorar – pelo menos no meu tempo, a Renascença – era uma lenta conquista de territórios hostis, como a dos desbravadores do Novo Mundo. Avançávamos no desconhecido, centímetro a centímetro, mentira a mentira.

- Pode, mas só até aqui.
- Está bem. Não passo daí.
- Jura?
- Juro.
- Você passou! Você mentiu!
- Me distraí!

Dávamos a vocês todos os álibis, todas as oportunidades para dizer depois que tudo acontecera devido à nossa calhordice e não à vontade que vocês também sentiam. Não mentíamos para vocês, mentíamos por vocês. Os verdadeiros cavalheiros eram os que enganavam as mulheres. Os calhordas diziam, abjetamente, a verdade. Não faziam o que juravam que não iam fazer, transferindo toda a iniciativa a vocês. É ou não é? (p. 10)

Valendo-se do recurso da ironia, que pode ser identificada no trecho acima reproduzido, as diversas crônicas da coletânea exploram o humor, seu objetivo central. A linguagem é bastante coloquial e, em muitas crônicas, reproduz situações de fala, pois as personagens mantêm um diálogo constante do início ao final do texto, sem a intervenção de um narrador. Além disso, o conjunto de crônicas constrói-se por meio de um discurso em que o narrador dirige-se diretamente a seu narratário, como nos seguintes trechos: “Não é preciso dizer que estavam todos na mesa de um bar e que ninguém conseguiria se levantar, mesmo que quisesse” (p. 62)<sup>8</sup> e “Se você não sabe se tem um HQEH [Homem que é homem] dentro de você, faça este teste” (p. 90).

Os diferentes enfoques sobre a mentira podem ser observados nas diversas tramas que desfazem seu sentido negativo primeiro. Assim, na crônica “Trapezista”, que reproduz a fala de um marido que conversa com sua mulher ao telefone, a mentira serve para manter seu casamento ameaçado pelo fato de a mulher ter encontrado no jornal a foto do marido pulando carnaval com duas outras mulheres; em “A aliança”, para justificar a perda acidental de sua aliança, que poderia soar inverossímil, um marido mente para sua mulher

---

<sup>8</sup> Observa-se nessa frase o uso informal da língua, tal como é empregada na fala cotidiana, ao ser utilizada a preposição “em” no lugar da preposição “a” na seguinte construção: “... é preciso dizer que estavam todos **na** mesa...”

dizendo que a havia perdido num motel onde se encontrara com uma amante e é perdoado por ela por ter sido “sincero”; em “Exéquias”, o corpo de um homem que era velado apenas por dois amigos, pois não era alguém importante na sociedade carioca, acaba tendo um enterro com muita pompa quando seus dois amigos mentem para as pessoas que estavam no velório de um grande empresário, dizendo que ele era o Cardoso, um ex-senador; em “A mentira”, uma mentira contada para um casal de amigos apenas para justificar que o marido não queria ir a uma festa, desencadeia situações absurdas; em “O verdadeiro José”, a dupla vida de um homem, que mantém uma família em São Paulo e outra no Rio de Janeiro, descoberta apenas após sua morte, discute sua própria identidade, na medida em que cada uma das viúvas revela um José com características totalmente opostas; em “Homem que é homem”, é colocada em discussão a questão da masculinidade, num jogo entre verdade e mentira; em “Farsa”, novamente a questão da fidelidade entre um casal é colocada em questão, mas a manutenção do casamento justifica a mentira; em “Lar desfeito”, por outro lado, um casal que vive feliz e em perfeita harmonia simula um desentendimento e se separa só para que os filhos não fiquem “traumatizados”, porque não se pode conceber hoje em dia um casal que viva em tamanha harmonia, uma vez que todos os colegas de seus filhos tinham pais separados.

Dessa forma, o leitor é interpelado pelos diferentes textos do livro sobre diversos temas da vida cotidiana. Seu tratamento por meio do humor e da ironia acaba questionando determinados valores característicos da vida do homem contemporâneo.

#### (5) *Brida*, de Paulo Coelho.

Segundo livro de Paulo Coelho na preferência dos leitores brasileiros, *Brida* é constituído por um discurso enunciado por uma voz ausente dos acontecimentos narrados, ou seja, um narrador em terceira pessoa. Se o discurso da narrativa for comparado ao da “Advertência”, que abre o livro, e o “Prólogo”, revela-se como uma estratégia de outra voz que se identifica com a instância autoral. Segundo o enunciador desses dois textos, o que o leitor lerá corresponde a fatos que “verdadeiramente” aconteceram com uma amiga de Paulo Coelho que buscava encontrar seu Dom.

Em “Advertência” o enunciador é uma primeira pessoa que informa a seu enunciatário que, contrariamente ao que fizera em seu primeiro livro, *Diário de um mago*, não substituiria nenhuma das práticas de magia por fatos fictícios, pois isso lhe custara

“(…) severa reprimenda de meu Mestre” (p. 9). Portanto, o leitor é avisado de que “(…) os poucos rituais descritos em BRIDA são os mesmos praticados durante séculos pela Tradição da Lua – uma Tradição específica, que requer experiência e prática na sua execução” (p. 9). E esse mesmo enunciador vai mais longe, chama a atenção de seu leitor para que não tente reproduzir os rituais se não é um iniciado, pois isso é perigoso e, quando realizados por leigos, podem “prejudicar seriamente a Busca Espiritual” (p. 9). O discurso da “Advertência” já prepara o tom fabular da narrativa que virá em seguida.

No “Prólogo” o enunciador é também uma primeira pessoa que avisa seu enunciatário de que os fatos narrados na fábula são a reprodução de acontecimentos verdadeiros: “Sentávamos toda noite num café em Lourdes. Eu, um peregrino do sagrado Caminho de Roma, que precisava andar muitos dias em busca de meu Dom. Ela, Brida O’Fern, controlava determinada parte deste caminho.” (p. 11). A história contada ao sujeito produtor da voz enunciativa revela que apenas mudou o nome das pessoas envolvidas, a pedido da própria Brida, para que elas não pudessem ser identificadas.

A interlocução entre o autor e Brida é reproduzida no prólogo quando ela lhe indaga sobre o tipo de pessoas que leriam sua história, alegando que aquilo havia sido uma experiência muito particular e que não sabia se os leitores tirariam algum proveito dela. A resposta do sujeito autor manifesta-se na seguinte frase: “Este é um risco que agora corremos juntos, Brida” (p. 12).

É a partir desses dois textos iniciais que firmam o contrato de veracidade com o leitor, segue-se a narrativa que é localizada no espaço, Dublin na Irlanda, e no tempo, de agosto de 1983 a março de 1984. A história é dividida em duas partes. A primeira corresponde aos períodos do verão e do outono e a outra aos do inverno e da primavera.

A narrativa da primeira parte inicia-se com uma frase em discurso direto (“Quero aprender magia – disse a moça” – p. 17) produzida pelo ator Brida e dirigida a um mago. Esse mago era mestre na Tradição do Sol, “que ensina os segredos através do espaço, das coisas que nos cercam” (p. 24). Depois Brida conhece Wicca, uma bruxa que era mestre na Tradição da Lua, “que ensina os segredos através do Tempo, das coisas que estão presas na memória do tempo” (p. 24). Na primeira parte da narrativa Brida inicia-se nas técnicas da tradição da lua e, com a ajuda de Wicca, volta para uma encarnação passada, descobrindo que havia vivido entre os cátaros, no sul da França, durante o século XII. Essa experiência revela que ela era uma bruxa. Na segunda parte, aprofunda-se nos conhecimentos da tradição da lua e, ao final, participa de um ritual de iniciação, logo no início da primavera.

Brida vive uma experiência mística com os ensinamentos de Wicca e outra místico-amorosa com o mago de Folk.

Três características do discurso por meio do qual é construída a narrativa de Brida, porém, merecem ser aqui apontadas. A primeira delas diz respeito a referências a escritores consagrados da literatura Ocidental. William Butler Yeats é o primeiro poeta citado na narrativa do romance, numa passagem em que Brida, combina com seu namorado Lorens de visitar os rochedos da Irlanda onde o poeta vivera. Há inclusive uma citação de versos atribuídos a Yeats na p. 172, embora não haja referência bibliográfica: “eu semeei meus sonhos onde você está pisando agora;/ pise suavemente, porque você está pisando nos meus sonhos”. Segundo Brida, o poeta irlandês tinha sido grande conhecedor da Tradição da Lua e deixara em seus livros mensagens ocultas para aqueles que buscam o caminho espiritual.

William Blake, poeta inglês que viveu na segunda metade do século XIX e primeira do século XX, é o segundo poeta citado na narrativa pela mesma personagem, Brida. Num momento em que se prepara para realizar um ritual de bruxaria, lembra-se de um verso do poeta sem dar também referências bibliográficas: “Toda pergunta que pode ser concebida tem uma resposta” (p. 188). A terceira e última referência a um autor da literatura acontece num trecho da narrativa em que a mãe de Brida conta para sua filha o encontro que tivera com um homem desconhecido, na cidade em que vivia logo que se casara. Ao falar para esse desconhecido sobre o orgulho que ela sentia por sua pequena cidade, ele respondeu com uma frase atribuída a Leon Tolstoy: “é a sua aldeia que lhe dá o poder universal” (p. 221).

Essas referências a escritores da literatura ocidental são uma forma de atribuir um valor de autoridade ao discurso enunciado, ao mesmo tempo em que são escolhas ligadas ao tom místico da narrativa de Brida. Tanto Yeats quanto Blake são conhecidos como poetas místicos, ao mesmo tempo em que Tolstoy é um escritor cuja obra é marcada pelo sentimento de religiosidade.

A segunda característica da narrativa de Brida são as referências ao discurso católico. Além de várias passagens em que as personagens se remetem a fatos da vida de Jesus Cristo e da Virgem Maria e em que discutem os dogmas da fé católica, há três momentos em que o texto bíblico é trazido para o interior da história. O primeiro momento acontece quando Wicca explica para Brida a divisão das almas e, para citar um exemplo, remete ao Gênesis para afirmar que Eva nasce a partir de uma divisão da alma de Adão, o que dará origem à Outra Parte (p. 44-5). Segundo ela, durante nossas reencarnações,



portanto, estamos sempre a busca de parte de alma que nos foi retirada para com ela nos fundirmos.

A segunda referência bíblica ocorre entre as páginas 134 e 135 quando a mesma Wicca irá se reportar às Epístolas de São Paulo ao Coríntios para pedir a Brida que ali procure os nove dons que possuem os seres com espiritualidade avançada. A terceira referência bíblica acontece na página 260 em que estão reproduzidas as palavras do mesmo apóstolo Paulo que fala sobre a destruição do templo de Deus.

O discurso católico é um forte componente da narrativa do romance de Paulo Coelho. Ao tratar das questões de espiritualidade mística, o texto entrelaça-se constantemente como as palavras e com o pensamento da ideologia católico-cristã numa forma de enfatizar o conteúdo religioso de seu próprio discurso.

A terceira e última característica dessa narrativa é criação de frases de efeito, ou melhor, de clichês que adquirem o *status* de máximas, ou seja de grandes verdades que estão sendo ensinadas aos leitores. Alguns exemplos dessas máximas são os seguintes:

(1) “Sabedoria é conhecer e transformar” (p. 70)

(2) “As emoções são cavalos selvagens.” (p. 101)

(3) “(...) daqui para frente, quando você quiser saber alguma coisa, mergulhe nela”  
(p. 106)

(4) “O que está fora é mais difícil de mudar do que aquilo que está dentro.” (p. 149)

A frase (1) é produzida pela personagem Wicca quando está explicando para Brida que a diferença entre o homem e a mulher consiste em que a característica fundamental do primeiro é o conhecimento e da segunda, a transformação. A frase (2), por sua vez, é sempre repetida ao longo da narrativa quando o narrador ou a personagem querem mostrar o caráter indomável das emoções.

A frase (3) é produzida num contexto em que o pai de Brida quer lhe passar um ensinamento de vida. Um dia quando estava na praia com sua filha, perguntou-lhe se a água do mar estava fria para mergulhar. Brida, que na época era uma garota, entrou no mar, colocou os pés na água, voltou-se para seu pai e lhe disse que a água estava fria. Diante dessa atitude da filha, pegou-a no colo, jogou-a na água e novamente lhe perguntou

se a água estava fria. Ela levou um susto de início, mas depois ficou contente com a brincadeira e lhe respondeu que a água estava gostosa. A partir dessa situação é que a frase (3) é produzida por seu pai, para significar que a filha deveria mergulhar nas coisas que desejava para poder experimentá-las.

O contexto em que a frase (4) é enunciada diz respeito a um ensinamento de Wicca para Brida, quando pretende convencê-la da importância de usar todas as roupas que tinha em seu armário porque, segundo ela, as roupas que as pessoas compram são um reflexo daquilo que são interiormente. No momento em que Brida considera um absurdo que Wicca queira obrigá-la a usar todas as roupas de seu armário e a se livrar daquelas com as quais se sente mal, ouve uma voz interior, a voz da sabedoria, que enuncia exatamente a frase (4).

Em muitos momentos de *Brida*, essas frases de efeito assumem um valor de verdades que são enunciadas para que o leitor creia nelas e reproduza-as quando enuncia seu próprio discurso.

Da mesma maneira que *O alquimista*, essa nova narrativa de Paulo Coelho realiza a mesma intersecção entre o discurso religioso católico e o do senso-comum, o que dá origem a um misticismo palatável às diferentes camadas da sociedade brasileira.

#### (6) *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera.

Nas duas primeiras partes do romance, o narrador introduz, em primeira pessoa, a questão do “eterno retorno”, isto é, que “um dia tudo vai se repetir como foi vivido e que essa repetição ainda vai se repetir indefinidamente!” (p. 7). Partindo dessa idéia do eterno retorno, o narrador considera que os seres humanos estão condenados à eternidade e que “no mundo do eterno retorno, cada gesto carrega o peso de uma insustentável leveza” (p. 8).

Esse narrador usa a forma “nós” para se referir a si mesmo e aos leitores e a forma “eu” para referir-se a si próprio. Logo após a citação acima ele diz: “Se o eterno retorno é o mais pesado dos fardos, nossas vidas, sobre esse pano de fundo, podem aparecer em toda a sua esplêndida leveza” (p. 8). Mais adiante, ao abrir o capítulo 3 da primeira parte, intitulada “A leveza e o peso”, em que se inicia propriamente a narrativa da história, usa a primeira pessoa: “Há muitos anos penso em Tomas. Mas foi sob a luz dessas reflexões que o vi claramente pela primeira vez. Eu o vejo de pé, a uma das janelas de seu apartamento,

com os olhos fixos na parede do prédio defronte, do outro lado do pátio, sem saber o que fazer” (p. 9).

No capítulo 1 da segunda parte, intitulada “A alma e o corpo”, o narrador refere-se a si mesmo na forma de uma terceira pessoa, com uma embreagem. “De nada serviria o autor afirmar que suas personagens realmente existiram. Não nasceram de um corpo materno, mas de algumas palavras evocadoras ou de uma situação fundamental. Tomas nasceu de um ditado (*‘Einmal ist keinmal’*), Tereza, do ruído de seu ventre” (p. 37).

O romance de Milan Kundera é uma história de amor e erotismo. Segundo ele, a vida é um imenso absurdo, totalmente destituída de qualquer significado, e tanto pode ser um sonho como um pesadelo. É nesse clima de imprecisão, em um cenário político opressivo da antiga Tcheco-Eslováquia, que se torna por vezes sombrio, que vivem as personagens do romance. Dois casais constituem o ponto central dos acontecimentos: Tomas-Tereza e Sabina-Franz. Narrando ora como observador, ora como comentarista, o enunciatador faz digressões sobre os problemas do relacionamento humano, principalmente sobre a atração entre os sexos, tema central do romance.

(7) *As brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley.

O livro abre com um “prólogo” que se inicia com a seguinte expressão “Morgana fala...”. Durante todo ele, a fada Morgana fala sobre a história que irá narrar. Como uma fada que é, de uma outra tradição daquele lugar, coloca-se contra o cristianismo, dizendo que não critica o deus cristão, mas os sacerdotes da Igreja Católica, que negam a existência da “Grande Deusa”, senhora das fadas, considerando-a coisa do demônio. Esse prólogo é escrito inteiramente na primeira pessoa, como se pode constatar na seguinte passagem:

Ao contar esta história, falarei por vezes de coisas que ocorreram quando eu ainda era demasiado jovem para compreendê-la, ou quando não estava presente. Meu leitor fará uma pausa e dirá, talvez: “Esta é a sua magia.” Mas eu tive sempre o dom da Visão, de ver o interior da mente dos homens e mulheres; e, durante todo esse tempo, estive perto de todos. Assim, por vezes, tudo o que pensavam era do meu conhecimento, de uma forma ou de outra. Por isso, contarei esta história. (...)

Mas esta é a minha verdade; eu, que sou Morgana, conto-vos estas coisas, Morgana que em tempos mais recentes foi chamada Morgana, a Fada. (p. 10-11)

Em seguida a história é narrada em terceira pessoa. Nesse romance a história do rei Arthur é contada por meio das vidas, visões e percepção das mulheres que nela tiveram um

papel central. Trata-se, acima de tudo, da história de um profundo conflito entre o cristianismo e a velha religião de Avalon.

Guinevere, que representa o cristianismo, é vista inicialmente como uma estranha criança, toda branca e loira, chorando perdida nas brumas de Avalon. Casada com Arthur por determinação do pai, apaixona-se profundamente por Lancelot e não consegue dar um filho herdeiro ao marido, fato que tem sérias conseqüências políticas para o reino. É sua religiosidade intransigente que acaba colocando Arthur, e com ele toda Bretanha, sob influências poderosas dos padres cristãos, apesar de seu juramento de respeitar a velha religião de Avalon.

Morgana é a adversária de Guinevere. Como sacerdotisa de Avalon, tem o poder da visão. É uma mulher atormentada, dividida entre o amor não correspondido por Lancelot e seu fracasso como mãe, irmã e esposa. Consagrada como a Donzela do Grande Casamento, que une o rei ao seu reino, tem o destino trágico e heróico de provocar a queda do irmão, amante e inimigo, Arthur, que trai Avalon e seu passado em favor do futuro cristão.

(8) *Você pode curar sua vida*, de Louise Hay.

A autora, uma norte-americana, de Santa Mônica, Califórnia, é considerada uma estudiosa dos padrões mentais que geram doenças, após haver se curado de um câncer, e vive de fazer palestras, conferências e seminários onde divulga seus programas de treinamento que consistem em métodos práticos para combater os medos e as causas das doenças. Devido ao enorme sucesso do livro *Você pode curar sua vida*, Hay funda uma editora, a Hay House, dedicada a livros de auto-ajuda e meditação.

A idéia central de seu discurso é a de que cada ser humano é responsável integralmente por tudo o que acontece consigo próprio. Assim, antes de iniciar o capítulo 1 do livro, o enunciador apresenta as 13 frases que resumem sua “filosofia”:

1. Somos todos 100 por cento responsáveis por nossas experiências.
2. Cada pensamento que temos está criando nosso futuro.
3. O ponto do poder está sempre no momento presente.
4. Todos sofrem de culpa e ódio voltados contra si próprios.
5. A frase-chave de todos é: “Não sou bastante bom”.
6. É apenas um pensamento e um pensamento pode ser modificado.
7. Ressentimentos, críticas e culpa são os padrões mais prejudiciais.

8. A liberação do ressentimento pode remover até o câncer.
9. Quando realmente amamos a nós mesmos, tudo na vida funciona.
10. Devemos nos libertar do passado e perdoar a todos.
11. Devemos estar dispostos a começar a aprender a nos amar.
12. A auto-aprovação e a auto-aceitação no agora são a chave para mudanças positivas.
13. Cada uma das chamadas “doenças” em nosso corpo são criadas por nós. (p. 15)

Em todos os capítulos o enunciador é sempre uma primeira pessoa, projeção do *eu* que conversa constantemente com seu enunciatário, instruindo-o na maneira de proceder para tornar sua vida melhor. Partindo da idéia de que tudo o que acontece para o indivíduo é de sua inteira responsabilidade, o enunciador afirma: “Cada um de nós cria suas experiências através dos pensamentos e emoções. Os pensamentos que temos e as palavras que falamos criam nossas experiências” (p. 17).

O livro constrói-se segundo o formato de um curso de auto-ajuda. Na segunda parte, intitulada “Uma sessão com Louise”, por exemplo, o leitor pode seguir as “reflexões” da autora e realizar, ao final da exposição de diferentes tópicos em cada capítulo, os exercícios propostos pela “terapeuta/professora”. Ao final do capítulo 2, quando propõe o exercício do espelho, para citar um exemplo, o sujeito da enunciação afirma: “Peço ao cliente para pegar um espelho pequeno, olhar bem nos olhos, dizer seu nome e depois: ‘Eu amo e aceito exatamente como você é.’” (p. 39).

Em outro capítulo, o de número 15, há a apresentação de uma lista de doenças, em três colunas, organizada da seguinte forma: na primeira aparece o nome da doença, na segunda, a causa provável e, na terceira, o novo padrão de pensamento para suplantá-la. Numa época em que a AIDS era uma doença recém-descoberta, com um número muito crescente de mortes por ela causada<sup>9</sup>, o enunciador coloca como causa provável da doença o seguinte: “Negando a si mesmo. Culpa sexual. Forte crença em ‘não ser bom o bastante’.” (p. 182). O novo padrão de pensamento aconselhado para superá-la é: “Eu sou uma divina, magnífica expressão da vida. Rejubilome com minha sexualidade. Rejubilome com tudo o que sou. Eu me amo” (p. 182).

No último capítulo do livro, o de número 16, o enunciador afirma que sempre solicita a seus clientes que contem algo sobre sua vida “sem se estender muito” para poder conhecer melhor seu paciente. Por esse motivo escreve esse capítulo para contar a seu enunciatário/leitor quem é Louise Hay. Sua história é a de uma mulher que viveu em condições extremamente precárias, sofreu as maiores provações da vida, foi estuprada aos

---

<sup>9</sup> *Você pode curar sua vida*, de Louise Hay, foi escrito no ano de 1984.

5 anos de idade, mas mesmo com todas essas adversidades, por sua força de pensamento e vontade, venceu na vida e conseguiu o sucesso profissional e pessoal.

(9) *O sucesso não ocorre por acaso*, de Lair Ribeiro.

O livro de Lair Ribeiro é constituído por um discurso centrado na função conativa. O *tu* constante com quem o enunciador sempre conversa, projeção de um interlocutor produzida pelo próprio narrador, é seu principal alvo. O objetivo do enunciador é mostrar para o leitor como ele é capaz de mudar sua própria vida se observar uma série de conselhos que lhe são dados. O principal deles, no dizer do enunciador, consiste em o enunciatário acreditar mais em sua capacidade e ter uma meta, um objetivo a alcançar. Com sua força de vontade e com a força de seu pensamento conseguirá alcançar tudo o que quiser. Somente quando essas características não fazem parte da maneira de ser do leitor é que ele não atingirá o sucesso e viverá na derrota.

Um exemplo da maneira como o enunciador se dirige ao enunciatário pode ser observado no seguinte trecho do livro que corresponde aos dois primeiros parágrafos do capítulo 1:

Olhe em torno de você. O lugar onde sentou-se para ler este livro, o ambiente, as pessoas, os objetos, suas condições atuais de vida, trabalho, saúde, lazer. Pense em seus amigos, nas condições que cada um deles conquistou, e também nas pessoas em geral, com quem você tem algum contato. Pense em algumas personalidades bem-sucedidas e famosas, que você admira, e percorra com a mente a imagem dessas pessoas e de seu padrão de vida, nos mínimos detalhes. Procure ver os motivos de sua admiração por essas pessoas.

Agora olhe bem dentro de você. Tente perceber como está se sentindo neste exato momento. Como estão indo aqueles sonhos acalentados há tantos anos? Foram realizados plenamente? Parcialmente? Foram “arquivados”? Deram lugar a opções mais “reais”? Foram adiados para alguma ocasião mais propícia? Ou continuam piscando em certos momentos, no painel dos seus pensamentos mais íntimos? Você se sente satisfeito com o que já conquistou na vida? Almeja mais? Acredita nas suas chances? O que está faltando, afinal, para que você consiga ser realmente bem-sucedido? (p. 9)

O discurso do livro reproduz uma interação entre o enunciador e o enunciatário, de forma a aproximar esse enunciatário o máximo possível do “leitor real” que toma o livro nas mãos e começa a lê-lo. As expressões utilizadas pelo enunciador, tais como, “olhe”, “você”, “este livro”, “pense”, “percorra”, “procure ver”, “sua admiração”, “agora”, “você

se sente satisfeito...?”, “almeja...?”, “acredita...?”, revelam essa proximidade entre a voz de um autor que se dirige ao leitor para doar-lhe um saber, qual seja, a fórmula certa para obter sucesso pessoal e econômico na vida.

(10) *Operação cavalo de Tróia*, J. J. Benítez.

O livro de Benítez é uma narrativa contada por um major aposentado da Força Aérea Norte-americana (USAF, em inglês). Esse major participou de um projeto secreto realizado por um setor de investigações da NASA, em colaboração com a CIA. Em 30 de março de 1973, o major e outro colega, chamado Eliseu, fizeram uma viagem de recuo no tempo de quase dois mil anos e foram para Jerusalém, onde puderam testemunhar os últimos dias de Jesus Cristo na Terra, desde sua entrada na cidade até sua prisão, julgamento, crucificação e ressurreição. Essa sigilosa experiência realizada pela NASA, em pleno centro de Israel, foi batizada como “Operação Cavalo de Tróia”.

Já perto de sua morte, o major norte-americano assiste na TV a uma reportagem sobre a vida de Cristo, feita por Benítez, um repórter espanhol. Por essa razão resolve entrar em contato com ele e sugerir, secretamente, um encontro entre os dois. Eles se encontram e o major assegura a Benítez que tem uma história surpreendente para lhe revelar, mas que isso só poderá acontecer depois de sua morte. Pouco tempo depois o major falece e o repórter espanhol recebe uma carta com instruções em forma de charada por meio das quais poderia chegar ao diário do major em que toda a aventura por ele vivida na Jerusalém dos tempos de Cristo era narrada.

A primeira parte do livro, que se divide em seis sub-partes, apresenta um narrador em primeira pessoa que se identifica como J.J. Benítez. A segunda parte é narrada também em primeira pessoa, mas corresponde agora à projeção do sujeito major que conta os fatos por ele vividos em sua viagem pelo tempo. Essa segunda parte, que consiste no relato dos últimos dias de Jesus Cristo em Jerusalém, começa com o título “Diário” e depois se divide em outras 11 sub-partes, cada uma das quais indicando um dia da semana, de 30 de março, uma quinta-feira, a 9 de abril, um domingo. O narrador da primeira parte diz que apresentará uma tradução do diário do major, tal como o encontrou. Portanto, a narrativa do major sucede a do repórter, que termina da seguinte forma:

No curso destes dois anos, como disse após conhecer o “testamento do Major, fiz numerosas consultas, especialmente a cientistas e médicos, na tentativa de esclarecer, quando menos, a parte ficcional de ambas as “viagens”. Seja dito a bem da verdade, que os primeiros se mostraram cétricos quanto à possibilidade de materialização de tal projeto. Apesar disso, e antes de passar ao diário propriamente dito, quero deixar assente que meu dever, como jornalista, começa e termina precisamente com a obtenção e difusão da notícia. Ao leitor – e quem sabe se aos homens do futuro, tal como ocorreu com Júlio Verne – caberá extrair suas próprias conclusões e sua confiança outorgar ao que vai encontrar nas próximas páginas. Ou retirá-las.

Seja como for – e com isto concludo – se a “grande viagem” do Major foi não mais do que um sonho desse homem estranho e atormentado, que Deus abençoe os sonhadores. (p. 57)

Esse é um recurso utilizado pelo enunciador para discutir com seu enunciatário a veracidade do fato narrado. Assumindo o lugar de repórter que não se nega a divulgar os fatos que lhe caem às mãos (argumento de autoridade), o enunciador irá levantar dúvida sobre o que irá contar, estabelecendo com seu enunciatário um jogo de crença e certeza. De certa forma é como se deixasse nas mãos de seu enunciatário a decisão de reconhecer no discurso uma verdade ou uma falsidade, destacando apenas o aspecto humanizador da história relatada.

(11) *A profecia celestina*, James Redfield.

Trata-se de um romance de autor norte-americano que narra uma saga em busca da verdade espiritual. Um antigo manuscrito é encontrado nas florestas peruanas, contendo nove visões que a raça humana precisa conhecer para alcançar a sabedoria no próximo milênio. A cada capítulo, o leitor se informa sobre cada uma dessas visões, ou *insights*, acompanhando a aventura de um homem que sobe até o alto das montanhas dos Andes e transita pelas ruínas de velhas florestas.

O prefácio desse livro de Redfield é escrito por Paulo Coelho na edição por mim consultada. Em seu texto o autor brasileiro vai dizer que o livro de Redfield oferece ensinamentos ao leitor.

(...) Estas lições estão relacionadas a algumas questões que intrigam os homens há muitos séculos. Quem somos nós? O que é espiritualidade? O que significa estar vivo?

Há alguns anos, vem se ampliando o interesse das pessoas por uma vida mais espiritualizada. Não estamos falando de religião ou de teologia, no seu sentido estrito, mas de uma consciência, uma conexão com a realidade divina. Essa



é uma das nossas potências. Com esta convicção, somos mais capazes de nos integrar ao mundo, e crescermos com alegria.

A narração de *A profecia celestina* consiste na projeção de um *eu* que fala. Ele inicia sua história referindo-se a um encontro com uma velha amiga chamada Charlene.

Subi até o restaurante, estacionei e me recostei no banco para pensar um pouco. Sabia que Chalene já estaria lá dentro, me esperando para conversar. Mas por quê? Eu não ouvira uma palavra dela em seis anos. Por que teria aparecido agora, logo agora, que eu me isolara na mata por uma semana? (p. 1)

Nesse encontro com sua amiga Charlene o narrador fica sabendo de um manuscrito que havia sido descoberto no Peru, que remontava a cerca de 600 anos a.C. e que previa uma enorme transformação na sociedade humana a partir das últimas décadas do século XX. Curioso pelo relato feito por Charlene, o narrador vai atrás desse manuscrito e começa a refletir sobre as visões nele relatadas em busca da verdadeira cultura espiritual na Terra.

O narrador da história em nenhum momento recebe um nome. Durante todos os diálogos que estabelece ao longo da narrativa, as diferentes personagens chamam-no de “você” sem atribuir-lhe um nome próprio. Esse recurso torna a voz do narrador mais próxima ainda da voz do “autor”, fazendo parecer ao leitor que o que está lendo é, como disse acima, um relato de algo que aconteceu com ele mesmo.

*A profecia celestina* conta o envolvimento do narrador com a procura da nona visão do manuscrito, numa situação de mistério e perseguição policial de todos os que se interessavam por divulgar o conteúdo desse manuscrito. A estrutura narrativa do romance constrói-se a partir da oposição entre o herói e seu grupo contra o anti-herói. Instigado por uma amiga (Charlene), que lhe conta sobre o manuscrito e a primeira visão por ele revelada, o herói acaba indo para o Peru onde encontra várias pessoas que defendem a divulgação desse manuscrito para a humanidade e que vão lhe revelando as oito visões até então conhecidas. Eles sabiam que existia uma nona visão, mas ninguém que estudava esse manuscrito tinha tido acesso a ela e o único a possuir uma tradução de última visão era o cardeal de Lima, o padre Sebastian, que não queria ver o manuscrito divulgado entre as pessoas por acreditar que isso enfraqueceria o poder da Igreja Católica. Por esse motivo, com a ajuda militar do governo do Peru, desencadeia a perseguição e prisão de todos os padres ou leigos envolvidos com grupos de estudos sobre os manuscritos.

A trama da história é marcada por momentos de tensão e medo entre os adeptos das revelações do manuscrito, com perseguições e tiros dos soldados que tentam detê-los, pelos

diversos lugares da selva amazônica no Peru, chegando até a Machu Picchu, onde o narrador, com a ajuda do padre Sanchez, esconde-se na casa do padre Carl. Esse lugar, segundo o padre, “é um dos centros de energia mais fortes do mundo” (p. 154).

Todas as ações acontecem por causa do velho Manuscrito, sempre escrito, ao longo da narrativa, com letras maiúsculas. Esse antigo documento encontrado no Peru previa uma grande transformação na sociedade humana. Essa previsão era apresentada na forma de visões. No início os pesquisadores tinham consciência de que elas eram em número de oito, mas ao chegarem à interpretação final da oitava visão perceberam referências a uma nona visão ainda não encontrada. O objetivo de toda a comunidade de pesquisadores e de padres da Igreja Católica era então encontrar a parte do manuscrito relativa a essa nova visão e interpretá-la também.

Segundo a Primeira Visão, a humanidade atingirá um estágio de desenvolvimento em que as pessoas irão perceber que a vida em nosso planeta é constituída por uma série de fatos coincidentes que unem determinadas pessoas. A Segunda Visão conduzirá a consciência do homem atual numa perspectiva histórica para que ele compreenda todo o processo evolutivo do homem na Terra. A Terceira Visão descreve uma nova compreensão do mundo físico, revelando a existência de uma energia invisível proveniente de todos os seres vivos. De acordo com a Quarta Visão, os humanos compreenderão que é desnecessário dominar seus semelhantes pelo processo de retirada e energia do outro e que há outros meios de acumular a energia cósmica. Para atingir a Quinta Visão, o homem deverá perceber qual é exatamente seu papel na relação entre seus semelhantes e estabelecer um controle próprio da situação a das trocas de energia. No momento em que o homem atingir o controle de si mesmo chegará à Sexta Visão, que corresponde à aquisição de sua identidade evolucionária. Na Sétima Visão, ampliado o espectro da consciência cósmica, o homem será capaz de identificar o sentido de todas as coincidências que as forças do Universo lhe apresentarem, quer na forma de pensamentos, de devaneios ou de sonhos. A Oitava Visão explica como podemos ajudar os outros enquanto eles nos trazem as respostas que buscamos. A Nona Visão, por sua vez, ajudaria a compreender o sentido das diferentes religiões existentes na Terra, uma vez que toda a humanidade descobriria uma ligação com uma fonte superior que é Deus. E ao chegarem a essa nona visão os místicos descobrem que há ainda uma décima visão que deve ser encontrada porque é ela que será responsável pela harmonização de todas as outras. Isso fica em suspenso na história, apontando para uma continuidade, um novo livro sobre a busca dessa Décima Visão que deve ser decifrada.

Durante o decorrer da narrativa, o narrador vai discutindo os princípios de consciência e luminosidade do homem ao longo de sua história, apresentando informações ditas científicas das leis da física e de conceitos da psicologia para justificar a existência dessa “energia cósmica” que move nossas vidas. Ao final chega a afirmar que ela é a própria noção do amor.

Ao mesmo tempo, portanto, que narra uma aventura, o texto de Redfield associa a essa denominada cientificidade, a visão religiosa, ecológica e individual. Na verdade é a conscientização individual que fortalecerá o coletivo. Ao tratar, por exemplo, na denominada quinta visão do manuscrito, o conhecimento de si próprio, o enunciador fala de um processo de análise do papel do indivíduo na família, da formação de sua personalidade. E quando fala do controle na sexta visão, aponta para o equilíbrio emocional capaz de desfazer os chamados “dramas” que consistem no jogo de poder entre duas pessoas que se relacionam.

O nome do livro, *A profecia Celestina*, diz respeito diretamente à nona visão que todos os esotéricos querem encontrar desde o começo da história, pois se refere ao nome do lugar onde foi achada. Esse lugar chamava-se Templos Celestinos ou Templos Celestiais.

(12) *Olga*, de Fernando Moraes.

Olga Benário é judia e, aos quinze anos, se tornou integrante do grupo comunista de Munique, cidade onde nasceu na Alemanha. Filha de social-democratas burgueses, seu pai era advogado e foi dessa forma que ela começou a se identificar com o operariado e as classes menos favorecidas.

Apesar de seu pai defender em julgamentos pessoas de alto poder aquisitivo, sempre ajudou operários que precisavam entrar com demandas judiciais contra os patrões. Cada dia mais, Olga se interessava pela vida daqueles que a seu pai recorriam. Em 1923, ela se integrou ao *scwabing*, onde só havia filhos de operários cujos integrantes jamais aceitaram, até aquele dia, uma burguesa. Olga se destacou pela ousadia e por não temer a repressão da polícia ou do governo alemão. Ao conhecer Otto Braun, professor alemão que trabalhava como uma espécie de espião a serviço dos soviéticos, encontrou incentivo maior para embarcar de vez no sonho de promover uma revolução comunista na Alemanha. Em um dado momento o professor foi preso sob a acusação de traição à pátria o que fez com

que Olga se reunisse com seus companheiros do grupo comunista para libertá-lo no dia do julgamento.

Foi ela quem apontou uma pistola contra a cabeça do juiz enquanto seus companheiros rendiam o restante da segurança do tribunal e por tal fato tiveram que se esconder na antiga URSS. Olga e Otto passaram a viver juntos e colocaram seus ideais comunistas em prática. Pouco tempo depois ele voltou a ser preso por vários meses e Olga comandou outra missão para libertá-lo no tribunal. Ela obteve sucesso uma vez mais e fugiu com Otto.

Foi aclamada e eleita pela juventude comunista para o cargo mais alto do Comitê Central da Juventude Comunista Internacional. Esse cargo roubou-lhe tempo para dedicar-se a sua vida pessoal, o que a fez decidir romper com Otto, pois não queria perder a possibilidade de progredir cada dia mais no comitê. Enquanto tudo isso se passava na Europa, aqui no Brasil Luiz Carlos Prestes com a Coluna Prestes fazia uma verdadeira viagem pelo país a pé ou no lombo de um burro levando de boca em boca os ideais comunistas e trazendo com ele um verdadeiro exército para sua cruzada pelo país. Teve sucesso estrondoso, porém não suficiente para depor o presidente, tomar o poder e instaurar um regime comunista no Brasil. Foi obrigado a se exilar na Argentina e, posteriormente, em Moscou, lugar onde Olga estava reforçando e aprimorando seus conhecimentos comunistas. Ela já havia ouvido algo sobre o fato de um brasileiro percorrer a pé vinte cinco mil quilômetros tentando uma revolução. Conheceram-se por intermédio de um alto comunista do *Comintern* que os apresentou e os incumbiu da missão de irem juntos para o Brasil retomar o projeto não concluído por Prestes. Ao longo do percurso apaixonaram-se, casaram-se, mas Olga é descoberta no Brasil e entregue pelo governo brasileiro a Hitler. Foi para a prisão grávida de Prestes; sua filha Anita foi dada à avó e pelo grande número de acusações que pesavam em sua ficha policial, principalmente traição à pátria, foi condenada à câmara de gás.

O narrador do romance manifesta-se na forma de terceira pessoa para contar, à maneira de um relato biográfico, o envolvimento de Olga com a causa comunista no mundo. Na apresentação do livro, um enunciador em primeira pessoa, que assina como Fernando Moraes, dirige-se a um enunciatário leitor para explicar o que o levou a escrever o livro e para reafirmar que o que vai nele contado não é ficção, mas sim um relato de fatos realmente acontecidos:

A reportagem que você vai ler agora relata fatos que aconteceram exatamente como estão descritos neste livro: a vida de Olga Benario Prestes, uma história que me fascina e atormenta desde a adolescência, quando ouvia meu pai referir-se a Filinto Muller como o homem que tinha dado a Hitler, “de presente”, a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses. Perseguido por essa imagem, decidi que algum dia escreveria sobre Olga, projeto que guardei com avareza durante os anos negros do terrorismo de estado no Brasil, quando seria inimaginável que uma história como esta passasse incólume pela censura. (p. XIII)

Nesse jogo retórico, o enunciador pretende afirmar a veracidade daquilo que vai ser contado e, dessa forma, assume um estilo de relato jornalístico para a construção de uma biografia de personalidade da história. O que se percebe, porém, é que a narrativa acaba enfatizando mais o aspecto romântico do envolvimento da heroína com Prestes do que propriamente a recuperação do momento histórico com um enfoque analítico.

(13) *Inteligência emocional*, de Daniel Goleman.

É com a seguinte epígrafe de *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, que o livro de Goleman (1995) abre seu primeiro capítulo, “Para que servem as emoções?”: “É com o coração que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos” (p. 17).

O psicólogo norte-americano Daniel Goleman escreve seu livro assumindo enunciativamente a forma de um *eu* que se dirige a um *tu*, leitor, com o qual pretende discutir a questão da emoção e da inteligência. Tomando por base as então recentes descobertas da área da neurologia sobre a mente humana, o enunciador explica-as por meio de uma linguagem bastante acessível ao público leigo.

O cérebro usa um método simples mas astuto para registrar memórias emocionais com força especial: os mesmíssimos sistemas de alarme neuroquímicos que preparam o corpo para reagir a emergências de risco de vida com a resposta de lutar-ou-fugir também gravam vividamente o momento na memória. Sob tensão (ou ansiedade, ou provavelmente até mesmo intensa excitação de alegria), um nervo que vai do cérebro às glândulas supra-renais, situadas acima dos rins, provoca uma secreção dos hormônios epinefrina e norepinefrina, que invadem o corpo, preparando-o para uma emergência. Esses hormônios ativam receptores no nervo vago; embora este transmita mensagens do cérebro para regular o coração, também retransmite sinais para o cérebro, disparados pela epinefrina e norepinefrina. A amígdala é o principal ponto do cérebro para onde vão esses sinais; eles ativam neurônios dentro dela que enviam sinais a outras regiões cerebrais, a fim de dar um reforço à memória sobre o que está acontecendo.

Esse estímulo da amígdala parece gravar na memória a maioria dos momentos mais intensos de estímulo emocional – por isso é muito provável, por exemplo, que lembremos do lugar onde ocorreu nosso primeiro encontro amoroso, ou o que fazíamos quando ouvimos a notícia de que o ônibus espacial *Challenger* explodira. (p. 34)

Seu objetivo consiste em discutir basicamente quatro questões. A primeira é a afirmação de que um alto QI (Coeficiente de Inteligência) não é a garantia de sucesso na vida. A segunda, que a emoção pode dar a verdadeira medida da inteligência humana. Em terceiro lugar, que a ausência de habilidade emocional pode ser o verdadeiro motivo de tantos casamentos desfeito. E, em quarto lugar, que, no mundo empresarial, aquele que tem QI alto consegue um bom emprego, enquanto aquele que tem um QE (Coeficiente Emocional) alto garante promoções em sua carreira.

O discurso manifestado no livro basicamente defende a superioridade da inteligência emocional sobre a inteligência racional, embora considere que é importante existir um equilíbrio entre as duas. Por essa razão assume um tom de auto-ajuda na medida em que vai refletir sobre os comportamentos humanos na sociedade contemporânea, ao discutir assuntos relacionados aos indivíduos particulares, a seu convívio familiar e a suas relações no trabalho.

Para citar um exemplo de análise do comportamento entre casais reproduzo o trecho abaixo:

Numa noite dessas, quando entrava num restaurante, um jovem saía furioso pela porta, com uma expressão terrível. Logo atrás, vinha uma jovem correndo, batendo desesperada com os punhos nas costas dele e gritando:

- Seu porra! Volte aqui e seja legal comigo!

Esse pedido pungente, incrivelmente contraditório, dirigido às costas que se afastavam, epitoma o padrão mais comumente visto em casais cujo relacionamento não vai bem. Ela procura atrair, ele se retrai. Os terapeutas conjugais há muito observaram que, quando os casais procuram terapia, estão nesse padrão de atração-retraimento, ele reclamando das exigências e explosões “irracionais” dela, e ela se queixando da indiferença dele ao que ela diz.

Esse final de jogo marital demonstra que, na verdade, há realidades emocionais paralelas na vida de um casal: a dele e a dela. As raízes dessas diferenças, embora em parte biológicas, podem ser identificadas na infância, no mundo emocional onde vive o menino e no mundo emocional onde vive a menina. Muitas são as pesquisas que tratam desses diferentes mundos, cujas muralhas são reforçadas não só pelo tipo de brincadeira que meninos e meninas preferem, mas pelo temor que têm as crianças pequenas de serem alvo de gozação por terem uma “amiga” ou um “amigo”. (p. 144)

Sempre que o autor vai introduzir novo tópico em seu livro, ou discutir algum conceito ou técnica para exame de um sintoma, começa com um exemplo extraído de

situações cotidianas, como, no trecho acima, o do casal em briga que sai de um restaurante. Outra característica que se pode observar na citação acima, e que é própria também dos textos de auto-ajuda, é a referência a “estudos” ou “pesquisas” de autoridades que referendam o ponto de vista do enunciador.

(14) *Harry Potter e a pedra filosofal*, de J. K. Rowling, Rocco

Primeiro livro da série de Harry Potter, conta a história do garoto a partir de seus onze anos quando fica sabendo que é um bruxo ao receber uma carta da escola de bruxaria de Hogwarts, convocando-o para os estudos de magia. Quando ainda bebê, sua casa foi invadida por um terrível bruxo, Voldemort, responsável pelo assassinato de seus pais. Só ele sobreviveu por um motivo misterioso, revelado no decorrer da história. Como símbolo dessa luta com o grande bruxo do mal, resta-lhe uma cicatriz no lado direito da testa em forma de um raio.

A partir da morte de seus pais, Harry passa a viver com seus tios, os Dursley, que eram “trouxas”, nome por meio do qual os bruxos designam aqueles que não são bruxos, os chamados mortais comuns. Rejeitado pelos tios que preferem seu filho Dudley, o Duda, que, na opinião dos pais era o garoto melhor do mundo, mas que, por ser muito mimado, era o responsável por muitos dos castigos que o herói da narrativa sofria, Harry permanece em constante solidão. Na casa de seus tios, é condenado a viver no armário embaixo da escada e sofre todo tipo de humilhação.

A partir do momento em que Harry começa a frequentar a escola de Hogwarts passa a se sentir melhor porque não é mais rejeitado por ninguém, porque convive com pessoas como ele, isto é, outros bruxos. Além disso, é reconhecido por todos como alguém muito importante, pois fora o único a sobreviver a um ataque de Voldemort, a quem todos os bruxos temiam. Faz amizade especialmente com Rony e Herminone e com eles forma um trio de heróis infantis das inúmeras aventuras que vivem na escola. A escola de Hogwarts era constituída por quatro diferentes classes, Grifinória, Lufa-lufa, Corvinal e Sonserina. Harry, Rony e Herminone ficam na Grifinória e mantêm uma relação de hostilidade com Sonserina, a classe que tem como característica um passado voltado para o mal.

O narrador da história manifesta-se na forma de uma terceira pessoa, mas se dirige a um narratário que está manifestado, nos moldes dos contos infantis, logo no início da

trama. Imediatamente após os três primeiros parágrafos que abrem o capítulo um, no qual são apresentados os Dursley, seu filho e Harry, o quarto parágrafo diz o seguinte:

Quando o Sr. e a Sra. Dursley acordaram na terça-feira monótona e cinzenta **em que a nossa história começa**, não havia nada no céu nublado lá fora sugerindo as coisas estranhas e misteriosas que não tardariam a acontecer por todo o país. O Sr. Dursley cantarolava ao escolher a gravata mais sem graça do mundo para ir trabalhar e a Sra. Dursley fofocava alegremente enquanto lutava para encaixar um Duda aos berros na cadeirinha alta. (p. 7-8 – grifo meu)

O uso do pronome de primeira pessoa do plural identifica as posições do enunciador e do enunciatário do texto. Além disso, esse parágrafo acima reproduzido configura-se como próprio das histórias infantis e anuncia para o leitor, por meio de construções do tipo “coisas estranhas e misteriosas que não tardariam a acontecer”, o mundo de aventuras em que está mergulhando.

(15) *A viagem do descobrimento*, de Eduardo Bueno.

Embora em nenhum momento da apresentação ou da introdução do livro haja referência a um leitor específico, as freqüentes ilustrações e o tipo de linguagem usada na narrativa parecem dirigir-se aos estudantes brasileiros principalmente de segundo grau. Ao final do texto de orelha do livro, pode-se encontrar essa referência a uma proposta pedagógica do livro: “Há quase 500 anos Portugal descobriu o Brasil. Já é tempo de nós também atracarmos nestas terras férteis e descobrirmos tudo aquilo que os livros de História não quiseram, ou não puderam, contar”.

Escrito por um jornalista, a narrativa das aventuras marítimas dos portugueses são recontadas por uma ótica diferente da empregada pelos manuais de História até então utilizados nas escolas. O relato começa referindo-se ao Infante D. Henrique, um herdeiro dos cavaleiros templários, como o desencadeador das incursões marítimas das esquadras de Portugal. Em seguida conta a tomada de Ceuta, em Marrocos, a travessia do Cabo das Tormentas, por Bartolomeu Dias, a conturbada chegada de Vasco da Gama às Índias, em busca da seda e de especiarias e, ao final, a aventura da descoberta do Brasil.

O relato da viagem da frota de Pedro Álvares Cabral mostra-a como um empreendimento financiado pela coroa portuguesa e pela iniciativa privada e revela-se que



a armada cabralina tinha conhecimento das novas terras de que pretendiam tomar posse. O trecho da chegada ao Brasil é assim relatado:

No dia 9 de abril, ao completar um mês em alto-mar, a esquadra de Cabral cruzou o Equador – e o que durante séculos fora motivo de terror agora era pretexto para festa. Após o Equador, os ventos sopravam de sueste. Mas como eles também eram fracos, a armada de Cabral seguiu as instruções de Vasco da Gama e abriu seu rumo para sudoeste, empreendendo a “volta do mar”. Empurrada pelas forças marítimas hoje chamadas de “Corrente Brasileira”, a esquadra logo retomou a velocidade de 5 nós.

O domingo de Páscoa foi celebrado quando os navios se encontravam a uns 250 quilômetros da costa, na altura de Salvador. Dois dias depois, próxima dos recifes depois chamados Abrolhos (aglutinação de “Abra os olhos”), a frota deparou com sargaços flutuantes: eram as algas botelhos e rabos-de-asno. No entardecer do dia seguinte, 22 de abril de 1400, a armada de Cabral ancorou em frente ao Monte Pascoal, 44 dias após ter partido de Lisboa. (p. 45)

Assumindo o tom dos relatos de história, o texto de Eduardo Bueno projeta um narrador em terceira pessoa que conta os fatos a partir de uma perspectiva didática.

(16) *Comunicação global*, de Lair Ribeiro.

Partindo de uma distinção entre os seis tipos diferentes de inteligência do ser humano (verbal, matemática, musical, corporal, espacial, intrapessoal e interpessoal), atribuídas a Howard Gardner, pesquisador da Universidade de Harvard, o enunciador declara que irá discutir a inteligência interpessoal, pois é nela que se manifesta a habilidade da comunicação, seu principal objetivo.

Construindo-se enquanto um discurso de auto-ajuda, o enunciado está voltado totalmente para seu interlocutor, o leitor, a quem pretende apresentar lições para seu melhor desempenho na comunicação.

O discurso do enunciador estrutura-se a partir de argumentação dirigida a um público bastante genérico, ao qual pretende mostrar, numa “linguagem bastante simples”, estudos de caráter científico que podem ajudá-lo a melhor se comunicar. Sua forma argumentativa é baseada sempre em explicações de cunho narrativo com vistas a evidenciar uma certeza, um senso comum. Veja-se, por exemplo, a forma como apresenta sua proposta de tratamento da questão central da comunicação, a expressão do conhecimento:

Imagine uma caravela atravessando o Atlântico, rumo à Europa, com um valiosíssimo carregamento de ouro. De repente o tempo vira, as ondas crescem, os ventos se agitam num tufão incontrolável e o tesouro afunda. Não há registros do naufrágio, não se sabe onde ocorreu. Quanto vale este tesouro agora inacessível?

Extraído das minas com esforço e sacrifício, seu valor seria enorme se estivesse em uso. Mas lá, repousando no fundo abissal, não vale nada.

Assim é o conhecimento. Anos e anos de estudo, milhares de livros lidos, erudição enciclopédica, de nada adianta se estiverem sem uso. São como livros empoeirados, sendo comidos pelas traças, trancados nos porões de uma biblioteca. Nada vale o nosso conhecimento se não soubermos expressá-lo no mundo. (p. 9)

A base científica a partir da qual o enunciador propõe ensinar ao enunciatário como se expressar melhor para conseguir tudo o que deseja em sua vida, ou seja, como ser bem sucedido, é, segundo ele, a neurolingüística. “As descobertas da neurolingüística fornecem-nos hoje uma tecnologia que pode fazer de qualquer pessoa um bom comunicador. Além de aumentar o seu poder de influência sobre as outras pessoas, essa tecnologia aumenta a inteligência.” (p. 14).

A inter-relação do enunciador com o enunciatário é baseada no acordo da doação completa de um conhecimento capaz de transformar o ser do leitor. “Não vou ensinar receitas, mas sim **a receita das receitas**. Com essa chave-mestra você poderá abrir todas as portas na comunicação interpessoal” (p. 16 – grifos do autor).

Na realidade não há nenhuma referência a qualquer estudo neurológico no livro, o termo só serve para dar suporte científico a seu discurso. Ao definir, por exemplo, o que é comunicação, o enunciador vai reportar-se sempre à responsabilidade do próprio enunciatário. “Comunicar-se com eficácia é fazer com que o outro acredite em você. Para que isso aconteça, sabe quem é a primeira pessoa que precisa acreditar no que você diz? É você mesmo.” (p. 67).

(17) *Iacocca. Uma autobiografia*, de Lee Iacocca e William Novak.

Num discurso em primeira pessoa, o enunciador que é narrador e personagem de sua própria história, conta sua vida após ter sofrido, segundo ele, um revés pessoal ao ser demitido da presidência da indústria automobilística Ford. Filho de imigrantes italianos, Lee, após trinta e dois anos como funcionário da Ford, dos quais oito na presidência, é abruptamente demitido de seu cargo. Nessa época tinha 54 anos de idade. Inconformado com essa situação, resolve reagir e reparar a injustiça que havia sofrido. Algumas semanas depois de sua demissão da Ford, Iacocca assume a presidência das indústrias

automobilísticas Chrysler, que estavam passando por uma situação de extrema dificuldade e, com sua experiência administrativa de homem de negócios, consegue reverter a situação e levantar a Chrysler no mercado de automóveis.

Embora já tivesse uma situação financeira bastante estável, naquela altura da sua vida, é impulsionado a reagir diante da situação em que se encontrava pelo que ele chama “humilhação”, ao ser desalojado de seu rico escritório da presidência e colocado num novo lugar que era “pouco mais que um cubículo, com uma escrivaninha e um telefone” (p. 16). Em seu prólogo refere-se a essa situação quando conta o motivo pelo qual resolve contar sua vida.

Vocês vão ler a história de um homem que teve muito sucesso na vida, mas que, ao longo do caminho, também passou por períodos muito ruins. Na verdade, quando volto os olhos para os meus trinta e oito anos na indústria automobilística, o dia que aparece mais vivo na lembrança não tem nada a ver com carros novos, promoções ou lucros.

Comecei minha vida como filho de imigrantes e fui construindo meu caminho até chegar à presidência da Ford Motor Company. Quando finalmente consegui, eu me senti nas alturas. Mas então o destino me disse: “Espere. Ainda não acabou. Agora você vai descobrir o que alguém sente quando é chutado Monte Everest abaixo!”

No dia 13 de julho de 1978, fui demitido. Eu tinha sido presidente da Ford durante oito anos, e era funcionário da Ford há trinta e dois anos. Nunca tinha trabalhado em nenhum outro lugar. E agora, de repente, estava sem emprego. Era como um soco no estômago (p. 15).

A partir dessa espécie de depoimento, o narrador procura demonstrar em seu texto todas as artimanhas e armadilhas que fazem parte do mundo dos negócios das indústrias automobilísticas no mercado norte-americano. O tom de sua narrativa é o de quem relata seu sucesso pessoal como forma de vingança ao que havia acontecido na Ford, por esse motivo é que ressalta sua competência na luta pelo mercado de automóveis estabelecido entre a Chrysler e a Ford.

(18) *203 maneiras de enlouquecer um homem na cama*, de Olívia St. Claire.

O livro de St. Claire é um manual destinado a incitar a auto-estima da mulher que queira realizar-se sexualmente. A autora abre-o e termina sua apresentação com duas epígrafes de Anaïs Nin, consagrada autora da literatura erótica dos anos 70, principalmente por seu livro mais vendido, *Delta Vênus erótica*. Diferentemente de St. Claire, porém,

Anaïs escrevia contos eróticos ressaltando uma atmosfera de envolvimento entre o homem e a mulher, ao mesmo tempo em que fazia descrições explícitas de relações sexuais, sem, no entanto, realizar descrições fisiológicas. Seu objetivo não era o de ensinar técnicas sexuais para a mulher conseguir excitar o homem na cama e, conseqüentemente, sentir prazer na relação, como é o da escritora norte-americana.

O discurso que constitui a obra de St. Claire é marcadamente conativo, pois o apelo ao leitor é constante. E o maior apelo consiste em dizer que, para despertar o desejo do homem, a mulher não precisa ser linda e sensual, pois mesmo a mulher mais desprovida do atrativo da beleza pode ser muito desejada pelos homens, bastando, para isso, que ela se sinta bela e atraente.

O livro de St. Claire, portanto, inicia-se com um primeiro capítulo que, segundo o enunciador é de leitura obrigatória, mesmo que suas leitoras façam uma leitura que não obedeça à ordem cronológica em que aparecem suas 203 dicas de como tornar a relação sexual mais excitante. Nesse primeiro capítulo, na forma de enunciados conativos, explica cada um dos chamados cinco segredos fundamentais para o êxito na cama: “sinta-se sexy e você será sexy”; “irradie confiança sexual”; “concentre-se nele”; “faça com ele o que ele faz com você”; “veja a sua sexualidade como uma dádiva sagrada”.

Seu tom altamente apelativo tem por objetivo fazer as mulheres acreditarem que, pelo simples poder de auto-sugestão, conseguirão a felicidade plena na cama junto a um homem. O enunciador alia ao exercício de auto-convencimento um série de regras prática para qualquer mulher que queira alcançar seu objetivo, como se pode observar no seguinte trecho:

Um dos grandes estimulantes para um homem é ver o quanto ele está excitando você; ele gosta de saber que o que faz com *você* na cama a deixa louca. A única forma de fazer com que ele a estimule, e portanto a si mesmo, ao máximo (que tarefa deliciosa!), é você saber de antemão onde estão todos os seus interruptores sexuais e como eles podem ser ligados. A antiga sabedoria aplica-se aqui: Conheça-te a ti mesmo. Se você ainda não está familiarizada com seu próprio corpo, comece, sem pressa, a conhecê-lo agora mesmo.

Tire todas as suas roupas e fique de pé diante de um espelho. Examine cada centímetro quadrado de seu corpo. Não seja crítica; seu objetivo é o autoconhecimento e não a autocrítica. Observe a curva sensual de seus seios. Note a diferença entre os dois. Deleite-se com o tom róseo ou moreno de seus mamilos. Olhe com atenção a curva da cintura e dos quadris, a elevação do ventre, a firmeza de suas pernas. Arranje outro espelho a fim de ter uma boa visão de suas costas lânguidas e de seu bumbum encantador. Inspeione tudo, como se fosse fazer de memória um desenho detalhado de seu corpo nu. Imagine cada parte em atividade. Imagine cada pedacinho do ponto de vista de um homem. (p. 33)

A partir do momento em que a mulher, então, está convencida de que é capaz de atrair um homem e satisfazê-lo sexualmente, atingindo também o prazer, é que vão sendo introduzidas as 203 “dicas” de jogos ou situações eróticas para quebrar a monotonia dos relacionamentos.

(19) *Minutos de sabedoria*, de Carlos Torres Pastorino.

É considerado um clássico de auto-ajuda. O livro apresenta reflexões, pensamentos, conselhos com o intuito de auxiliar nas horas difíceis e alegrar e enlevar a alma. Portanto o enunciador dirige-se diretamente ao enunciatário como um conselheiro que o ajuda nas horas difíceis. O discurso que se manifesta no texto vincula-se ao discurso religioso uma vez que o enunciador filia-se ao espiritismo. Suas mensagens, portanto tocam em pontos individuais e religiosos.

Alguns exemplos de mensagens que aparecem em seu livro:

- (i) Coloque Deus, conscientemente em tudo o que faz, em todos os seus problemas.  
E verificará que seus sofrimentos se transformarão em experiência e aprendizado.  
Coloque Deus em todos os seus pensamentos, e sua vida se transformará num hino de alegria e louvor, porque as dores se esvairão como as trevas, que desaparecem aos primeiros clarões das luzes da aurora... (p. 77)
- (ii) Cada um de nós é responsável por seus atos.  
Por que vai desanimar, pelo que os outros fizeram a você?  
Que tem você a ver com isso?  
Siga à frente, ainda que o mundo inteiro esteja contra você.  
Você há de vencer, mesmo que fique sozinho.  
Continue sem desânimo, porque você é o único responsável por seus atos. (p. 8)
- (iii) Modifique seu modo de pensar, para que sua saúde se firme e estabeleça.  
Pare de queixar-se de doenças!  
A doença é aumentada pela nossa emissão mental negativa.  
Expulse a enfermidade, confiando em sua cura!  
Você pode curar-se!  
Você está melhorando cada dia mais, sob todos os pontos de vista. (10)

Em (i) pode-se perceber a vinculação do discurso enunciado aos princípios religiosos, na medida em que apela para a crença em Deus como uma forma de alívio aos sofrimentos. Em (ii), a mensagem centra-se na concepção de individualidade, isto é, que cada ser humano é o centro de si mesmo e que deve acreditar na sua capacidade pessoal sem se preocupar com os outros. Em (iii), ainda prevalece a mesma concepção do

individualismo expresso em (ii), o enunciador fala da capacidade que cada pessoa tem de dominar seu próprio corpo, isto é, de curar suas doenças, de forma semelhante a que faz Louise Hay, em seu livro *Você pode curar sua vida*.

(20) *A arte da felicidade*. Um manual para a vida, de Dalai Lama e Howard C. Cutler.

Em seu livro, o psiquiatra norte-americano Howard C. Cutler faz um relato do contato que estabeleceu com a filosofia budista quando conheceu o líder espiritual e temporal do povo tibetano, o monge budista Tenzin Gyatso, sua Santidade o décimo quarto Dalai-Lama. Seu relato é construído em primeira pessoa e reproduz, em diversos momentos, as conversas que manteve com o monge durante sua visita ao Arizona, nos EUA, ou quando foi por ele recebido em sua casa, na cidade de Dharamsala, na Índia. A partir de seus conhecimentos como psiquiatra, Cutler mostra como a filosofia budista, ou, mais especificamente, como o conhecimento acumulado de Dalai-Lama podem auxiliar o homem Ocidental a entender o sentido da vida e a resolver seus conflitos.

Na introdução do livro, o enunciador-autor reflete sobre a constituição tipológica de seu próprio texto:

Quando comecei a conceber este livro, imaginei um formato convencional de auto-ajuda no qual o Dalai-Lama apresentaria soluções claras e simples para todos os problemas da vida. Minha impressão era que eu poderia, recorrendo à minha formação em psiquiatria, classificar suas opiniões num conjunto de instruções fáceis sobre como conduzir a vida no dia-a-dia. Antes do final da nossa série de encontros, eu já havia desistido da idéia. Descobri que seu enfoque abrangia um paradigma muito mais amplo e multifacetado, que englobava todas as sutilezas, a riqueza e a complexidade que a vida tem a oferecer. (p. 8-9)

Ao dizer que seu propósito inicial era fazer um livro de auto-ajuda, mas que depois percebe que os conhecimentos de Dalai-Lama dão uma dimensão superior ao que inicialmente propunha é uma forma de atribuir um valor distinto a seu trabalho, distanciando-o do conceito “negativo” de auto-ajuda.

Com o intuito de revestir o texto com certo padrão de cientificidade, o enunciador usa outro recurso discursivo, muito comum, porém, em diferentes textos de auto-ajuda, que consiste em convocar os conhecimentos científicos para assegurar o valor de verdade. Isso pode ser verificado nos seguintes exemplos:

- (i) (...) Pesquisadores que estudavam os ganhadores de loteria estadual de Illinois e da loteria britânica descobriram, por exemplo, que a empolgação inicial ia passando com o tempo e os ganhadores voltavam à sua faixa habitual de felicidade de cada momento (p. 22).
- (ii) (...) Estudiosos como C. Daniel Batson ou Nancy Eisenberg, da Arizona State University, realizaram numerosas pesquisas ao longo dos últimos anos que demonstram que os seres humanos têm uma tendência ao comportamento altruísta (p. 66).
- (iii) Em seu livro, *Intimate Behavior*, Desmond Morris descreve as mudanças normais que ocorrem na necessidade de intimidade de um ser humano. Ele sugere que cada um de nós passa repetidamente por três estágios: do “me abraçe”, do “me solte” e do “me deixe em paz” (p. 190 - destaques do autor)

No exemplo (i), o mais comum de todo o livro, o enunciador refere-se a estudiosos e suas pesquisas, sem determinar especificamente quem são eles e como suas pesquisas foram divulgadas. Em (ii), embora cite nomes de autores ou pesquisadores, não diz onde obteve as informações que veicula. Somente no exemplo (iii) há uma indicação mais precisa do texto que cita. A primeira e segunda forma de referência a uma autoridade científica são características de muitos textos de auto-ajuda, pois esse recurso funciona como uma maneira de desfazer a imagem do “senso comum” do discurso desse tipo de literatura.

O livro de Cutler é organizado em cinco partes. A primeira, intitulada “O propósito da vida”, trata da questão da felicidade como aquilo que é almejado por todo ser humano. A segunda, “O calor humano e a compaixão”, aborda a necessidade que as pessoas sentem de construir relacionamentos íntimos em suas vidas. A terceira parte, “A transformação do sofrimento”, discute a questão da dor como algo inevitável na vida das pessoas e as formas de superá-la. A quarta, “Superação de obstáculos”, aborda as formas de lidar com questões interiores da vida humana (raiva, ódio, ansiedade e amor-próprio) e as formas de superar os problemas a elas relacionados. A quinta e última parte do livro, “Reflexões sobre como levar uma vida espiritual”, apresenta ensinamentos de como atingir a verdadeira espiritualidade, ao mesmo tempo que mostra que ela não precisa necessariamente estar ligada a uma religião específica.

A questão central, porém, a partir da qual se estrutura o discurso que sustenta o livro de Cutler é busca da felicidade como objetivo maior de todo ser humano. O primeiro capítulo abre-se com o registro da seguinte fala de Dalai-Lama:

- Para mim o próprio objetivo da vida é perseguir a felicidade. Isso está claro. Se acreditamos em religião, ou não; se acreditamos nesta religião ou

naquela; todos estamos procurando algo melhor na vida. Por isso, para mim, o próprio movimento da nossa vida é no sentido da felicidade (p. 13)

Ao ser questionado sobre como chegar a essa felicidade, o Dalai-Lama afirma que ela pode ser alcançada “através do treinamento da mente” (p. 14). Em seguida, explica em que consiste esse treinamento:

- Quando falo em “treinar a mente” neste contexto, não estou me referindo à “mente” apenas como a capacidade cognitiva da pessoa ou seu intelecto. Estou, sim, usando o termo no sentido da palavra *Sem*, em tibetano, que tem um significado muito mais amplo, mais próximo de “psique” ou “espírito”; um significado que inclui o intelecto e o sentimento, o coração e a mente. Por meio de uma certa disciplina interior, podemos sofrer uma transformação da nossa atitude, de todo o nosso modo de encarar e abordar a vida. (p. 15)

Toda a construção do texto de Cutler consiste em mostrar como chegar a essa felicidade que é o desejo maior do ser humano. É necessário conhecer em que consiste a verdadeira felicidade. Para tanto, o Dalai-Lama procura mostrar como a cultura Ocidental constrói, muitas vezes, um sentido equivocado de felicidade, confundindo a aquisição de bens materiais com a realização da felicidade. Todo o texto, portanto, constrói-se no sentido de fazer o leitor conhecer em que consiste a arte da felicidade, conforme diz o próprio título do livro. Além disso, o subtítulo propõe a esse mesmo leitor tomar os ensinamentos do monge budista como um manual para sua própria vida.

(21) *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella.

O livro *Estação Carandiru* é resultado da experiência do próprio autor, Dr. Draúzio Varella, no maior presídio do país. A convivência com os detentos e funcionários do presídio teve início quando foi desenvolvido seu trabalho voluntário de prevenção à AIDS. Essa convivência proporcionou o conteúdo do livro, onde o autor descreve desde a divisão física da Casa de Detenção, os pavilhões, até a sociedade carcerária e relatos de detentos e funcionários.

Narrado em primeira pessoa, o livro mostra a condição de vida dos internos do Presídio do Carandiru, em São Paulo, onde ocorreu uma sangrenta ação policial, em 1989, responsável pela morte de vários de presos. Em sua introdução o enunciador afirma o seguinte:



Neste livro, procuro mostrar que a perda da liberdade e a restrição do espaço físico não conduzem à barbárie, ao contrário do que muitos pensam. Em cativeiro, os homens, como os demais grandes primatas (orangotangos, gorilas, chimpanzés e bonobos), criam novas regras de comportamento com o objetivo de preservar a integridade do grupo. Esse processo adaptativo é regido por um código penal não escrito, como na tradição anglo-saxônica, cujas leis são aplicadas com extremo rigor (p. 10).

A preocupação em registrar o modo de vida dos presos, sua linguagem e o sistema social do presídio é o objetivo central do relato, sem a preocupação, conforme diz o próprio narrador do texto, de construir um discurso de denúncia social:

Não é objetivo deste livro denunciar um sistema penal antiquado, apontar soluções para a criminalidade brasileira ou defender direitos humanos de quem quer que seja. Como nos velhos filmes, procuro abrir uma trilha entre os personagens da cadeia: ladrões, estelionatários, traficantes, estupradores, assassinos e o pequeno grupo de funcionários desarmados que toma conta deles.

A narrativa será interrompida pelos interlocutores, para que o leitor possa apreciar-lhes a fluência da linguagem, as figuras de estilo e as gírias que mais tarde ganham as ruas (p. 10-11)

Nesse sentido, *Estação Carandiru* constrói-se como um grande mosaico de casos particulares. Num movimento metonímico, a narrativa parte da descrição física do presídio, de suas normas internas, das formas de “lazer” dos presidiários, da caracterização da linguagem criada no presídio, da ação médica do narrador Drauzio Varella para chegar, a partir do contato com os diferentes presos que vão à enfermaria, a relatos de vidas dos mais diversos internos do Carandiru. Dessa forma, o leitor passa a conhecer os dramas particulares de Miguel, Claudiomiro, Deusdete, Edelson, Lula e muitos outros da imensa galeria de marginais encarcerados em Carandiru.

Ao observar a lista dos vinte e um livros mais vendidos no Brasil durante o período de 1966 a 2004, de acordo com o *corpus* levantado, indicia-se, como já foi anteriormente apontado, que o leitor brasileiro é grande consumidor de textos de auto-ajuda<sup>10</sup>.

Entre os textos classificados nessa categoria podem ser estabelecidas algumas distinções de viés temático. O primeiro subgrupo, que denomino “autoconhecimento”, pode ser estabelecido quando aproximado (8), (9), (13), (16) e (20). Os dois livros de Lair Ribeiro, (9) e (16), que seguem o formato de manual de instrução, querem mostrar às

---

<sup>10</sup>. As obras que aparecem no gráfico 1, em anexo, estão distribuídas em categorias, obedecendo a ordem em que apareceram nesse gráfico, no quadro 1, também em anexo.

pessoas como a resposta a todos os seus problemas depende da força de seu pensamento e de sua vontade. O de Goleman, (13), por sua vez, assumindo uma perspectiva “técnico-mentalista”, quer destacar a importância do QE (coeficiente emocional) para mostrar como as pessoas capazes de trabalhar com as emoções têm sempre mais sucesso na vida que aquelas que se preocupam apenas com o racional. O livro (8), de Hay, tenta mostrar a força da mente como forma de cura do próprio corpo físico. Por fim, o do Dalai Lama e Howard C. Cutler procura extrair ensinamentos da sabedoria budista, misturando-o com alguns conceitos da psicologia ocidental, cujo resultado são conselhos que pretendem ajudar o leitor a atingir o verdadeiro estado de felicidade.

No segundo subgrupo, os dois livros de Paulo Coelho, (1) e (5) são narrativas cujas personagens centrais, respectivamente, Santiago e Brida, estão às voltas com seus destinos. Em (1), a idéia de uma lenda pessoal; em (5), a identificação com os princípios da seita da tradição da Lua. O de Redfield, (11), que consiste em uma narrativa cujo mote é um manuscrito antigo, trata da busca da verdade espiritual. Esses três livros, portanto, estão classificados no subgrupo da auto-ajuda que chamarei histórias de “misticismo e esoterismo”. Do ponto de vista semiótico, pode-se dizer que esses três livros funcionam como doadores de um saber (os ensinamentos místicos e esotéricos) para que o sujeito do fazer (os leitores) entre em conjunção com seu objeto-valor, que é a plenitude, a felicidade. Embora essa seja a estrutura de todos os livros de auto-ajuda, o que os dessa subcategoria apresentam de particular é o fato de o objeto do saber ser apresentado por meio de uma narrativa. (1) e (11) são apresentados como narrativas de ficção; já (5) anuncia-se como relato real, história vivida por Brida O’Fern, a quem o autor-enunciador diz ter sido apresentado durante sua peregrinação pelo Caminho de Roma.

Tal como os livros do primeiro subgrupo, os desse segundo também procuram doar ao sujeito do fazer (os leitores) um saber para adquirir seu objeto-valor. A diferença entre eles, porém, está no fato de que os livros do primeiro subgrupo não se estruturam na forma de narrativas e ainda porque afirmam que a plenitude não está no conhecimento místico ou esotérico, mas na força interior e no autoconhecimento próprio de cada sujeito.

É possível observar ainda que alguns dos livros do primeiro subgrupo da auto-ajuda assumem um caráter injuntivo, que é bastante comum na categoria de auto-ajuda. Dos cinco livros incluídos nesse subgrupo, essa característica da injunção é mais evidente em (8), (9) e (16). Em praticamente cada uma das páginas há sempre um dever que está sendo ressaltado. “Abra os braços”, “Regozije-se com os pequenos novos começos”, “Aceite elogios” são alguns exemplos de subtítulos de capítulos que aparecem em (8). Em (9), por

exemplo, existe um capítulo cujo título é “Pense Grande”. Nesse capítulo o enunciador, em muitos momentos, constrói enunciados que denotam um dever-ser ou um dever-fazer que, segundo ele são formas de resolver problemas: “Faça esse exercício: escreva as suas metas para os próximos seis meses (...)” (p. 86); “Você tem que ter um plano para sua vida” (p. 87); “Para mudar a atitude de seus filhos, os pais precisam mudar primeiro a linguagem que usam” (p. 89).

O que é mais evidente, porém, no subgrupo que classifiquei como de “autoconhecimento” é que os possíveis conselhos ou relatos ditos científicos pretendem agir sobre o ser do sujeito. Não há um fator externo que leve o indivíduo a se tornar realizado, feliz, satisfeito, mas sim o reconhecimento de que a competência para atingir esses estados é interior a ele próprio. Compete descobrir essa “força interior” que o fará atingir seus objetivos. O que esses textos prometem é ajudar o leitor a descobrir seu próprio caminho. Se ele não conseguir, não será por culpa do sujeito doador, mas sim do donatário, que não foi capaz de enxergar dentro de si mesmo a resposta para todos os seus problemas.

Ainda na categoria da linha auto-ajuda, os livros (6) e (18) constituem um terceiro subgrupo que denominei “individualidade e sexualidade”. No livro de Milan Kundera é o discurso anticomunista que irá conduzir o enfoque sobre os sentimentos de opressão e de isolamento, o que propicia a discussão da questão da sexualidade pelas personagens centrais da narrativa. O texto de St. Claire, por outro lado, trata de maneira mais direta essa questão da sexualidade. Ao verificar o *corpus* da pesquisa, constato que esse tema é um assunto recorrente e que levou várias outras obras a diferentes posições nas listas dos mais vendidos (*Sexus*, de Henry Miller, em 1967; *A mulher sensual*, de Joan Garrity, em 1971; *Sexo no confessionário*, de Clara di Meglio e N. Valentini, em 1974; *Prazeres do sexo*, de Alex Comfort, em 1980; *Sexo para adolescente*, de Martha Suplicy, em 1988; *Manual do orgasmo. Sexo e prazer para dois*, de Marilene Cristina Vargas, em 1993, além de vários outros que podem ser observados na lista geral do *corpus* da pesquisa).

A preocupação com a questão da sexualidade não é nova e sempre esteve presente no imaginário do leitor em diversas épocas e lugares, como se pode constatar nos trabalhos de Darnton (1996 e 1998), de Goulemot (2000) e, no Brasil, no de El Far (2004), que abordam a pornografia. Ocorre, porém, que os livros das listas dos mais vendidos não se enquadram nessa categoria de pornográficos, pois a perspectiva que assumem é a de discutir a sexualidade do homem moderno, quer seja do ponto de vista social, antropológico, psicológico ou psicanalítico. Herdeiros da chamada revolução sexual dos

anos 60 no mundo Ocidental, eles procuram explorar diferentes aspectos da sexualidade no mundo moderno, muitas vezes, com um intuito terapêutico. A felicidade do sujeito do fazer é assegurada na medida em que toma consciência de sua sexualidade.

O que parece ser uma característica que se acentua a partir dos anos 60 é o fato de se poder falar sobre sexo, pois até então essa era uma questão sobre a qual não se discutia abertamente. Nesse sentido, no próximo capítulo, quando realizarei uma outra leitura das listas dos livros mais vendidos, aparecerá uma obra como *Sexus*, de Henry Miller, que, nos anos 60, torna-se um ícone da liberação sexual, da busca pelo prazer sexual.

O quarto subgrupo da auto-ajuda, que chamei “mundo dos negócios”, compreende os textos (2) e (17), que são narrativas de memórias dos autores e tratam de um mesmo tema, qual seja, a administração de uma grande empresa e sua posição no mercado dos negócios. O que justifica sua inclusão na modalidade de auto-ajuda parte da observação de que ambos procuram apontar, cada um a sua maneira, quais são as melhores formas de atuação no sistema empresarial brasileiro, no caso de Ricardo Semler, e norte-americano, no caso de Lee Iacocca.

Num misto de texto narrativo e dissertativo-informativo, (2) e (17) discutem diversas questões do mundo empresarial a partir de pontos de vista distintos. O texto de Semler quer construir a imagem do empresário progressista, preocupado com o bem-estar dos operários e funcionários de suas empresas, identificando sempre o papel social que, segundo ele, é característico de toda e qualquer indústria. Já o de Iacocca vai falar da competência e da capacidade administrativa motivado por um outro sentimento, o da vingança em relação a seu ex-patrão, o maior acionista das indústrias Ford, que o demitiu de um alto cargo administrativo.

Segundo a perspectiva da semiótica, o texto (2) constrói-se por meio de um programa narrativo cujo sujeito deve entrar em conjunção com um objeto-valor, tematizado na competência e dinâmica administrativa. Esse objeto-valor, por sua vez, deve mostrar-se desvinculado dos estados passionais próprios a uma administração empresarial que valoriza apenas os interesses particulares de seus proprietários, qual seja, a ganância e a cobiça pelo lucro. Ao mesmo tempo, há no texto uma oposição entre modernidade vs tradição, figurativizado na contraposição entre o novo modelo de empresário (Ricardo Semler) e o velho modelo de empresário (pai de Ricardo). A conjunção com o objeto-valor manifestado no programa narrativo representa também a manifestação do sujeito que se constrói na narrativa.

Em (17), por sua vez, o programa narrativo básico consiste na busca de conjunção com um objeto-valor que é representado pelo sucesso. Enquanto resultado de uma disjunção com o emprego que possuía na Ford, que foi o programa narrativo anterior, o sujeito investe na busca do sucesso administrativo uma reparação da falta, isto é, sua dignidade perdida. Em verdade o fazer de Iacocca redonda num programa de sanção ao fazer de seu ex-patrão, caracterizado anteriormente como percurso da vingança. Identificado como um sujeito oriundo de um estrato social marginalizado, filho de imigrantes italianos, Iacocca quer construir a imagem daquele que tem a força e a capacidade de realizar tudo o que pretende num país de mercado competitivo no mundo dos negócios como o norte-americano.

O fato de as obras (2) e (17) aparecerem nas listas dos livros mais vendidos durante o período da pesquisa é um reflexo da expectativa do público leitor brasileiro em relação aos comportamentos do mundo de negócios da atualidade. Como não são livros técnicos sobre administração, mas textos que se valem de uma linguagem mais adequada ao leitor genérico, penetram numa camada mais vasta do público leitor. Além disso, a tendência à defesa de uma associação entre modelo de administração e âmbito social insere os textos nas preocupações do leitor brasileiro.

No quinto e último subgrupo da categoria dos livros de auto-ajuda mais vendidos durante o período de investigação desta pesquisa incluo o livro (19), cujo objetivo central consiste no apelo à crença em um deus que tudo harmoniza no mundo. Por esse motivo chamei esse subgrupo de “crenças”. O livro de Pastorino, com suas listas de pensamentos e de invocação à fé, quer enfatizar a capacidade que o homem tem de, por meio da fé numa força divina e da positividade do pensamento, enfrentar todas as adversidades, inclusive de agir sobre seu próprio corpo. Do ponto de vista do jargão semiótico, esse quinto subgrupo, tal como o primeiro, também é constituído por um texto que pretende doar um saber, pois, como já apontei anteriormente, essa é a característica central das obras de auto-ajuda, só que nesse caso, esse saber se constrói enquanto crença, isto é, para atingir a harmonia interior é preciso que o sujeito do fazer creia na existência de um ser divino.

O caráter injuntivo desse subgrupo é bastante evidente. “Seja humilde”, “Não sinta medo, para não atrair críticas”, “Quando você encontrar trevas diante de si, não esbraveje contra elas: ao contrário, procure acender uma luz” são tipos de enunciados injuntivos recorrentes em (19). Do ponto de vista modal diria que nesse subgrupo a modalidade alética determina a epistêmica, de forma que o que se pretende ressaltar nesse texto é prescrição (dever-fazer) sobre a certeza (crer-ser).

Os diferentes livros de auto-ajuda, por sua vez, consistem numa categoria de textos que questiona uma vez mais a distinção entre os chamados livros de ficção e os de não-ficção. Quer se valham da técnica da narração de um acontecimento quer construam um texto de cunho dissertativo-expositivo em que apelam para um determinado conceito de comprovação científica, os livros de auto-ajuda aproximam-se da proposta do manual de instrução na medida em que pretendem ser a fonte a partir da qual o leitor realiza um fazer. Do ponto de vista semiótico, a literatura de auto-ajuda constrói-se a partir de um contrato entre o enunciador e o enunciatário, baseado na crença. O enunciador-autor é detentor de um saber que propõe doar a seu enunciatário-leitor. Como essa transferência de saber se dá pelo discurso, sua eficácia é positiva na medida em que seja capaz de levar o leitor a acreditar naquilo que ela propõe como verdade. O fato de essa modalidade de texto ser bastante consumida pelo público leitor brasileiro é uma constatação de que o livro de auto-ajuda tem atingido seus propósitos.

Por outro lado, porém, posso constatar que a grande presença de textos de auto-ajuda nas listas dos livros mais vendidos é uma conseqüência também de um anseio do leitor. O que pretendo dizer com isso é que o leitor brasileiro da segunda metade do século XX está mais preocupado com aquilo que o toca de forma mais direta, qual seja, seus problemas e angústias existenciais, do que com a fruição de um objeto estético. Obviamente isso não é uma constatação original, pois é característica desse leitor comum estabelecer uma relação direta entre seu desejo imediato e aquilo que ele consome. A preocupação com o componente estético da leitura só será de interesse para um público específico que se preocupa com essa questão. Nesse sentido é um público extremamente reduzido, um grupo fechado que corresponde ao da academia ou ao que se poderia genericamente chamar intelectuais. O que procuro afirmar aqui é que o que o leitor das obras de auto-ajuda busca satisfazer um desejo imediato de bem-estar que esse tipo de livro pode lhe proporcionar. A crescente venda de literatura de auto-ajuda, além de seu caráter de mercadoria, é um reflexo do mecanismo semiótico nele envolvido. O sujeito é movido por um querer e busca no objeto que consome o contato com um saber capaz de dar uma resposta que satisfaça seu desejo.

Uma última consideração que posso fazer a respeito desse tipo de texto é o fato de que o que se considera como “bom” livro de auto-ajuda é determinado por aquilo que certo grupo estabelece como modelo. O que levou os leitores brasileiros a selecionarem esses treze livros como os de maior interesse para eles é resultado não só de uma possível campanha publicitária de editoras para seus livros, mas também do imaginário desse

público leitor que pode se dar, quer pela comunicação individual entre eles quer pela própria existência dessas listas de livros mais vendidos publicadas em diferentes periódicos. O que estou querendo dizer é que o fato de um livro aparecer nessa lista já é um indício para que aquele sujeito que queira adquirir um livro para ler valha-se dela para, hipoteticamente, fazer “uma boa escolha”, uma vez que o livro é recomendado, isto é, está entre os dez mais.

A segunda categoria em que distribuo os livros mais vendidos no período da pesquisa intitula-se “memória”. Diferentemente, porém, do subgrupo “mundo empresarial” da categoria da “auto-ajuda”, que também são memórias, os livros nela incluídos não têm como objetivo agir sobre o fazer do leitor. O livro (12) consiste na reconstituição da vida de uma personagem que fez parte da história do movimento comunista no Brasil, o que acaba redundando na construção de um panorama sociopolítico brasileiro da época e na denúncia das ações nazistas durante a segunda grande guerra. Nesse livro não é reconstituída a história do próprio enunciador, como em (2) e (17), pois é uma terceira pessoa que, valendo-se de pesquisa de dados escritos e de depoimentos, reconta, à maneira dos relatos jornalísticos, os fatos vividos pela personagem central. Não incluí esse livro, por outro lado, na categoria intitulada “temática social” que aparece, por exemplo, no levantamento da década de 1960, porque o grande foco do livro é, como já apontei anteriormente, o drama pessoal da heroína, Olga, e seu relacionamento amoroso com Prestes, o que torna a questão social o pano de fundo da narrativa e não exatamente seu tema.

Embora assuma também um tom jornalístico, (21) constrói-se como o relato do enunciador a partir de uma experiência vivida. Esse enunciador, por sua vez, não é a personagem central dos enredos apresentados, pois funciona como testemunha de fatos vividos no presídio do Carandiru ou como destinatário de histórias contadas por diferentes pessoas que viveram ou trabalharam naquele presídio. O registro dos fatos mostrados no livro organiza-se a partir de uma ótica realista, na medida em que o enunciador afirma sempre para o enunciatário que tudo o que no livro é apresentado corresponde a fatos que realmente aconteceram, que não se trata de ficção.

Os dois livros que correspondem à segunda categoria dos mais vendidos revelam-se, portanto, como reconstrutores de uma verdade sócio-histórica que é apresentada ao leitor que deseja entrar em conjunção com um saber. *Olga* e *Estação Carandiru* consistem em obras características do tipo de leitores que têm interesse pelas questões sociais

próprias da sociedade brasileira atual, na medida em que a narrativa do primeiro livro está ambientada na década de 40 e a do segundo, na década de 80.

A terceira categoria, denominada “ação e intriga” corresponde ao romance (10). Uma vez mais trata-se de uma narrativa que dá origem a vários desdobramentos o que justifica a publicação de diferentes livros para cada novo episódio. *Operação cavalo de Tróia* é uma narrativa que tem por objetivo mostrar para seu enunciatário a verdade de fatos bíblicos por meio de conhecimentos científicos acumulados pelo homem contemporâneo. Trata-se é uma extensa narrativa de ficção-científica, conforme já foi mostrado anteriormente na apresentação do livro, cuja questão central é o relato dos acontecimentos que envolveram a vida de Jesus Cristo e a pregação de seus ensinamentos, partindo de uma perspectiva pretensamente científica. Embora o gráfico 1 registre o primeiro volume como um dos mais vendidos no período de 1966 a 2004, pode-se observar no *corpus* levantado que outros cinco volumes da série também apareceram nas listas, cada um a seu tempo.

Nas edições atuais cada volume tem um nome que identifica a temática específica de cada um deles. O primeiro, chamado “Jerusalém”, irá, como já foi apontado, reconstituir o período da crucificação de Jesus Cristo; o segundo, “Massada”, faz revelações da política internacional da época e um relato da última ceia; o terceiro, “Saidan”, procura apresentar a reconstituição da infância de Cristo ao mesmo tempo que faz uma análise do corpo glorioso; o quarto, “Nazaré”, aborda os anos ocultos da vida de Jesus, dos 14 aos 26, sobre os quais nada é tratado no Novo Testamento; o quinto, “Cesaréia” aborda a ressurreição de Jesus; o sexto, “Hermon”, identifica as dezenove vezes que Jesus apareceu entre os homens depois da ressurreição e faz uma volta no tempo de Jasão e Eliseu, ano 25 de nossa era, na Palestina, onde tem início a pregação.

Esses *best-sellers* surgem também na década de 80, sendo que a primeira aparição do volume 1 nas listas acontece no ano de 1988. Atualmente, em 2006, surge a tradução para o português do sétimo volume da série, “Nahum”, em que são narrados os preparativos da vida pública de Jesus, desmistificando personagens como Virgem Maria e Judas, que, segundo o relato, não entendiam a missão de Jesus e esperavam dele um homem revolucionário, o Messias que iria libertar o povo judeu dos romanos. O fato de essa série ainda continuar sendo editada mostra o interesse que ainda desperta no público leitor contemporâneo.

No exame das obras mais consumidas pelo público leitor brasileiro destaca-se um livro que corresponde isoladamente a uma quarta categoria, qual seja, a do livro de humor.



Esse é o caso de (4), que trata a questão da mentira em diversas situações cotidianas, conforme foi mostrado na caracterização do livro.

Embora apareça isolado na relação dos mais vendidos apresentada pelo gráfico 1, esse tipo de leitura é bastante comum durante o período correspondente ao *corpus* da pesquisa, em que são encontrados, por exemplo, livros como *Festival de besteira que assola o país*, de Stanislaw Ponte Preta, em 1968; *O batizado da vaca*, de Chico Anísio, em 1972; *O enterro do anão*, de Chico Anísio, em 1973; *É mentira, Terta?*, de Chico Anísio, em 1973; *Tocador de tuba*, de Chico Anísio, em 1978; *O analista de Bajé*, de Luís Fernando Veríssimo, em 1982; *O gigolô das palavras*, de Luís Fernando Veríssimo, em 1982; *A mulher do Silva*, de Luís Fernando Veríssimo, em 1985; *O melhor do mau humor*, de Ruy Castro, em 1990; *Memórias de um amante desastrado*, de Groucho Marx, em 1991; *Schifaizfavoire*, de Mário Prata, em 1993; *Comédia da vida privada*, de Luís Fernando Veríssimo, em 1995; *Mas será o Benedito?*, de Mário Prata, em 1996; *Uma pulga na camisola*, de Max Nunes, em 1996; *As melhores piadas do planeta e da Casseta*, de Casseta e Planeta, em 1998; *Mil piadas do Brasil*, de Laert Sarrumor, em 1998; *O clube dos anjos*, de Luís Fernando Veríssimo, em 1999; *A mesa voadora*, de Luís Fernando Veríssimo, em 2001, etc.

A categoria de humor é constituída por livros que se apresentam como uma seleção de crônicas, de piadas, de levantamento léxico (*Schifaizfavoire* e *Mas será o Benedito?*, de Mário Prata) e de frases (*O melhor do mau humor*, de Ruy Castro). Esse é o tipo de leitura característica do passatempo, da descontração do leitor que quer se distrair com assuntos engraçados e leves. Além disso, esse tipo de livro permite uma leitura mais fragmentada e até coletiva, uma vez que pode ser compartilhada mais facilmente entre as diversas pessoas de um mesmo grupo, como no ambiente de trabalho, por exemplo.

Uma quinta categoria, que chamarei “fantasia”, ainda pode ser identificada nas listas dos mais vendidos. Trata-se de dois romances de ficção, (7) e (14), que dão início a uma seqüência de outras histórias dentro do mesmo contexto devido ao grande sucesso de vendas que o primeiro volume atingiu. Os leitores desse tipo de literatura envolvem-se com uma trama que se desdobra em diferentes episódios, cujo núcleo narrativo instaura novas situações. Embora o levantamento dos mais vendidos registre o primeiro livro de cada uma das séries como os mais vendidos, sabe-se que muitos leitores acabaram lendo a série toda, como se pode constatar por meio dos registros do *corpus*. Na realidade os primeiros livros de uma série são sempre o termômetro que identifica a potencialidade de mercado de cada uma delas.

A primeira série de narrativas que aparece nessa categoria, *As brumas de Avalon*, consiste numa saga, tanto no seu sentido primitivo de “antiga narrativa e lenda escandinava”, como em seu sentido secundário de “narrativa fecunda em incidentes”, organizada em quatro livros. O primeiro chama-se “A senhora da magia”, o segundo, “A grande rainha”, o terceiro, “O gamo-rei” e o quarto, “O prisioneiro da árvore”. O povo druida de Avalon (dominado) e o povo romano (dominador), invasor das ilhas da Grã-Bretanha, mantêm um embate religioso-cultural e a narrativa dá destaque para os conhecimentos místicos da linhagem de sacerdotisas druidas, o feminismo e o esoterismo na reconstituição da antiga lenda do rei Arthur da Inglaterra. O primeiro livro da saga começa a aparecer nas listas dos mais vendidos na década de 80, especificamente no ano de 1986.

As histórias de Harry Potter, segunda série dessa categoria, começam a aparecer nas relações dos mais vendidos durante o ano de 2000. As aventuras do herói bruxo são ambientadas na Inglaterra no início do século XX e reproduzem a clássica luta entre o bem e o mal. A cada ano uma nova história do herói bruxo é lançada no mercado editorial, de forma que, até 2005 a coleção conta com seis volumes editados, cada um deles com o nome Harry Potter à frente, seguido de uma indicação temática da aventura que a personagem central irá viver na história contada no livro: “A pedra filosofal”, volume 1; “A câmara secreta”, volume 2; “O prisioneiro de Azkaban”, volume 3; “O cálice de fogo”, volume 4; “A ordem de fênix”, volume 5; e “O enigma do príncipe”, volume 6.

Do ponto de vista semiótico, os romances dessa quinta categoria dos mais vendidos são narrativas cujos fins últimos são a busca de objetos-valores, mediados por objetos-modais, aproximando-se assim da estrutura dos contos maravilhosos. O nome “fantasia” com que designei essa categoria de livros é uma tradução do termo *fantasy* que a crítica literária tem atribuído ao gênero de narrativas inglesas que se reportam ao mundo encantado em interface com o mundo real. Existe nessas histórias um componente místico, as fadas em *As brumas de Avalon* e os bruxos em *Harry Potter e a pedra filosofal*, que manifestam comportamentos e valores diferentes dos seres humanos com os quais interagem nas histórias. Embora não tenha aparecido no levantamento dos livros mais vendidos por mim realizado, outro grande representante dessa categoria é *O senhor dos anéis*, de John Ronald Reuel Tolkien.

A sexta e última categoria dos livros mais vendidos no período de 1966 a 2004 chamarei “didatismo histórico-filosófico”. O caráter didático desses livros pode ser percebido pela maneira como é construído e pelo público ao qual se dirige. Diferentemente

de todos os outros elencados nas categorias anteriores, com exceção da série de Harry Potter, esses dois livros configuram um narratário mais infanto-juvenil que adulto, embora, conforme já apontei anteriormente, isso não se dê da mesma forma em relação a seu enunciatário, que inclui os adultos.

Os romances de Jostein Gaarder, (3), e Eduardo Bueno, (15), são apreendidos pelo público leitor como textos de aquisição de saber. A estrutura didático-expositiva de *O mundo de Sofia* parece tornar claros intrincados pressupostos filosóficos do mundo Ocidental. O efeito de sentido que causa no leitor é o de apreensão de conhecimento, embora muitas vezes banalize certos pontos de determinadas correntes de pensamento para garantir essa didaticidade. Já em *A viagem do descobrimento*, o efeito pretendido é o de questionar uma versão dos fatos da história brasileira para mostrar, por meio de documentos da época, os verdadeiros interesses e conhecimentos de Portugal para a descoberta do Brasil. Tornados livros obrigatórios em cursos de segundo grau de diferentes escolas, esses livros adquiriram status de literatura *cult*.

Tomando em consideração o levantamento geral dos livros mais vendidos no Brasil durante o período de 1966 a 2004, expresso na tabela 1, posso identificar que o leitor brasileiro contemporâneo busca nos livros que consome uma diversão ou um saber. A leitura como passatempo está refletida nas categorias de “humor”, de “fantasia” e de “ação e intriga”, que correspondem a quatro dentre os livros mais vendidos. A leitura como busca do saber distingue-se entre autoconhecimento, “misticismo e esoterismo”, “individualidade e sexualidade”, “mundo dos negócios” e “crenças”, os textos de “auto-ajuda”, perfazendo um total de treze livros, e conhecimento sobre algo ou alguém, que compreende as categorias de “memórias” e “didatismo filosófico-histórico”, em que estão classificados quatro livros.

O que merece, uma vez mais, atenção é o fato do predomínio dos livros de auto-ajuda nas listas dos mais vendidos durante o período de 1966 a 2004. Poder-se-ia pensar, inicialmente, que a tendência de consumo desse tipo de livro tem uma explicação mercadológica, na medida em que as editoras investem maciçamente nesse tipo de leitura, porque é utilizada uma linguagem mais simples no contato entre o enunciador e seu leitor, o que na terminologia de Jakobson (1975) significa o predomínio da função referencial e não da função poética, própria da chamada “alta” literatura, e porque, antes de pensar no prazer estético que uma obra possa oferecer para um público mais específico, leva-se em consideração o valor utilitário do livro.

Mas, é possível pensar, e acredito que essa seja uma explicação mais próxima da realidade, que o grande sucesso da literatura de auto-ajuda deve-se mais a uma questão social que verdadeiramente mercadológica. Na realidade, diria que esta é determinada por aquela, pois é exatamente porque o público leitor interessa-se por esse tipo de texto que o mercado editorial investe tanto nele. Essa é uma lei de mercado: quanto maior a procura maior é o valor do objeto, o que justifica, portanto, maiores investimentos.

A questão social a que me referi acima para explicar o sucesso dos livros de auto-ajuda diz respeito ao tipo de sociedade urbana própria do sistema capitalista do final do século XX e início do XXI. Num mundo em que os valores coletivos parecem cada vez mais suplantados pelos individuais passam a existir diferentes relações e necessidades. O leitor de auto-ajuda, portanto, consome esse tipo de literatura em busca de respostas para seus problemas individuais. Em verdade ela não é determinada pela ordem do desejo (querer-ser), mas sim pela ordem da necessidade (dever-ser ou não poder não ser). O isolamento em que estão colocados os sujeitos do mundo capitalista moderno faz com que ele se volte para si mesmo e, para compreender-se, busque em algum lugar as respostas para suas dúvidas. Essa, a meu ver, é a grande explicação para o crescimento da literatura de auto-ajuda atualmente.

Segundo Lipovetsky (2005a), o individualismo é uma característica de nossa sociedade pós-moderna, pois a nova versão do sistema econômico capitalista, baseada na grande quantidade de produtos para o consumo, faz com que o consumidor tenha constantemente que fazer escolhas. Portanto, segundo o autor,

É apenas nessa ampla continuidade democrática e individualista que se desenha a originalidade do momento pós-moderno, a saber, a predominância do individual sobre o universal, do psicológico sobre o ideológico, da comunicação sobre a politização, da diversidade sobre a homogeneidade, do permissivo sobre o coercitivo. (Lipovetsky, 2005a, p. 92)

Em contraposição à visão dos intelectuais da chamada Escola de Frankfurt, cujos maiores representantes foram Theodor Adorno e Max Horkheimer, Gilles Lipovetsky fará uma diferente leitura da sociedade contemporânea, mais otimista e menos catastrófica que a realizada pelos frankfurtianos, “que denunciavam a ‘indústria cultural’, a manipulação das massas pelo entretenimento, a diluição da arte e o poder devastador da mídia” (Lipovetsky, 2005a, p. x).

Para Lipovetsky (2005a) o mundo contemporâneo vive a era do vazio, entendido como era pós-moralista, na qual o conceito de sacrifício é substituído pelo prazer, a moral

de herança religiosa é desacreditada e a ética ganha diferentes contornos. Essa visão mais positiva da época contemporânea defendida pelo filósofo francês afirma que atualmente as sociedades opõem-se aos modelos democrático-disciplinares, universalista-rigoristas, ideológico-coercitivos das sociedades modernas, do final do século XIX e início do XX, dando origem a um processo de personalização.

Do ponto de vista semiótico, portanto, se entender a época contemporânea segundo a ótica de Lipovetsky (2005a) estarei afirmando que as listas dos livros mais lidos no Brasil de 1966 a 2000 refletem exatamente essa característica individualizante que ele afirma reconhecer em nossa sociedade atual. Se observo essas listas durante as diferentes décadas percebo que, enquanto nos anos de 1960 há uma valorização do coletivo, nos anos 2000 o que se privilegia é o individual. “Coletividade” e “individualidade” são os dois traços sêmicos a partir dos quais interpreto as listas dos livros mais vendidos. A tensão própria desses dois traços na constituição das relações de sentido que posso enxergar nas listas é marcada por uma duração em que a intensidade do caráter eufórico da coletividade nos anos 60 vai sendo desacelerado ao longo dos anos seguintes e passa a ser disfórico para que a euforia manifeste-se no outro sema, a individualidade, que ganha então o contorno euforizante.

A partir do reconhecimento dessas questões retomo a discussão sobre o gosto com que introduzi este capítulo para observar, uma vez mais, seu valor normativo. Porque as questões individuais constituem o horizonte de expectativa do homem urbano da sociedade contemporânea é que o interesse pela literatura de auto-ajuda e de passatempo passa a delinear suas escolhas. Ao final, a preocupação com o individual é um interesse coletivo e, por esse motivo configura a norma.

Sobre o gráfico 1 apresentado em anexo é preciso ainda fazer algumas considerações. Se observarmos os livros que aparecem nesse gráfico e na tabela 1 que o segue, verificamos que a maioria são livros das décadas de 1980 e 1990, principalmente, embora ainda apareçam alguns da década de 2000. Não estão classificados, porém, livros das décadas de 1960 e 1970, entre os mais vendidos durante o período de 1966 a 2004. Essa ocorrência tem duas explicações. A primeira deve-se ao fato de que, para chegar ao gráfico 1, não fiz uma classificação pela posição que os livros ocupavam na lista dos mais vendidos. Não tomei em conta quantas vezes um livro apareceu em primeiro lugar na lista, em segundo, em terceiro e assim sucessivamente. Registre apenas quantas vezes cada livro apareceu nas listas, independentemente da posição que nelas ocupou. A segunda

explicação diz respeito à rotatividade maior dos livros mais vendidos durante as décadas de 60 e 70 e a menor rotatividade deles nas décadas de 80, 90 e 2000.

Não seria pertinente pensar a questão do crescimento do público leitor ao longo dessas décadas porque, embora seja real, esse dado não se reflete no gráfico 1 e em nenhum dos outros gráficos. Se digo que as listas dos mais vendidos, conforme procurei mostrar no capítulo anterior, eram produzidas por *Leia* e pelo *Jornal do Brasil* a partir das informações que as livrarias de diversas capitais do país lhes passavam, a quantidade de livros vendidos era importante para colocá-lo na lista dos dez mais, mas mesmo que essa quantidade tenha aumentado de uma década para outra, não interferiu no levantamento de dados finais. Na verdade, o fator decisivo para a construção dos gráficos é o número de vezes que uma obra aparece nas listas dos livros mais vendidos e não a quantidade de livros vendidos.

Por esse motivo, pode-se perceber uma diferença entre as décadas no que se refere ao número de livros indicados nas listas. Logo que inicia a publicação das listas dos mais vendidos, em 17/09/1966, até o final da década de 60, o *Jornal do Brasil* apresenta uma relação de cinco livros nacionais e cinco estrangeiros mais vendidos. A partir de 30/01/1971 passa a publicar uma lista com dez livros nacionais (cinco de ficção e cinco de não-ficção) e dez estrangeiros mais vendidos (cinco de ficção e cinco de não-ficção), o que é mantido pelo jornal *Leia*, apenas com a diferença de que se desfaz a distinção entre ficção e não-ficção. Em 06/03/1993, após o desaparecimento do *Leia*, além dos dez livros de ficção e de não-ficção, o *Jornal do Brasil* começa a elencar os dez mais vendidos na categoria de “esoterismo e auto-ajuda”. Em função dessas flutuações, o número de registros dos mais vendidos ao longo do período da pesquisa não é sempre idêntico, apresentando-se da seguinte forma:

Década	Número de registros
1960	261
1970	1694
1980	2298
1990	2579
2000	1199

Para corrigir, portanto, possíveis distorções que as flutuações de registros possam apresentar no *corpus* da pesquisa, proponho examinar, no próximo capítulo, as preferências do leitor brasileiro ao longo dos 38 anos da pesquisa, por décadas. Assim será possível verificar semelhanças e/ou divergências na preferência do leitor brasileiro bem como observar se há confirmação da intensificação da leitura de auto-ajuda e, em sendo confirmado esse dado, examinar se as subcategorias tipológicas desses textos se mantêm inalteradas ou não.

Ao mesmo tempo em que me valerei da teoria semiótica para realizar esse movimento interpretativo, farei referência às perspectivas sociológicas de Lipovetsky (2005a), incluindo as de outros autores, como Lasch (1983) e Toffler (1993), para chegar a uma descrição mais aprofundada do perfil do leitor brasileiro no período de tempo em exame. Isso não significa, porém, não reconhecer que, do ponto de vista da manifestação, estarei realizando duas análises diferentes porque examinarei textos diferentes. O gráfico 1, cujos dados estão reconstituídos pela tabela 1, é um objeto de análise e a fusão dos dados apresentados pelos gráficos 2 a 6 consistirá um novo objeto para análise<sup>11</sup>. Mesmo correndo o risco de ser um tanto repetitivo e a leitura do trabalho mais cansativa opto por essa tarefa para tentar chegar a uma descrição mais detalhada do perfil do leitor brasileiros durante o período da pesquisa.

---

<sup>11</sup>. A tabela 2 corresponde exatamente ao levantamento de todos os livros que apareceram nos gráficos de 2 a 6, distribuídos em categorias e subgrupos de classificação.

## 4. Mudanças nas leituras do público brasileiro ao longo das últimas décadas: segunda abordagem

---

Alguns livros devem ser provados, outros engolidos e muito poucos devem ser mastigados e digeridos.  
(Francis Bacon)

Os livros já levaram mais de um à sabedoria e mais de um à loucura.  
(Plutarco)

Para observar como se altera ou como se mantém o perfil do leitor brasileiro dos últimos 38 anos é necessário, inicialmente, examinar os dados apontados nos gráficos de 2 a 6, em anexo, que registram, as preferências desse leitor ao longo das cinco últimas décadas. O primeiro resultado desse exame está expresso na tabela 2 que também aparece em anexo a este trabalho.

Na década de 1960, os livros mais vendidos distribuem-se em cinco diferentes categorias temáticas. Na primeira delas, a **temática social**, estão agrupados quatro livros preferidos pelo leitor brasileiro. O primeiro, *Quarup*, de Antonio Calado, é o livro mais lido pelo público brasileiro dos anos 60. Nessa mesma categoria aparecem ainda *O prisioneiro*, de Érico Veríssimo, *O desafio americano*, de Jean-Jacques Servan-Schreiber e *Crimes de guerra no Vietnã*, de Bertand Russell. Desses quatro livros de temática social, dois são romances, *Quarup* e *O prisioneiro*, e dois são ensaios, *O desafio americano* e *Crimes de guerra do Vietnã*, sendo que, do ponto de vista ideológico, o primeiro está mais à direita e o segundo, mais à esquerda.

Publicado em 1967, *Quarup* é o mais famoso romance de Antônio Callado. Guarda o clima de sua época e reconstrói a história de Nando, padre pernambucano que nutre o sonho de reconstituir as missões jesuíticas. Conhece Francisca e o noivo Levindo, dois jovens revolucionários que participam das Ligas Camponesas, e interessa-se pela causa social. De passagem pelo Rio, conhece pessoas ligadas ao Serviço de Proteção aos Índios. Parte para o Xingu, em época de conturbação política causada pelo atentado a Lacerda e marcada pelos últimos momentos do governo de Getúlio Vargas, chefe político que, naquela ocasião, era esperado para a inauguração do Parque do Xingu. Enquanto os índios



preparavam a grande festa dos mortos, o quarup, recebem a notícia do suicídio de Vargas. Passam-se os anos, Nando renuncia ao sacerdócio e passa a trabalhar com a alfabetização de camponeses, cujo movimento ganha força no governo de Miguel Arraes. Os principais momentos da política estão presentes, desde a queda de Goulart até a instauração da ditadura militar e a repressão aos militantes de esquerda.

Narrado em terceira pessoa, *O prisioneiro*, de Érico Veríssimo, encara os problemas da guerra. Segundo o autor, na apresentação do livro: “*O Prisioneiro* é uma espécie de parábola moderna sobre vários aspectos da estupidez humana, como, por exemplo, a guerra e o racismo, bem como um comentário à margem das muitas prisões do homem como peça da Engrenagem.”. Teríamos o direito de torturar e até matar uma pessoa para salvar hipoteticamente a vida de muitas outras? Esta é a questão básica tratada no romance de Veríssimo. Num tempo e num país indefinidos, um oficial tortura um terrorista a fim de que ele confesse onde colocou uma bomba que explodirá dali a algumas horas, destruindo várias vidas.

O livro de Servan-Schreiber, *O desafio americano*, parte de uma análise da situação industrial francesa e, por extensão, da Europa em relação à dos EUA. Segundo o autor, a economia privada europeia precisa modernizar-se para se comparar à norte-americana se não quiser sucumbir ao poder de Tio Sam. Para tanto, deve haver incremento da competitividade e investimento em educação, multiplicando-a e ampliando-a para poder lutar contra os gigantes da empresa privada norte-americana que invadem a Europa. Na introdução da edição brasileira, José Sette Câmara afirma que “a conclusão de Servan-Schreiber não é de desalento. É tempo para reagir e para enfrentar o desafio, que é muito mais o desafio dos tempos do que o desafio americano”. O livro defende a modernização e o incremento tecnológico da sociedade francesa.

Russell, em *Crimes de guerra do Vietnã*, apresenta um relato da violência da guerra do Vietnã (1964-1975). Fazendo uma recuperação do contexto sócio-histórico da sociedade vietnamita, inicialmente colonizada pelos franceses, que a exploram e reprimem todas suas tentativas de libertação, o autor vai mostrar como o exército norte-americano foi responsável pela barbárie e pela destruição em massa de seu povo e de sua história. No prefácio de seu livro, Russell afirma o seguinte:

“O fato fundamental que eu desejo demonstrar aqui é que os Estados Unidos são responsáveis pela guerra do Vietnã. Esta verdade elementar é essencial a uma mínima compreensão desta guerra cruel. Para entender a guerra, temos de entender a América, embora isto não signifique que ignoremos a história do povo

vietnamita. A cultura vietnamita é rica e vem de tempos antigos. Lendas orais perpetuam tradições heróicas, sobretudo as que mostram a repulsa anterior à China feudal. Mas o movimento da História, cada vez mais rápido, é tal, que o Vietnã atual está menos preso a sua herança primitiva que a sua situação no momento. Os últimos cem anos da vida nacional do Vietnã trouxeram-no ao cenário internacional. Para compreendermos o Vietnã e a agonia de sua luta, temos de vê-lo dentro da constelação de forças anticolonialistas que estão transformando o Terceiro Mundo e, menos dramaticamente, o próprio ocidente. Não se compreenderá o Vietnã, por mais profundamente que se investigue seu passado, se seu significado continuar a ser isolado. Foi a América que deu ao Vietnã um significado internacional.” (p. 2)

Os quatro livros presentes na categoria da temática social abordam questões contemporâneas à década de 60. Os dois romances remetem à história recente do Brasil, ao enfocarem a violência do golpe militar de 64 e a situação social do país que precede ao golpe. Os dois ensaios tratam de problemas internacionais que se referem diretamente aos EUA: a longa guerra do Vietnã, que terminaria apenas na metade da década de 70, e a invasão do capital industrial norte-americano na Europa com conseqüente ameaça às economias dos países daquele continente, cuja resposta, na década de 90, seria a criação do Mercado Comum Europeu.

A segunda categoria temática dos livros mais vendidos na década de 60 é o **humor**. *Festival de besteira que assola o país*, de Stanislaw Ponte Preta e *O homem ao zero*, de Leon Eliachar são livros que, por meio da sátira e do deboche, fazem críticas a questões do cotidiano brasileiro, incluindo o cenário político da época. O livro de Stanislaw Ponte Preta é uma coleção de crônicas em que o narrador das histórias comenta o que chama de besteiras que acontecem em diferentes setores da sociedade brasileira. O volume é dividido em duas partes. Na primeira só aparecem histórias ou comentários a respeito de situações absurdas envolvendo a política ou os políticos do regime militar, que havia então sido instaurado no país. Na segunda parte, há críticas a diferentes situações como, por exemplo, na crônica “O antológico Lalau” (p. 53-5), em que o narrador assume a condição actorial de autor e conta o que um livro didático fez com um texto que ele havia publicado. O livro de Eliachar faz um humor mais leve, por meio de crônicas, frases, charges e desenhos. Como exemplo de frase chamadas de “verdades inadiáveis” destacam-se as seguintes: “O cigarro não provoca câncer. O câncer é que vive provocando o cigarro.” (p. 73); De “anúncios modernos”: TROCA-SE um rádio de pilha por uma pilha de livros sobre como consertar um rádio de pilha.” (p. 93).

Na terceira categoria temática, que chamei **memória**, aparecem três livros. Distintamente dos livros das duas categorias anteriores, eles se distanciam totalmente da

questão social e passam a focalizar problemáticas mais particulares, o que é próprio do gênero memória, aproximando-se muito da questão da individualidade anteriormente referida. O primeiro deles, *Sexus*, de Henry Miller, é o primeiro volume de uma trilogia do autor intitulada “A crucificação encarnada”, que compreende três livros: *Sexus*, *Plexus* e *Nexus*. Trata-se de uma autobiografia em que o narrador conta suas experiências com as mulheres, em que o componente erótico é fortemente marcado.

Para se ter uma idéia do caráter erótico da narrativa, na primeira parte da história o narrador encontra Mara, uma mulher de programas por quem sente uma arrebatadora paixão, cujo ponto culminante é a descrição da relação sexual entre os dois num táxi:

“(…) Embarcamos num táxi e, enquanto ele circulava, Mara impulsivamente trepou por cima de mim e me abriu as pernas. Entregamo-nos a uma foda cega, com o táxi guinando e descaindo, nossos dentes batendo, as línguas mordidas, e o suco fluindo dela como sopa quente. Quando passávamos por uma praça aberta no outro lado do rio, precisamente ao romper do dia, capturei o olhar espantado de um policial enquanto trafegávamos velozmente. (...) Agarrou-se a mim como uma sanguessuga, sacudindo sua bunda escorregadia num frenesi de abandono. Senti o sumo quente escorrendo-me através dos dedos. Tinha todos os quatro dedos enfiados em sua xoxota, agitando o musgo líquido que vibrava com espasmos elétricos. Teve dois ou três orgasmos e então caiu para trás, exausta, sorrindo fracamente para mim como um corça acuada.”(p. 13-4)

A narrativa fala de um *eu* que quer escrever, que quer ser escritor, para construir a autobiografia de Henry Miller. Suas experiências são delírios sexuais, mistura de prazer, marginalidade, sujeira e loucuras; seu lema é *carpe diem*. Durante a década de 60, esse é o segundo livro na lista dos mais vendidos.

O segundo livro da categoria temática de memória aparece em terceiro entre os mais vendidos dos anos 60. Trata-se de *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos. Autor de grande sucesso nessa década, com vários livros bastante consumidos pelo público brasileiro, em *Meu pé de laranja lima* conta a história de Zezé, um menino de seis anos que vive suas peripécias com amigos e descobre a vida. A narrativa é em primeira pessoa e o narrador é o próprio menino. O tom da narrativa é de um “romantismo/lirismo”, em que se destaca a pureza de Zezé. No último capítulo esse narrador em primeira pessoa já é um adulto e não mais o Zezé da história, tem 48 anos e se dirige ao amigo de infância, “Portuga”, para dizer que as experiências por que passou na vida fizeram-no aprender a verdade muito cedo. Ele termina despedindo-se do amigo, dizendo “adeus!”.

Conforme diz a apresentação na contra-capá do livro:

O leitor vai se encontrar com a história comovente do menino Zezé, de seis anos, garoto pobre, inteligente, sensível e carente. Carente de um afeto que não encontra na família, o endiabrado garoto sai pelas ruas fazendo mil travessuras.

Aprende tudo sozinho, é o ‘descobridor das coisas’. Descobre a ternura e o carinho no amigo ‘Portuga’. Inventava para si um mundo de fantasia em que o grande confidente é o Xururuca, o pé de Laranja Lima. Mas a vida lhe ensina tudo cedo demais, e Zezé descobre a dor e a saudade. “Por que contam coisas às crianças?”.

Enquanto o enfoque da narrativa memorialista de Henry Miller é a sexualidade, no livro de José Mauro as lembranças relatadas enfatizam as descobertas pessoais do narrador.

O terceiro livro dessa mesma categoria é *O lobo da estepe*, de Herman Hesse, que se organiza em três partes: “Prefácio do editor”, “Anotações de Harry Haller” e “Tratado do lobo da estepe”. Na primeira um *eu* conta como conheceu, na casa de sua tia, um homem de meia idade que se considerava um lobo da estepe e diz que vai reproduzir um “livreto de feira” deixado por Harry antes de partir definitivamente da casa de sua tia, intitulado “Tratado do Lobo da Estepe. Somente para os raros”. Essa narrativa, em terceira pessoa, é um retrato da própria vida de Harry, motivo pelo qual a inclui na categoria de memória, e conta suas angústias e o sentido de sua vida. Seu tom é intimista e inicia-se da seguinte maneira:

Era uma vez um certo Harry, chamado o Lobo da Estepe. Andava sobre duas pernas, usava roupas e era um homem, mas não obstante era também um lobo das estepes. Havia aprendido uma boa parte de tudo quanto as pessoas de bom entendimento podem aprender, e era bastante ponderado. O que não havia aprendido, entretanto, era o seguinte: estar contente consigo e com sua própria vida. Era incapaz disso, daí ser um homem descontente. Isso provinha, decerto, do fato de que, no fundo de seu coração, sabia sempre (ou julgava saber) que não era realmente um homem e sim um lobo das estepes. As pessoas argutas poderão discutir a propósito de ser ele realmente um lobo, de ter sido transformado, talvez antes de seu nascimento, de lobo em ser humano, ou de ter nascido homem, porém dotado de alma de lobo ou por ela dominado; ou, finalmente, indagar se essa crença de que ele era um lobo não passava de um produto de sua imaginação ou de um estado patológico. É admissível, por exemplo, que em sua infância, fosse rebelde, desobediente e anárquico, o que teria levado seus educadores a tentar combater a fera que havia nele, dando ensejo assim a que se formasse em sua imaginação a idéia e a crença de que era, realmente, um animal selvagem, coberto apenas com um tênue verniz de civilização. A esse propósito poder-se-iam tecer longas considerações e até mesmo escrever livros; mas isso de nada valeria ao Lobo da Estepe, pois para ele era indiferente saber se o lobo se havia introduzido nele por encantamento, à força de pancada ou se era apenas uma fantasia de seu espírito. O que os outros pudessem pensar a este respeito ou até mesmo o que ele próprio pudesse pensar, em nada afetaria, nem conseguiria afetar o lobo que morava em seu interior. (p. 46-7)

A quarta e última categoria temática em que dividi os livros mais vendidos dos anos 60 é a que intitulei **ação e intriga**. Nela aparecem dois clássicos *best-sellers* de autores norte-americanos. O primeiro, *Aeroporto*, de Arthur Halley, é uma narrativa em terceira pessoa sobre os terríveis acontecimentos que envolvem o transporte aéreo de um aeroporto fictício dos EUA. Sob uma intensa tempestade de neve, o Aeroporto Internacional Lincoln enfrenta as situações mais desesperadoras, dentre elas um vôo que deve partir para Roma carregando a bordo um passageiro com um mecanismo explosivo na bagagem de mão. O segundo, do mesmo autor, é o romance *O primeiro-ministro*, que conta a história violenta e arrebatadora de uma crise internacional que tem como personagem central a figura de James McCallum Howden, o Primeiro-Ministro do Canadá.

Se se observam, portanto, os livros mais lidos na década de 60, percebe-se que o leitor brasileiro tem interesse pela questão social, o que pode ser constatado nas escolhas de livros que tratam de problemas político-econômicos da realidade brasileira e internacional da época. Por outro lado, lê uma literatura mais descompromissada o que pode ser constatado nas escolhas dos livros das temáticas de ação/intriga e humor, embora no caso deste último, um dos livros não deixe de abordar satiricamente fatos da situação socio-política brasileira, como acontece com *Festival de besteiras que assola o país*.

A tendência ao traço de individualidade, que crescerá nas décadas seguintes e que desembocará nos livros de auto-ajuda, já pode ser apontado na escolha de dois dos livros da temática de memória, conforme apontei anteriormente. Tanto a história de Hesse como a de Miller tocam em questões para as quais os leitores parecem buscar respostas: na primeira a solidão, o isolamento; na segunda a contraposição à repressão sexual.

A questão da sexualidade, explorada por Henry Miller, conforme já fiz referência anteriormente é uma constante nas preferências de leitura do leitor brasileiro ao longo de todo o período em que se baseia este trabalho. O tom da narrativa do romance de Miller parece refletir o espírito dos anos 60 que é o da liberação sexual, motivo pelo qual sua narrativa explora o erotismo com descrições de cenas de ato sexual, como se pôde ter uma idéia por meio do trecho do romance reproduzido mais acima. Vários outros livros, até 2004, também abordarão a questão da sexualidade, sob diferentes perspectivas, chegando até, como se verá mais adiante, ao didatismo do sexo.

Na década de 1970 destaco também cinco grandes temáticas para classificar as preferências do leitor brasileiro, embora não sejam exatamente as mesmas da década de 1960.

Na primeira delas, a **temática social**, três são os livros mais lidos. O primeiro deles, *Incidente em Antares*, está no topo da lista. Narrado em terceira pessoa, o romance de Érico Veríssimo conta as lutas políticas travadas entre os trabalhadores e a oligarquia em uma cidade do sul brasileiro chamada Antares. O incidente a que se refere o título diz respeito à revolta de sete mortos da cidade que, em função de uma greve dos coveiros do cemitério, durante uma campanha de reivindicação salarial, ficam insepultos e, revoltados por causa dessa condição, invadem a cidade e começam a reclamar o direito de serem dignamente enterrados. O movimento é desencadeado pela defunta D. Quitéria Campolargo, matriarca de uma família influente da cidade. Na condição de mortos, eles não têm mais por que guardar as convenções sociais e, durante esse processo de reivindicação, passam a revelar a verdade nua e crua de todas as pessoas vivas. Nesse sentido a crítica social é instalada em razão do desmascaramento das atitudes dos seres humanos vivos e dos donos do poder político da cidade.

Em oitavo lugar na preferência do público leitor está o romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, o segundo livro da categoria de temática social. A presença desse livro entre os mais vendidos da década de 70 não se deve a uma razão muito clara. O que um romance da década de 30 (sua primeira edição é de 1939), considerado um dos cânones da literatura brasileira estaria fazendo entre os mais vendidos da década de 70? Para tentar obter uma resposta a essa pergunta, voltei a examinar o material do *corpus* da pesquisa. O que pude constatar é que *Vidas secas* aparece, pela primeira vez, em nono lugar entre os mais vendidos na lista de 30 de janeiro de 1971, do *Jornal do Brasil*. Essa é a data em que o jornal muda a configuração de seu suplemento destinado ao livro. Em dezembro de 1969 sai o número 41 do “Suplemento do Livro”, o último publicado pelo *JB*. Somente um ano depois, exatamente no dia 30 de janeiro de 1971, reaparece esse caderno no jornal com um novo nome, “Livro”, cuja numeração inicia-se com 1.

*Vidas secas* permanece entre os mais vendidos dessa década durante todo o ano de 1971. Do nono lugar em 30 de janeiro, passa para o terceiro lugar em 24 de abril, depois sobe para o segundo e nos meses de setembro e outubro aparece em primeiro lugar na preferência dos leitores brasileiros na categoria de ficção nacional. Nos três meses seguintes cai para segundo, terceiro e quarto lugares, desaparecendo completamente da lista. No jornal paulista, *Leia*, não há nenhum registro do livro de Graciliano entre suas listas dos mais vendidos.

Examinei ainda os cadernos do *JB* desse período em busca de alguma pista que me apresentasse uma resposta para a presença de *Vidas secas* nas listas dos mais vendidos.

Nenhuma referência a um fato específico que pudesse induzir o público brasileiro a, de repente, demonstrar interesse pelo livro foi encontrado, como, por exemplo, aconteceu com *Grande sertão, veredas*, quando a Rede Globo passou a minissérie baseada no romance de Guimarães Rosa, o que colocou o livro na lista dos mais vendidos por alguns meses.

Os únicos indícios que poderiam ser supostamente uma explicação para esse fato são duas reportagens do suplemento “Livro” do *Jornal do Brasil*. A primeira, exatamente do dia 30 de janeiro de 1971, intitulada “Nunca se editou tanto no país e jamais se leu como agora”, com o subtítulo “Pesquisa revela que todo mês 20 novas editoras são criadas”. Nessa reportagem o jornal discute o crescimento do mercado editorial brasileiro com o lançamento de diversas obras e reedição de obras da literatura nacional e estrangeira.

No número 4 do suplemento “Livro”, de 25 de abril de 1971 aparece uma matéria assinada por Remy Gorga Filho, intitulada “Tema brasileiro, o aparecimento de um novo leitor de realidades”, que discute a preferência do público leitor brasileiro pelos livros que tratam de questões da realidade do Brasil. O articulista chega a dizer que esse era um tema da moda, ao relatar que grande parte do que era lançado no mercado brasileiro do livro eram obras de não ficção que abordavam problemas nacionais, ao mesmo tempo que reconhece a presença de obras de ficção em torno da mesma questão.

Embora esses possam ser, supostamente, alguns indícios do interesse do leitor brasileiro por *Vidas secas*, não são uma resposta muito evidente para o fato. Resta, portanto, aceitar o que a lista dos mais vendidos apresenta.

O terceiro livro dessa categoria de preferências do leitor dos anos 70 não é um romance como os dois anteriores, mas o ensaio crítico-histórico de Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina*. Em seu livro o autor quebra a cronologia linear da historiografia oficial para desnudar o saque ao continente que persiste desde o descobrimento. Analisando os mecanismos de poder, os modos de produção e os sistemas de expropriação, Eduardo Galeano reescreve a história da América Latina e expõe os quinhentos anos de exploração econômica e de miséria social.

A segunda categoria dos livros mais lidos em 70 inaugura a rubrica de **auto-ajuda** e nela aparecem três nomes. Como a auto-ajuda compreende diferentes temáticas, nomeei cada uma delas seguindo as mesmas denominações anteriormente utilizadas, sempre que possível, ao me referir aos livros indicados nas listas.

A primeira temática denominei “esoterismo” e o livro que nela aparece é *O profeta*, de Khalil Gibran. Esse livro é considerado por seus admiradores uma prosa poética que

trata de temas esotéricos. Um profeta despede-se do povo de Orphalese após doze anos de convivência e, antes da partida, compartilha sua sabedoria, tratando de temas como o amor, a liberdade e a morte. São diferentes atores que questionam o profeta sobre diferentes questões: Altamira, a vidente, pede para que fale sobre o amor e o matrimônio; uma mãe, sobre os filhos; um homem rico, sobre a dádiva; um velho estalajadeiro, sobre a comida e a bebida; um lavrador, sobre o trabalho; uma mulher, sobre a alegria e a tristeza; um pedreiro, sobre as habitações; um tecelão, sobre as roupas; um comerciante, sobre as compras e as vendas; um juiz, sobre o crime e o castigo; um advogado, sobre as leis; um tribuno, sobre a liberdade; uma sacerdotisa, sobre a razão e a paixão; uma mulher, sobre a dor; um homem, sobre o conhecimento de si próprio; um professor, sobre o ensino; um adolescente, sobre a amizade; um literato, sobre a conversação; um astrônomo, sobre o tempo; um ancião, sobre o bem e o mal; uma sacerdotisa, sobre a prece; um ermitão, sobre o prazer; um poeta, sobre a beleza; um velho sacerdote, sobre a religião; Altamira, novamente, sobre a morte. Reproduzo abaixo, para que se possa ter uma idéia de como seu discurso se organiza, um trecho do livro que trata sobre o amor:

Então, Almitra disse: “Fala-nos do Amor”.

E ele ergueu a fronte e olhou para a multidão, e um silêncio caiu sobre todos, e com uma voz forte, ele disse:

“Quando o amor vos chamar, segui-o,

Embora seus caminhos sejam agrestes e escarpados;

E quando ele vos envolver com suas asas, cedei-lhe,

Embora a espada oculta na sua plumagem possa ferir-vos;

E quando ele vos falar, acreditai nele,

Embora sua voz possa despedaçar vossos sonhos como o vento devasta o jardim.

Pois, da mesma forma que o amor vos coroa, assim ele vos crucifica. E da mesma forma que ele contribui para vosso crescimento, trabalha para vossa poda.

E da mesma forma que ele sobe à vossa altura e acarícia vossos ramos mais tenros que se embalam ao sol,

Assim também desce até vossas raízes e as sacode no seu apego à terra.

Como feixes de trigo, ele vos aperta junto ao seu coração.

Ele vos debulha para expor a vossa nudez.

Ele vos peneira para libertar-vos das palhas.

Ele vos mói até a extrema brancura.

Então, ele vos leva ao fogo sagrado e vos transforma no pão místico do banquete divino.

Todas essas coisas, o amor operará em vós para que conheçais os segredos de vossos corações e, com esse conhecimento, vos convertais no pão místico do banquete divino.” (p. 9-10)

O que se pode perceber no discurso de Gibran é uma forte presença do traço religioso. De origem libanesa, aos 11 anos emigra para os EUA e mais tarde torna-se um



dos escritores que mais lutou pela difusão da cultura árabe na América do Norte. Portanto, a religiosidade de seu discurso parece conservar os traços de sua cultura. Ao mesmo tempo pode-se pensar que Gibran é um precursor do Paulo Coelho brasileiro, que aparecerá anos mais tarde.

O livro de Néelson Senise, *Pare de engordar*, é o representante da segunda temática presente entre os livros da categoria de auto-ajuda. Esse livro inaugura um tema recorrente ao longo das décadas seguintes, uma vez que a preocupação com os hábitos alimentares como forma de preservação da saúde física e a questão da estética corporal serão características do crescimento do individualismo na sociedade capitalista contemporânea, conforme aponta Lipovetsky (2005a).

Apresentado como um médico da Clínica Pio XII, acostumado a tratar de vários casos de obesidade, Nelson Senise propõe discutir o tema. Começa por mostrar uma visão panorâmica da questão, partindo do conceito de beleza, que em alguns momentos da civilização consagrou a gordura como ideal estético, até a era contemporânea, em que a preocupação da medicina deixa de se concentrar apenas nos gordos para estender-se, paradoxalmente, aos que “cometem a temeridade de fazer regimes de emagrecimento por conta própria”. Seu saber é referendado pelo conhecimento científico e prático do problema. O livro inicia-se da seguinte forma:

Este livro não se destina à classe média. É fruto de observações que talvez possam servir de subsídios para um estudo mais profundo por parte de psiquiatras e analistas. O interesse em divulgá-las para o público leigo é colocá-las ao alcance daqueles que necessitam de melhor orientação médica. (p. 13)

Os diferentes capítulos do livro, cada um dos quais com três ou quatro páginas (apenas dois com sete páginas), têm os seguintes títulos: O ideal da beleza e o equilíbrio do peso; O valor mágico e simbólico do alimento; Todo gordo é um mentiroso; Ninguém é obeso porque tem pai gordo; Há gordos fabricados na infância – Bebê-orgulho, problema no futuro; Comer demais também é contestação; A concorrência pouco leal dos leigos; Frigidez e impotência entre obesos; A fuga do sexo; A obesidade pela frustração sexual; Cada um tem a dieta que merece; A “felicidade” em rápidas lições; Com licença do dr. Sigmund Freud; A consciência do problema em todas as classes; Psicocibernética, a ciência do autoconhecimento; A auto-imagem, um roteiro de vida; O drama do gordo que consegue ser magro; As barreiras que impedem o diálogo; Uma gota de adoçante num banquete; As pílulas produtoras de faquires; Os gordos morrem cada vez mais cedo; O

temor da balança que não mente; No auge do orgasmo alimentar; Antagonismo entre fumo e obesidade; Emagrecimento como forma de suicídio; Um hiato de ternura para as gordinhas; O orgulho de ser gordo; Máquinas de emagrecimento; As soluções únicas para os obesos.

O capítulo “Antagonismo entre fumo e obesidade”, por exemplo, após uma argumentação sobre a falsa idéia de que a pessoa que pára de fumar necessariamente engorda, termina com o seguinte parágrafo:

Deixar de fumar para sufocar-se na obesidade não seria jamais a solução recomendável, como igualmente não se recomendaria a troca de gordura excessiva pelo cigarro. Numa ou noutra situação, o indivíduo deve compreender que, em última instância, toda e qualquer decisão dependerá de si próprio. Seu comportamento será condicionado ao seu equilíbrio psíquico. (p. 105)

A terceira temática da auto-ajuda de certa maneira já começa a aparecer na década de 60, com o livro *Sexo*, de Henry Miller, que está classificado na categoria de memória, porque sua configuração não é própria do texto de auto-ajuda e porque a questão do relato do passado do sujeito enunciador é central no livro. Essa terceira temática a que me refiro, portanto, é a da “sexualidade”. Diferentemente, porém, do livro de Miller, *O homem sensual*, de M não tem um autor nomeado<sup>12</sup> e não faz uma apologia da liberação sexual; é antes um manual de instruções com o objetivo de tornar seu leitor, um homem, um amante ardente, elegante, sensual, que deseja aprimorar-se nas artes e nas técnicas do amor. As considerações que o livro apresenta sobre o relacionamento entre um homem e uma mulher, porém, são marcadas, muitas vezes, por preconceitos e pontos de vista estereotipados. Há um capítulo, por exemplo, em que o narrador propõe ensinar a seu narratário como “dar uma cantada” numa mulher para seduzi-la com o objetivo de levá-la para a cama.

A terceira categoria dos livros mais lidos em 70 é a de **memória**, tal como foi apontado na década anterior. Reaparece aí o romance de José Mauro de Vasconcelos, *Meu pé de laranja lima*, desta vez em último lugar na preferência dos leitores brasileiros, e *Solo de clarineta*, de Érico Veríssimo que apresenta uma retrospectiva da vida e das obras do escritor gaúcho.

**Especulação científica** é o nome que me pareceu mais adequado para designar a quarta categoria dos livros mais lidos dessa década, aparecendo em segundo lugar na

---

<sup>12</sup>. Todas as referências ao livro *O homem sensual* apresentam seu autor simplesmente denominado como M. Em nenhum registro, porém, pude identificar o que significa essa letra.

preferência do público leitor, e que corresponde a *Eram os deuses astronautas?*, de Erich von Däniken. Em seu livro, o autor procura provar a existência de outros seres inteligentes no universo, e através de achados arqueológicos, monumentos antigos, mapas e marcas intrigantes em solos rochosos, propõe que extraterrestres tenham trazidos grandes conhecimentos aos povos que existiram desde há anos no planeta.

Entre os livros mais lidos na quinta e última categoria dos mais vendidos na década de 1970, a de **ação e intriga**, estão elencados novamente três clássicos dos *best-sellers* norte-americanos. *O exorcista*, de William Peter Blatty, é o terceiro livro na preferência do leitor brasileiro dessa década. Sua narrativa aborda fatos estranhos que acontecem nos Estados Unidos da América. Atingida por uma doença que os melhores especialistas não conseguem descobrir, uma criança, possuída por um espírito maligno, caminha para a morte, semeando a destruição à sua volta, ao mesmo tempo que se vai apagando numa agonia atroz. A imagem do mal que toma posse da menina identifica-se com a idéia do demônio, que tem uma grande força e sobrevive mesmo depois que abandona o corpo da garota. O final do romance é disfórico uma vez que mostra a impotência do homem diante de uma força superior maligna que sobrevive mesmo que se contraponha a ela uma fé num Deus benigno e justo, como o representado pela Igreja Católica.

Numa reconstrução do mundo dos mafiosos, que imortalizou o personagem Don Corleone, *O chefão*, de Mario Puzo, leva o leitor ao próprio coração da Máfia, revelando toda a violência, chantagem, terror e degradação que a caracterizam. Don Corleone é um dos cabeças da Máfia nova-iorquina, pessoa benevolente que obedece a um critério de justiça muito pessoal. Ele pode ser um amigo pródigo, mas se torna implacável na eliminação de obstáculos que contrariem seus objetivos. Movimentando personagens num mundo de violência, negócios, ódio e sexo, Mario Puzo consagrou-se com este livro que foi levado ao cinema com o mesmo sucesso.

O cenário do romance *Automóvel*, de Arthur Halley, narrativa em terceira pessoa, é a cidade de Detroit, considerada a cidade dos automóveis nos EUA. Todo o mundo secreto da indústria automobilística é revelado: os segredos das grandes fábricas, os segredos das pistas de provas, o que acontece nos estúdios onde são criados, sob impressionante sigilo, os modelos que as pessoas dirigirão. Na realidade ele se parece com um roteiro de cinema, pois a trama é contada por meio da introdução constante de falas das mais diversas personagens. Há, portanto, um predomínio do discurso direto para a reprodução dos intermináveis diálogos ali reproduzidos.

O narrador propõe contar ao leitor a verdade sobre a competição entre as marcas, cujo mercado consumidor é dividido pelos fabricantes. Pretende revelar também o que acontece nos escritórios dos altos funcionários, nas salas de jogo maiores que as de Las Vegas e onde as apostas são muito mais altas, a conquista da imprensa, a luta pela melhor e maior campanha publicitária, o pânico causado pelos jornalistas que desafiam os gigantes da sociedade de consumo, denunciando a insegurança dos automóveis. A história narra a corrupção, os golpes inescrupulosos para a conquista de maior influência e poder dentro das fábricas. Os acordos desonestos que podem matar os futuros motoristas comuns, como são as corridas e quem são os grandes corredores dos “Grand Prix”, qual é a influência da Máfia – a *Cosa Nostra* – na indústria automobilística, o conflito racial e a luta dos sindicatos.

Sua trama mostra ainda quem são os homens e as mulheres do mundo automobilístico e com o que estão envolvidos: a história de um diretor ambicioso cuja amante é o próximo carro a sair das pranchetas de desenho; a história de uma esposa desprezada cuja vingança vai além do adultério; a dos gerentes industriais, a dos revendedores de automóveis, a dos altos funcionários e também dos operários que passam as suas vidas esmagados pelo barulho ensurdecedor das linhas de montagem, as selvas da violência e do desespero.

Se observarmos, portanto, as preferências do leitor brasileiro na década de 70, perceberemos que delas fazem parte obras que abordam as questões sociais, o que se constata em três dos doze livros mais lidos. Por outro lado, se pensarmos na leitura não comprometida com a realidade social, qual seja, aquela que aborda questões mais leves, menos engajadas, seis são as obras do *ranking* das mais vendidas que se encaixam nesse perfil, as de memórias, de especulação científica e de ação e intriga. Dentre elas, destacaria apenas *Solo de clarineta*, de Érico Veríssimo, e *Eram os deuses astronautas?*, de Erich von Däniken, que adquiriram, na época, um *status* mais *cult* que as demais das categorias elencadas.

É, porém, a segunda categoria dos livros mais lidos, os de auto-ajuda, já presente nessa década, que irá registrar uma preferência acentuada entre os leitores brasileiros. As escolhas desse tipo de literatura marcam uma quebra dos valores coletivos que impulsionaram os movimentos de resistência à ditadura militar no Brasil. Diante de um mercado que lhe oferece uma crescente possibilidade de consumo, o leitor brasileiro irá escolher os livros-mercadoria que tenham um valor mais utilitário. Ora tratando de problemas mais pessoais como a própria sexualidade humana, ora em busca de uma visão

mais esotérica para os fatos do cotidiano, ora preocupando-se com a estética e a saúde de seu próprio corpo o leitor entra em contato com os livros que lhe apontam, conforme nos trechos acima destacados de Khalil Gibran e Néelson Senise, um centramento no “eu”, na medida em que essas obras reforçam a idéia de que cada sujeito é responsável por tudo o que lhe acontece, que tudo é uma decorrência de sua escolha.

Esse crescimento dos valores individualistas mantém relação ainda com uma valorização, cada vez maior, na época contemporânea, do irracionalismo, que defende a perspectiva de que a capacidade humana para apreender a realidade é maior quando supera os limites do racional. A negação da racionalidade exclui em geral o campo das ciências naturais e matemáticas, bem como o da indústria e da técnica, para concentrar-se no das realidades propriamente humanas, sociais e históricas. O termo irracionalismo designa uma corrente de pensamento muito difundida no final do século XIX e início do século XX, principalmente entre os filósofos europeus. Com raízes na metafísica, o irracionalismo enfatiza o papel do instinto, do sentimento e da vontade, em oposição à razão. Para a ontologia, implica que o mundo não tem estrutura racional, sentido ou propósito; para a epistemologia, que a razão é incapaz de apreender o universo sem distorções; para a antropologia, que o componente irracional é dominante na natureza humana.

Segundo a leitura que faço do perfil do leitor brasileiro contemporâneo, é de que ele se constitui, além da oposição entre os traços “coletividade” e “individualidade”, portanto, também pela oposição entre os traços “racionalidade” e “irracionalidade”. O crescimento da categoria de auto-ajuda é um reflexo dessa perspectiva de que o mundo não pode ser explicado segundo a ótica racional, que existem respostas às questões humanas em outras esferas que não podem ser apreendidas pela racionalidade. Mas examinemos as listas dos mais vendidos das próximas décadas para perceber em que medida esse perfil do leitor mais individualista e irracionalista vai se configurando.

Durante a década de 1980, os livros mais lidos pelo leitor brasileiro distribuem-se, tendo em vista as diferentes categorias, de forma semelhante aos da década anterior. A categoria da **temática social** desaparece da lista, pois nenhum dentre os principais livros mais vendidos dessa época nela se encaixa.

Três livros aparecem na categoria de **memória**. O primeiro deles, que está em terceiro lugar na preferência do leitor dos anos 80 é *Olga*, de Fernando Moraes, cuja temática e perspectiva discursiva já foi apresentada no capítulo anterior. Conforme também já foi dito, esse é o romance que mais se aproxima da temática social.

O segundo livro de memória é *Eu, Cristiane F., 13 anos, drogada e prostituída*, escrito por K. Herman e H. Rieck a partir dos depoimentos de Cristiane. A obra em questão originou-se do próprio interesse de Cristiane F. em romper o silêncio sobre a questão dos tóxicos entre os adolescentes. O livro tem início com o texto do processo (Berlim, 1978) em que Cristiane, colegial, menor de idade, é acusada de consumir, de maneira contínua, substâncias e misturas químicas proibidas por lei. Foi acusada também de ter-se entregado à prostituição, com o propósito de juntar dinheiro para a compra de drogas. Após tudo isso, sua família se desestruturou; o pai ficou desempregado, a mãe pediu o divórcio, e o inferno instalou-se no seio da família. Cristiane era surrada constantemente e por seu lar ter-se transformado num ambiente hostil, abandonou sua casa e passou a viver nas ruas. O livro intercala o depoimento de Cristiane com o de sua mãe, de policiais que tiveram contato com a menina e de psicólogos.

O segundo livro a aparecer na categoria de memória é *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva. A partir do acidente que o deixou tetraplégico, ao mergulhar de cabeça em um espelho d'água, Marcelo vê sua vida mudar radicalmente. Seus dias no hospital, as visitas que recebeu, as histórias que viveu são relatadas sob uma nova perspectiva: a de um jovem que sempre fez tudo o que queria, e que, a partir daquele acidente, sentado em uma cadeira de rodas, via-se impotente diante dos acontecimentos, dependendo da ajuda de amigos e familiares para reaprender a viver. A questão da repressão aos dissidentes do regime de governo instaurado pelo golpe militar de 1964 no Brasil, tendo em vista a participação de seus pais, divide espaço na trama da história com o drama individual vivido por Marcelo.

Embora não se enquadrem exatamente na categoria de auto-ajuda, esses dois últimos livros classificados como memórias tratam da reaprendizagem de duas pessoas que passaram por uma situação limite. Cristiane quase morre em decorrência de seu envolvimento com as drogas e Marcelo parece condenado à vida vegetativa. Suas histórias, porém, podem ser identificadas como exemplos de pessoas que, pela força da autodeterminação para a superação das dificuldades, conseguem se recuperar e voltar à “normalidade”. Acredito que esses dois livros sejam uma espécie de passagem entre a crônica memorialista e as obras de auto-ajuda. Em verdade, o próprio termo memória já remete ao traço da individualidade aqui apontado como determinante para o crescimento da literatura de auto-ajuda.

A terceira categoria em que classifico os livros mais vendidos na década de 80 é a que chamei **fantasia**. Trata-se do segundo livro mais lido ao longo dos anos 80, *As brumas*

*de Avalon*, da autora norte-americana Marion Zimmer Bradley, a que já me referi no capítulo anterior. Uma vez mais, embora não se trate de livro de auto-ajuda, a saga de Avalon é representante do estilo *fantasy* das narrativas místicas que, nos anos 2000, será fortemente reanimada pela série Harry Potter da inglesa J. K. Rowling. O misticismo, de sua raiz *mist-*, do grego, tem o sentido de “iniciação nos mistérios”, é uma tendência que se identifica com a literatura de auto-ajuda que aparecerá nas décadas seguintes.

A quarta categoria dos livros mais procurados pelo leitor brasileiro dos anos 80 é a que intitula de **realismo ficcional**. Embora soe um tanto contraditória a aproximação entre os termos “realismo” e “ficção”, a característica que parece marcar os livros incluídos nessa categoria é a construção de uma realidade paralela ao mundo real, com traços do estilo do realismo maravilhoso. Nessa categoria aparece *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel Garcia Márquez.

O romance de Garcia Márquez narra, em terceira pessoa, a história de amor de Florentino Ariza por Fermina Daza em consequência de um breve encontro entre os dois. Pouco tempo depois desse encontro Fermina casou-se com Juvenal Urbino, o médico colombiano que conseguiu estancar a epidemia de cólera que assolou a cidade de Cartagena de las Índias, no final do século XIX, e nunca mais os dois se encontraram. Juvenal viveu só com seu amor obstinado por Fermina, esperando-a por mais de 50 anos, quando, durante o velório do marido de Fermina, declarou seu amor por ela. Ele viveu meio século sozinho sem deixar de pensar na amada um só dia. A história desse caso de amor é ambientada no final do século XIX e começo do XX, mais precisamente entre os anos de 1880 e 1930, na Colômbia. Além de se referir à epidemia de cólera que aconteceu naquela época no país, outro dos fatos pitorescos que aparecem na narrativa diz respeito ao naufrágio do galeão espanhol San Jose, carregado de jóias.

A penúltima categoria dos livros *best-sellers* dos anos 80 corresponde aos de **ação e intriga** e nela aparecem duas narrativas. A primeira delas, em quinto lugar na preferência do público leitor brasileiro, corresponde ao romance *Se houver amanhã*, de Sidney Sheldon. Narrado em terceira pessoa, conta a história de Tracy Whitney, uma mulher que vive à beira do perigo, jogando as cartas mais altas, usando como armas sua inteligência e beleza. Depois de ser injustamente condenada e ter cumprido pena de quinze anos numa penitenciária de segurança máxima, Trace Whitney luta para destruir o mestre do crime que a colocou lá. A segunda narrativa dessa categoria é *Operação cavalo de tróia*, de J. J. Benítez, já apresentada no capítulo anterior.

A última categoria em que distribuo os livros mais lidos nos anos 80 é a de **auto-ajuda**. Da mesma forma que mostrei na classificação dos anos 70, é possível subdividir a auto-ajuda em diferentes temas. O primeiro tema dessa categoria, intitulado “individualidade e sexualidade”, compreende o campeão na preferência do leitor brasileiro, qual seja, o romance *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera. Embora essa não seja uma classificação comumente atribuída a esse texto, acredito que ele tenha, conforme já apontei no capítulo anterior quando foi apresentado, todos os traços de uma narrativa de auto-ajuda, de forma semelhante às de Paulo Coelho na década de 90.

O segundo tema presente na categoria dos livros de auto-ajuda é o da “estética corporal”. *Só é gordo quem quer*, do doutor João Uchôa Jr., e é preciso que se diga que ele é um médico, pois isso faz parte do processo de convencimento do leitor, é, como não podia deixar de ser, um livro de receitas de como alguém que é gordo deve proceder para atingir um peso compatível com sua idade e porte físico. Seu discurso de abertura é o mesmo que ainda hoje perdura em nossa sociedade contemporânea, qual seja, que o maior índice de mortalidade atualmente é devido à obesidade. Na verdade o autor ressalta em sua introdução que a obesidade em si não é uma doença, mas a causa de muitas, uma vez que o desgaste de um corpo sobrecarregado com um peso superior ao que lhe seria próprio é muito maior e esse fato é o causador das várias doenças.

Seu interlocutor, portanto, é qualquer pessoa, magra ou gorda, que pretenda corrigir seus hábitos alimentares, aprendendo com ele como se deve comer. Uma de suas primeiras colocações é que seu livro não irá se valer de termos técnicos, que o leitor deve esquecer “todos os nomes complicados de alimentos (como, por exemplo, carboidratos), porque tudo aqui está bastante simplificado, de modo a permitir a qualquer pessoa combinar os alimentos com liberdade para utilizá-los corretamente, aprendendo a emagrecer” (p. 20).

Inicialmente o autor apresenta as tabelas com as porcentagens de calorias, proteínas, lipídios e glicídios de diversas categorias de alimentos, como, açúcares, pães, biscoitos, cereais, leguminosas, farinhas e derivados, verduras, legumes, raízes, tubérculos, etc. A partir da relação salgado vs doce, estabelece quatro diferentes fórmulas: a) dona redonda (sal alto + doce alto); b) legal (sal alto + doce baixo); c) legal (sal baixo + doce alto); d) dona fininha (sal baixo + doce baixo). Ao leitor caberá contrabalançar todas elas para atingir seu equilíbrio. As formas de contrabalançar os alimentos são explicadas por ele e uma série de sugestões de combinação é estabelecida. Ao final, o livro apresenta várias séries de receitas de pratos que propiciam, principalmente a fórmula “d” (dona fininha), mas também algumas das fórmulas “b” e “c”, o emagrecimento. Nenhuma receita de prato



incentiva a fórmula “a”. A própria capa do livro sugere a valorização positiva do magro e a negativa do gordo, pois aparece o desenho da clássica série norte-americana “O gordo e o magro”. A expressão do magro é de felicidade e elegância; a do gordo é de mau humor e deselegância.

Outro tema presente nos livros de auto-ajuda, o terceiro, refere-se à “individualidade e feminilidade”. Em *Complexo de Cinderela*, de Colette Dowling, a autora afirma que, a exemplo de muitas mulheres, foi levada a acreditar que sempre haveria alguém mais forte para protegê-la. Com o fim de seu casamento, porém, deparou-se com uma nova realidade: precisava assumir suas responsabilidades sozinha e cuidar de si mesma. Durante quatro anos torna-se uma mulher independente, que ganha seu próprio sustento e que tem condições de educar e criar seus três filhos, mas quando se casa novamente, acaba regredindo em seu comportamento e assume o papel padrão de uma dona de casa que vive para o lar e para o marido. A atitude de seu novo marido de chamar-lhe atenção para a inversão de seu comportamento leva-a a produzir uma análise dos padrões de criação das mulheres, na década de 1950 (época de sua infância e adolescência), nos EUA, educadas para serem sempre dependentes. Recorrendo a estudos de psicanálise sobre as fobias femininas, o texto procura fazer um estudo antropológico e psicológico da condição da mulher adulta na década de 1970.

Esse estudo da psicologia feminina escrito por Dowling causa, ainda hoje, impacto entre suas leitoras. Muitas se reconhecem "cinderelas" ao rejeitar, inconscientemente, suas responsabilidades e ao pensar que a solução de todos os problemas depende de encontrar o seu "príncipe encantado" que será seu eterno provedor e quem lhe oferecerá a completa segurança.

O quarto tema presente entre os livros de auto-ajuda intitulei “mundo empresarial” e se refere a dois livros preferidos pelos leitores brasileiros da década de 80. O primeiro é *Iacocca*. Uma autobiografia, de Lee Iacocca e William Novak, e o segundo, *Virando a própria mesa*, de Ricardo Semler, sobre os quais já fiz referência em capítulo anterior.

O que lê, por fim, o leitor brasileiro dos anos 80? Sua preocupação com questões sociais desaparece, reduzindo-se apenas, como já afirmei em outro momento, a um livro que classifiquei como memória, *Olga*, de Fernando Moraes, em que a questão social é pano de fundo para a narração de uma grande história de amor. Nesse sentido, portanto o que se destaca é o individual e não verdadeiramente o social. Talvez se pudesse dizer ainda que o romance de Garcia Márquez, *O amor nos tempos do cólera*, guarda ainda alguns traços desse enfoque social quando aborda a realidade latino-americana, embora isso se dê

sob um ângulo mais pendente para o sobrenatural. É a literatura fantástica, uma mistura entre o real e o inexplicável.

O leitor que se interessa por narrativas intrincadas em seqüência de fatos que o transportam para uma realidade fictícia, ou seja, os adeptos da leitura descompromissada das aventuras estão contemplados pelo previsível melodrama de Sidney Sheldon ou pela extensa narrativa de Benítez. Embora só haja referência ao volume um de *Operação cavalo de Tróia* entre os mais vendidos da década de 80, no *corpus* de pesquisa, conforme já apontei no capítulo anterior, aparecem todos os outros volumes da série. Muitos leitores mergulharam na viagem através do tempo, realizada pelos oficiais norte-americanos da NASA em busca da “verdadeira história” da crucificação de Jesus Cristo.

O enfoque de problemas mais particulares começa a se esboçar na escolha que os leitores fazem das narrativas memorialistas de Rubens Paiva e Herman e Rieck. De certa forma os dois livros discutem um problema presente na sociedade contemporânea: as drogas. Marcelo mergulha de cabeça num espelho d’água como quem pulava numa piscina profunda, depois de ter fumado um baseado com os amigos, e fratura uma vértebra da coluna cervical. Christiane F., como já apontei anteriormente, retrata o poço profundo em que pode cair o jovem que se deixa sucumbir ao mundo das drogas. Mas ambos os textos mostram como seus heróis se refazem e conseguem lidar com as conseqüências de suas escolhas. No seu nível mais abstrato, pode-se dizer que seus discursos são euforizantes, pois apresentam uma saída positiva para o drama vivido pelos heróis da história.

O mundo do misticismo, relacionado também à questão da feminilidade, reflete-se no grande interesse desses leitores dos anos 80 pelos livros de Marion Zimmer Bradley. Os velhos dogmas do catolicismo já não têm mais a força que tinham, mesmo num país que tem sua história tão marcada por eles. Nas sociedades urbanas modernas a pílula anticoncepcional, o uso da camisinha (se pensarmos, principalmente, no crescimento da AIDS nos anos 80), as uniões informais sem o protocolo do casamento entre os casais heterossexuais e a maior abertura para as uniões entre homossexuais são alguns reflexos do enfraquecimento da moral cristã. Mas para explicar o inexplicável é preciso substituir essa crença na história da humanidade apresentada pelo catolicismo por outra versão. Surgem assim, na burguesa classe média, o apelo aos cristais, os grupos místicos, os cultuadores de elixires e assim por diante. A forma mais comum da contestação do “ultrapassado” é procurar uma nova resposta para as velhas coisas: de onde viemos e para onde vamos após a morte?

O crescimento da literatura de auto-ajuda é um reflexo dos anseios do homem contemporâneo em relação às questões individuais: a sexualidade, a estética do corpo, o problema das mulheres separadas, a competência pessoal para conseguir melhor emprego ou para gerenciar uma indústria. Como os movimentos revolucionários do início do século XX já perderam sua força, como a terceira onda, na concepção de Toffler (1993), vem coexistir e superar a segunda, a onda do industrialismo, é necessário tratar as questões dos indivíduos, reunidos agora não mais nos sindicatos, nas reuniões dos partidos, mas em pequenos grupos, como os de bairros, das diferentes associações de negros, de homossexuais, de mulheres descasadas, de solteiros convictos, de consumidores de drogas, de ambientalistas, de naturalistas, de adeptos de esportes radicais, de rappers, de góticos, etc., etc. É nesse contexto que se dá a explosão do consumo de livros de auto-ajuda. Por ora, porém, não explorarei mais profundamente essa questão, pois ela será tema do próximo capítulo.

Quando se examina o gráfico 5, que reproduz as preferências dos leitores brasileiros da década de 90, percebe-se a presença maciça dos textos de **auto-ajuda**. Dos treze livros mais vendidos, onze estão distribuídos entre os cinco temas dessa categoria.

O primeiro tema é o “esoterismo”, em que aparecem três livros de Paulo Coelho, *O alquimista*, o primeiro na preferência do público leitor brasileiro dos anos 90, *Brida*, em terceiro lugar no *ranking*, e *As Valkírias*. O quarto livro dessa mesma temática é *A profecia celestina*, do escritor norte-americano James Radfield.

No capítulo anterior fiz uma apresentação dos dois primeiros textos de Paulo Coelho e também do de James Radfield, uma vez que eles aparecem no gráfico 1 dos livros mais vendidos durante o período de 1966 a 2004. Resta, porém, dar uma olhada no terceiro livro de Paulo Coelho que consta da lista que ora examino.

*As Valkírias* consiste numa história narrada em terceira pessoa, sendo que a personagem central é o próprio Paulo Coelho. Na verdade, trata-se de um relato de memórias, que diz respeito aos eventos acontecidos com o autor entre cinco de setembro e dezessete de outubro de 1988. No início da narrativa, Paulo conta seu encontro com seu mestre J. para quem deseja entregar os originais de seu livro *O alquimista*, porque queria sua opinião sobre o livro; desejava que J. lhe dissesse se merecia ser publicado. Segundo o relato, seu mestre ficou muito impressionado com o trabalho ali apresentado, mas, sem revelar que o livro tinha um grande valor, disse a Paulo que ele precisava realizar uma tarefa. A história de *As Valkírias* consiste no relato da viagem de Paulo e de sua mulher

através do deserto de Mojave, situado entre os EUA e o México, com o intuito de entrarem em contato seu Anjo da Guarda.

Para chegar a ver seu anjo, o herói conhece um grupo de oito mulheres que vagavam pelas regiões do deserto no território norte-americano espalhando os ensinamentos dos anjos, as chamadas Valkírias, e é com a ajuda delas, mais especificamente com a ajuda da líder do grupo, Vahalla, que obtém o conhecimento necessário para conseguir a visão. Três provas deveriam ser cumpridas pelo herói para atingir seus objetivos: romper um acordo, aceitar um perdão e fazer uma aposta. Somente após vencidas essas provas ele seria capaz de enxergar seu anjo.

A narrativa inicia-se com um diálogo em curso. O primeiro parágrafo corresponde a uma resposta de J. (mestre da Magia de Paulo) a Paulo, entremeada pela voz de um narrador: “– Uma coisa que seja importante para mim? – J. pensou um pouco, antes de responder. – Magia.” (p. 15).

No decorrer da história instaura-se uma oposição entre o herói (Paulo) e sua esposa (Chris). Enquanto o primeiro é um místico a segunda não acredita em magia. Resolveu acompanhar o marido naquela aventura apenas por companheirismo e não por crença, uma vez que nunca discutira com ele esse assunto desde que estavam juntos há mais de um ano: “Chris queria conversar. Sentia-se angustiada presa num quarto de motel, decidida a não dar ‘um sentido a tudo’, como fazia seu marido. Era um ser humano, não estava ali aspirando a um lugar na comunidade dos eleitos.” (p. 49). Ao longo da narrativa Chris vai sendo “iniciada” nos conhecimentos da magia e, conseqüentemente, vai distanciando-se de sua descrença. Essa relação entre os dois representa, na narrativa, a adesão do sujeito descrente ao novo conhecimento que lhe é apresentado, porque esse sujeito presencia a revelação do chamado “amor dos Anjos”.

Embora fale em magia, em força misteriosas, em presença do Anjo, as ações e palavras do herói são marcadas pelo discurso católico, como se pode observar ao longo do texto, por meio de citações, por exemplo, de orações próprias da Igreja Católica, como o pai-nosso e a ave-maria, ou de trechos da bíblia. O que acontece é uma fusão mítica, na medida em que o discurso católico convive com a crença nos elementos naturais (ar, terra, fogo, água) ou na das guerreiras amazonas, que correspondem às Valkírias.

Por sua vez, a identificação entre o autor e o herói é mantida ao longo da narrativa, inclusive com referências a fatos públicos da vida de Paulo Coelho, como, por exemplo, sua parceria com Raul Seixas, ou então a acontecimentos da história brasileira:

*Ele e seu parceiro – Raul Seixas – bem, era completamente diferente! Raul cantava, o país inteiro ouvia. Eram jovens, e estavam ganhando dinheiro. Sim, verdade que o Brasil vivia debaixo de uma ditadura militar, mas o governo estava preocupado com guerrilheiros. Não perdia seu tempo com um cantor de rock; muito pelo contrário – as autoridades achavam que aquilo mantinha os jovens longe do comunismo. (p. 124 – trecho em itálico no original)*

Essa confluência entre as vozes presentes no texto serve para marcar um pacto com o leitor. Nesse sentido, a narrativa funciona como a “revelação” de um conhecimento que é passado ao próprio leitor. Por esse motivo o leitor manifesta-se na narrativa quando, no epílogo, há referência a Rita de Freitas, uma leitora brasileira que escreve para o autor, um ano e meio depois da aparição do anjo para Paulo Coelho, cumprimentando-o pelo livro *O alquimista*, que ela havia lido. Como a leitora estava em Los Angeles, ele escreve de volta para ela e pede para que vá até o Glorieta Canyon, perto de Borrego Spring, para ver se ainda existia a imagem de Nossa Senhora de Aparecida que ele havia colocado lá. A carta resposta da leitora<sup>13</sup>, da qual reproduz alguns trechos no epílogo, confirma a existência do local mencionado por Paulo e traz ainda outras revelações místicas. É, portanto, a partir disso que o enunciador explica ao leitor os motivos pelos quais escreveu seu livro:

Escrevi este livro em janeiro/fevereiro de 1992, pouco depois do final da Terceira Guerra Mundial – onde os combates foram muito mais sofisticados que os travados com armas convencionais. Segundo a Tradição, esta guerra começou nos anos 50, com o bloqueio de Berlim, e acabou quando o Muro de Berlim caiu por terra. (...)

Agora, segundo a Tradição, uma nova guerra vai começar. Uma guerra mais sofisticada ainda, da qual ninguém pode escapar – porque é através de suas batalhas que o crescimento do homem se completará. Veremos os dois exércitos – de um lado, aqueles que ainda acreditam na raça humana, que acreditam nos poderes ocultos do homem, e sabem que nosso próximo passo está no crescimento dos dons individuais. Do outro lado estarão os que negam o futuro, os que acham que a vida termina na matéria e – infelizmente – aqueles que, embora tenham fé, acreditam que descobriram o caminho da iluminação e querem obrigar os outros a seguir por ali.

Por isso os anjos estão de volta, e precisam ser ouvidos, porque só eles podem nos mostrar o caminho – e ninguém mais. Podemos dividir nossas experiências – como procurei dividir a minha, neste livro – mas não existem fórmulas para este crescimento. Deus colocou generosamente Sua sabedoria e Seu amor ao nosso alcance, e é fácil, muito fácil encontrá-los. (...) (p. 235-6).

O sentido da narrativa é dado então no final do livro, que assume o papel de texto revelador que propõe ao leitor uma ação, isto é, a adesão à crença mística de evolução da

---

<sup>13</sup> Aliás, na nota introdutória do livro, texto assinado pelo próprio autor, há uma referência a essa carta com o objetivo de confirmar sua veracidade: “A carta citada no epílogo do livro está registrada no Cartório de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro, sob o número 478038” (p. 12)

humanidade, de fé na força superior de Deus e de seus anjos, para que as forças do bem possam vencer as forças do mal e a paz instaurar-se na Terra.

Relativamente ao tema do “autoconhecimento”, três livros estão classificados na relação do gráfico 5, aos quais já fiz referência também no capítulo anterior: *O sucesso não ocorre por acaso*, de Lair Ribeiro, *Inteligência emocional*, de Daniel Goleman, e *Comunicação global*, de Lair Ribeiro, respectivamente em quinto, sétimo e oitavo lugar entre os mais vendidos de 1990. O terceiro tema, “crenças”, compreende os livros *Você pode curar sua vida*, de Louise Hay, e *Minutos de sabedoria*, de Carlos Torres Pastorino, também anteriormente apresentados. O tema “individualismo e sexualidade” corresponde ao livro *203 maneiras de enlouquecer um homem na cama*, de Olívia St. Claire, e o quinto e último tema da categoria de auto-ajuda, “mundo empresarial”, ao livro *Virando a própria mesa*, de Ricardo Semler, a respeito dos quais também já fiz referência no capítulo anterior.

A segunda categoria dos livros mais vendidos nos anos 90 é a do romance **policial**, muito consumido pelo público leitor não só do Brasil como também de outros países. Esse tipo de romance centra-se na fase da sanção, própria do esquema narrativo canônico, pois, ao relatar uma história em que um crime é cometido, um herói, ou grupo de heróis, detetives, entra em ação para solucioná-lo, tendo como objetivo encontrar o criminoso e fazer com que seja punido pelo ato cometido.

A partir da performance do sujeito detetive nas narrativas policiais, Martins (2000 e 2005) estabelece uma distinção entre os textos desse gênero. Segundo o autor, a sanção final, própria desse tipo de texto e que decorre do fazer do detetive, pode ser pragmática ou cognitiva. A primeira acontece sempre que esse sujeito sancionador desloca-se até o local em que ocorreu o crime para “verificar e reunir provas, fazer sua própria investigação e tirar suas próprias conclusões do que percebe, interrogar os sujeitos envolvidos, etc., para depois organizar esse saber adquirido segundo os princípios gerais que são característicos de cada detetive” (Martins. 2005, p. 185). A segunda, diferentemente da primeira, ocorre quando o detetive “nem precisa se dar ao trabalho de verificar o local do crime e, se o faz, é para comprovar a hipótese que já formulara ao organizar os saberes parciais adquiridos sobre tal crime” (Martins. 2005, p.185). Dessa forma, portanto, segundo a proposta de Martins, existem os romances policiais cuja ação consiste na reunião de uma série de provas materiais que conduzem à descoberta e conseqüente punição do criminoso (o tipo pragmático) e outros em que há um trabalho de imaginação e dedução do sujeito detetive

que não se limita ao recolhimento de provas, pois ele constrói um processo interpretativo do crime realizado (o tipo cognitivo).

Com relação a esse segundo tipo, o romance policial com sanção cognitiva, Martins (2005) estabelece ainda uma outra distinção. O fazer cognitivo próprio do sujeito detetive pode realizar-se a partir de dois princípios distintos: a similaridade e a contigüidade. No primeiro, o detetive baseia suas suposições sobre o crime e o criminoso a partir de outros casos já acontecidos, de tal forma que, para esse sujeito, o mundo “funciona sob a forma de paradigma, uma vez que é percebido sob o regime do já-visto, do já-experimentado, do já-conhecido, etc.” (p. 186). No segundo caso, o fazer do detetive centra-se no processo de inter-relação de todos os indícios, como quem reconstrói, num tabuleiro, todas as peças que revelam a cena do crime e o motivo pelo qual ele ocorreu. Geralmente, segundo o autor, nos romances de sanção cognitiva que se constroem pelo processo de similaridade há predomínio do aspecto lógico da descoberta do crime realizada pelo detetive; já nos romances de sanção cognitiva em que há o processo de contigüidade há predomínio do aspecto intuitivo e perceptivo do detetive.

De uma forma geral, embora isso dependa de um maior aprofundamento da questão, o que se percebe é que os romances policiais bastante procurados pelos leitores contemporâneos são os de sanção cognitiva por contigüidade, o que corrobora a tendência à valorização de aspectos individuais dos sujeitos, como é o caso da capacidade de percepção e de intuição.

Em décimo segundo lugar na preferência dos leitores brasileiros da década de 90 está, então, o romance policial *O Xangô de Baker Street*, que corresponde ao tipo de narrativa com sanção cognitiva por similaridade. Narrado em terceira pessoa, o texto de Jô Soares conta a história da vinda de Sherlock Homes e seu companheiro Watson para o Brasil durante o período do segundo império para desvendar o desaparecimento de um violino Stradivarius e as circunstâncias de alguns assassinatos cometidos pelo que se chamou de primeiro *serial killer* da história. Fazendo uma paródia dos romances de Arthur Conan Doyle, a narrativa inicia-se no ano de 1886 e descreve as modas e os costumes da capital do império brasileiro, numa mistura de mistério e humor.

A terceira e última categoria dos livros mais vendidos é a que chamei de **didatismo filosófico** e se refere ao romance de Jostein Gaarder, *O mundo de Sofia*, segundo lugar na preferência do público leitor dos anos 90. Conforme comentei no capítulo anterior, esse livro, cujo destinatário é construído segundo a ótica do jovem adolescente, para quem um adulto conta a história da filosofia, tornou-se literatura *cult* durante os anos 90, tendo sido

indicado por muitos professores da escola média como opção de leitura ou como suporte para o ensino da disciplina Filosofia.

O gráfico da década de 90 representa, então, o predomínio absoluto da literatura de auto-ajuda como opção de leitura do público brasileiro contemporâneo. É interessante observar também que a grande maioria dos livros que constam neste gráfico, onze de um total de treze livros, está presente na lista geral do período 1966-2004. Isso se deve ao fato, conforme já expliquei no final do capítulo anterior, de que esses livros apareceram muitas vezes nas listas dos dez mais vendidos durante toda a década de 90. Se constatarmos que uma década tem 120 meses, *O alquimista*, de Paulo Coelho, por exemplo, apareceu entre os mais vendidos durante 55 meses, *Brida*, durante 34, *Você pode curar sua vida*, durante 31, *O sucesso não ocorre por acaso*, 30, *A profecia celestina*, 29, e assim por diante.

O que o gráfico da década de 90 revela é que o leitor brasileiro desse período realiza um movimento de introspecção que o distancia das preocupações com a coletividade. Movidos pela modalização epistêmica, o leitor procura respostas para aquilo sobre o qual não tem domínio. Tanto as obras de esoterismo quanto aquelas que chamei de crenças parecem oferecer respostas a problemas de ordem estritamente individual. A busca do “conhecimento interior” é uma constante cada vez mais presente nas escolhas que fazem os leitores brasileiros dos últimos anos do século XX.

Durante os quatro primeiros anos da década de 2000, os livros mais consumidos pelo público leitor brasileiro agrupam-se em cinco diferentes categorias: **auto-ajuda, humor, fantasia, realismo ficcional e memória.**

Os dois livros da categoria de humor são de autoria de Luís Fernando Veríssimo. O número um na preferência entre os leitores brasileiros dos anos 2000 é *As mentiras que os homens contam*, já abordado anteriormente. O outro aparece em quinto lugar e se intitula *Comédias para se ler na escola*. Trata-se de uma seleção de crônicas de Veríssimo, realizada por Ana Maria Machado, com o objetivo de destacar, segundo a visão da organizadora, algumas de suas melhores crônicas. Entre elas são selecionadas aquelas que desenvolvem exercícios de linguagem ou de estilo, como em “Palavreado”, “Jargão”, “O ator” e “Siglas”; que produzem o humor pelo erro, “O homem trocado”, “Suflê de chuchu” e “Sozinhos”; que recriam pequenas fábulas, com moral não explícita, “A novata”, “Hábito nacional” e “Pode acontecer”; que resgatam memórias, “Adolescência”, “A bola” e “História estranha”, dentre outras. Trata-se, nesse caso, da leitura descompromissada, em que a única preocupação do leitor é divertir-se com as histórias engraçadas que lê. Além



disso, esse tipo de narrativa, a crônica curta, ajusta-se muito bem aos momentos passageiros durante os quais os leitores das cidades modernas podem se dedicar a ela. É muito comum deparar com leitores, nos ônibus urbanos ou interurbanos, no metrô, ou em diferentes ocasiões em que esteja numa situação de espera, como no consultório médico, no banco, na rodoviária, no aeroporto, na estação de trem, etc.

Na categoria de fantasia estão classificados dois romances de J. K. Rowling. Ocupando o segundo lugar na preferência do público leitor brasileiro dos anos 2000 está *Harry Potter e a pedra filosofal*, o primeiro da série de histórias infanto-juvenis que conquistaram públicos de todas as idades e que contam as aventuras do menino bruxo Harry Potter. Outro livro da mesma autora que alcança bastante sucesso nesse período é *Harry Potter e a câmara secreta*. O segundo da série escrita pela autora inglesa, narra as aventuras do herói com seus dois grandes amigos, Rony e Hermione, na escola de Hogwarts, para descobrir quem estava atacando alguns alunos do colégio e petrificando-os. Acabam descobrindo a presença de uma terrível serpente, o Basilisco, que vivia escondida em uma câmara secreta na escola de bruxarias e que tinha sido libertada pelo grande bruxo do mal, Lord Valdemor.

O romance de Chico Buarque, único representante da categoria do realismo ficcional, que recebeu o prêmio Jabuti de livro de ficção do ano de 2004, conta a história do *gost-writer* José Costa. Ao concluir a autobiografia romanceada “O ginógrafo”, a pedido de um bizarro executivo alemão que fez carreira no Rio de Janeiro, o herói da história vê-se diante de um impasse criativo e existencial. De mero escritor de encomendas, trabalho que produz num escritório em Copacabana que mantém com um sócio, passa a praticar “alta literatura”. Seu drama interior é uma espécie de metáfora da enunciação; embora goste de escrever pelo outro, pois produz romances em nome de outras pessoas, tendo inclusive a capacidade de produzir uma escrita que seria própria daquele para quem escreve, entra em crise de identidade. Em função dessa crise vai parar em Budapeste, onde buscará a redenção no idioma húngaro, “segundo as más línguas, a única língua que o diabo respeita”. Por uma ironia do destino, um *gost-writer* húngaro escreve um romance em seu nome, que adquire uma grafia que imita a língua húngara, Zsoze Kósta, e o livro torna-se um *best-seller*.

Narrado em primeira pessoa, combinando densidade narrativa com um senso de humor muito particular, *Budapeste* é a história de um homem exaurido por seu próprio talento, que se vê emparedado entre duas cidades, duas mulheres, dois livros, duas línguas e uma série de outros pares simétricos que conferem ao texto o caráter de espelhamento

que permeia todo o romance, o que está representado na própria capa da edição brasileira da Companhia das Letras.

Há momentos no romance de Buarque (2003), inclusive, que fazem referência ao próprio ato de leitura, como no seguinte trecho abaixo reproduzido:

(...) Então coloquei meus óculos, abri o livro e comecei: Devia ser proibido debochar de quem se aventura... Devagar, Kósta, mais devagar, e as primeiras páginas foram duras de vencer. Eu me atrapalhava com a pontuação, perdia o fôlego no meio das frases, era como ler um texto que eu tivesse mesmo escrito, porém com as palavras deslocadas. Era como ler uma vida paralela à minha, e ao falar na primeira pessoa, por um personagem paralelo a mim, eu gaguejava. Mas depois que aprendi a tomar distância do eu do livro, minha leitura fluiu. Por ser preciso o relato e límpido o estilo, eu não hesitava em narrar passo a passo a existência tortuosa daquele eu. (p. 172-3)

O que se pode verificar no trecho acima é novamente o caráter de espelhamento que se cria na narrativa, pois o que o herói está lendo é o próprio romance de Buarque (2003), que se inicia exatamente com as mesmas palavras que Kósta identifica no romance húngaro que um *gost-writer* escreveu em seu nome: “Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira” (p. 5).

Os livros que aparecem na categoria de memória, em oitavo e nono lugar, respectivamente, na preferência do público brasileiro são *Estação Carandiru*, de Dráuzio Varella, e *As vidas de Chico Xavier*, de Marcel Souto Maior. O primeiro deles é o único de toda a lista que se aproxima um pouco mais da temática social, mais característica dos leitores brasileiros dos anos 60, como pode ser observado nos comentários realizados durante a exposição temática desse livro, realizada no capítulo anterior. Há que se levar em consideração, uma vez mais, a ressalva também feita anteriormente, quando abordei o viés por meio do qual o enunciador do texto focaliza os problemas internos do presídio do Carandiru. Ao invés de fazer uma análise social ou política das causas da violência ou da marginalização a que estão submetidos os presos que ali vivem, o enunciador opta por compor uma espécie de mosaico de dramas particulares, as diferentes histórias de vida de alguns presidiários, com o objetivo de construir um retrato o mais isento possível de denúncias ou acusações político-ideológicas.

O livro do jornalista Marcelo Souto Maior faz uma reconstituição biográfica da trajetória de vida do médium Chico Xavier, que viveu seus 92 anos, e que teve uma intensa vida de pregação dos princípios do espiritismo no Brasil, tornando-se o maior médium psicógrafo do país, responsável pela publicação de mais 400 livros de poemas, crônica,

narrativas e mensagens “ditadas” por ilustres autores e por anônimos já mortos. Seus escritos psicografados consolaram os vivos, pregaram a paz e estimularam a caridade, o que levou muitos de seus admiradores a considerá-lo um santo.

O autor da biografia de Chico Xavier assume um tom investigativo para tentar explicar o mito criado em torno dessa figura que acabou sendo alvo de tanta polêmica e opiniões tão distintas ao longo da segunda metade do século XX. Ao mesmo tempo que Chico Xavier provocou desmaios entre seus adoradores, foi processado, esbofetado e insultado com adjetivos como “demagogo” e “exibicionista”. Marcelo Souto conta que, embora tenha sido indicado para o Prêmio Nobel da Paz, Chico Xavier foi alvo de veneno, faca, revólver, menosprezo da elite intelectual nacional e adulado pelos poderosos, mas apesar de tudo isso conseguiu sobreviver. O tom de sua biografia é de admiração pelo biografado ao mesmo tempo que reafirma seu caráter mítico.

Na categoria de auto-ajuda os mais vendidos distribuem-se em quatro diferentes temáticas. Na primeira delas, intitulada “individualismo e sexualidade”, registra-se o livro *Onze minutos*, de Paulo Coelho.

A narrativa do livro de Paulo Coelho tem como protagonista Maria, uma prostituta brasileira que vive na Suíça, personagem a partir da qual é abordada a temática da sexualidade e da busca do “verdadeiro amor”, uma vez que ela acredita ser possível haver um encontro perfeito entre corpo e alma num relacionamento. Maria é uma nordestina que teve uma adolescência marcada pela frustração amorosa. Em decorrência disso, depois que começa a perceber como pode manipular os homens com sua beleza e sensualidade, decide economizar o salário que ganhava trabalhando num mercado e realizar seu sonho de conhecer o Rio de Janeiro. Na praia de Copacabana conhece um empresário suíço que faz promessas de levá-la para a Europa e torná-la uma estrela. Maria acredita nessas promessas e se muda para a desconhecida Genebra tendo em mãos um contrato assinado, que, na verdade, aprisionava-a a um trabalho semi-escravo de dançarina numa casa noturna. Com a ajuda de um amigo consegue safar-se desse lugar, mas, com o passar do tempo, como não consegue encontrar um trabalho com o qual possa se manter na cidade, acaba caindo na prostituição. A partir desse cenário, que não é incomum para uma parcela das mulheres pobres brasileiras, a narrativa de “Onze minutos” pretende falar sobre o amor, com o objetivo de descrevê-lo como uma intensa relação entre corpo e alma, de mostrar como é possível atingir a perfeita união e o sentimento duradouro, e, além disso, discutir sonhos e prostituição.

Uma vez mais Paulo Coelho constrói uma narrativa que diz ser real, pois, na nota final do livro, fala que o que o leitor acabou de ler é a verdadeira história de uma brasileira que conheceu durante uma viagem à Europa. Não o classifiquei como um livro de esoterismo, que é a marca registrada de seu autor, porque nesse livro esse não é o traço mais forte, embora não deixe de aparecer. Em verdade ele parece ser um livro escrito para a mulher, para defender a idéia de que o amor existe e que ele pode ser atingido. O final da história é o eterno clichê da moça pobre que conhece um homem riquíssimo com quem descobre o verdadeiro amor.

A segunda temática presente nos livros de auto-ajuda mais vendidos nos anos 2000 é a do “autoconhecimento”. Os três livros que nela estão classificados são *A arte da felicidade*, de Dalai Lama e Howard Cutler, *Perdas e ganhos*, de Lya Luft, e *Um dia daqueles*, de Bradley Greive. Sobre o primeiro deles, *A arte da felicidade*, já fiz comentários de sua organização temático-discursiva no capítulo anterior.

O livro de Lya Luft, por sua vez, alia memórias a uma visão sobre o processo de amadurecimento e envelhecimento da mulher. Partindo de suas próprias experiências de vida, o enunciador, que projeta sua imagem a partir do conceito de autor real, dirige-se para um enunciatário, imagem criada como reflexo dos leitores reais aos quais chama inclusive de “amigos”, para com eles refletir sobre velhice, amor, infância, educação, família, liberdade, homens e mulheres, gente “de verdade” e, ao final, concluir que o tempo passa, mas as emoções humanas não mudam e que é preciso reaprender o que é ser feliz. Essa relação entre autor e leitor pode ser observada no capítulo introdutório do livro:

O fluxo de dias e anos, décadas, serve para crescer e acumular, não só perder e limitar. Dessa perspectiva nos tornaremos senhores, não servos. Pessoa, não pequenos animais atordoados que correm sem saber ao certo por quê.

Se **meu leitor e eu** acertarmos nosso tom recíproco, este monólogo inicial será um diálogo – ainda que eu jamais venha a contemplar o rosto do outro que afinal se torna parte de mim.

Então a minha arte terá atingido algum tipo de objetivo. (p. 17 – grifo meu)

Seu discurso de aconselhamento para o leitor pode ser refletido em diferentes passagens do livro. Para ilustrar como isso acontece selecionei o trecho abaixo no qual o tema em discussão é o envelhecimento e a morte:

Tenho dito ou insinuado aqui que amadurecer deveria ser visto como algo positivo e que envelhecimento não é revogação da individualidade.

Um dos motivos de nossas frustrações, homens e mulheres, é vivermos numa cultura que idolatra a juventude e endeusa a forma física além de qualquer sensatez.

Se maturidade é fruto de mocidade e velhice é resultado da maturidade, viver é ir tecendo naturalmente a trama da existência. Processo tão enganosamente trivial para aquele que o vive, tão singular para quem o observa. Tão insignificante no contexto da história humana. (...)

Precisamos superar a idéia de que estamos meramente correndo para o nosso fim, num processo de deterioração e apagamento.

Esse é o nosso fantasma mais destrutivo, pois se alimenta com nosso terror da morte, e cresce desmesuradamente porque *nosso vazio interior lhe concede um espaço extraordinário*. (p. 87-8 – grifo do autor).

As passagens em itálico, processo de heterogeneidade mostrada, segundo Authier-Revuz (1998), aparecem durante todo o livro e servem para ressaltar ao leitor aquilo que está sendo dito, isto é, para frisar determinada passagem sobre a qual, segundo o enunciador, o enunciatário deve refletir.

No livro de Bradley Greive, as diferentes fotos de animais acompanhadas de textos têm por objetivo levantar o moral de qualquer um que esteja desanimado. A estrutura do livro é a da definição. Partindo da frase inicial, “Todo mundo tem um dia ‘daqueles’”, segue uma série de fotos de animais com closes que remetem a um certo ar de desânimo em quase todos eles, ao mesmo tempo que apresenta as frases que definirão o que é “um dia daqueles”.

Numa primeira seqüência de quatro fotos, uma em cada página, aparece a seguinte frase: (cão deitado) “São dias miseráveis, quando você se sente um lixo,”; (hipopótamo) “sem ânimo para nada,”; (foca branca na imensidão do Ártico) “sozinho no mundo”; (leão deitado num tronco de árvore) “e literalmente ‘acabado’.”

Na segunda seqüência há duas fotos, uma em cada página: (filhote de tartaruga que acabou de nascer e caminha na areia para o mar focalizado do alto) “São dias em que você se sente minúsculo, insignificante,”; (camundongo que tenta alcançar uma superfície acima dele) “e tudo parece fora de alcance”.

Ao final, depois de algumas páginas definindo o “dia daqueles”, aparece um chipanzé pensativo com a seguinte frase abaixo: “Aí, o que fazer? O que fazeeer?”. Em seguida há uma série de suposições, sempre ilustradas com fotos de animais: (coelho na neve) “Bom, se você é como todo mundo, pode se agarrar à crença idiota de que tudo há de dar certo no fim”; (foca olhando para cima) “Daí, você vai passar o resto da vida olhando por cima do ombro à espera da próxima cilada que o destino está reservando para você”;

(camelo mostrando os dentes) “Vai se tornar cínico e rabugento, ”; (cãozinho em pé) “ou uma vítima chorona e patética...”.

Com o objetivo de despertar o leitor para as coisas boas do mundo há uma série de fotos dedicadas ao relacionamento humano (carinho, beijos, sexo). Por fim, aparecem os seguintes conselhos: (camaleão) “Em primeiro lugar, pare de se esconder pelos cantos. É hora de ir à luta!”; (urso sentado na relva) “Relaxe... Inspire e solte o ar lentamente pela boca. Tente meditar”; (hipopótamo de corpo inteiro) “Orgulhe-se de ser como você é,”; (porco de corpo inteiro, de boca aberta, no chiqueiro, parecendo rir) “mas nunca perca a capacidade de rir de si mesmo”; (camundongo na cabeça de um gato) “Assuma riscos”; (golfinho dando um pulo no ar) “Afim de contas, a vida não é uma loucura?”. A última frase vem depois da foto em close da cabeça de uma perereca: “Bom, pelo menos é isso que eu acho”.

A técnica de aliar foto a uma frase ou parte de frase em cada página é uma forma de atingir aquele leitor que não gosta de ler. É possível, inclusive, ler o livro na própria livraria. O livro de Bradley Greive está entre as histórias em quadrinho e a revista, que, na terminologia semiótica são meios de comunicação sincréticos, uma vez que constroem seu discurso através da união de dois tipos diferentes planos de expressão, no caso do livro, a fotografia e a língua escrita.

A terceira temática entre os livros de auto-ajuda mais vendidos nos anos 2000 é a que denomino “mundo de negócios” e nela insere-se o livro *Pai rico, pai pobre*, de Robert Kiyosaki e Sharon L. Lechter. Assumindo a forma de um guia para o sucesso pessoal, esse livro propõe dar receitas com o intuito de ensinar o jovem dos dias atuais a se inserir no mundo dos negócios para “fazer” dinheiro. Seu objetivo consiste em partilhar percepções quanto à maneira como uma maior inteligência financeira pode ser empregada para resolver muitos dos problemas comuns da vida. Sem treinamento nas questões do mundo financeiro, freqüentemente as pessoas acomodam-se a certos padrões de comportamento, tais como, trabalhar com afinco em um emprego que consideram seguro, poupar, fazer empréstimos e pagar impostos demais. Segundo o autor, cada indivíduo tem o poder de determinar o destino do dinheiro que chega às mãos. A escolha é de cada um. A cada dia, a cada nota, decidimos ser rico, pobre ou de classe média. Dividir esse conhecimento com os filhos é a melhor maneira de prepará-los para o mundo que os aguarda. Ninguém mais o fará.

Assumindo um discurso em primeira pessoa, *Pai rico, pai pobre* fica entre a biografia e o livro de receitas. O enunciador, que assume a identidade do próprio autor,

Robert Kiyosaki, parte de questionamentos para chegar aos ensinamentos de como tornar um jovem “produtivo”, isto é, interessado em se inserir no mundo do dinheiro. Para tanto sua argumentação é do seguinte tipo: “Uma das razões pelas quais os ricos ficam mais ricos, os pobres, mais pobre e a classe média luta com as dívidas é que o assunto dinheiro não é ensinado nem em casa nem na escola” (p. 22).

A oposição entre o pai rico e o pai pobre é estabelecida pelo enunciador ao contar para o enunciatário que sua infância foi marcada pelo contraste entre esses dois pais. Robert era filho de um professor universitário americano que se colocava contra os princípios materialistas do capitalismo. Trabalhava arduamente na universidade, lutando pelas causas sociais, mas era incapaz de acumular riquezas, bens móveis, imóveis e capital. Ao conhecer o pai de seu amigo Mike, um investidor experiente, mais preocupado com a aprendizagem das “coisas que verdadeiramente interessam” do que com o conhecimento escolar, passa a receber lições de como ganhar dinheiro, fazendo o jogo do mercado. O pai de Mike não era instruído, porém tinha uma vida “mais feliz” porque não era escravo de um emprego; trabalhava para si mesmo, ganhando dinheiro com o que investia. Com relação às diferenças de seus dois “pais”, o enunciador chega a afirmar o seguinte: “(...) Tendo dois pais a me ensinar, um socialista e o outro capitalista, rapidamente percebi que a filosofia do capitalismo tinha mais sentido financeiro para mim” (p. 95-6).

O discurso predominante do livro é o do fazer-se por si mesmo, ser esperto nas escolhas ao mesmo tempo que repete certas afirmações do senso comum contra os impostos, o governo e a inutilidade da escola, etc., como pode ser observado nos seguintes trechos:

O dinheiro não é ensinado nas escolas. As escolas se concentram nas habilidades acadêmicas e profissionais mas não nas habilidades financeiras. Isso explica por que médicos, gerentes de banco e contadores inteligentes que tiveram ótimas notas quando estudantes terão problemas financeiros durante toda a sua vida. (p. 22);

(...) Os impostos punem os que produzem e recompensam os que não produzem. (p. 23);

(...) Evitar o dinheiro é tão neurótico quanto ser apegado ao dinheiro. (p. 49);

O americano comum de hoje trabalha de cinco a seis meses para o governo, antes de ter conseguido o suficiente para pagar seus impostos. (p. 97);

(...) A melhor lição que me deu [o pai rico], e que apliquei a maior parte de minha vida, é: “Seja esperto e você não será oprimido”. (p. 98);

(...) As pessoas ricas freqüentemente são criativas e assumem riscos calculados. (p. 107);

Se você tem algum desejo de ser rico, você deve focar. Pôr uma porção de ovos em umas poucas cestas. Não fazer o que fazem os pobres e a classe média: põem poucos ovos em muitas cestas. (p. 141).

Um dos procedimentos mais recorrentes do discurso para atrair o leitor e fazer com que ele acredite no que está sendo dito consiste em estabelecer uma identidade entre a instância do enunciadador e a do narrador. Em vários momentos, por meio do uso muito marcado da forma de primeira pessoa, isso é ressaltado no livro, como nos trechos abaixo:

Não estou falando [ao leitor] para ser irresponsável. Não dou muito valor aos cartões de crédito e às facilidades de empréstimo porque quero pagar a mim primeiro. A razão pela qual minimizo minha renda é porque não quero entregá-la ao governo. É por isso, como sabem os que assistiram a meu vídeo, *The secrets of the rich*, que minha renda se origina em minha coluna de ativos por meio de uma sociedade anônima em Nevada. Se eu trabalhar pelo dinheiro, o governo o pega. (p. 163-4)

Estas são apenas algumas das coisas que fiz e continuo fazendo [os dez passos para ser bem sucedido que ensina no capítulo “Em ação”] para reconhecer as oportunidades. As palavras importantes são “fiz” e “faço”. Conforme repeti inúmeras vezes ao longo do livro, você [o leitor] precisa agir antes de poder receber recompensas financeiras. Aja agora! (p. 177)

*Pai rico, pai pobre*, ao querer discutir uma questão tão presente no mundo contemporâneo, uma fórmula para acumulação de capital com o objetivo de atingir uma boa situação econômica, dirige-se ao indivíduo e não a uma coletividade. Seu discurso chega ao preconceito quando insiste na diferença entre o pobre e o rico. Por esse motivo, no ano de 2005, para marcar uma crítica ao livro, circulou na internet um correio eletrônico em que uma pessoa mandava uma mensagem a um amigo dizendo que estava terminando ali a amizade porque, ao ler o livro de Kiyosaki, havia resolvido adotá-lo como seu guru para finanças pessoais. Para seguir seus conselhos à risca, inicialmente estava terminando todas as relações de amizade com pessoas com pouco poder aquisitivo, assim seguiria o principal conselho de seu guru: “para obter sucesso na vida, pare de andar com pobre”.

Nos anos 2000, portanto, o que o leitor busca naquilo que lê é ora algo voltado para suas questões individuais ora o texto leve, de humor e ação, enfim, o entretenimento. Os cinco livros de auto-ajuda que fizeram sucesso nos primeiros anos do século XXI, conforme foi acima mostrado, pretendem oferecer algum tipo de resposta para problemas



enfrentados por diferentes pessoas do “mundo real”. Se meu problema é compreender melhor a relação entre o amor e o sexo, querer atingir a felicidade plena por meio do equilíbrio entre meu corpo e minha mente, aceitar meus limites e o envelhecimento de meu próprio corpo, encontrar uma maneira de combater o desânimo que o dia-a-dia traz ou descobrir uma forma melhor de ganhar dinheiro sem ter que trabalhar tanto, talvez as respostas possam estar nesses livros que escolho ler. O livro de auto-ajuda funciona como um doador de saber para que o sujeito possa realizar uma ação, ou seja, fazer; é, portanto, um discurso que delega uma competência.

Os livros de memória são também outra maneira de abordar a individualidade, pois trazem a público aspectos da vida privada de determinadas pessoas. Na biografia de Chico Xavier desvendam-se as diferentes particularidades da vida do mito do espiritismo brasileiro, desde os castigos corporais que recebia da tia, que passou a cuidar dele após a morte de sua mãe, até sua angústia ao ser agredido publicamente. Em *Estação Carandiru*, embora haja o retrato de um problema social que é o dos presídios brasileiros superlotados, o relato de Dráuzio Varella parte de sua experiência como médico no presídio e da descoberta que faz da condição de vida e da maneira de pensar e agir dos próprios presos. Como já foi aqui abordado, há no livro de Varella um processo de individualização dos presos, na medida em que são focalizados seus dramas pessoais. Além disso, os livros de memória são muito comuns na contemporaneidade. Embora só apareçam os dois acima citados na relação dos mais vendidos dos anos 2000, inúmeros outros aparecem no *corpus* da pesquisa, tais como, *Ascensão e queda de Getúlio Vargas*, de Afonso Henrique, *Carlota Joaquina, a rainha devassa*, de João Felício dos Santos, nos anos 60; *A vida de Dom Pedro I*, de Otávio Tarquínio de Sousa, e *Marilyn*, de Norman Miler, nos anos 70; *Furacão Elis*, de Regina Echeverria, e *Minhas vidas*, de Shirley Maclaine, nos anos 80; *Ana de Assis*, de Judith de Assis e Jéferson Andrade, *Zélia, uma paixão*, de Fernando Sabino, e *O anjo pornográfico*. A vida de Nelson Rodrigues, de Ruy Castro, nos anos 90; *A vida sexual de Catherine M.*, de Catherine Millet, e *Eny e o grande bordel brasileiro*, de Lucius de Mello, também nos anos 2000.

Os livros mais vendidos nas categorias de “humor” e “fantasia” refletem a opção de leitura de entretenimento. Nos livros de Luís Fernando Veríssimo o elemento de atração são os relatos de situações cômicas em textos curtos, as crônicas, que oferecem uma opção de leitura fácil, que pode acontecer nos mais diversos lugares e não só numa biblioteca ou escritório, por exemplo. Os livros de Rowling oferecem aventuras e peripécias de um herói em seu mundo mágico e, ao mesmo tempo, têm suas vendas incrementadas pelo jogo

editorial criado com as obras da autora, na medida em que ela estabelece uma relação de expectativa com seus leitores, pois eles devem aguardar uma nova história a cada ano. É a técnica mercadológica da coleção que se instaura com o público infantil. A garotada sente-se impelida a colecionar todos os livros como quem coleciona figurinhas.

O livro de Chico Buarque, incluído na categoria do realismo ficcional, além de criar um jogo constante com o duplo, travestido nas duas vidas do mesmo sujeito, que poderia ser considerado uma dupla personagem, aborda as questões do mundo moderno, como a crise do casamento, a distância entre pais e filhos, a preponderância das questões do trabalho responsáveis pelo estresse e pela ansiedade do homem contemporâneo, a agitação das grandes cidades, como o Rio de Janeiro. Nesse sentido, portanto, ele é um texto fruto da questão central do individualismo que se foi aqui observando.

Além disso, se incorporar o conceito de “indiferença” proposto por Lipovetski (2005a) quando afirma que a sociedade pós-moderna é marcada pela descrença relativa ao saber, ao poder, ao trabalho, ao exército, à família, à Igreja, aos partidos, etc. (p. 18), é possível entender a personagem central do livro de Chico Buarque como um indivíduo que incorpora esse valor a ponto de homogeneizar espaços, ou seja, sua vida no Rio de Janeiro e em Budapeste. Esse grau de mobilidade de José Costa aproxima-se da característica de ubiqüidade apontada por Lipovetski (2005a):

(...) Assim, pode-se ser simultaneamente cosmopolita e regionalista, racionalista no trabalho e discípulo intermitente de determinado guru oriental; pode-se viver o momento permissivo e respeitar, de acordo com as necessidades, as prescrições religiosas. O indivíduo pós-moderno está desestabilizado e é, de certa maneira, “ubiquista”. (p. 24)

Observadas as listas dos mais vendidos por décadas, é possível agora, traçar um panorama mais extenso do período da pesquisa para interpretar como se constrói o imaginário do leitor brasileiro ao longo do final do século passado e o início do atual. Para tanto, agruparei todos os dados fornecidos pelos gráficos 2, 3, 4, 5 e 6. Não me preocuparei em construir um novo gráfico, mas sim em fazer uma leitura interpretativa dos cinco anteriormente mencionados, numa proposta de correção do que apontei, no capítulo anterior, como dado viciado do gráfico 1, qual seja, que ele se concentra muito mais nas décadas de 1990 e de 2000, porque o número de vezes que os livros mais vendidos aparecem nesse período é maior que nos anteriores. Embora já tenha levantado alguns motivos para explicar a razão desse fato, acrescentaria outro que diz respeito ao aumento

das tiragens dos livros das últimas décadas em relação às anteriores porque há um crescimento no número de leitores tendo em vista o próprio aumento populacional.

Tomando por base as considerações de Habermas sobre a industrialização dos produtos culturais, Reimão (1996) irá justificar o incremento dos *best-sellers* brasileiros com base em dois conceitos do autor alemão, quais sejam, a “facilitação econômica” e a “facilitação psicológica”. Isso significa, segundo a autora, que o caráter positivo do conceito de facilitação econômica do bem cultural, tendo em vista o desenvolvimento de novas técnicas de impressão e produção do livro<sup>14</sup>, oferece ao público consumidor melhores condições para adquirir o livro. O segundo conceito, ao contrário, tem um caráter negativo, pois, na medida em que quer atingir um número cada vez maior de consumidores, o livro sofre um processo de “banalização e de simplificação”.

Para Lipovetski (2005a), por sua vez, o aumento da oferta dos bens culturais, incluindo-se aí os *best-sellers*, é uma decorrência do incremento do consumo na era pós-moderna, em função da aceleração da circulação do capital imposta pelo sistema econômico capitalista. O isolamento em que está colocado o homem contemporâneo leva-o a buscar preencher o vazio que o cerca por meio do consumo de bens de diferentes ordens.

“Consumimos em altas doses e de modo passageiro: atualidades, programações de temas médicos, históricos ou tecnológicos, música clássica ou *pop*, conselhos turísticos, culinários ou psi, confissões íntimas, filmes; a hipertrofia, a aceleração das mensagens, da cultura, da comunicação estão no mesmo patamar que a abundância de mercadorias, parte integrante da sociedade de consumo. (Lipovetski. 2005a, p. 88)

Com relação ao conceito de “facilitação psicológica” atribuído aos *best-sellers*, abordado por Reimão, Lipovetski (2005a) irá propor a noção de “socialização sem conteúdo pesado”, na medida em que o *best-seller* é um produto de consumo inserido no processo de socialização. Por outro lado, porém, não tem um caráter negativo, pois,

---

<sup>14</sup> Uma das medidas para baratear o custo do livro, além das edições em grande tiragem e do tipo de papel utilizado para a impressão, é o chamado livro de bolso, uma opção bastante eficiente para se conseguir tornar o livro mais acessível às pessoas de menor poder aquisitivo. Hallewell (1985) afirma que várias editoras brasileiras, ao longo do tempo, tentaram difundir a produção do livro de bolso, responsável pelo barateamento das edições e muito comum na Europa, especialmente na França (*livre de poche*) e na Inglaterra (*pocketbook*), mas apenas a Editora Tecnoprint, conhecida como Ediouro, na década de 50, conseguiu firmar no mercado a presença do livro de bolso. “Desde muitos anos as Edições de Ouro são constituídas de livros práticos e manuais de auto-educação, ficção de boa qualidade (tanto clássica como moderna), ‘obras clássicas’ de história, filosofia e literatura, e uma coleção de ‘clássicos para a infância e juventude’. Todos os títulos são reimpressões, visando-se a expandir o mercado para bons livros já disponíveis em edições normais.” (p. 563).

diferentemente daquela autora, Lipovetski entende o homem pós-moderno como o centro de convergência de forças antagônicas.

A era do consumismo “dessocializa” os indivíduos e correlativamente os socializa pela lógica das necessidades e da informação; trata-se, entretanto de uma socialização sem conteúdo pesado, de uma socialização com mobilidade. O processo de personalização faz aparecer um indivíduo informado e responsabilizado, despachante constante de si mesmo. (p. 88).

Apesar de considerar essa discussão acima apontada, pois as explicações apresentadas pelos diferentes autores dão conta de um aspecto do crescimento de produção e consumo do livro que se enquadra na categoria do *best-seller*, é preciso ainda observar a que ordem de necessidade esses livros obedecem.

O que já constatei por meio do exame do levantamento dos livros mais vendidos ao longo das décadas de 1960 a 2000 foi um crescimento muito acentuado do consumo dos livros da categoria de auto-ajuda, ao mesmo tempo em que houve uma diminuição, ou verdadeiramente o desaparecimento, do interesse do leitor brasileiro contemporâneo pelos livros da categoria da temática social. Ao verificar os dados que aparecem na tabela 2 em anexo, constato que os livros da categoria da temática social concentram-se nas décadas de 1960 (4 títulos) e 1970 (3 títulos). Já os da categoria de auto-ajuda começam a aparecer na década de 1970 (3 títulos) e aumentam nas décadas seguintes: 1980 (4 títulos), 1990 (11 títulos) e 2000 (4 títulos)<sup>15</sup>.

Quanto às demais categorias em que distribuí os livros mais vendidos ao longo do período da pesquisa, percebo que a de memória, pelo fato de focalizar a vida de um sujeito determinado, apresenta um dos traços presentes na auto-ajuda que é o destaque do aspecto individual. Essa categoria está presente entre os livros mais vendidos de praticamente todas as décadas (1960, com 3 títulos; 1970, com 2 títulos; 1980, com 3 títulos, e 2000, com 2 títulos), com exceção da década de 1990, que é a que contém o maior número de obras da categoria de auto-ajuda. Os leitores dos anos 60 a 80 interessam-se pelos livros da categoria de ação e intriga (1960, 2 títulos; 1970, 3 títulos, e 1980, 2 títulos), que parecem ter como sucessores, mais recentemente, os da categoria de fantasia (1980, 1 título, e 2000, 2 títulos).

---

<sup>15</sup> Em relação à categoria de auto-ajuda, a diminuição de 11 títulos na década de 1990 para 4 na de 2000 explica-se pelo fato de que o levantamento de 1990 corresponde a 10 anos de publicação dos mais vendidos, enquanto o de 2000 corresponde a apenas 5 anos. Por outro lado, no que se refere à categoria da temática social, o levantamento da década de 1960 apresenta 4 títulos, mas corresponde a um período de apenas 4 anos (de 1966 a 1969), enquanto o da década de 1970 corresponde a um período de 10 anos.

Uma vez mais Lipovetski (2005a) parece apresentar uma resposta à indagação sobre a razão pela qual ocorrem essas mudanças na preferência de leitura dos leitores brasileiros da nossa época contemporânea. Segundo o autor, na sociedade pós-moderna o homem está fragmentado, vive sentimentos antagônicos e passa por situações paradoxais simultaneamente, durante seu dia-a-dia; o consumo acelerado coloca-o diante de muitos objetos ao qual pode ter acesso e os quais deseja, mas não pode alcançar. Esse contexto, segundo Lipovetski será responsável pela sensação de vazio do homem pós-moderno. Sua descrença nas instituições, na religião, na educação, faz com que sinta necessidade de preencher esse vazio com alguma coisa, e essa pode ser, por exemplo, uma das razões pelas quais se estabelece um interesse maior pelas questões que envolvem o individual em detrimento das preocupações coletivas, que perdem força e se diluem. Sobre essa questão, Lipovetski (2005a) diz o seguinte:

A sensibilidade política da década de 1960 dá lugar a uma “sensibilidade terapêutica”, até mesmo os mais duros (aliás, principalmente eles) entre os ex-líderes contestatários sucumbem ao encanto do *self-examination*: enquanto Rennie Davis abandona o combate radical para seguir o guru Maharaj Ji, Jerry Rubin relata que entre 1971 e 1975 praticou com prazer a *gestalt-therapie*, a bioenergia, o *rolfing*, as massagens, o *jogging*, o *tai chi*, o Esalen, o hipnotismo, a dança moderna, a meditação, o *Silva Mind Control*, a Arica, a acupuntura, a terapia reichiana. No momento em que o crescimento econômico perde fôlego, o desenvolvimento psíquico toma impulso, no momento em que a produção é substituída pela informação, o consumo de consciência se torna uma nova bulimia: ioga, psicanálise, expressão corporal, zen, terapia primal, dinâmica de grupo, meditação transcendental; à inflação econômica respondem a inflação psi e o formidável impulso narcísico que ela produz. (p. 35)

Sobre o interesse pelos livros de memória, Lipovetski (2005a) faz uma observação que retoma uma vez mais a questão do individualismo e responde à indagação que faço em relação aos dados de preferência do leitor brasileiro contemporâneo de meu *copus*: “o narcisismo não designa apenas a paixão do conhecimento de si mesmo, mas também a paixão da revelação íntima do Eu como, aliás, testemunham a atual avalanche de biografias, de autobiografias e a psicologização da linguagem política” (p. 45).

Retomando, portanto, os dados dos cinco gráficos mencionados, ao procurar organizar o imaginário do leitor brasileiro do período estudado, reagrupei-os em diferentes categorias como fiz até o presente momento, propondo, em certos casos, algumas modificações. De um total, portanto de 58 livros indicados como os mais vendidos por décadas durante os 38 anos da pesquisa, 23 encaixam-se na categoria de **auto-ajuda**, 9 na

categoria de **memória**, 7 em **temática social**, 7 de **ação e intriga**, 4 de **humor**, 3 de **fantasia**, 2 de **realismo ficcional** e um em cada uma das três categorias seguintes: **especulação científica**, **policia**l e **didatismo filosófico**, conforme pode ser observado na tabela 2 que aparece nos anexos.

Sem entrar nas especificidades das discussões sociológicas de Lasch (1983) que vê na sociedade capitalista americana da década de 60 a formação de uma “cultura do narcisismo”, ou na proposta de Toffler (1993), que defende a confluência de uma terceira onda pós-industrial que valoriza o individual, a qual substituirá a agonizante segunda onda massificante do industrialismo, ou ainda na sugestão de Lipovetsky (2005a), que caracteriza a sociedade pós-moderna como constituída pelo vazio individualista, o que se percebe no levantamento dos livros mais lidos no período desta pesquisa é um movimento de convergência para as perspectivas dos três autores citados.

As narrativas que ressaltam os conflitos psico-sociais, tal como acontecia no período do Realismo, por exemplo, deixam de existir, fato que é observado também por Benjamim (1994), quando afirma que, na era da produção cultural de massa, desaparecem as grandes narrativas, quais sejam, as narrativas épicas, mais complexas e extensas, com exploração do tempo e do espaço psicológico, cujos representantes últimos, na literatura canônica, podem ser identificados, por exemplo, em Marcel Proust ou em James Joyce. Permanecem, portanto, as narrativas que se concentram na exploração das ações, aquelas que inter-relacionam vários programas narrativos entremeados a um programa principal que dá sustentação à história. Assim é, por exemplo, que se justifica o interesse do leitor comum por narrativas como *Aeroporto*, *O primeiro-ministro*, *O exorcista*, *O chefão*, *Automóvel*, *Se houver amanhã*, *Operação cavalo de tróia*, *As brumas de Avalon*, *Harry Potter e a pedra filosofal*, *Harry Potter e a câmara secreta* e, inclusive, o romance policial *O Xangô de Baker Street*, que aparecem nas listas dos mais vendidos no Brasil durante o período de 1966 a 2004. Esses são livros que prendem os leitores pela dinâmica da narrativa, razão pela qual muitos deles acabaram dando origem a produções cinematográficas.

Em relação ao gênero de narrativas, ainda, dois livros ganham uma classificação à parte ao serem colocados na categoria que chamei realismo ficcional. Trata-se de duas obras em que a crítica reconhece qualidades literárias, o que as enquadra dentro das chamadas obras *cult*. A primeira delas, muito lida na década de 1980, é um romance de Gabriel Garcia Márquez, *O amor nos tempos do cólera*, que é uma transformação do

realismo maravilhoso, estilo narrativo que tanto caracterizou o autor latino-americano<sup>16</sup>. E é exatamente nessa mesma década, mais especificamente no ano de 1982, que Garcia Márquez recebe o prêmio Nobel de literatura, uma das premiações mais cobiçadas pelos autores contemporâneos porque, além de impulsionar a venda das obras do ganhador, sanciona-o positivamente frente ao público leitor, resgatando-o da acusada superficialidade dos *best-sellers*.

A segunda obra que classifiquei nessa mesma categoria é *Budapeste*, de Chico Buarque, que, além de se voltar para questões do homem contemporâneo, conforme já apontei em outra parte deste trabalho, tem na notoriedade já adquirida por seu autor, um dos mais reconhecidos e renomados compositores da música popular brasileira, um elemento motivador para seu consumo, além, evidentemente, do fato de ter recebido, no ano de 2004, o Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, na categoria de livro de ficção. Tal como acontece com Gabriel Garcia Márquez, esse prêmio literário brasileiro também é um forte impulsionador da venda do livro.

Outro foco de interesse do leitor comum são as narrativas curtas, típicas das crônicas de humor, que, no levantamento desta pesquisa, estão representadas por *Festival de besteiras que assola o país*, *O homem ao zero*, *As mentiras que os homens contam* e *Comédias para se ler na escola*. No caso dessas obras, o que mantém o leitor interessado não são as peripécias narrativas, mas a exploração do humor nelas presente, como mostra Silva (2005) em seu trabalho sobre Luís Fernando Veríssimo.

Resta ainda um livro, *Eram os deuses astronautas?*, que entrou na listas dos mais vendidos na década de 70 porque se tornou alvo da curiosidade de muitos leitores. Num misto entre aparente cientificidade e livre imaginação, esse livro, cujo título é uma frase interrogativa, centra-se na exploração da episteme da crença. Partindo de uma indagação central do ser humano, isto é, “Deus existe?”, promete apresentar evidências que, segundo a argumentação do enunciador, confirmam a presença de seres de outros planetas na Terra em épocas passadas. Como esses seres extraterrestres tinham conhecimentos e técnicas muito superiores aos habitantes da Terra nos períodos em que supostamente aqui estiveram, eram considerados pelos terráqueos primitivos manifestações da divindade, o que o livro procura mostrar quando cita diferentes narrativas das crenças religiosas. Para

---

<sup>16</sup> Mais recentemente, o mercado editorial latino-americano investe em mais uma obra de Garcia Márquez (ao mesmo tempo que circulam rumores de que o autor, já com 78 anos, passa por sérios problemas de saúde), *Memória de minhas putas tristes*, que tem aparecido nas listas dos mais vendidos dos principais jornais e revistas brasileiros. Não por acaso, o tema central desse último romance de Garcia Márquez é ainda o amor e a sexualidade, temas tão presentes no imaginário do homem da sociedade contemporânea.

sustentar sua argumentação, apresenta inclusive uma série de fotos de diferentes lugares do globo terrestre e alguns desenhos interpretativos que servem como provas de evidências da presença dos seres de outros planetas aqui na Terra. Ele atrai leitores, portanto, porque cria uma polêmica em torno da modalidade do crer.

Todos esses livros encaixam-se, então, na categoria de leituras de passatempo. Assim, numa interpretação semiótica do acontecimento, o sujeito leitor realiza um fazer que o leva a entrar em conjunção com um estado, qual seja, o de preenchimento de um tempo da ausência de trabalho, um tempo do ócio, por uma atividade lúdica. A leitura, então, parece associar-se mais diretamente à idéia do prazer. Segundo os dados do levantamento realizado com os livros mais vendidos no período da pesquisa, a leitura de passatempo concretiza-se na conjunção com três diferentes objetos-valor: a peripécia narrativa, o humor e a curiosidade. Resta, portanto, entender como se configuram cada um desses três diferentes objetos-valor da leitura.

As obras que denomino “ação e intriga” são aquelas que se constroem por meio de tramas com longos desdobramentos, em que diferentes personagens interagem em diferentes espaços. São narrativas cujos enredos se aproximam muito da dinâmica das telenovelas, com desdobramentos de diferentes ações de personagens simultaneamente. Acredito inclusive que é por esse motivo que muitas dessas obras são rapidamente adaptadas para o cinema e acabam, em muitos casos, tornando-se grandes sucessos de bilheteria, como é o caso de *Aeroporto*, *O exorcista*, *O chefão*, *Automóvel*. Quanto ao romance policial brasileiro *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares, que também foi adaptado para o cinema, embora não o hollywoodiano, as razões que o colocam na categoria de leitura de passatempo é sua estratégia narrativa que se aproxima de um jogo de interação com seu leitor. Na busca da identificação do criminoso das histórias policiais, o leitor é atraído por falsas pistas e deve mover-se, durante sua leitura, na tentativa de buscar os verdadeiros indícios que o levem a identificar não só o criminoso como também o(s) motivo(s) que o levou(aram) a cometer o crime<sup>17</sup>. Essas narrativas aqui referidas, quer

---

<sup>17</sup>. É interessante observar que, embora não apareçam muitos livros do gênero de romance policial nos gráficos dos mais vendidos que apresento neste trabalho, isso não significa que não sejam muito procurados pelos leitores brasileiros. A razão pela qual, então, não aparecem nas listas é que, conforme já apontei anteriormente, como o levantamento é feito pelo número de vezes que um livro aparece nas listas dos mais vendidos, isso faz com que seja muito difícil chegarem às primeiras posições os autores que vendem diferentes títulos. Essa é a explicação, por exemplo, para o fato de Agatha Christie não aparecer entre os mais vendidos nas décadas de 1960 e 1970, principalmente. Como são muitos os livros escritos por essa autora, seu nome somente apareceria nos gráficos se se fizesse um levantamento por autor e não por obra. Além disso, há uma quantidade muito grande de autores de romances policiais que lançam seus livros no mercado editorial brasileiro e internacional.



as de peripécias narrativas quer as policiais, são muito comumente consumidas pelos leitores que, como já apontei anteriormente, querem preencher um espaço de ócio, como, por exemplo, um percurso de viagem de ônibus, de metrô, de trem ou de avião, embora, deva-se considerar que principalmente os jovens substituam a leitura pelo *diskman* ou pelo *iPod*<sup>18</sup>.

Quanto aos livros de Benítez, mais especificamente o primeiro volume da série *Operação cavalo de tróia* que aparece nos levantamentos da pesquisa deste trabalho, a característica de ação soma-se à de ficção científica e também à temática religiosa, conforme já mostrei no comentário apresentado anteriormente sobre esse livro.

Restam ainda dentro dessa perspectiva de peripécia narrativa, tomada como objeto-valor dos leitores, os livros que classifiquei na temática de fantasia, *As brumas de Avalon*, *Harry Potter e a pedra filosofal* e *Harry Potter e a câmara secreta*. Além de explorarem a questão dos desdobramentos narrativos que justificam inclusive as publicações em vários volumes, como a série de Benítez, há um outro componente que também já apontei aqui que é o fato de aproximá-los da visão esotérica destacada na categoria de auto-ajuda. As fadas e os bruxos nas narrativas de Marion Zimmer Bradley e J. K. Rowling recuperam essa tendência do irracionalismo presente na sociedade contemporânea que, como já apontamos neste trabalho, dilui os princípios da razão em conceitos como forças magnéticas, sensações, instinto, etc.

De acordo ainda com a noção de leitura como passatempo o destaque do humor como objeto-valor buscado pelo sujeito leitor em seu programa narrativo da leitura reflete a perspectiva de tratamento do ato de leitura como algo associado ao prazer individual que a piada, a paródia, o chiste, etc., relativos a questões cotidianas, desencadeiam. Enquanto o humor com uma certa crítica social aparece na década de 1960 com o livro *Festival de besteiras que assola o país*, de Stanislaw Ponte Preta, ao longo do tempo, quando volta a aparecer nas listas dos mais vendidos, com Luís Fernando Veríssimo, essa característica da crítica social está mais diluída. Como já comentei em outro momento deste trabalho, trata-se de histórias curtas que são lidas em situações em que os leitores parecem vivenciar um momento de lazer.

O que chamei especulação científica como leitura de passatempo diz respeito, no caso específico do levantamento realizado para esta pesquisa, ao livro de Erich von

---

<sup>18</sup> O uso desses aparelhos inclusive é um sintoma do individualismo que já apontei aqui como uma das grandes características de nossas sociedades ocidentais contemporâneas. Mesmo em meio a uma multidão é possível estar isolado escutando suas músicas preferidas.

Däniken. Muito da propaganda criada em torno dessa obra tinha a ver com o inusitado do que ali era apontado. O enunciado assume um tom científico, aos moldes de uma pesquisa científica com provas apresentadas para justificar as posições tomadas pela enunciação e, com isso, cria um fato mercadológico que é a discussão em torno de seu conteúdo. Na época em que *Eram os deuses astronautas?* atinge grande sucesso, foi motivo de discussões nas imprensa sobre as posições “polêmicas” por ele apresentadas quando pretendia apresentar uma explicação para os fatos narrados na bíblia.

Em uma direção contrária à dos livros anteriormente referidos, aparecem nas listas dos mais vendidos alguns outros que refletem uma busca por um saber que, muitas vezes, referem-se a um aspecto da realidade social brasileira ou estrangeira e aos fundamentos da ciência, como é o caso da narrativa *O mundo de Sofia*, que classifico como didatismo filosófico. Nesse grupo de leituras em busca de um saber há ainda aqueles que se preocupam com as questões sociais, como é o caso dos seguintes livros: *Quarup*, *O prisioneiro*, *O desafio americano*, *Crimes de guerra no Vietnã*, *Incidente em Antares*, *Vidas secas* e *As veias abertas da América Latina*. Quer se manifestem na forma narrativa quer na dissertativa, todos discutem diferentes aspectos da realidade social. Os leitores que consomem esse tipo de literatura são aqueles que realizam um fazer voltado para a aquisição de um saber. Esse saber adquirido torna o leitor mais integrado ao mundo que o circunda, o que corresponde, portanto, a sua integração no corpo social do actante coletivo.

A terceira configuração do leitor brasileiro nesta pesquisa corresponde a do leitor narcisista, segundo a perspectiva de Lasch (1983) e Lipovetsky (2005a), isto é, a daquele sujeito cujo fazer consiste na busca de um saber que o torne competente para resolver um problema individual, tal como já apontei anteriormente. O imaginário desse leitor concretiza-se em duas diferentes categorias textuais: a dos livros de auto-ajuda e a das biografias.

A literatura biográfica faz parte da configuração desse leitor narcisista na medida em que o foco é o indivíduo. No levantamento dos livros mais lidos por décadas, são as seguintes obras que correspondem à literatura biográfica: *Sexus*; *O lobo da estepe*; *Meu pé de laranja lima*; *Solo de clarineta*; *Olga*; *Eu, Cristiane F., 13 anos, drogada e prostituída*; *Feliz ano velho*; *Estação Carandiru*; *As vidas de Chico Xavier*.

A perspectiva a partir da qual o caráter biográfico é atribuído aos livros citados nas diferentes listas dos mais vendidos não se limita ao modelo clássico de construção desse tipo de texto. Nesse sentido, apenas *Sexus*; *Solo de clarineta*; *Olga*; *Eu, Cristiane F., 13 anos, drogada e prostituída*; *Feliz ano velho* e *As vidas de Chico Xavier* corresponderiam à

forma clássica da biografia, quer como autobiografia (*Sexus; Meu pé de laranja lima; Solo de clarineta e Feliz ano velho*), quer como biografia em terceira pessoa (*Olga; Eu, Cristiane F., 13 anos, drogada e prostituída e As vidas de Chico Xavier*). No caso de *O lobo da estepe* e *Estação Carandiru*, o processo de constituição biográfica é um pouco diferente dos demais. O romance de Hermann Hesse narra a história de uma personagem fictícia, o solitário Harry Haller, e *Estação Carandiru*, por sua vez, não conta propriamente a vida de seu autor, Dráuzio Varella, mas sim a experiência por que passou enquanto trabalhou como médico num presídio; por outro lado também, sua narrativa consiste no relato de diferentes histórias de vida, isto é, compõe uma rede micro-biográfica de diferentes presos do Carandiru.

Os dramas que vivem os heróis biografados são próprios da sociedade capitalista do século XX cujas transformações sócio-econômicas afetam diretamente alguns conceitos, como casamento, família, religiosidade, e fomentam o isolamento, o individualismo, nos termos de Lasch e Lipvetsky. O herói de Miller busca o prazer sexual sem barreiras, sem limites; o de Hesse vive afastado do convívio social, numa luta interna entre seu lado animal (o lobo) e seu lado humano; o de Vasconcelos vive a superação da dor do crescimento, da passagem para a fase adulta; o de Veríssimo, as dificuldades de sua trajetória na literatura brasileira; o de Moraes, a destruição dos ideais socialistas pela força nazista; o de Herman e Rieck, a luta contra as drogas para a qual fogem os jovens sem perspectiva de vida; o de Paiva, o sentido da vida depois de um trágico acidente; o de Varella, as diferentes formas de violência a que estão submetidos os excluídos da sociedade brasileira, confinados em um presídio; o de Souto Maior, a constituição do mito humanista de um médium espírita brasileiro como uma resposta para a descrença do homem contemporâneo.

Se as biografias são exemplos individuais de histórias de vida, os livros de auto-ajuda parecem oferecer ao leitor narcisista do final do século XX e início do XXI formas para enfrentar suas angústias pessoais. Os insatisfeitos consigo próprios podem aprender como superar suas dificuldades e adquirir a competência necessária para enfrentar “objetivamente” seus problemas. Assim, a vertente do “autoconhecimento” corresponde, durante o período estudado, ao maior número de livros de auto-ajuda consumidos pelo leitor brasileiro, 7 de um total de 23: *O sucesso não ocorre por acaso; Inteligência emocional; Comunicação global; Você pode curar sua vida; A arte da felicidade; Perdas e ganhos; Um dia daqueles*. Trata-se, portanto, de discursos que visam à transferência de um saber para o sujeito-leitor; um discurso que fala individualmente para sujeitos individuais.

Como faço para alcançar o sucesso profissional e pessoal? Lair Ribeiro poderá ensinar-lhe. Como conseguir valer-me de minha inteligência emocional para ser uma pessoa bem-sucedida no trabalho? Daniel Goleman tem todas as respostas. Como conseguir fluência para me comunicar com os outros? Novamente Lair Ribeiro pode ajudá-lo a se transformar num exímio comunicólogo. Como posso vencer a doença que me leva à morte? Louise Hay pode treiná-lo a enfrentar o câncer com o poder da mente. O que preciso fazer para ser feliz? Dalai Lama e Howard Cutler têm todas as técnicas necessárias para derrotar a ansiedade e a insegurança, a contrariedade e o desânimo do dia-a-dia. Como enfrentar o envelhecimento e a degradação do corpo? Os conselhos de Lya Luft irão confortá-lo. O que preciso fazer para vencer o desânimo da vida cotidiana? Basta folhear o livro de Bradley Greive e absorver seus ensinamentos.

Com o objetivo de auxiliar seus leitores no enfrentamento das situações de vida de cada um, a vertente do “autoconhecimento” da categoria de auto-ajuda funciona como um texto programador. Todos eles oferecerão técnicas ou “formas de pensamento” que assumem um papel terapêutico. Embora atinjam a um vasto público de leitores esses livros constroem seu discurso numa forma de diálogo íntimo entre o sujeito enunciador (o autor) e seu leitor (cada um deles particularmente). Em nenhum momento as razões da infelicidade dos leitores são atribuídas a fatores de ordem sociopolítica. Todos eles enfatizam que cada um é “responsável por si mesmo” e que a resposta para a mudança de estado (a conjunção com a felicidade) depende da capacidade que cada leitor terá de absorver e aplicar os ensinamentos que os livros lhe apresentam. Trata-se portanto, da expressão mais clara da leitura como produto de consumo e como reflexo do narcisismo social reinante, cujo valor mais característico é o utilitário, isto é, lê-se o livro para adquirir o bem-estar.

As narrativas místicas e esotéricas ganham adesão do público leitor exatamente em função de uma crise por que passam as camadas médias e altas das sociedades contemporâneas. Enquanto as camadas sociais menos privilegiadas lotam os templos evangélicos que prometem a salvação por meio da palavra de Cristo e a expulsão dos demônios dos corpos possuídos, o esoterismo ou misticismo oferecem uma alternativa *light* para aqueles que não freqüentam os templos evangélicos. Bruxos, anjos, força magnética dos astros, energia da pedra, força das águas, espíritos da mata e uma série de outras “entidades místicas” povoam o imaginário daqueles que não mais se adaptam aos preceitos da Igreja Católica ou da Protestante, no mundo Ocidental. Essas religiões valorizam o grupo familiar, característico do que, por exemplo, Tofler (1993) considera como núcleo

central das sociedades da primeira e da segunda onda, mas a sociedade contemporânea, pós-industrial, não está voltada para os grupos familiares, mas sim para os indivíduos. É exatamente nesse contexto que *O profeta*, *O alquimista*, *Brida*, *A profecia celestina*, *As Valkírias* constituem o conjunto de livros mais consumidos pelo público leitor brasileiro do ano de 1966 até o ano de 2004. Diferentemente dos que classifiquei como “autoconhecimento”, os livros “esotéricos e místicos” não oferecem técnicas ou exercícios para vencer dificuldades particulares, oferecem a seus leitores uma nova forma de crença que, para muitos, funciona como um “protesto” aos padrões convencionais, tal como propunham os *hippies* dos anos 60. E o imaginário místico e esotérico, nas camadas mais privilegiadas da sociedade, atingem os padrões de consumo, como, por exemplo, os modismos na vestimenta e no próprio corpo. As roupas indianas para as mulheres, as roupas desleixadas para os homens, as pulseiras e colares tanto para mulheres como para homens, os brincos, os *piercings*, os cabelos multiformes e multicoloridos, a onda das tatuagens pelas mãos, pernas, braços, peito, costas, pescoço são reflexos dessas novas crenças. O homem contemporâneo não acredita mais naquele Deus centralizador das velhas religiões, mas crê numa energia, numa entidade, numa força, numa luz, nos astros...

Mas o homem contemporâneo mergulha mais ainda em si mesmo. Além de buscar o autoconhecimento e de procurar explicações diferentes para o desconhecido preocupa-se também com sua sexualidade. Depois da liberação sexual dos anos 60 o homem mergulha na exploração daquilo que lhe é mais íntimo: o prazer do sexo. Embora tenha sido classificado como “memória”, o livro de Henry Miller, *Sexus*, é um representante bastante característico desse homem dos anos 60 que está a busca do prazer do corpo. Mas o sexo será a preocupação de outros livros da relação dos mais vendidos no Brasil entre 60 e 2000. Eles são: *O homem sensual*, *A insustentável leveza do ser*, *203 maneiras de enlouquecer um homem na cama* e *Onze minutos*.

De formas diferentes a questão sexual é tratada pelos livros mais vendidos. Enquanto *O homem sensual* e *203 maneiras de enlouquecer um homem na cama* funcionam como textos programadores, isto é, aqueles que, como os de autoconhecimento que oferecem técnicas para se chegar a determinado objetivo, *A insustentável leveza do ser* associa o sexo como uma forma de extravasar a insatisfação do indivíduo que se vê aprisionado por um sistema político totalitário e *Onze minutos* a redenção do sexo como expressão maior do sentimento de amor entre duas pessoas.

Pode-se ainda estabelecer diferença entre *Sexus*, de Henry Miller, nos anos 60 e os outros quatro livros acima referidos que abordam a questão da sexualidade. Fruto dos anos

de liberação sexual, o livro de Miller tem sua importância destacada pelo fato de ser o livro que irá falar de forma aberta sobre algo que até então era um tabu, sobre o qual havia um silenciamento. Já *O homem sensual*, da década de 70, e *203 maneiras de enlouquecer um homem na cama*, da década de 90, irão propor fórmulas de conquista do parceiro e diferentes posições para se atingir a satisfação sexual. Enquanto no livro de Miller fala-se sobre sexo, nos livros de M e de Olívia St. Claire pratica-se sexo.

Quanto ao livro de Kundera, percebe-se também uma referência ao sexo como forma de libertação do indivíduo, numa interface entre sexualidade e envolvimento amoroso. Três décadas depois, Paulo Coelho dará nova roupagem a esse entrelaçamento da sexualidade com o enlevo amoroso, ao discutir a prostituição em oposição ao sexo afetivo em *Onze minutos*.

Outro interesse do homem contemporâneo é a questão financeira, isto é, a forma de administrar seu trabalho, seus bens e suas finanças. Assim, três livros ganham destaque entre os mais consumidos pelo público brasileiro: *Iacocca*, *Virando a própria mesa* e *Pai rico, pai pobre*. Cada um deles irá tratar de forma diferente as questões financeiras, sempre mostrando saídas para aqueles que procuram respostas para seus problemas.

Quatro outros livros entre os mais vendidos no período em questão representam também preocupações próprias do homem contemporâneo. Assim, *Pare de engordar* e *Só é gordo quem quer* tocam em questões centrais para a estética do corpo, oferecendo receitas para seus leitores adequarem suas medidas aos padrões de beleza e de saúde esperados dos homens dos séculos XX e XXI. *Minutos de sabedoria* retoma a questão da crença num Deus que reconforta e que torna o homem mais feliz, enquanto *Complexo de Cinderela* pretende fazer com que a mulher mude seus padrões de comportamento.

## 5. Escolhas de leitura como reflexo da cultura contemporânea

---

Assim como um planeta gira em torno de um corpo central enquanto roda em torno de seu próprio eixo, assim também o indivíduo humano participa do curso do desenvolvimento da humanidade, ao mesmo tempo que persegue seu próprio caminho na vida. (Sigmund Freud. *O mal-estar na civilização*)

Até o capítulo anterior, procurei mostrar como se configura o *copus* da pesquisa, evidenciando a distribuição dos livros mais consumidos pelo público leitor brasileiro em diferentes temáticas; explorei os procedimentos textuais próprios dos textos mais lidos e levantei a questão de que as preferências dos leitores brasileiros são determinadas pelo crescimento da perspectiva do individualismo e até do irracionalismo na sociedade contemporânea. Essa caracterização sócio-histórica do leitor foi sendo construída a partir da observação das escolhas de leitura. Meu interesse, neste capítulo, portanto, será examinar e aprofundar alguns pontos de vista específicos sobre as sociedades contemporâneas já apontados em capítulos anteriores para chegar mais cientificamente a caracterizar as escolhas que os leitores fazem dos livros que desejam ler. Para tanto, este capítulo terá uma divisão em duas partes. Na primeira apresentarei uma discussão teórica sobre a contemporaneidade e na segunda discutirei a concepção de literatura de auto-ajuda, uma vez que foi o tipo de texto por que o leitor comum brasileiro dos anos 1966 até 2004 mais se interessou.

O exame das características da sociedade ocidental será aqui realizado a partir da apresentação de diferentes pontos de vista de alguns autores que examinam o mundo contemporâneo levando em consideração aquilo que fui mostrando nos capítulos anteriores, qual seja, o descrédito dos valores coletivos em função da afirmação dos valores individuais. Nesse sentido, portanto, procurarei reconstruir as explicações propostas por diferentes autores para a intensificação da postura individualista, ou narcisista, como querem alguns, nas sociedades capitalista-industriais da atualidade.

O panorama que aqui pretendo apresentar partirá da seleção de quatro autores que, por meio de diferentes perspectivas, refletem sobre as transformações sociais do mundo contemporâneo. Em primeiro lugar examinarei um trabalho de Sigmund Freud, *O mal-estar na civilização*, para observar quais as explicações apresentadas pelo fundador da psicanálise para a construção dessa postura narcísica do homem contemporâneo. Em segundo lugar, observarei como Christopher Lasch, especificamente em *A cultura do narcisismo*, já referida nos capítulos precedentes, e *O mínimo eu*, sua obra posterior que pretende reavaliar os postulados da anteriormente citada, caracteriza o comportamento narcisista da sociedade norte-americana dos anos 80. A terceira perspectiva será traçada ao focar a proposta sócio-econômica a partir da qual Alvin Toffler constrói sua interpretação do mundo civilizado, particularmente em duas obras: *A terceira onda* e *Criando uma nova civilização*. Por último, mostrarei como Gilles Lipovetsky introduz os conceitos de vazio, de pós-modernismo e de pós-moralismo, anteriormente já apontados, ao caracterizar a sociedade contemporânea, especificamente em *A era do vazio* e *A sociedade pós-moralista*.

## **5.1. Civilização em crise e o sentimento de mal-estar**

As palavras de Freud registradas na epígrafe que abre este capítulo chamam-nos a atenção para os conceitos de coletividade e individualidade, oposição que marca o perfil das escolhas de leitura dos leitores brasileiros refletido no *corpus* desta pesquisa, e apontam para a contraposição entre a civilização e o homem.

O propósito deste item do capítulo 5 não será discutir a teoria psicanalítica de Freud nem dialogar com outros trabalhos que advogam as limitações e/ou avanços, quer dos estudos psicanalíticos quer dos antropológicos, em relação a esse texto específico de Freud que aqui examinarei. Meu propósito será apenas registrar como, no início do século XX, o autor interpretava a crise por que passava a sociedade moderna, discutindo exatamente a contradição entre o coletivo e o individual, que é o interesse específico deste trabalho.

Quando Freud indaga o que o ser humano deseja da vida, sua resposta é a “felicidade”, a mesma que procura o leitor de Dalai Lama. Esse desejo não é fácil de ser satisfeito, pois as diferentes situações que acaba tendo que enfrentar em sua vida levam o homem a viver muitos momentos de infelicidade. Segundo o autor, três são as direções a



partir das quais o sofrimento ameaça o homem: “de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução (...); do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens” (p. 25). A primeira causa de infelicidade é inevitável, pois o definhamento do corpo é a lei natural da vida; a segunda, é episódica, pois pode ser consequência do acaso, ou do destino. A terceira delas é, segundo Freud, a que nos causa os sofrimentos mais penosos, pois é uma condição de nosso estado civilizador a convivência com outros homens.

O que as escolhas de leitura dos leitores brasileiros das últimas décadas revelam, porém, é que a primeira causa da infelicidade passa a adquirir uma dimensão maior do que a que apresentava na época em que Freud a observou. A preocupação com a estética corporal, com o culto ao corpo, com as dietas, com a cirurgia estética revela que a frustração em relação às alterações do próprio corpo tem aumentando nos homens das sociedades contemporâneas. O aperfeiçoamento tecnológico consequente do processo civilizador passa a ser uma esperança para retardar a ação da decadência física causada pela velhice ou para corrigir a anatomia dos corpos que porventura venham a se afastar do padrão estético valorizado.

Com relação à infelicidade que é decorrência da convivência com os outros, o autor levanta algumas formas de escape que apontam para diferentes manifestações do comportamento narcísico do homem contemporâneo. Segundo ele, uma maneira de evitar o sofrimento pelo contato com os outros é o isolamento, mas como o homem depende do convívio com seus semelhantes para atingir outros objetivos, cria diferentes maneiras de afastamento. Freud fala em quatro formas de isolamento, a intoxicação, a mania, o deslocamento da libido e a alienação da realidade. A primeira consiste na utilização de um elemento químico que age no organismo humano de maneira a alterar sua sensação; a segunda é um estado patológico que tem o mesmo princípio da intoxicação só que não se dá pela administração de nenhuma droga ao corpo; a terceira corresponde a uma sublimação dos instintos “quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual” (p. 28); a quarta manifesta-se por meio da negação absoluta do convívio com os outros, que é o princípio de isolamento do eremita, ou pela recriação da realidade em que o sujeito elimina a fonte de sua frustração e a substitui por elementos mais adequados ao seu desejo, o que pode gerar a loucura ou o fanatismo religioso.

A despeito, porém, da opção que o indivíduo faça para atingir seu estado de contentamento, ou seja, seu estado de felicidade, uma vez que não existe uma regra absoluta para atingi-la, pois, segundo Freud, “todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (p. 33), uma condição imprescindível é sua constituição psíquica. Em função dessa afirmação o autor considera três possibilidades de constituição do ser humano: o homem erótico, o narcisista e o de ação. O primeiro dá preferência aos seus relacionamentos emocionais com outras pessoas; o segundo busca a auto-suficiência na medida em que privilegia satisfazer seus processos mentais internos; o terceiro testará suas forças no mundo externo. Embora, para se adaptar às diferentes situações, o homem seja obrigado a transitar por essas três possibilidades, o que parece acontecer é que uma seja privilegiada em relação às outras. O que se observa, portanto, nas manifestações do comportamento social contemporâneo é o predomínio do padrão narcisista.

Em verdade, portanto, qual é a razão considerada pelo autor para sustentar que existe um mal-estar na civilização? A resposta apresentada por ele é a de que esse mal-estar se dá exatamente porque a civilização, entendida como “a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuítos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos” (p. 42), é uma fonte de conflito para o homem. Seu valor positivo, conforme foi dito, consiste em oferecer proteção e desenvolvimento aos homens; seu valor negativo, em reprimir seus desejos individuais. E essa repressão é decorrente do conceito de justiça, uma vez que, para o convívio social, é necessário estabelecer normas de comportamento que regulem as ações individuais de forma a que a vontade de um não prevaleça sobre a dos demais. Embora isso seja uma obviedade, porque todo convívio social pressupõe uma regulação do comportamento coletivo, conforme o próprio Freud aponta, não deixa de ser uma fonte de tensão.

Duas são as principais frustrações individuais decorrentes do processo civilizador, segundo o autor, a sexual e o comportamento agressivo. Na realidade essas duas fontes de frustração se inter-relacionam, mas como não será meu propósito discutir aqui a teoria psicanalítica proposta por Freud ao centrar o exame do comportamento do ser humano na sexualidade, não retomarei os pressupostos a partir dos quais ele examina a cultura totêmica nem os preceitos do tabu na constituição das sociedades primitivas.

Um aspecto para o qual chamarei a atenção é que o interesse pela questão da sexualidade está manifestado, conforme já abordei nos capítulos precedentes, nas escolhas

que o leitor brasileiro contemporâneo faz em relação aos livros que lê. Desde *Sexus*, de Henry Miller, que aparece na década de 1960 nas listas dos mais vendidos, até *Onze minutos*, de Paulo Coelho, nos anos 2000, identifico a temática da sexualidade que vai do poder dizer ao fazer. Embora a perspectiva de Freud ao abordar a sexualidade vá muito mais além do que tomá-la como objeto de interesse das pessoas, pois é um componente intrínseco à psique humana, não podia deixar de observar esse fenômeno em referência aos livros mais lidos pelo público brasileiro.

Outro aspecto a ser observado é a questão da agressividade como uma das formas de tensão do espaço da civilização. Embora não tenha sido tema diretamente levantado pelo *corpus* da pesquisa, pode ser detectado em alguns dos livros que aparecem entre os mais lidos, tais como, *Aeroporto* e *O primeiro-ministro*, de Sidney Sheldon, *O chefão*, de Mário Puzzo, *Crimes de guerra no Vietnã*, de Bertrand Russell, *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, entre outros. Além disso, as manifestações de diferentes formas de agressividade são cada vez mais crescentes nas sociedades modernas, quer enquanto manifestações individuais quer enquanto manifestações coletivas.

O que é imprescindível recuperar das reflexões de Freud é que a agressividade é um reflexo da contenção do instinto, que se manifesta na forma do instinto do ego, aquele que visa a preservar o indivíduo, tal como a fome e a sede, por exemplo, e na forma do instinto do objeto, que corresponde ao amor, cuja função é a preservação da espécie. O primeiro continua chamando instinto do ego, o segundo, porém, passa a chamar de instinto libidinal.

Com o desenvolvimento de suas investigações, Freud (1997) começa a observar o fenômeno da agressividade a partir do lugar das forças opressoras e não mais das reprimidas. É a partir então dessa perspectiva que aborda a questão do narcisismo, como se pode identificar no seguinte trecho:

(...) O decisivo passo à frente consistiu na introdução do conceito de narcisismo, isto é, a descoberta de que o próprio ego se acha catexizado pela libido, de que o ego, na verdade, constitui o reduto original dela e continua a ser, até certo ponto, seu quartel-general. Essa libido narcísica se volta para os objetos, tornando-se assim libido objetal, e podendo transformar-se novamente em libido narcísica. O conceito do narcisismo possibilitou a obtenção de uma compreensão analítica das neuroses traumáticas, de várias das afecções fronteiriças às psicoses, bem como destas últimas. (p. 76)

Embora a ele pareça que o conceito de narcisismo venha explicar uma série de problemas voltados para o aspecto interior da constituição psicológica do indivíduo, parece também reduzir a questão do instinto a apenas uma única fonte, qual seja, a da libido. O

desenvolvimento de suas investigações, fazendo inclusive um paralelo com os princípios biológicos, leva-o a identificar que, ao lado do instinto de preservação do elemento vivo, há um outro que se volta para sua dissolução ao estado inorgânico. Dessa forma o autor propõe que o fenômeno da vida pode ser explicado pela ação concorrente de dois instintos básicos: Eros e Tânatos, o instinto da vida e o instinto da morte.

A civilização, portanto, constitui um processo a serviço de Eros. O fator agregador da civilização, que consiste no estabelecimento de elos entre os indivíduos isolados, não pode dever-se apenas às vantagens dos trabalhos em comum propiciadas pelo movimento de unidade, por isso irá dizer que ele depende do instinto libidinal. Ocorre, porém, que o instinto agressivo do homem, que o torna hostil aos outros homens, contrapõe-se a esse programa da civilização, o que o torna o derivado e o principal representante do instinto de morte.

Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda vida, e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida. E é essa batalha de gigantes que nossas babás tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o Céu. (Freud, 1997, p. 81-2)

Para inibir a agressividade com que o homem se lhe opõe, qual é o recurso empregado pela civilização? Segundo Freud, o mais eficaz de todos os meios é fazer com que a agressividade se internalize no próprio homem, isto é, fazer com que ela se volte para o próprio ego. Essa é a exata equação que sustenta o mais eficaz instrumento do processo civilizador, qual seja, o sentimento de culpa. Está criado, portanto, um agente responsável pela punição do ego, o superego, de tal forma que o sentimento de culpa se expressa na forma de uma necessidade de punição. “A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada” (Freud, 1997, p. 84)

Uma vez mais, não reproduzirei aqui as explicações que o autor apresenta quando distingue, no processo de instauração do sentimento de culpa, os conceitos que adquirem em sua teoria os termos “superego”, “consciência”, “necessidade de culpa” e “remorso”. Destacarei apenas que toda sua reflexão sobre o mal-estar da civilização, que toma o sentimento de culpa como a grande arma de controle do processo civilizador, dirige-se às

religiões. Seu texto inicia-se com a referência a uma carta escrita por um amigo, Romain Rolland, que lhe dizia haver lido um livro escrito por ele que procurava mostrar como a religião era uma ilusão. Esse amigo afirmava concordar com os argumentos apresentados por Freud, mas lamentava o fato de o autor austríaco não poder apreciar a verdadeira fonte da religiosidade, designada por ele por um sentimento de “eternidade”.

Para Freud (1997), as religiões sempre reafirmaram o papel do sentimento de culpa que faz parte da civilização. Como afirma em seu texto, elas

alegam redimir a humanidade desse sentimento de culpa, a que chamam de pecado. Da maneira pela qual, no cristianismo, essa redenção é conseguida – pela morte sacrificial de uma pessoa isolada, que, desse modo, toma sobre si mesma a culpa comum a todos –, conseguimos inferir qual pode ter sido a primeira ocasião em que essa culpa primária, que constitui também o primórdio da civilização, foi adquirida. (p. 99)

Assim, a força de contenção dos impulsos agressivos exercida pela civilização tem uma dívida com o trabalho constante das instituições religiosas, pois elas oferecem todas as condições para que o superego individual mantenha controle absoluto sobre o ego. Mas, Freud vai mais além e diz que a civilização é responsável pelo estabelecimento de um superego cultural, quando trata da relação dos seres humanos entre si, submetendo-a ao princípio da ética. O mandamento “amar ao próximo como a si mesmo”, para o qual confluem o princípio ético do respeito e da igualdade entre os membros de uma comunidade e o princípio religioso da comunhão cristã, é a exigência mais implacável que o superego cultural pode fazer sobre o ego, pois é impossível de ser cumprida. O que se conclui, então, é que tanto o superego individual como o cultural preocupam-se muito pouco com a felicidade do ego, pois exigem que ele represe totalmente a força instintiva do id, o que segundo Freud é outra tarefa completamente impossível para um ser humano normal, pois o domínio sobre o id tem limites, e que, ao mesmo tempo, controle as dificuldades com que se depara no meio ambiente externo real. Além de não se importar pelo conflito que instaura no indivíduo, a civilização faz crer que quanto mais difícil for obedecer a seu mandamento, mais meritório será assim proceder. Esse princípio ético, segundo o autor, nada tem a oferecer ao homem, “exceto a satisfação narcísica de se poder pensar que se é melhor do que os outros” (p. 109).

Frente a essas observações é possível indagar se em algum momento da história uma civilização ou parte dela não se tornou “neurótica”, uma vez que o ego não mais suportou a pressão do superego cultural. A conclusão do texto de Freud é disfórica por

considerar que o homem de sua época já havia adquirido tamanho controle sobre as forças da natureza que isso facilitava o extermínio de uns sobre outros. Ao invocar as forças de Eros contra seu eterno rival, Tânatos, julga incerto o futuro da humanidade.

A despeito, porém, da visão negativa com que Freud conclui seu texto<sup>19</sup>, o que pode ser inferido do exame do *corpus* desta pesquisa é que o leitor brasileiro contemporâneo parece estar procurando escapar ao controle absoluto de seu superego. A partir do momento que certos dogmas religiosos do mundo Ocidental passam a perder a força coercitiva que antes possuíam, o controle sobre o ego parece arrefecer um pouco. A partir do momento em que a sociedade contemporânea reforça o comportamento narcisista, afrouxando um pouco a pressão sobre os padrões conservadores da família, do casamento, da identidade sexual, da submissão da mulher ao homem, etc., o indivíduo pode voltar-se para si mesmo e, conseqüentemente, aliviar-se um pouco de suas culpas.

Por outro lado, se, do ponto de vista dos valores, a sociedade capitalista contemporânea é mais permissiva, do ponto de vista econômico, sua ação continua a ser coercitiva. Na medida em que valoriza o consumo, há um incremento da angústia e do estresse toda vez que o indivíduo não consegue responder positivamente a essa ordem. Ao mesmo tempo que tem a liberdade de isolar-se de seus semelhantes, não constituindo um núcleo familiar padrão, essa solidão exerce sobre a maioria deles uma outra pressão, qual seja, a insegurança decorrente da ausência de proteção própria do convívio grupal. Embora o homem contemporâneo possa eventualmente estar reanimando seu ego, tornando-o mais forte para enfrentar o superego coletivo de que fala Freud, parece perder aquilo que é uma das forças da civilização, qual seja, sua ação protetora sobre o indivíduo.

Por essas razões é que o homem contemporâneo parece procurar outras formas de se relacionar consigo mesmo e com os outros, quando consome a literatura de auto-ajuda, quer em busca de auto-conhecimento, quer a procura dos valores esotéricos.

## **5.2. Cultura narcisista do ego mínimo**

Christopher Lasch faz uma análise da sociedade norte-americana a partir de um ponto de vista psicológico que leva em consideração as perspectivas sociológica e

---

<sup>19</sup>. Alguns comentadores costumam atribuir essa visão negativa do futuro da humanidade com que Freud conclui *O mal-estar na civilização* à figura de Hitler que, em 1931, quando o texto é publicado, já representava uma ameaça.

econômica. Para examinar como o autor interpreta as mudanças da sociedade contemporânea valer-me-ei de duas de suas obras, *A cultura do narcisismo*, publicada em 1979, em que observa a sociedade estadunidense do final da década de 1960 e boa parte da década de 1970, e *O mínimo eu*, publicado inicialmente em 1984, no qual rediscute e amplia seu conceito de cultura narcisista. Quando me referir aos livros de Lasch aqui citados, utilizarei as datas das edições brasileiras a que tive acesso: 1983, para o primeiro, e 1990, para o segundo.

Lasch (1983) caracteriza o que chama de sociedade do final do século XX como dominada pelo ideal do *carpe diem*, pois o que importa é o momento e não a posterioridade. Segundo ele, o homem contemporâneo abandona o conceito de história e está à procura do bem-estar pessoal, da manutenção de sua saúde física e de sua segurança psíquica. Com a crise da família, que perde, além da função produtiva, a reprodutora, os pais já não conseguem mais criar seus filhos sem o auxílio de especialistas, o que torna o indivíduo, segundo ele, dependente do Estado, da corporação e de outras burocracias. Para o autor, o “narcisismo representa a dimensão psicológica dessa dependência. Não obstante suas ocasionais ilusões de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua auto-estima. Ele não consegue viver sem uma audiência que o admire.” (p. 30)

O incremento das relações burocráticas na sociedade norte-americana, para Lasch (1983), além de impulsionar o crescimento do “egoísmo do Adão americano”, promove a destruição das diferentes formas de autoridade patriarcal, o que é um modo de enfraquecer o superego social, embora não aconteça a mesma coisa com o ego individual.

O declínio da autoridade institucionalizada, em uma sociedade ostensivamente permissiva, no entanto, não leva a um “declínio do superego” nos indivíduos. Pelo contrário, encoraja o desenvolvimento de um superego severo, punitivo, que extrai a maior parte de sua energia psíquica, na ausência de proibições sociais autoritárias, dos impulsos destrutivos e agressivos do id. Elementos inconscientes e irracionais do superego passam a dominar sua operação. À medida que as figuras de autoridade na sociedade moderna perdem sua “credibilidade”, o superego nos indivíduos cada vez mais tem origem nas primitivas fantasias infantis sobre seus pais – fantasias carregadas de ódio sádico – e não de ideais do ego interiorizados, formados pela experiência posterior com modelos amados e respeitados de conduta social. (p. 32-3)

Com o objetivo de mostrar como historicamente essa postura narcísica do homem contemporâneo foi se construindo ao longo do tempo, Lasch retoma a crítica ao privatismo exposta por outro autor (Richard Sennett). Segundo essa perspectiva, o descrédito das convenções sociais tão presentes, por exemplo, nas sociedades cosmopolitas do século

XVIII, quando havia uma distância bastante marcada entre o comportamento público e o privado, acaba expondo os traços individuais dos diferentes sujeitos em interação. Isso é decorrência da ascensão do ideal de sinceridade e autenticidade da sociedade romântico-burguesa do século XIX, que valoriza a exposição do sujeito sem máscaras. “À medida que o mundo público passou a ser visto como um espelho do eu, as pessoas perderam a capacidade de distanciamento e, conseqüentemente, do encontro lúdico, que pressupõe um certo distanciamento do eu”. (p. 51)

A maneira como compreende o movimento narcisista do homem contemporâneo distancia-se de uma visão moralista como algumas pessoas o interpretam, ao entenderem o narcisismo como sinônimo de egoísmo, como comportamento responsável pela dissolução das bases de uma convivência social civilizada. Para Lasch (1983), o narcisista reflete as condições estabelecidas pelo padrão de conduta competitiva da sociedade industrial contemporânea, razão pela qual representa o modelo de indivíduo apto a chegar “a posições de proeminência, não só em movimentos de conscientização e outros cultos, como também em corporações comerciais, organizações policiais e burocracias governamentais” (p. 69). Sua característica principal deve ser o controle de suas impressões pessoais, o que lhe favorece o domínio das relações impessoais, ao mesmo tempo que uma diminuição de intensidade nas relações pessoais íntimas. “À medida que o ‘homem da organização’ cede lugar ao ‘manipulador’ burocrático – a ‘era da lealdade’ do comércio americano à era do ‘jogo executivo do sucesso’ –, o narcisista encontra seu lugar” (p. 69).

Essa visão do narcisismo apresentada por Lasch pode ser identificada nos livros de literatura de auto-ajuda que classifiquei na categoria de “auto-conhecimento”, como é o caso, por exemplo, das obras de Lair Ribeiro e Daniel Goleman, ou na categoria de “mundo dos negócios”, especificamente com o livro de Iacocca e Robert Kiyosaki. A idéia de sucesso na carreira profissional, de máxima produtividade, de agressividade nos investimentos constrói-se a partir do centramento no indivíduo que deve sempre mostrar-se como o mais apto para desempenhar as melhores funções, o que significa, na lógica dos administradores, não apenas subir de posto, mas passar à frente de outros. Juventude, ousadia, capacidade de liderança, versatilidade, agressividade, disponibilidade são os valores esperados dos indivíduos que realizam negócios. Há casos de setores de recursos humanos de empresas que, segundo declarações em revistas, como *Veja*, *Isto é* e *Exame*, procuram na pessoa que se candidata a uma vaga em determinada empresa o que chamam “brilho nos olhos”. Esse termo corresponde à expressão de valorização do elemento físico



ao mesmo tempo que carrega a idéia esotérica do “magnetismo”. Beleza, agilidade, agressividade são as características esperadas dos homens de negócios.

Para o autor, porém, a valorização dessas “qualidades” tem um preço. A fragilidade do corpo é responsável pelo crescimento da ansiedade e da insegurança do homem contemporâneo. O avanço da idade, a perda do vigor e até da emoção de vencer tem como resultado a depressão, o questionamento do sentido da vida, o que leva o homem contemporâneo ao estado de solidão, de isolamento. “Não é surpreendente, dada a predominância deste padrão de carreira, que a psicologia popular recorra com tanta frequência á ‘crise da meia idade’ e aos meios de combatê-la” (Lasch, 1983, p. 71).

Nesse contexto, novamente a busca para uma saída desse estado negativo leva o indivíduo a procurar outras alternativas. Assim surgem os livros que incentivam o “pensamento positivo”, “a espiritualidade”, por um lado, a “alimentação natural”, a “dieta” e a “estética corporal”, por outro lado. Nunca o mercado de medicamentos, de tratamentos psicológicos e de cosméticos teve um incremento tão acelerado como no mundo contemporâneo. Alguns tabus como a idéia de que o psicólogo e o psiquiatra cuidavam apenas de pessoas com perturbações mentais caem por terra e os indivíduos acabam recorrendo a esse tipo de profissionais pelas mais diferentes razões. A idéia de que a “saúde mental” é tão importante quanto à física reflete-se inclusive nos movimentos para que os planos de saúde particulares cubram tratamentos psicológicos, como sessões de análise, reivindicação que também pode ser constatada nos postos de atendimento de saúde pública.

A medicina e a psiquiatria – mais geralmente, o ponto de vista e a sensibilidade terapêuticos que invadem a sociedade moderna – reforçam o padrão criado por outras influências culturais, nas quais o indivíduo examina-se interminavelmente, à procura de sinais de velhice e doença, de sintomas indicadores de tensão psíquica, por manchas e imperfeições que possam diminuir sua atração, ou, por outro lado, para confirmar as indicações de que sua vida está seguindo de acordo com o esquema. (Lasch, 1983, p. 75)

Com relação aos produtos de beleza, por exemplo, cujas empresas sempre se voltaram para o mercado feminino, na medida em que subsiste um valor cultural que reafirma a vaidade feminina, volta-se também para o mercado masculino, criando uma variedade de cosméticos destinados ao novo tipo de público, quebrando assim um novo tabu, qual seja, o de que os homens não usam produtos de beleza para manter a aparência física, como os cremes para rugas, máscaras faciais, óleo de banho, etc. A preservação do

corpo é responsável por outra característica do narcisista, qual seja, a vaidade, não mais como uma exclusividade das mulheres, mas dos homens também.

Outra fonte de pressão sobre os indivíduos da sociedade contemporânea identificada por Lasch é o sentimento de marginalidade. Para o autor, embora o narcisista submeta-se às normas sociais por medo da represália externa que possa sofrer, vê a si mesmo e aos outros indivíduos, por consequência, como “foras da lei”. O que isso acarreta é que o narcisista sempre desconfia do outro, porque o considera, muitas vezes, desonesto. Para o autor, os sistemas de valores das personalidades narcisistas são geralmente corruptíveis, contrastando com a rígida moralidade da personalidade obsessiva (p. 77).

Estabelecendo um paralelo com a situação do meio cinematográfico hollywoodiano, o autor compara o ideal de sucesso do homem contemporâneo com o princípio da fama e da visibilidade. Quando compara essa atitude da sociedade contemporânea com a do século XIX, Lasch (1983) irá considerar que, diferentemente dos tempos atuais, o culto ao sucesso daquela época não se voltava para a competição entre os indivíduos, mais sim a um ideal abstrato de disciplina e abnegação. A mudança de atitude se dá quando, no início do século XX, a burocratização da carreira nas empresas fez com que os jovens ambiciosos fossem substituindo a disciplina e a abnegação da geração passada por uma “forma de rivalidade fraternal, na qual homens com capacidades aproximadamente iguais colidem uns contra os outros, na competição por um número limitado de postos” (p. 85).

Para mostrar essa mudança de comportamento do homem no século XX, o autor cita uma obra escrita por George Horace Lorimer, intitulada *Letters from a self-made merchant to his son*. Na verdade, Lorimer era o pseudônimo de John Graham, um norte-americano que viveu de 1868 a 1937. Em seu livro, Lorimer simula uma correspondência por cartas com seu filho para explicar-lhe como proceder nos negócios e como prosperar na vida. Na realidade, esse livro vem a ser de um ancestral da auto-ajuda que classifiquei sob a temática de “mundo dos negócios”. Inclusive no próprio título do livro já está evidenciada a idéia de auto-suficiência, de fazer-se por si mesmo, característica desse tipo de livro. Ao comentar a obra de Lorimer, John Cawelti (Apud Lasch, 1983) diz que no “final do século dezenove, (...) os livros de auto-suficiência eram dominados pelo caráter da habilidade do vencedor e do encorajamento. O magnetismo pessoal, qualidade que supostamente capacitava um homem a influenciar e dominar outros, tornou-se uma das maiores chaves do sucesso” (p. 85).

Dois outros aspectos presentes das sociedades atuais que colaboram para a característica narcísica do homem contemporâneo são destacados por Lasch (1983): a idéia de sucesso veiculada pela publicidade e a competição entre o homem e a mulher.

No que se refere à publicidade, o autor coloca que inicialmente ela era produzida com a intenção de chamar a atenção do público para um determinado produto e para suas vantagens. Atualmente, sua função é criar o próprio consumidor, na medida em que promove a idéia de consumo como modo de vida. “Ela ‘educa’ as massas para ter um apetite inesgotável não só por bens, mas por experiências e satisfação pessoal” (p. 102). Nesse sentido, como o consumidor é bombardeado por diferentes propagandas de produtos, torna-se um indivíduo em constante insatisfação, intranqüilidade, ansiedade e tédio, pois não é capaz de responder a todos os impulsos que lhe são dirigidos. A propaganda “defende o consumo como resposta aos antigos dissabores da solidão, da doença, da fadiga, da insatisfação sexual; ao mesmo tempo, cria novas formas de descontentamento peculiares à era moderna” (p. 102). Nesse sentido, portanto, embora seu efeito seja coletivo, a ação da publicidade está voltada para o indivíduo, razão pela qual é um dos grandes suportes do narcisismo.

Quanto à competição entre o homem e a mulher, o que se observa é que ela é decorrente das transformações do capitalismo que abandona sua forma paternalista e familiar e a substitui por um sistema administrativo, empresarial e burocrático que exerce controle sobre todas as relações. As razões da luta entre sexos na sociedade contemporânea, portanto, segundo Lasch (1983) são “a liberação do sexo de muitas de suas restrições anteriores; a busca do prazer sexual como um fim em si mesmo; a sobrecarga emocional das relações pessoais; e, mais importante de tudo, a resposta masculina irracional à emergência da mulher liberada” (p. 231).

O intuito de Lasch (1990), quando escreve *O mínimo eu* consiste, como declara na abertura de seu livro, em tornar mais clara a proposta de uma cultura do narcisismo apresentada em sua obra anterior. Na verdade, o parágrafo que inicia o prefácio desse segundo texto de Lasch sintetiza a tese em torno da qual se organiza todo o livro:

Em uma época carregada de problemas, a vida cotidiana passa a ser um exercício de sobrevivência. Vive-se um dia de cada vez. Raramente se olha para trás, por medo de sucumbir a uma debilitante nostalgia; e quando se olha para a frente, é para ver como se garantir contra os desastres que todos aguardam. Em tais condições, a individualidade transforma-se numa espécie de bem de luxo, fora de lugar em uma era de iminente austeridade. A individualidade supõe uma história pessoal, amigos, família, um sentido de situação. Sob assédio, o eu se contrai num

núcleo defensivo, em guarda diante da adversidade. O equilíbrio emocional exige um eu mínimo, não o eu soberano do passado. (p. 11)

O que parece acentuar-se na perspectiva de Lasch (1990) é uma visão psicológica com que tratará a questão do individualismo na sociedade contemporânea. Na introdução de seu novo trabalho, faz uma crítica à visão de algumas pessoas que entendem a tendência narcisista ou individualista das sociedades contemporâneas como algo negativo, que reflete o “egoísmo” e a “insensibilidade” dos seres humanos que se tornaram consumistas e alienados, chegando a considerar esse comportamento um “mal nacional” ou a consequência de uma “crise de confiança”. Segundo ele, essa é uma interpretação do senso comum que não leva em consideração determinados fatores sócio-econômicos que agem sobre o comportamento psico-social dos indivíduos. Para defender seu ponto de vista, Lasch considera a posição de alguns analistas e cientistas sociais que vêem na sociedade contemporânea um processo de transformação do estágio industrialista para um forma de organização que denominam pós-industrialista, o que significa dizer que o comportamento dos indivíduos nas sociedades contemporâneas é decorrente de uma transformação das relações de trabalho e do sistema econômico a que estão ligadas. A esse respeito mostrarei a visão de Toffler (1993 e 1999) no item seguinte deste capítulo.

Para o autor, o consumo não deve ser entendido como uma antítese do trabalho, mas sim como dois aspectos do mesmo processo. “Os arranjos sociais que sustentam um sistema de produção em massa e consumo de massa tendem a desencorajar a iniciativa e a autoconfiança e a incentivar a dependência, a passividade e o estado de espírito do espectador, tanto no trabalho como no lazer” (p. 19). Nesse sentido, o consumismo corresponde a um outro aspecto da degradação do trabalho, que consiste na eliminação da diversão e da habilidade artesanal do processo de produção, constituindo-se como uma outra fase da rotina do trabalho industrial. Isso significa dizer que o industrialismo desencoraja a produção doméstica, levando as pessoas a se tornarem dependentes do mercado. É a partir dessa visão que Lasch (1990) irá falar dos efeitos psicológicos causados pelo consumismo.

A partir dessa relação entre trabalho e consumo, o autor irá afirmar que toda cultura que se organiza em torno do consumo de massa acaba estimulando o comportamento narcisista. Assim, define o narcisismo como “a disposição de ver o mundo como um espelho; mais particularmente, como uma projeção dos próprios medos e desejos – não porque torna as pessoas gananciosas e agressivas mas porque as torna frágeis e

dependentes” (p. 24). Ao considerar os padrões psicológicos no comportamento das pessoas que vivem nas culturas atuais, o autor irá propor uma explicação para o sentimento de “desproteção”, conseqüente à submissão do sujeito aos padrões do consumo.

Se a cultura burguesa do século XIX reforçava os padrões anais de comportamento – estocagem de dinheiro e mantimentos, controle das funções fisiológicas, controle do afeto – a cultura do consumo de massa do século XX recria os padrões orais enraizados numa fase ainda mais anterior do desenvolvimento emocional, quando a criança era completamente dependente do seio materno. O consumidor percebe o mundo circundante como uma espécie de extensão do seio, alternadamente gratificadora ou frustrante; reluta em conceber o mundo a não ser em conexão com suas fantasias. Em parte porque a propaganda que cerca as mercadorias apresenta-as tão sedutoramente como a satisfação dos desejos, em parte, também, porque a produção de mercadorias, por sua própria natureza, substitui o mundo dos objetos duráveis com produtos destinados à imediata obsolescência, o consumidor enfrenta o mundo como um reflexo de seus anseios e temores. (Lasch, 1990, p. 25)

Na medida, portanto, em que o homem da época atual sente-se emocionalmente fragilizado pelo contraste das pressões que sobre eles estão incidindo, qual seja, a produção e o consumo, cria-se a mentalidade da sobrevivência como uma forma de preservação da individualidade. Segundo Lasch (1990), desde os anos 60 a sociedade norte-americana vive obcecada pela idéia do desastre de uma guerra nuclear e do esgotamento dos recursos do planeta que são responsáveis pela vida dos seres humanos. Ao mesmo tempo que a ciência e a tecnologia produzem avanços nas mais diversas áreas do conhecimento humano, garantido confortos materiais que não podiam ser usufruídos pelas gerações passadas, o crescimento da sensação de segurança é inversamente proporcional a todo o desenvolvimento alcançado. Nesse quadro instaura-se a crise que vive o homem contemporâneo.

O risco da guerra nuclear, a ameaça da catástrofe ecológica, a lembrança do genocídio dos nazistas contra os judeus, o possível colapso de toda a nossa civilização geraram um amplo e extenso sentimento de crise, e a retórica da crise penetra agora as relações raciais, a reforma das prisões, a cultura de massa, a administração fiscal e a “sobrevivência” pessoal cotidiana. (p. 54)

Essa insegurança constante a que está submetido o homem hodierno, ao mesmo tempo que é acalmada com a exposição de diferentes argumentos em favor da perpetuação da espécie humana no planeta, é, por outro lado, reforçada pelas exposições das mais diferentes visões catastróficas para o futuro. Sobre essas questões o autor discorre em um capítulo de seu livro dedicado ao tema do holocausto durante a Segunda Grande Guerra,

recuperando a discussão gerada em torno desse acontecimento como uma lição a ser aprendida e não repetida nas gerações futuras. Além disso, resgata o discurso contrário, qual seja, o de que o futuro das nações poderá significar a implantação de um sistema político totalitário que promoverá o controle absoluto dos homens nas situações mais particulares, isto é, uma perda da privacidade e da individualidade de cada um.

Ao recuperar, portanto, a idéia do mal-estar da civilização segundo a perspectiva de Freud, que mostrei aqui no item anterior deste capítulo, Lasch (1990) diz que os diferentes debates sobre a cultura contemporânea podem, do ponto de vista da terminologia psicanalítica, resumir-se a três diferentes posições. A primeira, que chama conservadora, é aquela que interpreta a crise da cultura contemporânea como uma crise do superego. Para os partidários dessa vertente, a estabilidade social e a renovação no plano da cultura podem ser atingidos por meio da restauração do superego social. Segundo os adeptos dessa perspectiva, “a desordem e a confusão predominantes na cultura contemporânea [devem-se] ao colapso das inibições morais, ao clima de permissividade e à decadência da autoridade” (p. 183). Os adeptos dessa visão consideram os indivíduos das sociedades contemporâneas hedonistas, exclusivistas carentes de uma força de repressão aos desejos do ego.

A segunda posição descrita por Lasch é a que intitula liberal. Contrariamente à visão anterior, os partidários dessa perspectiva acreditam que a faculdade racional a ser fortalecida é o ego. De acordo com sua concepção, a sociedade necessita de uma iluminação moral e não de uma estrutura de proibições. “Ela precisa de pessoas com força interior para estabelecer juízos morais entre a pluralidade de opções disponíveis e não de pessoas que, como escravos, seguem as ordens ou se conformam irrefletidamente aos dogmas morais aceitos” (p. 182).

A terceira perspectiva sobre a cultura contemporânea defende uma “revolução cultural”. “Apontam para a destrutividade da própria razão e alinham-se ao ideal do ego em sua luta para recapturar um sentido de união com o mundo” (p. 226). Nesse sentido, ela defende o dualismo, na medida em que propõe a reconciliação entre o superego, herdeiro do complexo de Édipo, com o ideal do ego, herdeiro do estado de narcisismo primário; enquanto o primeiro dá ênfase à realidade e separação da criança em relação à mãe, o segundo recupera a promessa da imaginação, do desejo e da fantasia da reunião.

Na exposição das três correntes que buscam interpretar a cultura contemporânea, Lasch (1990) irá afirmar que é a terceira aquela que a entende como uma cultura do narcisismo, pois ao invés de considerar o individualismo uma tendência negativa da

sociedade, interpreta-o como algo positivo, exatamente porque fortalece o ego e o mantém em relação de forças com o superego. Em sua caracterização do narcisismo, o autor afirma o seguinte:

O desejo de completa auto-suficiência é um legado do narcisismo primário na mesma medida que o desejo por reciprocidade e ligação. É porque o narcisismo não conhece nenhuma distinção entre o eu e os outros que ele se expressa na vida posterior tanto no desejo de união extática com os outros como no amor romântico, quanto no desejo de independência absoluta perante os outros, por meio do qual procuramos reviver a ilusão original de onipotência e negar a nossa dependência das fontes externas de alimentação e gratificação. O projeto tecnológico que visa adquirir independência frente à natureza corporifica a face solipsista do narcisismo, tal como o desejo de união mística com a natureza corporifica a sua face simbiótica e auto-obscurecedora. (p. 227)

Ao final, o que identifico na proposta de Lasch de acordo com as suas duas obras aqui referidas é que sua interpretação psicanalítica da cultura contemporânea, ao defender a idéia da forma narcisista de sua constituição pode, em alguns momentos, apontar alguns aspectos identificados na análise que fiz do *corpus* deste trabalho.

Partindo da constatação de que o narcisismo é um movimento de união, na medida em que se origina da fusão simbólica entre o bebê e sua mãe, como é dito pelo próprio autor, ele é muito mais da ordem do desejo, do impulso, do instinto, do que propriamente de uma intenção, de um projeto do sujeito. Nesse sentido, o primeiro aspecto que posso observar na proposta de Lasch é que o comportamento narcísico não é oriundo de uma racionalidade, mas sim de uma irracionalidade.

Essa constatação que exponho de minha leitura das obras de Lasch pode ser uma explicação, por exemplo, para o fato de que dentre os livros mais lidos pelo público brasileiro dos últimos 38 anos a vertente da auto-ajuda, que, como procurei mostrar anteriormente, tem por base uma concepção irracionalista, tenha crescido de forma bastante acentuada. As bases da concepção do irracionalismo podem estar, portanto, assentadas no princípio do individual, na medida em que o que mais importa é a sensação e não a razão.

Em decorrência desse mesmo aspecto é que aponto uma segunda consideração relativa à idéia da cultura narcisista de Lasch. Na medida em que os indivíduos na sociedade contemporânea tendem a uma busca de identificação, ou de união, com a natureza (princípio do narcisismo), essa é uma outra explicação para a presença tão acentuada da literatura de auto-ajuda em nossa sociedade. O que se privilegia nessa cultura narcísica é exatamente o fortalecimento do ego para que o indivíduo supere a crise em que

está colocado, porque se sente inseguro diante da dissolução dos valores de acúmulo da sociedade pós-industrial, que vê a produção e o consumo como as duas faces de um mesmo objeto, e porque teme a possibilidade de uma catástrofe iminente que desfaz a esperança de um futuro seguro.

A literatura de auto-ajuda, portanto, surge como uma resposta a todas essas angústias do homem contemporâneo. Por esse motivo é que Lasch na apresentação de seu *O mínimo eu*, que reproduzi mais acima, afirma que a vida cotidiana no mundo contemporâneo é um exercício de sobrevivência. E o ideal de sobrevivência não carrega nenhum valor coletivo, pois diz respeito a cada um dos indivíduos em particular. A auto-ajuda então pode ser interpretada como uma maneira de conforto a esse ego que busca satisfazer seus desejos.

### **5.3. As políticas das ondas**

A apresentação das propostas de Toffler tomará por base duas obras do autor, *A terceira onda*, cuja primeira edição é de 1980, e *Criando uma nova civilização*, de 1994. As referências a esses autores aqui realizadas partirão das edições traduzidas para o português, respectivamente, em 1993 e 1999. Tal como Lasch, Toffler parte da observação da sociedade norte-americana para refletir sobre as transformações de nossa civilização em diferentes ciclos, chamadas por ele ondas de organização econômico-social que se propagam entre os diferentes povos do planeta. A partir do exame dessas ondas evolutivas Toffler procurará caracterizar o estágio atual de nossa civilização, apontar as transformações em curso e as que ainda virão no futuro. Sua perspectiva é eufórica em relação a esse tempo que virá, pois não considera o capitalismo um sistema econômico-social perverso, além de afirmar que a oposição entre esse sistema e o socialismo tende a se diluir completamente nesse tempo do porvir. Contrariamente ao sentimento de medo, decorrente das previsões lúgubres sobre o futuro, que, segundo ele, persiste no imaginário de muitos indivíduos da sociedade contemporânea, Toffler (1993) irá afirmar que sua proposta dirige-se àqueles “que crêem que a história humana, longe de terminar, está apenas começando” (p. 15).

A visão de que a sociedade contemporânea vive uma situação de descontrole total, refletida, como alguns consideram, no colapso da “família nuclear”, na crise de energia, no



enfraquecimento dos valores religiosos pregados pela Igreja, no questionamento do poder do Estado, tendo em vista o descrédito das classes políticas, é decorrente, no entender do autor, de uma falta de perspectiva histórica das alterações por que passaram e estão passando as sociedades humanas. Segundo Toffler (1993), porém, para compreender a história da humanidade não basta descrever os fatos acontecidos numa linearidade temporal, pois não é assim que ela se desenvolve.

Para o autor, a primeira onda corresponde ao aparecimento da agricultura há uns dez milhões de anos, que significou um marco decisivo no desenvolvimento social humano. A implantação do sistema de trabalho agrícola representou o fim do comportamento nômade de pequenos grupos humanos, cuja ação consistia em se deslocar continuamente em busca do alimento. A atividade agrícola como forma de subsistência sedimentou os agrupamentos em espaços maiores que foram dando origem, mais tarde, às aldeias, cidades e, conseqüentemente, a diferentes nações.

No final do século XVII, inicia-se a segunda onda que representa uma nova transformação social no planeta. Trata-se da revolução industrial que surge na Europa e que se expande para os outros continentes. Por muito tempo esses dois processos de mudança ocorreram concomitantemente, porém separados e distintos. Embora afirme o autor que existem ainda algumas poucas populações tribais na América do Sul e na Nova Guiné que se organizam segundo o sistema da primeira onda, sua força está praticamente extinta e ela foi substituída pela segunda, que avança de maneira diferente em vários países, enquanto em outros já está sendo suplantada pela força da terceira onda ou com ela convive.

Ao caracterizar a onda industrialista, Toffler (1993) diz o seguinte:

O industrialismo foi mais do que chaminés e linhas de montagem. Foi um sistema social rico, multiforme, que tocou todos os aspectos da vida humana e atacou todas as feições do passado da Primeira Onda. Produziu a grande fábrica de Willow Run, fora de Detroit, mas também colocou o trator na fazenda, a máquina de escrever no escritório, a geladeira na cozinha. Produziu o jornal e o cinema, o trem suburbano e o DC-3. Deu-nos cubismo e música de 12 tons. Deu-nos edifícios Bauhaus e cadeiras de Barcelona, as greves brancas, as pílulas de vitaminas e o prolongamento da duração da vida. Universalizou o relógio de pulso e a urna eleitoral. Mais importante, interligou todas estas coisas – montou-as como uma máquina – e formou o sistema social mais poderoso, coeso e expansivo que o mundo já conheceu: a civilização da Segunda Onda. (p. 36)

Algumas décadas após a Segunda Guerra Mundial, quando a segunda onda atinge seu ápice de evolução na Europa e na América do Norte, uma terceira onda se inicia. Trata-

se da revolução tecnológica, que será chamada por muitos de “idade espacial”, “era eletrônica”, “aldeia global”, “idade tecnetrônica”, “sociedade pós-industrial”, etc. Seu avanço continua ainda nos dias atuais e essa terceira onda está ainda em processo de evolução. Diferentemente do caso anterior, porém, a segunda onda ainda não se extinguiu; continua a ser a principal atividade de muitos países do planeta, embora os efeitos da terceira onda já possam ser sentidos nas sociedades em que mais ela se desenvolveu.

Para entender como se dá esse processo de transformação entre as três ondas e principalmente para chegar a uma descrição das características da terceira e do que ela desencadeará, o autor faz uma análise dos fatores econômicos e sociais envolvidos.

O primeiro aspecto que se destaca é que, do ponto de vista das relações econômicas, a segunda onda significou uma inversão completa do sistema do período agrícola. Enquanto para este último produtor e consumidor estavam unidos no mesmo processo, na medida em que o que se plantava era inicialmente para o consumo da própria comunidade que exercia aquela atividade, para aquela há uma separação entre a atividade de produção e a de consumo. Como afirma Toffler (1993), “a economia fundida da Primeira Onda foi transformada na economia separada da Segunda Onda” (p. 52). A razão dessa transformação está na nova concepção de mercado que, com o advento do industrialismo, instaura um novo valor até então desconhecido: o lucro. E o autor pretende mostrar ainda que a era industrial não deve ser confundida com o sistema capitalista, pois ela também se desenvolveu nos países que adotaram o sistema político do socialismo. Embora não vá reproduzir aqui toda a discussão que estabelece Toffler sobre a constituição do processo industrial nos países capitalistas e nos socialistas, o que procuro mostrar é que, na perspectiva do autor, a industrialização significou uma nova forma de organização das relações sociais.

Nesse sentido, vale a pena registrar as seis características principais que ele atribui ao sistema industrialista. A primeira delas é a padronização, uma vez que nessa nova era há a produção massiva de objetos idênticos. O princípio a partir do qual é gerada essa produção em massa dos objetos de consumo é o da racionalização do trabalho. A segunda característica da era industrial é a especialização, a partir da qual cada trabalhador passa a desempenhar uma função específica, conforme a proposta taylorista, diferentemente do trabalhador da primeira onda que desempenhava as diversas funções nas várias etapas da produção agrícola. A sincronização é a terceira característica do industrialismo. Para que o processo de produção dos objetos em série tenha êxito é necessário que o funcionamento das máquinas a cargo dos operários obedeça a um determinado ritmo sincronizado e, em

conseqüência, o próprio ato do trabalho também esteja sincronizado. Outra característica da ação da segunda onda, a quarta, é a concentração. O princípio da concentração que pode ser observado na confluência de um número grande de pessoas no mesmo espaço, o que desencadeia o crescimento urbano, pode ser observado ainda em outras áreas, como na energia, na educação, e na organização econômica. A quinta característica levantada por Toffler (1993) em relação à era do industrialismo é a maximização. Ela é explicada pelo autor por meio do comportamento das organizações próprias dessa era que está voltado para o ideal da grandeza, do superdimensionamento dos espaços: as grandes indústrias ocupam instalações gigantescas e empregam uma quantidade muito grande de trabalhadores. A sexta e última característica da chamada segunda onda consiste no processo de centralização em várias atividades, inclusive na economia, o que irá gerar uma diferenciação entre as diversas sociedades do mundo contemporâneo, dependendo do grau de industrialização que atingiu cada uma delas.

Essas seis características da era industrial, portanto, são fruto de uma nova visão sobre o mundo criada pela nova onda que se propaga em todas as direções. Basicamente elas reorganizam as noções de tempo e espaço na medida em que percebem a natureza como um objeto a ser explorado e o ser humano como o mais evoluído de todo o planeta, que tem a capacidade de agir sobre a natureza. É a percepção dessas duas dimensões que leva Toffler (1993) a afirmar que a segunda onda constrói uma “indust-realidade”, cujo princípio básico é o progresso, ou seja, união da natureza, enquanto objeto a ser explorado, com a evolução, característica do ser humano. Nesse contexto o autor irá afirmar que estão dadas as condições para a criação do princípio do individualismo.

Havia razões políticas e sociais, também, para a aceitação do modelo atômico da realidade. Quando a Segunda Onda se chocou contra as velhas instituições da preexistente Primeira Onda, ela precisou libertar pessoas da família extensa, da poderosa igreja, da monarquia. O capitalismo industrial precisava de um fundamento lógico para o individualismo. Quando a velha civilização agrícola decaiu, quando o comércio se expandiu e as cidades se multiplicaram um século ou dois antes do advento do industrialismo, a nascente classe mercantil, exigindo a liberdade para negociar, emprestar e expandir seus mercados, gerou uma nova concepção do indivíduo – a pessoa como átomo.

[...] Em suma, a indust-realidade deu nascimento à concepção de um indivíduo que era notavelmente como um átomo – irreduzível, indestrutível, a partícula básica da sociedade. (p. 119)

A conseqüência dessa perspectiva do sistema da segunda onda foi o processo de automatização do homem, uma vez que ele cumpria ações pré-estabelecidas, numa

repetição constante, sem que tivesse nenhuma interferência no processo. No dizer de Toffler (1993), essa indúst-realidade da segunda onda cria sua própria prisão quando despreza o que não pode quantificar, cerceando, desse modo, a criatividade das pessoas. Além disso, sua preocupação excessiva com a expansão teve várias conseqüências, tais como, devastação do meio ambiente, precariedade do sistema de bem-estar social, devido ao aumento desgovernado da concentração urbana, colapso do sistema educacional, etc. A junção de todos esses problemas, no dizer do autor, culminou no que ele chama de crise da personalidade.

Hoje vemos milhões procurando desesperadamente suas próprias sombras, devorando filmes, peças, romances e livros instrutivos, por mais obscuros que sejam, que prometem ajudá-los a localizar suas identidades perdidas. Nos Estados Unidos, como veremos, as manifestações da personalidade são extravagantes.

Suas vítimas lançam-se em terapia de grupo, misticismo, ou jogos sexuais. Anseiam por mudança, mas a mudança os aterroriza. Desejam urgentemente deixar sua existência atual e saltar de algum modo para uma nova vida – para se tornarem o que não são. Querem mudar de emprego, de cônjuges, de papéis e responsabilidades. (p. 131)

No que se refere ao objeto dessa pesquisa, o que Toffler (1993) está dizendo é que o crescimento da chamada literatura de auto-ajuda, portanto, é decorrência de uma crise instaurada nos indivíduos que vivem nas sociedades que sofrem o impacto da onda industrialista. O mundo massificado pelo sistema reprodutivo da segunda onda faz com que as pessoas percam a noção de suas individualidades, na medida em que não têm espaço para criar em seu trabalho e porque perderam os laços da família nuclear característica do sistema da primeira onda. O movimento de concentração próprio desse sistema faz com que os indivíduos estejam direcionados sempre para uma uniformidade da realidade.

Sua visão positiva na defesa da terceira onda, que considera como um período de descentralização, apaga a idéia da despersonalização decorrente da imposição do processo de massificação e aponta euforicamente para o crescimento da individualidade, na medida em que entende o homem desse período como mais livre para criar e ajustar-se à realidade que o cerca. Há, no seu entender, uma mudança total na perspectiva dos modos de vida e de trabalho das pessoas, que passa a ser mais interativo e menos repetitivo, o que significa uma mudança nas próprias instituições.

[...] a Terceira Onda traz consigo uma crescente demanda de uma espécie inteiramente nova de instituição – uma companhia não mais responsável apenas por fazer lucro ou produzir mercadorias, mas por simultaneamente contribuir para

a solução de problemas extremamente complexos, ecológicos, morais, políticos, raciais, sexuais e sociais. (p. 237)

Para concretizar essa visão da mudança que causa o movimento da onda pós-industrial, Toffler (1993) propõe uma nova figura na constituição do mercado, qual seja, o “prossumidor”, palavra que consiste na fusão de produtor e consumidor. Em sua concepção, a terceira onda refaz o elo quebrado entre o trabalho e o consumo característico da segunda onda. Enquanto no modelo social agrícola predominava o trabalho para consumo próprio e no industrialista, o trabalho para produção de mercadorias e serviços para o mercado, no modelo pós-industrial haverá um equilíbrio entre esses dois tipos de trabalho, o que significará a inserção do sujeito no processo econômico de forma mais autônoma e não mais massificada.

O valor de maior destaque nessa nova onda defendida pelo autor é o conhecimento e o instrumento propiciador da divulgação e integração desse conhecimento é o computador. A terceira onda imaginada por Toffler (1993) constrói-se a partir de uma transformação completa das dimensões de espaço e de tempo. Enquanto na segunda onda o poder econômico de uma empresa era medido pelo espaço físico que ela ocupava, com instalações de grandes dimensões, na terceira, esse espaço se vê reduzido, porque a administração do negócio não precisa concentrar mais ao seu redor todo o material de que necessita. Assim grandes empresas reduzem-se a um pequeno espaço em que as atividades de gerenciamento e organização estão concentradas, enquanto o resto das atividades dilui-se em diferentes lugares. A mesma situação se verifica em relação ao tempo, pois o sistema de rede criado pela informática é capaz de diminuir o tempo gasto com deslocamentos e, mesmo estando a grandes distâncias físicas, os negócios podem ser estabelecidos em tempo muito mais curto.

Essa maneira de enxergar as relações econômicas propostas pelo autor, porém, desconsidera que existam grandes distinções sociais nas diferentes sociedades do planeta. Quando Toffler constata que nas sociedades contemporâneas há uma grande quantidade de mão-de-obra sem trabalho devido ao aumento da população e à conseqüente automatização do trabalho, afirma que são os próprios indivíduos isoladamente que procurarão encontrar saídas para essa situação, sendo criativos nas escolhas que fazem para se inserirem no mercado de trabalho. Essa afirmação, porém, não leva em consideração as diferentes formas de organização sociais existentes no planeta que, muitas vezes, estabelecem sistemas de estratificação social que independem de qualquer vontade ou criatividade de

sujeitos isolados para ascender socialmente. Suas propostas são orientadas, embora não reconheça isso, pela visão da sociedade capitalista norte-americana, o que o leva a reconsiderar a noção de individualismo como individualidade. Ao se referir ao trabalho no período da terceira onda, Toffler (1999) insere essa distinção.

As economias da Terceira Onda, em contraste, requerem (e costumam recompensar) um tipo de trabalhador radicalmente diferente – que raciocina, pergunta, inova e assume riscos. Trabalhadores que não são facilmente intercambiáveis. Em outras palavras, ela favorece a individualidade (que não é necessariamente o mesmo que individualismo). (p. 107)

Ao reafirmar que há uma crise na representação política na época contemporânea, pelo fato de se ter criado uma distância intransponível entre os dirigentes e a população, destaca a importância dos veículos de informação da terceira onda, quais sejam, o computador, o satélite, a TV a cabo, a internet e outras redes de comunicação, como formas de eliminar essa distância estabelecida entre a população e seus representantes, num processo de participação interativa muito mais estreita entre ambos.

Os textos de Toffler adquirem características da própria literatura de auto-ajuda quando prega um futuro otimista, em que reinará uma liberdade maior entre as pessoas, uma vez que os valores concentrados no sistema social próprio da segunda onda estarão transformados pelos da terceira. A linguagem que emprega em seus últimos textos, que acabam sendo uma reescrita do que já havia sido publicado anteriormente, torna-se marcada pela subjetividade e pelo impressionismo, como pode ser verificado na seguinte passagem de sua obra de 1999:

Tolerância ao erro, ambigüidade e, sobretudo, diversidade, apoiadas por senso de humor e de proporção são requisitos indispensáveis à sobrevivência ao arrumarmos a nossa mala para a maravilhosa viagem ao próximo milênio. Prepare-se para o que poderá ser o mais emocionante passeio da história (p. 113).

Além desse tom marcadamente de auto-ajuda, porque parece apresentar uma receita a ser seguida, sua defesa dos princípios capitalistas e da privatização da economia vai se tornando cada vez mais explícita na medida em que continua a defender euforicamente o ideal da terceira onda. Isso pode ser observado em trechos como os seguintes:

[...] Foi o capitalismo baseado no computador, não o socialismo de chaminés, que deu o que os marxistas chamam de “salto qualitativo” para a frente (1999, p. 79).

[...] existem fanáticos que, a despeito de todas as evidências históricas em contrário, ainda consideram a “propriedade pública” como “progressista” e resistem a todas as tentativas de desnacionalização ou privatização da economia (1999, p. 84)

Talvez seja exatamente por esses motivos que Toffler esteve presente nas listas dos mais vendidos durante as décadas de 1980 e 1990, embora não entre os primeiros lugares, razão pela qual não aparece nas listas do *corpus* desta pesquisa apresentadas em anexo. Dois livros seus em especial foram muito lidos pelo público leitor brasileiro e, principalmente, norte-americano, *Choque do futuro* e *A terceira onda*.

A perspectiva com que trata a individualidade é decorrente de sua visão de que no sistema da terceira onda todas as atividades concentram-se sobre diferentes sujeitos que procuram desempenhar ações (trabalho) num sistema de rede de relações. Sua crença é a de que assim organizado o sistema se auto-alimenta e põe tudo em movimento. Isso significa dizer aquilo que muitos textos de auto-ajuda dizem, isto é, que a decisão sobre o que pretende para sua vida depende única e exclusivamente de cada um dos indivíduos e não de algo externo a eles.

#### **5.4. O vazio na sociedade contemporânea**

Já me referi anteriormente à perspectiva a partir da qual Gilles Lipovetsky discute questões da sociedade contemporânea, quando fiz algumas observações acerca dos valores do individualismo manifestados nas diferentes obras que constam nas listas dos livros mais vendidos, que correspondem ao *corpus* desta pesquisa. Para aprofundar a visão desse autor francês, apoiar-me-ei basicamente em dois de seus trabalhos: *A era do vazio*, cuja primeira edição francesa é de 1983, e *A sociedade pós-moralista*, publicado na França em 1992 com o título *Le crépuscule du devoir. L'éthique indolore des nouveaux temps démocratiques*. Como esses dois livros foram traduzidos para o português e publicados no Brasil em 2005, identificarei o primeiro aqui citado como 2005a e o segundo, 2005b porque foi nessa ordem que os li.

O conceito do vazio ganha contornos na análise que Lipovetsky faz da sociedade contemporânea ao caracterizar essa mesma sociedade como pós-moralista. E por que pós-moralista? Porque, segundo ele, o que se pode observar nas sociedades capitalistas ocidentais é um apagamento do dever e uma afirmação do princípio do prazer. Negam-se

os padrões rígidos de comportamento (moral, religioso, sexual, ético, etc.) e em seu lugar surgem novos valores, mais difusos, mais individualizados. Em suma, o capitalismo autoritário dá lugar a um capitalismo hedonista e permissivo.

Sociedade pós-moralista é a designação de uma época em que o sentido do dever é edulcorado e debilitado, em que a noção de sacrifício pessoal perdeu sua justificação social, em que a moral já não exige o devotamento a um fim superior, em que os direitos subjetivos preponderam sobre os mandamentos imperativos, em que as lições de moral são encobertas pelo fulgor de uma vida melhor, do irradiante sol das férias de verão, do banal passatempo das mídias. Na sociedade do pós-dever, o mal é transformado em espetáculo atraente, e o ideal é subestimado. É bem verdade que os vícios ainda inspiram censura; contudo, o heroísmo do bem perdeu vigor. Os valores que hoje admitimos são mais de cunho negativo (“não faça isso”) do que positivo (“você é obrigado a fazer tal coisa”). Por detrás de toda revitalização ética, vê-se o triunfo de uma moral indolor, última fase da cultura individualista democrática, desvinculada, em sua lógica mais profunda, tanto das conotações de moralidade como de imoralidade. (Lipovetsky, 2005b, p. 27)

O conceito de pós-moralismo, para a sociedade contemporânea, porém, não significa a mesma coisa que amoralismo, pois a dissolução do sistema moralista nas sociedades contemporâneas não conduz a uma devassidão sem limites. Os sujeitos que vivem nessa sociedade são, ao mesmo tempo, hedonistas e regulamentados, desejosos de autonomia e contrários aos excessos, hostis às regras absolutas e ao caos da libertinagem pura e simples. Por esse motivo, Lipovetsky (2005b) irá dizer que o neo-individualismo é uma “desordem organizada” (p. 29).

A razão pela qual se difunde o comportamento do homem neo-individualista<sup>20</sup> é o princípio do consumo associado ao bem-estar. A partir da segunda metade do século XX, o ideal de felicidade passa a suplantar a ordem moral, os prazeres sobrepõem-se às proibições e a fascinação ao dever, o que significa afirmar a visão do psicológico sobre a do social. A era pós-moralista é alimentada pela propaganda e pela informação. A primeira é a base do consumo; a segunda faz com que todos os indivíduos saibam tudo aquilo que acontece a sua volta por meio dos mais diferentes meios de comunicação, incluindo-se aí, a internet. O ideal da informação converge para o princípio da neutralidade e da objetividade, de tal maneira que um mesmo veículo de informação deve expressar todos os

---

<sup>20</sup>. Lipovetsky usa o termo neo-individualista para se referir aos indivíduos das sociedades contemporâneas, porque considera que o início da aceleração industrial no final do século XIX e começo do XX já havia sido responsável pela instauração do individualismo que, depois da década de 60, adquire um nova configuração com as transformações sócio-culturais ocorridas.



diferentes pontos de vista sobre um mesmo fato, para que o público possa formar “livremente” sua opinião.

A consequência da afirmação do princípio da busca por uma felicidade individual é a alteração dos costumes e o comportamento sexual é um deles. A partir do momento que ele deixa de ser dirigido pela repressão trinômica do vigiar-coibir-sublimar, pode manifestar-se de forma mais aberta e sem constrangimentos, incluindo-se então não só os padrões heterossexuais como também os homossexuais; não só as práticas sexuais convencionais como também as excêntricas. Mas toda essa liberdade é sancionada positivamente no âmbito da individualidade, não no da coletividade. A vergonha da reprovação social não tem mais a eficácia na sociedade contemporânea. Emma Bovary, de Flaubert, ou Luísa, de Eça de Queirós, são sujeitos anacrônicos, pois os valores morais da sociedade não suplantam mais a busca da felicidade individual; o indivíduo pertence primeiramente a si mesmo, não há mais nenhum princípio acima de seu direito de dispor de sua própria vida. Segundo Lipovetsky (2005b), a fidelidade nos relacionamentos amorosos deixa de ser vista como um valor moral, e passa a corresponder “à aspiração individualista do amor autêntico, não eivado de mentira ou de mediocridade” (p. 47). A fidelidade é ainda um princípio, mas atenuada agora pela possibilidade do rompimento. No dizer do autor, cristaliza-se o princípio do “tudo, mas não sempre”.

Como o ideal do consumo cresce na época contemporânea, os indivíduos, contrariamente ao princípio da liberdade afirmada pela era pós-moralista, acaba sofrendo as coerções do mercado que lhe oferece diferentes objetos de satisfação e, ao mesmo tempo, cria padrões de comportamento. Por um lado, a preocupação com a forma física leva o homem contemporâneo ao controle das calorias, ao consumo dos alimentos *lights* e *diets* e, contraditoriamente, por outro lado, de forma quase esquizofrênica, a intensa propaganda de *snaks*, lanches, chocolates e alimentos com alta taxa de gordura dirige-o à obesidade, que passa a ganhar dimensões de problema social.

Outros são os modelos de comportamento que assolam diariamente o homem contemporâneo e o levam ao estresse: a higienização, reforçada pelas inúmeras propagandas de sabonetes, detergentes, produtos de limpeza; o anti-tabagismo, que passa a ser incentivado por decretos e leis; a prática de esporte ou exercício físico para modelação corporal, responsáveis pela proliferação de academias para atividades físicas, etc. Nesse sentido, o princípio do culto ao indivíduo, que irá desencadear o narcisismo contemporâneo é também uma forma de controle e não de total liberdade.

Quanto à religiosidade, Lipovetsky (2005b) irá afirmar ainda que o homem contemporâneo está cada vez mais distante dos cultos religiosos tradicionais, muito menos dirigem suas vidas pelos mandamentos da Igreja Católica.

[...] Simultaneamente, as crenças passam a gravitar mais propriamente em torno de uma busca pessoal e subjetiva, incorporando, cá e lá, promiscuamente, ingredientes de tradição do Oriente e do Ocidente: espiritualidade e esoterismo, visão de absoluto e bem-estar holístico, meditação e relaxamento, mistérios e terapias corporais. A busca intensiva de uma verdade subjetiva e sincrética ocupou o vazio dos dogmas livremente aceitos; a “nova dimensão da consciência” ficou no lugar do dirigismo disciplinador da alma; a autenticidade espontânea ocupou a posição das antigas regulamentações. Aí está a nova era das religiões, agora em *kit*, direcionadas para o próprio eu – equidistantes tanto de um modelo global de intolerância religiosa como de uma visão racional que recusa o sentido do transcendente. (p. 131-2)

No Brasil e em vários outros países do Ocidente, ao invés de recorrer ao esoterismo, à filosofia budista, aos relaxamentos, às terapias corporais, etc., a população das camadas sociais mais baixas substituiu o culto tradicional da igreja católica pelas reuniões nas diferentes igrejas evangélicas que surgem nas mais diversas cidades de cada país. Embora funcionem como um controlador da moral muito mais opressivo que as opções feitas pelas camadas médias e altas da sociedade, duas características principais marcam essa escolha religiosa. Em primeiro lugar, o reforço do princípio do bem e do mal, incorporados, respectivamente, no seguidor dos ensinamentos difundidos pela igreja e naquele que deles se afasta. Os problemas sociais são apagados e a diferença entre felicidade e infelicidade resume-se a um pacto com deus ou com o demônio. Em segundo lugar, nessas igrejas, a contribuição monetária devida por seus seguidores tem uma importância determinante, pois não se pode frequentar esse tipo de culto sem doar alguma quantia de dinheiro, por mais baixa que ela seja. Os princípios capitalistas aliam-se ao religioso.

Essa questão mereceria uma discussão mais aprofundada, porque há diferentes fatores envolvidos no crescimento e difusão dessas seitas evangélicas e de igrejas universais. Não me adensarei nessa discussão, por um lado, porque essa questão não é levantada pelos trabalhos de Lipovetsky a que me refiro aqui. Por outro lado, não é a camada média baixa e a camada baixa da população que se vê refletida nas listas dos livros mais vendidos que constituem o *corpus* desta pesquisa. Essas listas refletem muito mais os valores das camadas médias, médias altas e altas, pois são elas que têm poder aquisitivo para consumir livros.

No que se refere às relações de trabalho, Lipovetsky (2005b) irá afirmar que o que predomina na sociedade pós-moralista é o princípio da consciência profissional, expurgado de todo ideal transcendente ou coletivo. O que é reforçado nesse ambiente é a ética da responsabilidade individual, refletida no ideal de organização, e o que se nega é o comportamento individualista chamado irresponsável, reflexo da desorganização. As administrações empresariais preocupam-se agora com o bem-estar de seus empregados para preservar esses princípios éticos de comportamento e para torná-los mais eficientes. A idéia de que um empregado que se sente feliz em seu ambiente de trabalho e que se identifica com o que faz está ligada ao princípio da eficácia. “Antes de modificar o organograma da empresa, é preciso melhorar as aptidões e as consciências, educar as vontades, incrementar o desejo de perfeição dos empregados, inculcar o gosto pela qualidade, cooperar no sentido de alargar os horizontes. Em resumo, o êxito depende da transformação de si” (p. 229).

Essa predisposição para uma ética do trabalho estará refletida na grande incidência de textos de auto-ajuda voltados para as empresas, como se pode observar na pesquisa realizada por Martelli (2006), a que farei referência em outra parte deste trabalho.

Ao retomar os princípios da sociedade pós-moralista, Lipovetsky (2005a) partirá da constatação de que a sociedade contemporânea constrói-se a partir de uma valorização dos aspectos relativos àquilo que é exclusivamente pessoal.

[...] O processo de personalização, impulsionado pela aceleração das técnicas, pela administração, pelo consumismo de massa, pela mídia, pelo desenvolvimento da ideologia individualista e pelo psicologismo, leva ao ponto culminante o reinado do indivíduo, explode as últimas barreiras. A sociedade pós-moderna ou, em outras palavras, a sociedade que generaliza o processo de personalização em ruptura com a organização moderna disciplinar-coercitiva *realiza*, de certa maneira, no próprio cotidiano e por meio de novas estratégias, o ideal moderno da autonomia individual, mesmo sendo ela, à evidência, de um teor inédito. (p. 8 – grifo do autor)

Essa ênfase no individual acaba culminando, no entender do autor, em um sentimento de apatia e indiferença. Enquanto consequência da alienação, segundo Karl Marx, resultante do processo de mecanização do trabalho, a indiferença do homem contemporâneo reflete um investimento na esfera privada em detrimento da pública. Por outro lado, “a apatia não é um defeito de socialização, mas, sim, uma nova socialização suave e ‘econômica’, uma descontração necessária ao funcionamento do capitalismo

moderno enquanto sistema *experimental* acelerado e sistemático” (Lipovetsky, 2005a, p. 25 – grifo do autor).

Outra questão que se pode observar no processo de engendramento da sociedade individualista é a da violência. Segundo o autor, enquanto na sociedade tradicional o outro era visto como amigo ou como inimigo, na sociedade contemporânea o outro é um estranho com o qual se instaura a indiferença. A ausência de contato com o outro estabelece uma distância segura que coloca o indivíduo em resguardo contra uma possível agressão. O indivíduo da era pós-moralista é autocontrolado, não se expõe à violência, porque ela deixa de ter um sentido social, porque “não é mais o meio de afirmação e reconhecimento do indivíduo num tempo em que a longevidade, a poupança, o trabalho, a prudência e a moderação se encontram sacramentados” (p. 164).

No período chamado pelo autor de primeira fase do individualismo, o sentimento revolucionário era o propulsor da violência contra um Estado totalitário que se mantinha pelo poder de coerção e refreamento das massas. A luta pelo ideal socialista era um elemento aglutinador, pois unia pessoas em torno de um valor a ser conquistado. Na segunda fase, com o esfacelamento do ideal da fase anterior, as pessoas se dispersam e se voltam para suas questões pessoais, desinteressando-se pelas instituições políticas e não mais vendo sentido em fazer uso da violência para se contrapor a uma possível ação de controle.

A grande fase do individualismo revolucionário termina diante de nossos olhos: depois de ter sido um agente de guerra social, o individualismo passa a contribuir para abolição da ideologia da luta de classes. Nos países ocidentais desenvolvidos, a era revolucionária está encerrada, a luta de classes se institucionalizou, não é mais portadora de uma descontinuidade histórica, os partidos revolucionários são totalmente deliçescentes, por toda a parte a negociação se impõe sobre os enfrentamentos violentos. A segunda “revolução” individualista causada pelo processo de personalização tem como consequência uma desafeição de massa pela *res publica* e em particular pelas ideologias políticas: depois da hipertrofia ideológica, a desenvoltura em relação aos sistemas de sentido. Com a emergência do narcisismo, a ordem ideológica e seu maniqueísmo caem na indiferença, tudo o que tem um teor de universalidade e de oposições exclusivas não age mais sobre uma forma de individualismo muito tolerante e móvel. A ordem rígida e disciplinar da ideologia se tornou incompatível com a desestabilização e a humanização *cool*. O processo de pacificação ganhou o todo coletivo, a civilização do conflito social agora prolonga a civilização dos relacionamentos interpessoais. (Lipovetsky, 2005a, p. 185-6)

Essa indiferença do homem contemporâneo pelas questões coletivas resulta em outro sentimento característico de seu auto-centramento, qual seja, a solidão. Mergulhado

nas multidões das grandes cidades, impulsionado pela mídia do consumo, em contato com todos os fatos que acontecem ao seu redor, interligado a muitas pessoas pelos mais diferentes meios de comunicação (telefone, celular, televisão, internet, etc.), o homem contemporâneo está só; mesmo quando busca sua felicidade encontra-se sozinho. E afirmar o isolamento dos indivíduos na sociedade pós-moralista não significa atribuir a esse estado um valor disfórico; o isolamento é, muitas vezes, uma aspiração das próprias pessoas. Essa é a melhor forma para cuidar de si, livre de obrigações com o outro. Por essa razão tornam-se cada vez mais comuns na atualidade os relacionamentos entre pessoas que vivem em espaços distintos; mesmo mantendo laços afetivos, cada um tem um lugar que é só seu. Outra concepção de família que se difunde nas sociedades contemporâneas é a do casal que, embora viva no mesmo espaço, não tem filhos nem pretende tê-los, pois essa seria uma forma de instaurar obrigações e de roubar o tempo que o indivíduo pode dedicar a si mesmo.

[...] Tornando o Eu o alvo de todos os investimentos, o narcisismo se dedica a ajustar a personalidade à atomização sorrateira engendrada pelos sistemas personalizados. Para que o deserto social seja viável, o Eu deve se tornar a preocupação central: a relação está destruída, mas pouco importa, já que o indivíduo está apto a se absorver em si mesmo. Assim, o narcisismo realiza uma estranha “humanização” escavando a fragmentação social: solução econômica para a dispersão generalizada, o narcisismo, em uma circularidade perfeita, adapta o Eu ao mundo que o gerou. **O adestramento social não se efetua mais pelo constrangimento disciplinar e nem pela sublimação, mas, sim, pela auto-sedução.** O narcisismo, nova tecnologia de controle suave e auto-gerado, socializa dessocializando e coloca os indivíduos de acordo com um social pulverizado, glorificando o reino da expansão do Ego puro. (Lipovetsky, 2005a, p. 37 – grifo meu)

A afirmação em destaque na citação acima coloca em evidência um fato que é da ordem das injunções. Na realidade, como já ficou dito anteriormente, o homem contemporâneo pode não viver mais sob a pressão do dever disciplinador da moral conservadora do início da era industrial, mas ao voltar-se para si mesmo, ao eleger-se como centro de suas próprias atenções, submete-se a um novo dever. A liberdade que parece gozar quando se desvencilha dos antigos padrões morais é completamente irreal, pois o novo agente controlador, decorrente do comportamento narcisista, é o cuidado consigo próprio. Como no mito grego de Narciso, a auto-sedução, embora impulsionada por Eros, leva ao encontro de Tântatos.

## 5.5. O narcisismo na visão brasileira

Para concluir esse levantamento sobre as concepções de narcisismo e de individualismo nas sociedades contemporâneas farei referência ainda a dois autores brasileiros que também tratam dessa questão em seus trabalhos. Trarei para essa discussão as vozes de Velho (2004) e de Chauí (2001).

Ao observar a sociedade brasileira atual, segundo uma perspectiva antropológica, Velho (2004) irá chamá-la “sociedade complexa industrial”. Segundo ele, sua organização é uma consequência da revolução industrial e está ligada “a um espantoso aumento da produção e do consumo, à articulação de um mercado mundial e a um rápido e violento processo de crescimento urbano” (p. 17). Por esse motivo seu trabalho consiste em examinar os centros urbanos contemporâneos, principalmente a cidade do Rio de Janeiro, porque em sua perspectiva o *locus* por excelência desse tipo de sociedade são exatamente as grandes metrópoles.

Para ele, uma das características que marca esse tipo de sociedade é a convivência, em um mesmo espaço, de idéias e comportamentos antagônicos, que, ao invés de se chocarem entre si, acabam tendo uma convivência relativamente equilibrada. A grande urbe moderna é heteróclita e heterogênea, um espaço conservador e progressista ao mesmo tempo, diferente das pequenas cidades que tende a uma maior homogeneidade.

[...] Na sociedade moderna, complexa e heterogênea, através da diversificação de experiências e informações, há sempre a tendência de uma proliferação maior de pontos de vista, perspectivas, avaliações do que em sociedades simples ou até em sociedades complexas tradicionais, onde, mesmo havendo o dissenso, os desvios, as divergências, etc., a negociação da realidade tenderia a ser realizada tendo como base maior homogeneidade de experiência. (Velho, 2004, p. 62)

Ao analisar o comportamento de algumas famílias da camada média alta, que residiam em bairros da zona Sul carioca (Copacabana, Ipanema e Leblon), durante o período de 1972 a 1975, constata que, a partir do final da década de 60, elas passam por um radical processo de nuclearização, “com um nítido enfraquecimento de seus laços com o universo mais amplo de parentes” (p. 70). Além disso, ao observar os relacionamentos entre os membros dessas famílias constata que três são os principais problemas levantados pelos pais. O primeiro deles, o desinteresse de seus filhos em relação à escola, chegando ao descrédito total de que ela pudesse significar a manutenção ou a elevação do padrão econômico da família no futuro. O segundo problema eram as drogas, em especial a

maconha, que, na época, era a droga mais consumida pelos jovens. Em terceiro lugar, o comportamento sexual, que se manifestava em duas ordens de preocupação: a perda da virgindade, quando se tratava das meninas; o temor ao desvio de comportamento sexual, isto é, à homossexualidade, principalmente em relação aos meninos.

A forma que os pais encontravam para tentar resolver esses três problemas, principalmente no caso dos usuários de drogas e dos homossexuais, eram os tratamentos psiquiátricos, chegando ao ponto, muitas vezes, de internarem seus filhos em clínicas para recuperação. Velho (2004) afirma que em todos os casos de internação os jovens eram tratados com remédios além de serem submetidos a terapias de base analítica (p. 72).

O que se pode perceber por meio das pesquisas realizadas pelo autor é que nessas famílias de alto poder aquisitivo não havia espaço para preocupações mais gerais, ou sociais, mas sim para o cotidiano das relações entre pais e filhos, confinados num espaço isolado. O final dos anos 60 e início dos anos 70 ficou conhecido inclusive como período do “choque de gerações”. A noção de indivíduo, a partir de então, “está intimamente associada à desagregação da família extensa, das redes de sociabilidade mais amplas e diversificadas e ao desenvolvimento da família nuclear que, com todas as suas ambigüidades, seria individualizante por excelência” (p. 99).

O que as pesquisas de Velho (2001), tanto com as camadas médias altas como com as médias baixas, confirmam é que nas chamadas “sociedades complexas” do Brasil pode ser verificada a tendência ao comportamento cultural do individualismo. Da mesma forma que os outros autores, Velho (2001) apresenta como explicação para essa inclinação, a aceleração do processo de consumo da economia capitalista.

No volume *Escritos sobre a universidade*, Chauí publica uma série de textos, mais exatamente oito ensaios, escritos durante os últimos vinte anos do século passado, incluindo entre eles um do final da década de 70 e outro da de 80. Em seu livro, a propósito da discussão sobre os problemas do ensino universitário brasileiro, procura mostrar como o principal subproduto do imaginário social do neoliberalismo, a ideologia pós-moderna, se vê refletido na situação do ensino de terceiro grau da sociedade contemporânea.

Segundo Chauí (2001), a acumulação do capital da era pós-moderna caracteriza-se

pela desintegração vertical da produção, tecnologias eletrônicas, diminuição dos estoques, velocidade na qualificação e desqualificação da mão-de-obra, aceleração do *turnover* da produção, do comércio e do consumo pelo desenvolvimento das técnicas de informação e distribuição, proliferação do setor de serviços,

crescimento da economia informal e paralela (como resposta ao desemprego estrutural) e novos meios para prover os serviços financeiros (desregulação econômica e formação de grandes conglomerados financeiros que formam um único mercado mundial com poder de coordenação financeira). (p. 21)

Nesse sentido, o que essa institucionalização do mercado desencadeia por meio da ideologia pós-moderna é a instauração da insegurança, da dispersão, do medo e do sentimento de efemeridade do real. Substituindo os valores da visão da modernidade que a precede, pautados pelas oposições entre racionalidade e universalidade, necessidade e contingência, subjetividade e objetividade, natureza e cultura e sentido imanente da história, a era pós-moderna apóia-se na fragmentação, na aparência, na ausência de sentido da linguagem, na subjetividade como forma de narcisismo. Para a autora, o pós-modernismo produz três inversões ideológicas: “substitui a lógica da produção pela da circulação; substitui a lógica do trabalho pela da comunicação; e substitui a luta de classes pela lógica da satisfação-insatisfação imediata dos indivíduos no consumo” (p. 23).

A partir do momento que a sociedade de mercado é entendida como uma entidade operatória, dependente das ações que diferentes indivíduos exercem no seu interior, firma-se a idéia de que ela é o lugar de criação e expressão da liberdade individual, o que é a forma de se pensar a igualdade entre os muitos indivíduos que dela fazem parte, como igualdade de oportunidade, isto é, “que a justiça social se define como merecimento nos ganhos ou perdas segundo se opera mais ou menos eficazmente com as regras mercantis” (Chauí, 2001, p 32).

É dessa forma, por exemplo, que Toffler, a que nos referimos anteriormente, irá pensar a política econômica da terceira onda. A forma de inscrição na lógica da produção e do consumo realiza-se pelas ações de sujeitos individuais e o sistema capitalista não é visto como uma operação econômica a que estão agregadas idéias e valores. Essa mesma visão da realidade pode ser percebida ainda em outros textos que aparecem no *corpus* desta pesquisa, com destaque para Iacocca e Novak (1985), Semler (1988) e Kiyosaki e Lechter (2000), que abordam diretamente a questão do mundo dos negócios. O livro de Kiyosaki e Lechter (2000), como mostrei nos capítulos anteriores, funciona como um manual, cuja função é ensinar o jovem a fazer dinheiro por si mesmo, sendo “criativo” e “competente” na maneira como interage com as regras do mercado.

Ao criticar a postura das universidades que deixam de refletir sobre os problemas prementes da sociedade contemporânea, Chauí (2001), em seu ensaio “USP 94: a terceira fundação”, irá afirmar a perspectiva irracionalista da visão pós-moderna.



A ideologia pós-moderna declara o fim da modernidade ou da razão moderna, posta, agora, como mito iluminista, etnocêntrico, repressivo e totalitário. Ao fazê-lo, instaura a célebre crise *dos paradigmas científicos*. Fala-se numa *crise da razão*, resumível em alguns aspectos principais:

1. negação da existência de uma esfera da objetividade, substituída pela subjetividade narcísica desejante;
2. negação de que a razão possa conhecer uma continuidade temporal e captar o sentido imanente do tempo e da história, substituída por temporalidades descontínuas, locais e fragmentadas;
3. negação de que a razão possa captar núcleos de universalidade no real, posto, agora, como dispersão de diferenças e alteridades, reino das particularidades sem conexão;
4. negação da diferença entre Natureza e Cultura, tanto porque os movimentos ecológicos *místicos* tendem a antropomorfizar a Natureza, quanto porque a biogenética, a bioquímica e a engenharia genética determinam o cultural como mero efeito dos códigos genéticos naturais;
5. negação de que o poder se realiza a distância do social, por meio de instituições que lhe são próprias, fundadas tanto na lógica da luta de classes e da dominação, quanto nas ações emancipatórias. Em seu lugar, surgem as idéias de micropoderes capilares, que disciplinam a sociedade e políticas que se realizam sem as medições institucionais, resultando, no primeiro caso, em ações fragmentadas que terminam em meras demandas, e, segundo em reforço dos populismos e dos fascismos. (p. 154 – grifos da autora)

O que se depreende dos diferentes pontos de vista aqui apresentados sobre a sociedade contemporânea é a diluição dos valores coletivos enquanto resultado de uma luta de classes. O descrédito das instituições políticas leva ao deslocamento do poder de decisão para outras esferas da sociedade. O irracionalismo adquire força enquanto maneira de interpretar a realidade, pois o homem deixa de acreditar nos valores que ainda permaneceram nas sociedades da primeira fase do industrialismo. Nesse sentido, então, surge uma nova racionalidade, voltada agora para uma valorização do individual, na medida em que se reconhece a descontinuidade temporal e a fragmentação como características intrínsecas da sociedade.

## 6. Encontro do *ethos* do leitor de auto-ajuda

---

Meu pai chorou e minha mãe gemeu:  
No mundo perigoso vejo-me eu,  
A esganiçar-me, nu, desamparado.  
Qual demônio por nuvem ocultado.

Nas mãos do pai brigando prisioneiro,  
Batendo-me co'as faixas do couro,  
Atado e exausto, achei que o menor mal  
Era amuar no peito maternal

(William Blake. *Tristeza infantil*)

Para que não naufrague a civilização  
No grande fragor da derrota,  
Acalme o cão, amarre o cavaleiro  
Numa estaca remota;  
César, nosso senhor, está na tenda  
Onde os mapas se espalham pelo chão,  
O olhar fixando o nada,  
E a cabeça na mão.  
Tal qual mosca pernalta em cima da água  
Sua mente se move em cima do silêncio.

(William Butler Yeats. *Mosca de pernas longas*)

O propósito deste último capítulo será, inicialmente, observar a abordagem de quatro diferentes trabalhos sobre a temática da auto-ajuda e, em segundo lugar, examinar como se configuram no *corpus* desta pesquisa as leituras desse tipo de texto, com o intuito de captar o *ethos* do leitor de auto-ajuda.

Antes, porém, acredito ser necessário destacar em que sentido utilizo aqui o termo “auto-ajuda” e como normalmente ele é tratado em outros trabalhos. Certamente essa questão será a base para o desenvolvimento de todo este capítulo, mas é possível já apontar o que será mais demoradamente observado à frente. Normalmente entende-se por auto-ajuda um tipo de texto específico que é escrito para orientar os leitores a resolverem determinados problemas pessoais, sejam eles, mais gerais ou mais particulares, tais como, ser feliz, estar satisfeito consigo próprio ou conseguir sucesso no emprego, curar uma doença, ganhar dinheiro. Isso implica afirmar que a auto-ajuda manifesta-se em um tipo específico de texto que tem determinadas características próprias, que o diferencia de outros.

Pode-se considerar, porém, e isso é o que procurarei mostrar neste capítulo, que a auto-ajuda não se restringe a um tipo específico de texto, pois, se em algum momento no tempo, manifestou-se por meio de uma forma singular, o que se pode perceber nas listas dos livros mais vendidos que constituem o *corpus* desta pesquisa é que ela foi se disseminando em tipos de textos diferentes. Em resumo, a proposta que aqui apresento é que a auto-ajuda contemporaneamente não é uma questão apenas de gênero de discurso, mas de estilo de discurso. O que se cristaliza na literatura de massa é uma preocupação crescente com a abordagem dos problemas individuais, o que é um reflexo do comportamento dominante nas sociedades capitalistas contemporâneas.

### **6.1. Alguns estudos sobre a auto-ajuda**

Para observar como a questão da auto-ajuda tem sido focalizada atualmente, destacarei quatro trabalhos de doutorado realizados nos últimos dez anos. Dois deles, Rüdiger (1996) e Martelli (2006), já foram publicados e serão sempre aqui citados na versão em livro, já Brunelli (2004) e Oliveira (2006) serão citados enquanto teses, uma vez que são trabalhos que não foram publicados ainda. A distinção inicial que se pode fazer entre eles é que Rüdiger (1996) e Martelli (2006) discutem a auto-ajuda de um ponto de vista sociológico, enquanto Brunelli (2004) e Oliveira (2006) tratam da questão por um viés lingüístico-discursivo.

A grande contribuição do trabalho de Rüdiger (1996) reside na reconstituição histórica que apresenta em relação à auto-ajuda, quando se refere ao primeiro texto dessa categoria que surgiu na Europa e quando focaliza a manifestação desse tipo de literatura no Brasil até principalmente a década de 1950. A partir de um levantamento realizado na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e na Biblioteca Pública do Estado, em Porto Alegre, sobre as obras de auto-ajuda disponíveis em língua portuguesa, Rüdiger (1996) chegou a duas listas dos *best-sellers* dessa categoria de textos por número de edições (p. 31-2). A primeira lista apresenta 31 títulos e diz respeito aos livros de auto-ajuda editados no Brasil durante o período de 1910 a 1992; a segunda, a 6 títulos dos mais editados durante o período de 1910 a 1950.

Ao caracterizar o que considera como auto-ajuda, Rüdiger (1996) afirma o seguinte:

Esquemáticamente, os títulos que subsumem no gênero [auto-ajuda] podem ser divididos em duas categorias: primeiro, os livros que ensinam a desenvolver capacidades objetivas, como conseguir sucesso nos negócios, comunicar-se com as pessoas, conservar o marido, etc.; segundo, os livros que ensinam a desenvolver capacidades subjetivas, como estimar a si mesmo, saber envelhecer, vencer a depressão ou viver em plenitude. (p. 18)

Nesse sentido, para o autor, o texto de auto-ajuda é sempre programático (ensina algo) e tem uma característica tipológica marcada, pois é sempre expositivo, na medida em que o enunciador discute com seu enunciatário determinado problema e a melhor forma de superá-lo. Para se ter uma idéia do conceito de auto-ajuda com que trabalha Rüdiger (1996), apresento os nomes de alguns dos livros que aparecem em suas listas dos mais editados no Brasil entre 1910 e 1992: *O poder infinito de sua mente*, de L. Trevisan, com 250 ed. (considerado por ele *hors concours*, porque atingiu disparadamente o maior número de edições no período); *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, de D. Carnegie, com 42 ed.; *O poder do pensamento positivo*, de J. Murphy, com 36 ed.; *TNT: nossa mente interior*, de C. Bristol, com 28 ed.; *Seus pontos fracos*, de W. Dyer, com 17 ed.; *A força do poder cósmico*, de J. Murphy, com 15 ed.; *A força do pensamento positivo*, de W. Atkinson, com 14 ed.; *Curso de magnetismo pessoal*, de V. Turnbull, com 14 ed.; etc.

É interessante registrar, no entanto, que, embora suas listas sejam feitas a partir do número de edições dos livros, aparecem nelas apenas dois dos livros registrados no *corpus* desta pesquisa, quais sejam, *O sucesso não ocorre por acaso*, de Lair Ribeiro e *Você pode curar sua vida*, de Louise Hay. Como se explica, por exemplo, que o livro de Trevisan (1ª ed. de 1980), que, segundo seu levantamento, teve duzentos e cinquenta edições, não apareça entre os mais vendidos nas listas do jornal *Leia e Jornal do Brasil*? Acredito que a explicação esteja no fato de que o livro de Trevisan, e de muitos outros autores das listas de Rüdiger (1996), fossem considerados o modelo clássico da auto-ajuda, uma vez que tratam da questão do mentalismo, ou da força do pensamento. No trabalho de Rüdiger, porém, eles constituem, como veremos mais à frente, o tipo predominante de auto-ajuda até a década de 1950.

O termo “auto-ajuda” aparece pela primeira vez como título de um livro (*Self-help*) escrito por um médico escocês chamado Samuel Smiles, em 1859. Segundo Rüdiger (1996), esse livro deve ser considerado um tratado que

consistia, em sua origem, na sistematização de um série de palestras que o autor proferiu para um grupo de trabalhadores que, por conta própria, havia se reunido para aprender a ler e a escrever e ensinar-se mutuamente química, geografia e matemática, em Leeds. Com o livro, ele pretendia mostrar aos leitores, como havia procurado mostrar para aquela gente, o bem que cada um de nós “pode, em maior ou menor escala, fazer para si próprio”, e provar porque “a felicidade e o bem-estar individuais no decurso da vida dependem principalmente e necessariamente de nós, da cultura diligente e da disciplina de si mesmo” mas “sobretudo do *cumprimento exato do dever individual, em que consiste a glória de um caráter*”. (p. 33 – grifos do autor)

O que Rüdiger procura mostrar, portanto, é que a “auto-ajuda” originária do século XIX apontava sim para o caráter individualizante da sociedade industrial em processo, tal como foi discutido no capítulo anterior, mas seu objetivo não era discutir com as pessoas (seus leitores) uma forma de atingir o prazer, a satisfação individual. O principal interesse desse texto que inaugura a auto-ajuda é contribuir para a formação do caráter do leitor. Assim, a auto-ajuda surge num período em que predominava a concepção do dever, o que caracteriza a sociedade moralista, nos termos de Lipovetsky. Ao dar conselhos ao leitor pensando em reforçar nele os princípios do bom caráter, Smiles pensava numa moral individual que se voltava para o fazer coletivo, isto é, o trabalho.

De *self-help*, pode-se dizer, portanto, que foi uma noção criada, em última instância, com motivo conservador: constitui expressão de uma concepção moral do mundo, submetida à desagregação pelo processo de mudança social deflagrado pelas novas forças produtivas e representa positivamente uma tentativa de conciliar esse ponto de vista com o crescente individualismo. A comprovação disso se encontra no horror com que seu criador assistiu à destruição do sistema de produção mercantil simples, baseado na manufatura mecânica e no trabalho artesanal, que, na prática, fundamentava socialmente a antiga moralidade. (Rüdiger, 1996, p. 46)

Já no final do século XIX e início do XX, essa concepção moral da auto-ajuda começa a ter contornos diferentes em função da corrente do chamado Novo Pensamento. Oriunda da classe média, essa nova corrente tinha por objetivo explorar a idéia do potencial humano, baseando-se para tanto, em idéias e conceitos dos mentalistas, que passaram a circular no final do século XIX. Por meio de supostos estudos sobre o poder da mente, os adeptos dessa corrente propunham difundir para toda a população os segredos do sucesso, da saúde mental e da realização pessoal. Assim, começa a surgir nesse período uma série de livros que se voltavam para as diferentes formas de “exercícios” que libertariam poderes latentes no ser humano, mas que por ele ainda estavam inexplorados, todos concernentes ao cérebro, isto é, à capacidade mental do homem.

Diante das transformações do capitalismo nessa passagem de século, já discutidas no capítulo anterior, a chamada literatura de auto-ajuda que em seu nascedouro tinha uma conformação mais moralista, vai dela se distanciando e assumindo um outro viés do individualismo, qual seja, a exploração dos poderes mentais. Portanto os textos continuam a ter o caráter programador, próprio daqueles que pretendem ensinar algo a seu leitor, mas agora estão ancorados num suporte mais “supostamente” científico, os estudos sobre o poder mental, o que será responsável pela difusão da idéia do “magnetismo”.

A conjuntura não podia ser mais propícia, levando-se em conta que o sucesso passara a ser verdadeiro motivo de culto social com o progresso verificado na economia capitalista durante o século XIX. A figura do *self-made man*, por conseguinte, não somente passara a viver seu auge como tornara-se, desde alguns anos, fenômeno de propaganda, desenvolvida através de conferências, livros e revistas, por diversos filósofos populares e especialistas no sucesso, que, rapidamente, haviam chegado à conclusão de que a crença no poder da mente não podia ficar restrita à prática do *mind-cure*, também podendo ser usada para desenvolver o poder pessoal, viver melhor e obter sucesso. (Rüdiger, 1996, p. 77)

Esse processo de transição da forma anterior de concepção da auto-ajuda voltada para a formação do caráter para a auto-ajuda como busca das potencialidades mentais deu-se, segundo Rüdiger (1996), por meio de profundas mudanças na concepção do princípio de subjetivação. Primeiramente, a preocupação com a formação do caráter deu lugar à busca do sucesso; em segundo lugar, o compromisso com o dever foi suplantado pelo princípio da auto-sugestão como forma de satisfação dos desejos; em terceiro lugar, as formas de conduta foram substituídas pela dimensão do poder da mente; e, em quarto lugar, o caráter enquanto valor dilui-se pela afirmação da harmonização e do poder da personalidade.

O trabalho desenvolvido por Rüdiger (1996) com o propósito de mostrar como a literatura de auto-ajuda é um reflexo do comportamento da sociedade contemporânea tem o mérito de reconstituir sua origem e mostrar como, na passagem do século XIX para o XX, ela sofre uma transformação que redefine sua proposta. Nesse sentido, portanto, posso dizer que o autor concebe a auto-ajuda como um gênero textual que tem como característica central explorar um saber, referendado por um princípio de cientificidade, para levar o leitor a adquirir uma competência para obter sucesso e satisfação em sua vida. Do ponto de vista lingüístico, esses textos são constituídos por enunciados injuntivos e o saber por ele veiculado refere-se ao poder mental ou ao magnetismo da personalidade

humana, como se pode constatar, observando os títulos das listas dos mais editados por ele apresentadas, à que já fiz referência anteriormente.

Em Martelli (2006), a auto-ajuda também é compreendida como um gênero, da mesma forma que para Rüdiger (1996). O caráter programador desse texto é evidenciado nas próprias palavras da autora, quando diz que o “objetivo [desse tipo de texto] é tornar os indivíduos *competentes*” (p. 17 – grifo da autora). Mais à frente, ainda em sua introdução, reafirma esse princípio ao fazer referência aos títulos dos livros:

(...) Nos títulos de auto-ajuda, juntamente com referências a autoridades consagradas no mundo da ciência e a paradigmas e conceitos legitimados pela racionalidade científica, encontram-se receitas e verdades reveladas por gurus e curandeiros com base em outras fontes de legitimidade, que não a científica. O sucesso editorial dos títulos e auto-ajuda pode ser expressivo da emergência e consolidação de novas formas de saber e de poder. (Martelli, 2006, p. 18)

O que irá diferenciar, por outro lado, a posição de Martelli da de Rüdiger em relação à auto-ajuda é o fato de que sua pesquisa está voltada para os livros de auto-ajuda que abordam o tema do gerenciamento de negócios. Nesse sentido, portanto, embora reconheça nessas obras o mesmo tipo de estrutura apontada pelo autor anterior, qual seja, a de um texto expositivo-injuntivo, em que um enunciador pretende ensinar a seu enunciatário um fazer com vistas a torná-lo competente, examina livros que abordam uma temática diferente do mentalismo ou da formação do caráter apontadas pelo trabalho de Rüdiger (1996).

Segundo Martelli (2006), os textos de auto-ajuda voltados para a temática das relações interpessoais são difundidos no Brasil de forma mais intensa a partir da década de 1980. O que impulsiona essa temática no âmbito da literatura de auto-ajuda é, segundo ela, a difusão da idéia de que o período em que os indivíduos “podiam se fazer sozinhos passou e que agora dependemos uns dos outros e ninguém mais possui condições de triunfar apenas por conta própria. Assim, a administração das relações interpessoais veio a ser considerada a essência do autoprogresso” (p. 176).

Nesse sentido, sua pesquisa irá mostrar como a literatura de auto-ajuda, voltada para a satisfação pessoal, o trabalho em equipe e a busca do prazer, passa a fazer parte das atividades desenvolvidas pelo setor de Recursos Humanos de muitas empresas brasileiras. Além de mostrar como esse tipo de texto dá suporte às atividades empresarias no que se refere ao relacionamento entre funcionários, a autora faz referência ao volume 1 do *Manual de gestão de pessoas e equipes*, publicado pela ABRH, Associação Brasileira de

Recursos Humanos, instituição privada composta por executivos, consultores e profissionais que trabalham com o tema da gestão de pessoas, cujo discurso ajusta-se ao de auto-ajuda de forma extremamente próxima. Outra fonte do trabalho de Martelli são entrevistas gravadas com diretores ou gerentes do setor de Recursos Humanos de diferentes empresas multinacionais instaladas no estado de São Paulo.

Segundo sua pesquisa, a focalização dos aspectos individuais no gerenciamento empresarial parte da concepção de humanização que vai tomar conta dos negócios, tal como já pôde ser observado, por exemplo, nos capítulos anteriores, quando abordei o livro de Semler, *Virando a própria mesa*, segundo lugar na lista dos mais vendidos no Brasil, conforme o gráfico 1, em anexo. Enquanto a administração tradicional até meados dos anos 60 estava mais preocupada com a otimização das máquinas, dos equipamentos, dos materiais e dos recursos financeiros, começa a se difundir a partir de então a concepção de que todos esses elementos serão mais bem aproveitados se houver investimento no setor de pessoal, isto é, nos empregados das empresas. O que passa a dominar então é a visão holística de que indivíduos e empresa são elementos interdependentes e que os negócios irão bem na medida em que as pessoas que trabalham sintam-se bem ou se identifiquem com aquilo que fazem.

(...) A função que cada indivíduo ocupa no mundo do trabalho passa a ser entendida como associada a outras necessidades vitais. Assim, algumas questões que pareciam distantes do mundo do trabalho – emoção, intuição, espiritualidade, afeto – passam a freqüentar com bastante assiduidade o imaginário organizacional. E mais do que isso, alguns temas que até então não pareciam apresentar qualquer interesse para a gestão de negócios (...) aparecem com uma certa freqüência em manuais de recursos humanos, em revistas especializadas, em livros de negócios, por exemplo: espiritualidade no trabalho, música em recursos humanos, astrologia como ferramenta para o RH, a contribuição dos florais no desenvolvimento de pessoas e equipes, numerologia, aromaterapia, *Feng Shui* no trabalho, etc. (Martelli, 2006, p. 228)

O que se pode constatar, portanto, pelo trabalho realizado pela autora é que a auto-ajuda na gestão de negócios, além de focalizar o individual que corresponde ao âmbito da personalidade, volta-se também para uma outra concepção da individualidade que não diz respeito a pessoas, mas a empresas em particular.

Acredito, entretanto, que uma das propostas mais pertinentes em relação à auto-ajuda apresentada pelo estudo de Martelli (2006) é a o conceito de auto-ajuda enquanto fenômeno cultural, o que a leva a estabelecer uma distinção entre “auto-ajuda manifesta” e “auto-ajuda latente”. Em seu relato de consultas a livrarias aponta inicialmente essa



questão, pois o que chamou sua atenção e o que certamente despertaria interesse em todo investigador da auto-ajuda, é que dependendo da livraria que se visita, ora certos livros aparecem nas estantes da categoria de auto-ajuda ora não. No que se refere à temática de seu trabalho, a auto-ajuda na gestão de negócios, o que a autora acha curioso é que, muitas vezes, certos livros de auto-ajuda são colocados, por algumas livrarias, nas estantes dos livros de administração de empresas, enquanto certos livros de teoria da administração estão colocados na estante de auto-ajuda. Isso a leva a indagar qual é o critério que define o que é ou o que não é auto-ajuda.

Da mesma forma que fiz em capítulos anteriores deste trabalho, Martelli (2006) identifica que a auto-ajuda manifesta-se em sete diferentes áreas temáticas: educação, saúde, negócios, relações interpessoais, vida conjugal, autoconhecimento e felicidade. Sua classificação difere daquela que adotei para o registro dos títulos dos livros mais vendidos durante o período de 38 anos registrado pelas listas dos mais vendidos de dois jornais brasileiros. Além de a classificação temática ser diferente, alguns livros que incluí em determinada categoria foram por ela incluídos em outra. *Pai rico, pai pobre*, de Robert Kiyosaki e Sharon L. Lechter, por exemplo, foi incluído por mim na temática de livros que tratam de questões de “negócios”, enquanto na classificação de Martelli (2006) vem inserido na categoria de “educação”. Já outro livro, *O sucesso não ocorre por acaso*, de Lair Ribeiro, faz parte dos livros de “autoconhecimento” em minha classificação, enquanto na da autora aparece incluído entre os títulos de “negócios”. Essas diferenças não se devem à má classificação tanto de um quanto de outro trabalho, mas sim, ao que tanto Martelli quanto eu afirmamos em nossos trabalhos, muitas vezes, os textos de auto-ajuda abordam diferentes temáticas o que justificaria incluí-lo em mais de uma categoria. Para efeito de classificação cada um optou por colocá-lo naquela que julga ser a preponderante no livro, embora essa decisão seja dependente do contexto em que se examine o livro de auto-ajuda. O fato de nossas classificações temáticas coincidirem no número de categorias (sete para Martelli e sete para mim) talvez se deva, como ela mesma ironiza em seu texto, a alguma implicação mística, dada a importância que esse número adquire em vários títulos da própria literatura de auto-ajuda (*As sete leis espirituais do sucesso, Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes*, etc.).

A distinção apresentada pela autora entre os livros que chama de auto-ajuda manifesta e auto-ajuda latente deve-se ao que já ficou dito acima sobre a fluidez do critério para identificar quando um livro deve ou não ser incluído nesse gênero e ainda ao fato de que o termo “auto-ajuda” é marcado, em diferentes lugares sociais, por um julgamento

negativo. Por essa razão, por exemplo, muitos autores de livros se neguem a assumir que escrevem literatura de auto-ajuda, o que pode ser verificado, por exemplo, na entrevista realizada pela revista *Veja*, com Lya Luft, que acusa de invejosos de seu sucesso os que a consideram uma autora de auto-ajuda, fato que nega veementemente. Da mesma forma, em muitas das entrevistas realizadas por Martelli (2006) com gerentes e administradores de Recursos Humanos de empresas brasileiras, muitos deles referiram-se com desprezo a esse tipo de literatura. Mesmo assim, o que a autora constata é que “esse fenômeno [a auto-ajuda] está presente tanto na teoria como na prática organizacional” (p. 185). É, portanto, a partir dessas considerações que proporá a diferença entre “manifesta” e “latente” para a auto-ajuda. A primeira é aquela que assume a classificação e reproduz o esquema textual dessa categoria: são textos epositivos-injuntivos organizados na forma de manuais, valem-se de recursos esquemáticos e visuais para expor suas idéias, propõem questionários de avaliação, utilizam uma linguagem bastante simples para atingir um público mais vasto, fazem referências a autoridades (professores, pesquisadores, filósofos, escritores, etc.) sem seguir um critério científico com o intuito de atribuírem um caráter de cientificidade a seus textos. A auto-ajuda latente, por sua vez, diz respeito àquele texto que não se assume como auto-ajuda, chegando a negá-la inclusive, e que apresentam diferentes formas de organização textual: podem ser expositivos ou narrativos, empregam um vocabulário simples entremeado por termos mais incomuns, não fazem uso de questionários avaliativos, nem abusam de esquemas ou de recursos visuais, propõem-se como autenticamente científicos, ensaísticos ou literários.

Com relação à gestão de negócios, tema do trabalho de Martelli (2006), é muito comum observar em cursos universitários, tanto públicos como privados, alunos e professores lendo e discutindo, por exemplo, *Pai rico, pai pobre*, de Kiyosaki e Lechter, traduzido para o português por Maria José Cyhlar Monteiro, cujo nome é acrescido da seguinte informação, na própria página de rosto do livro: “Economista e Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro”. Nesse sentido, portanto, o público leitor de auto-ajuda é muito mais vasto do que se declara, o que leva Martelli (2006) a classificá-lo como um fenômeno da cultura contemporânea.

Defendo a tese de que os sistemas de auto-ajuda se transformaram em fenômenos que têm a dizer sobre um tipo de homem, um modo de ver a natureza, a sociedade, um modo de pensar as relações entre os homens. Nesse sentido, a auto-ajuda não se resume aos livros e manuais. É um fenômeno maior que, exatamente por sua amplitude, abarca temas diversos e faz confundir as fronteiras e as abordagens temáticas. Se antes, quando se falava em auto-ajuda, as pessoas já

sabiam mais ou menos do que se tratava – leitura sobre o poder do pensamento positivo e autoconhecimento -, o que assistimos hoje é a uma profusão de temas que se desenvolvem sob o amplo arcabouço da auto-ajuda e invade todas as esferas da vida. Por isso falo em fenômeno maior. (p. 184)

Essa proposta da autora apóia-se principalmente num princípio sociológico para abordar a questão da auto-ajuda, mas se transpusermos sua constatação para o campo da análise de discurso identificaremos que o que ela chama de fenômeno da auto-ajuda é na verdade a construção de um estilo textual, pois o que se verifica nos livros mais vendidos atualmente é que esse estilo manifesta-se nas mais diferentes formas textuais, abordando sempre temáticas voltadas para os interesses individuais.

Brunelli (2004) desenvolve um estudo sobre a auto-ajuda com o objetivo de identificar, por meio da abordagem teórica da Análise do Discurso francesa, os traços semânticos que definem o discurso de auto-ajuda. Alegando eleger apenas autores que escrevem em língua portuguesa para não ter que discutir problemas de tradução, o que não é seu propósito, cita oito obras de autores de auto-ajuda em sua bibliografia sem explicitar um critério de seleção dessas obras. No corpo do trabalho, porém, examina mais detidamente duas delas: *O sucesso não ocorre por acaso*, de Lair Ribeiro, e *Parabéns pela decisão de ser feliz: a busca do ser*, de Luiz Ricardino.

Pelo fato de se restringir principalmente a esses dois autores que apresentam características formais muito semelhantes em seus textos, seu trabalho acaba focalizando o tipo clássico de livro de auto-ajuda, ou que, nos termos de Martelli (2006) corresponderia à auto-ajuda manifesta. Assim, afirma que as construções lingüísticas predominantes nesse tipo de texto são marcadas pela modalização epistêmica, razão pela qual seu discurso apresenta, como traço positivo, a manifestação da certeza e, como traço negativo, a manifestação da dúvida. Em decorrência dessa constatação conclui que, devido a seu caráter de manual de instrução, essas obras de auto-ajuda revelam um enunciador em conjunção com o saber, cuja imagem é a de um sujeito seguro, autoconfiante, determinado e autocentrado, que se dirige a um enunciatário em disjunção com o saber e que, por se considerar infeliz ou insatisfeito com a vida, procura uma orientação para seu fazer no discurso do outro.

A perspectiva de Oliveira (2006) também é examinar o discurso de auto-ajuda, destacando, porém, dois diferentes aspectos, quais sejam, sua constituição argumentativa e sua inserção num gênero discursivo. Ao constatar que a maioria dos alunos do curso de

Administração da faculdade particular do município de Franca, em que trabalha, lê muitos livros de auto-ajuda, decide investigar um dos autores mais lidos por esse público, o médico Roberto Shinyashiki. Para desenvolver sua pesquisa seleciona cinco obras dentre as onze publicadas por esse autor. Os critérios para a seleção desses cinco livros foram o fato de serem textos expositivo-argumentativos e o de focalizarem o sujeito em sua relação com diferentes situações cotidianas, como as familiares, as profissionais, as religiosas e as médicas.

Do ponto de vista retórico, o trabalho de Oliveira (2006) irá afirmar que o texto de auto-ajuda de Shinyashiki, a partir da mobilização dos campos semânticos do trabalho, expresso em vocábulos como “transformar”, “construir”, “mudar”, etc., e da guerra, manifestado em “lutar”, “vencer”, “derrotar”, “inimigo”, etc., constrói uma argumentação que se vale do clichê, é apelativa e propõe apresentar orientações, dicas e receitas com vistas a levar seu leitor a atingir o estado de felicidade.

Quanto à questão do gênero, afirma que seria possível classificar a auto-ajuda como um novo gênero, na medida em que incorpora e transforma outros gêneros já existentes. É por esse motivo, portanto, que irá dizer que a auto-ajuda procura assimilar traços dos gêneros científico, religioso e filosófico. Na realidade, no seu entender, o texto de auto-ajuda apresenta-se a seu auditório como uma nova forma de tratar as questões em que estão envolvidas as pessoas do mundo contemporâneo, forma essa que consiste na reorganização desses três gêneros anteriores.

Com relação aos trabalhos sobre auto-ajuda aqui referidos é possível identificar que nos dois primeiros, o de Rüdiger (1996) e o de Martelli (2006), há uma preocupação em compreender o surgimento desse tipo de texto como algo dependente das transformações da sociedade capitalista contemporânea. O estudo de Rüdiger traça um histórico da auto-ajuda desde seu surgimento, enquanto texto que visava à formação do caráter de seu leitor, até a forma mentalista que passa a assumir no início do século XX, tipo de texto de auto-ajuda que existe até nossos dias. O livro de Martelli traz uma contribuição muito importante para a compreensão da auto-ajuda, nos termos da autora, enquanto um fenômeno cultural, mas, talvez pelo fato de não ter uma preocupação lingüístico-discursiva, não consegue desenvolver essa noção completamente, porque fica presa à análise dos livros de auto-ajuda que se referem à gestão de negócios, que é um dos tipos de texto de auto-ajuda.

Já as teses de Brunelli e Oliveira, embora tenham uma preocupação em realizar um estudo que valoriza o discurso, ficam restritas também a uma modalidade de texto de auto-

ajuda e, no caso de Oliveira, a um único autor. Não cabe aqui nenhuma crítica negativa aos dois trabalhos, pois não tinham como propósito estudar os diferentes textos de auto-ajuda, como fica claro na proposta inicial de cada um deles. Eles confirmam, por um lado, o que também já ficou dito aqui neste trabalho com relação aos textos de auto-ajuda que aparecem no *corpus* de minha pesquisa, que é o fato de serem predominantemente injuntivos e se construírem enquanto manuais que pretendem oferecer algum suporte para as carências de seus leitores. Por outro lado, porém, como fui detectando nas diversas listas uma variação bastante grande dessa categoria de texto e como fui observando que em outras categorias que não chamei de auto-ajuda o princípio da orientação, da simplificação do vocabulário, do enfoque para o individual, da afirmação dos valores do consumo capitalista contemporâneo também estão presentes, proponho fazer uma última reflexão neste trabalho para tentar compreender o imaginário do leitor brasileiro contemporâneo, que é nosso propósito inicial.

No item seguinte, portanto, tentarei distinguir em que consiste pensar a auto-ajuda enquanto gênero e enquanto estilo de discurso.

## **6.2. O gênero e o estilo da auto-ajuda**

No capítulo dois já havia anunciado, quando examinei a proposta de Discini (2003) sobre o tema, que, em outro momento deste trabalho, retomaria a questão do estilo, voltando-me, então, especificamente para o gênero de auto-ajuda. Pois bem, é o que proponho discutir aqui. Antes, porém, de retomar as considerações da autora, recuperarei o ponto de vista de Bakhtin sobre esse tema, porque me interessa verificar também como o autor russo abordou o gênero do discurso para, posteriormente, tratar do estilo.

Bakhtin (1997) afirma, na introdução de seu texto “Os gêneros do discurso”, que é bastante difícil chegar a uma classificação satisfatória dos diferentes gêneros do discurso devido a seu caráter heterogêneo. Embora essa tarefa seja mais simples quando se trata do texto literário, as diferentes propostas para a distinção de gênero desse tipo de texto revelam que a tarefa não é tão simples assim. Outro problema diz respeito ao fato de que, quando se fala em gênero literário, privilegia-se o caráter artístico-literário do texto, e não “tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os

quais contudo têm em comum a natureza *verbal* (lingüística)” (Bakhtin, 1997, p. 280 – grifo do autor).

A partir dessa constatação, portanto, propõe considerar uma diferença essencial quanto ao gênero do discurso, isto é, o gênero primário (simples) e o secundário (complexo). A distinção entre o simples e o complexo, na proposta bakhtiniana, diz respeito à oposição entre uma forma de comunicação verbal espontânea e uma outra forma mais artificial. Ao gênero primário correspondem enunciados distintos que apresentam características próprias, na medida em que, dependendo da situação em que se realizam, assumem uma configuração determinada, o que permite a Bakhtin (1997) utilizar a expressão no plural, isto é, gêneros primários, tais como o diálogo cotidiano, a carta pessoal, etc. Da mesma forma, pode-se falar de gêneros secundários uma vez que a ele correspondem o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc., como afirma o próprio autor russo.

Ao se constituírem, os gêneros secundários apropriam-se das formas dos gêneros primários. Dessa maneira, eles passam a adquirir um novo sentido, próprio do contexto em que estão inseridos, de tal forma que o diálogo cotidiano representado por duas personagens em um romance, por exemplo, estará subordinado às características próprias desse gênero. A mesma consideração vale para o caso da carta pessoal.

É possível dizer, portanto, que quando Bakhtin (1997) discute a noção de gênero de discurso, entende-o como um conceito geral que engloba todas as propriedades comuns que caracterizam um dado discurso, o que é a mesma coisa que dizer que um gênero corresponde a um conjunto de discursos que se acham ligados pela similitude de uma ou mais particularidades.

Para Bakhtin (1997), a distinção entre os dois gêneros essenciais do discurso, os primários e os secundários, é importante teoricamente, porque dá subsídios a um estudo da natureza do enunciado lingüístico. Segundo o autor, dois são os aspectos principais dos enunciados que estão interligados à noção do gênero. O primeiro a seu caráter dialógico, no sentido de que o enunciado é o suporte do processo de interação entre os interlocutores, questão que é discutida tanto em Bakhtin (1997) quanto em Bakhtin (1981b). O segundo é a ligação indissolúvel que se estabelece entre o enunciado e o estilo. Procurarei, a seguir, mostrar como essas questões são por ele colocadas.

No que se refere ao primeiro aspecto, deve-se considerar que tanto os enunciados produzidos nos gêneros primários quanto nos secundários visam a uma resposta do outro, isto é, a uma “compreensão responsiva ativa” (1997, p. 298). Por essa razão, todo

enunciado de um desses dois gêneros procura influenciar, convencer o outro, que corresponde a seu leitor. A partir dessa constatação o autor afirma que todo enunciado é então determinado por três fatores indissociáveis entre si.

O primeiro deles corresponde ao tratamento dado ao tema do enunciado. Enquanto nos gêneros primários o tema é exaustivamente tratado, nos gêneros secundários, por ser da ordem das esferas criativas, a exaustão do tema é relativa e se dá “em condições determinadas, em função de uma dada abordagem do problema, do material, dos objetivos por atingir, ou seja, desde o início ele estará dentro dos limites de um *intuito definido pelo autor*” (1997, p. 300 – grifos do autor). O segundo fator decorre da captação do “*intuito discursivo* ou *querer-dizer* do locutor que determina todo o enunciado” (p. 300), por meio do qual o interlocutor direciona seu fazer compreensivo. O terceiro e último fator que determina a constituição do enunciado é a escolha que o locutor faz de um gênero de discurso. “Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc.” (p. 301).

Quanto ao segundo aspecto do enunciado, o que diz respeito a sua relação com o estilo, Bakhtin (1997) afirma o seguinte:

O estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso. O enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). Em outras palavras, possui um estilo individual. Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários. (p. 283)

Segundo a concepção de Bakhtin (1997), somente no gênero literário há possibilidade de que o enunciado guarde marcas da individualidade do estilo de quem o produz, pois nos gêneros de discurso que se apresentam de uma forma mais padronizada, tais como “a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc.” (p. 283), a única possibilidade de marcas individuais referir-se-ia a aspectos superficiais, tais como maneiras de organização dos enunciados próprios a determinados sujeitos. Na realidade o que o autor está afirmando é que, como os textos não literários obedecem a uma forma mais padronizada de estruturação, são menos propícios à variação de estilo. Mais do que isso, para o autor, a maioria dos gêneros do discurso, com exceção para o que chama de artístico-literários, constrói-se por meio de enunciados que não precisam refletir

um modo próprio de um sujeito enunciador. Portanto, para saber o que na manifestação da língua é da ordem do uso corrente ou do indivíduo torna-se necessário um estudo do enunciado. E ao chegar a essa conclusão, Bakhtin (1997) acabará por fazer referência ao que se pode chamar estilo individual em particular e estilo em geral, quando propõe uma investigação sobre a natureza do enunciado e sobre a diversidade dos gêneros do discurso.

As relações, portanto, entre o estilo e o gênero, são, segundo a proposta do autor, dependentes de um vínculo indissolúvel e orgânico. As diferentes esferas da comunicação humana correspondem a diferentes gêneros que lhe são apropriados. Por isso, Bakhtin (1997) fará a seguinte consideração:

(...) Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado (p. 284).

A partir dessa colocação é que o autor afirmará que “quando há estilo, há gênero” (p. 286), pois o que procura mostrar é que quando se transpõe o estilo de um gênero para outro, não ocorre apenas uma modificação no estilo, mas também no próprio gênero que, ao incorporá-lo, transforma-se. Em outro trabalho, Bahktin (1981a), ao caracterizar o gênero da obra de Dostoiévski, dirá que, ao longo do tempo, os gêneros se transformam, o que o leva a estabelecer uma distinção entre gênero velho e gênero novo para a literatura. “O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. Nisto consiste a vida do gênero.” (p. 91)

Segundo a perspectiva de Discini (2003), o estilo deve ser observado pela ótica do acontecimento, o que pressupõe as instâncias de tempo, espaço e pessoa. A partir dessa perspectiva, a categoria do ator, enquanto manifestação da subjetividade no discurso, consiste na instância responsável por um modo de ser que corresponde ao estilo do dizer. Entendida a enunciação como um desdobramento em níveis de manifestação, em que um enunciador e um enunciatário pressupostos, delegam voz a um narrador e a um narratário construídos discursivamente, e estes, por sua vez, reproduzem o dizer de um locutor e de um locutário, chega-se à reconstituição dos sujeitos de linguagem. Apreender o estilo em



uma totalidade corresponde, então, a reconstituir o modo de ser do ator enunciado. Isso significa dizer que os valores eufóricos e disfóricos do discurso são conseqüentes do fazer do sujeito da enunciação e que, mais do que isso, são decorrentes de um estado passional. No momento, então, em que se reconstitui a maneira como se configura o enunciado, chega-se, segundo a proposta de Discini (2003), ao *ethos*, que é o sustentáculo do estilo, responsável pela configuração do caráter do ator da enunciação em que está pressuposto um corpo e uma voz. Nos termos da autora:

Para entender o estilo, há também muito o que buscar na consideração do ator de uma totalidade, enquanto sujeito competente para fazer e sancionado por fazer, bem como na consideração do sujeito relacionado à competência para simplesmente ser de um modo determinado, o que supõe competência não apenas para transformações, ou advinhas de transformações operadas; um sujeito definido, por exemplo, pela natureza da junção com o objeto. (p. 334)

A perspectiva da autora para o tratamento do estilo revela a potencialidade da teoria semiótica para explicar os fatos do discurso. Sua preocupação em mostrar as formas de exploração da imanência do discurso como um trabalho que não descarta o histórico aponta para a produtividade dos conceitos da teoria. Na medida em que o discurso se constrói por um jogo de simulacros, não se descartam os valores, conseqüentemente, não se deixa de identificar o ideológico. Por essa razão é que partir da imanência é um caminho produtivo para apreender a forma de inserção histórica.

Em seu trabalho, embora trate constantemente do discurso jornalístico, ou de tipos de textos que aparecem no jornal, e do literário, a autora não se preocupa em discutir uma concepção de gênero. Segundo Greimas e Coutés ([1985?]), o gênero compreende uma classe de discurso que pode ser identificada a partir de critérios de natureza socioletal.

(...) Estes (os critérios de natureza socioletal) podem provir quer de uma classificação implícita que repousa, nas sociedades de tradição oral, sobre a categorização particular do mundo, quer de uma “teoria dos gêneros” que, para muitas sociedades, se apresenta sob a forma de uma taxionomia explícita, de caráter não-científico. Dependente de um relativismo cultural evidente e fundada em postulados ideológicos implícitos, tal teoria nada tem de comum com a tipologia dos discursos que procura constituir-se a partir do reconhecimento de suas propriedades formais específicas. O estudo da teoria dos gêneros, característicos de uma cultura (ou de uma área cultural) dada, não tem interesse senão na medida em que pode evidenciar a axiologia subjacente à classificação: ele pode ser comparado à descrição de outras etno ou sociotaxionomias. (p. 202)

Embora esse termo não apareça no segundo dicionário de semiótica lançado na França em 1986, a importância que o termo “gênero” vai adquirindo com o desenvolvimento dos estudos sobre discurso justifica sua retomada. A preocupação de Greimas e Courtés no primeiro dicionário é com uma tipologia do discurso, na medida em que se destaquem os componentes que descrevam sua organização, por isso não se voltaram para a questão do gênero. Sobre ela, Fiorin (1990) apresenta o seguinte comentário:

A constelação tipológica que constitui o gênero é social. Varia, portanto, de época para época. O que numa época era considerado discurso científico pode não ser mais classificado assim. Os critérios de classificação pertencem à natureza da linguagem. Os gêneros são arranjos que dependem de fatores sociais, ou seja, dos efeitos de sentido valorizados num certo domínio por uma dada formação social (...) Uma tipologia calcada nas teorias do discurso não pretende constituir uma norma, mas, ao contrário, quer mostrar quais os mecanismos que geram os diferentes tipos de discurso sociais: o científico, o didático, o religioso, o político, etc. (p. 97)

Ao retomar neste trabalho o conceito de gênero a partir da contribuição de Bakhtin sobre o tema, pretendo observar em que medida na sociedade contemporânea o que chamamos auto-ajuda pode constituir-se enquanto um gênero de discurso, uma vez que obedece a certas determinações discursivas e linguageiras que lhe são próprias e uma vez que também assume e veicula valores característicos da época em que está inserida, conforme procurei mostrar no capítulo anterior ao tratar do conceito de individualidade segundo alguns autores que estudam a sociedade moderna ou pós-moderna.

Já do ponto de vista da discussão sobre o estilo é possível observar que há uma proximidade entre a proposta bakhtiniana e a de Discini (2003), embora os pressupostos teóricos a partir dos quais cada uma é apresentada sejam diferentes. O que as torna próximas é a afirmação de que o estilo pertence ao âmbito do individual. Para Bakhtin (1997), como o estilo está ligado ao enunciado e este, por sua vez, é a produção de linguagem de um sujeito, o estilo é, conseqüentemente, individual. Para Discini, o estilo está ligado à instância da enunciação que se manifesta, no enunciado, na representação do ator, que é uma forma de manifestação da subjetividade. A partir da distinção entre os conceitos brøndalianos de unidade e totalidade destacados pela autora, é possível apreender um estilo particular e um estilo geral, tal como também afirmara o autor russo.

A proposta que aqui defendo, portanto, é a de que a auto-ajuda é um gênero de discurso segundo a perspectiva da sociedade latino-americana contemporânea. Digo latino-

americana porque o termo “auto-ajuda” é utilizado de forma comum pelos países da América falantes de língua espanhola e pelo Brasil, falante de língua portuguesa, conforme pude observar durante minha participação no VI Congresso Latino-americano de Semiótica, em Maracaibo, na Venezuela. Já na Europa, mais especificamente na França, embora se leia muita auto-ajuda, não há equivalência desse termo para denominar esse gênero de discurso. Caberia, portanto, uma pesquisa para saber como os países da Europa classificam esse gênero de discurso, mas isso seria um outro trabalho. Em inglês, por exemplo, o livro de auto-ajuda é chamado “livro de aconselhamento” e ele diz respeito, exclusivamente a textos que têm a forma clássica do discurso dissertativo. Dessa maneira muitas pessoas também entendem a auto-ajuda aqui no Brasil, mas o que estou procurando afirmar neste trabalho é que um “estilo de auto-ajuda” tem se difundido na época contemporânea, ultrapassando as dimensões do formato tradicional do gênero auto-ajuda.

Se levar em consideração a classificação da auto-ajuda enquanto gênero de discurso, estarei privilegiando seu aspecto cultural, como já afirmaram Greimas e Coutés ([1985?]), no trecho acima citado. Esse é um dado importante quando se pensa a auto-ajuda, exatamente porque ela deve ser entendida como um fenômeno sócio-histórico que vai se difundindo cada vez mais em nossa sociedade contemporânea, quer a chamemos moderna, pós-moderna ou pós-moralista, para usar a terminologia de Lipovetski. Se acrescentar, porém, as características tipológicas ao exame do discurso de auto-ajuda, acredito que será possível chegar a uma classificação mais precisa e, a partir daí, poderei comprovar a idéia de que, além de ser marcada por um estilo particular, a auto-ajuda expande seu horizonte de projeção para uma forma de ser que acaba constituindo um estilo da literatura de mercado do mundo contemporâneo.

Com o objetivo de comprovar essa idéia examinarei, para concluir este capítulo, os textos que classifiquei como de auto-ajuda na tabela 2, que aparece em anexo, ao final deste trabalho. Pretendo, portanto, observar quais são as características específicas dos textos que se distribuem pelos sete subtipos classificados como de auto-ajuda no referido quadro.

### **6.2.1. Autoconhecimento**

No primeiro subtipo, que chamei “autoconhecimento”, encontram-se os seguintes títulos: *O sucesso não ocorre por acaso*, de Lair Ribeiro; *Inteligência emocional*, de Daniel Goleman; *Comunicação global*, de Lair Ribeiro; *Você pode curar sua vida*, de Louise Hay; *A arte da felicidade*, de Dalai Lama e Howard Cutler; *Perdas e ganhos*, de

Lya Luft; e *Um dia daqueles*, de Bradley Greive. Essa denominação, conforme já foi apontada anteriormente, deve-se ao fato de que todos esses textos procuram, de alguma forma, levar seus leitores a identificarem em si mesmos certas qualidades ou características que lhe permitirão viver melhor.

Dentre os sete títulos do subtipo “autoconhecimento”, seis deles se valem do código da língua escrita e em um deles, *Um dia daqueles*, o código visual reinterpreta, conforme já apontei no capítulo 4, o que aparece escrito. Nesse sentido, o sujeito enunciatário é aquele que possui um saber que se destina a seu enunciatário. De posse desse saber estará apto a realizar o fazer que consiste num estado de satisfação (sucesso profissional e pessoal, canalização de seu lado emocional para projetar a si mesmo, facilidade de comunicação, saúde, felicidade, aceitação da velhice e superação do estresse e da fadiga).

Ao observar esses sete textos do ponto de vista da classificação de gênero apresentada por Bakhtin, verifico que todos apresentam as características dos textos do gênero primário, na medida em que transpõem para o enunciado os mecanismos próprios do diálogo. O enunciatário se projeta no enunciado na forma de um interlocutor que se dirige a um enunciatário, o interlocutário com quem simula uma conversa. Em muitos casos, na verdade, são palestras ou cursos proferidos por seus autores que se transformam no livro. O dizer do enunciatário, ocultado na forma do aconselhamento, é o de quem diz o que deve e o que não deve ser feito para se atingir o estado pretendido. Trata-se, portanto, de textos injuntivos.

O efeito de sentido que as projeções da enunciação produzem no enunciado é o de subjetividade, porque um enunciatário que diz “eu” dirige-se a um “tu”, leitor. Essa subjetividade instaurada é uma forma de estabelecer a ambientação do aconselhamento. Uma relação de intimidade, de troca de conhecimentos entre dois sujeitos particularizados, fica estabelecida pelo texto, que perde o caráter de “impessoalidade” que um público não afeito à literatura possa identificar no texto literário. A escolha de uma linguagem mais simples, despojada de investimentos na própria arquitetura da mensagem, o que Jakobson chamou de função poética, é responsável também por essa aproximação entre o leitor e o texto de auto-ajuda, entre o enunciatário e o enunciatário.

É importante ainda observar para a caracterização desse subtipo de auto-ajuda como se dá o processo de modalização do fazer do enunciatário em relação a seu enunciatário. Parto inicialmente da observação de que entre os sete títulos do grupo chamado “autoconhecimento”, cinco deles correspondem a expressões nominais, ora

determinadas ora não determinadas por artigos, (*A arte da felicidade, Um dia daqueles, Inteligência emocional, Perdas e ganhos e Comunicação global*) e outros dois, a frases completas (*O sucesso não ocorre por acaso e Você pode curar sua vida*), sendo que apenas no título do livro de Louise Hay aparece um modalizador. O enunciado modal do “poder” sobredetermina o enunciado do “fazer” (curar) e essa relação que se estabelece entre eles, tomada do ponto de vista da projeção no quadrado semiótico, recebe a denominação de “liberdade”. Segundo Greimas e Coutés ([1985?]), a estrutura modal do poder-fazer é paralela à do dever-fazer e, ao serem projetadas no quadrado semiótico, a denominação “liberdade” (poder-fazer) corresponde à “permissividade” (não dever não fazer). Assim, no enunciado que dá título ao livro de Louise Hay, um enunciador afirma a seu enunciatário que ele tem a escolha de realizar um fazer que consiste em “curar sua vida”. Nessa relação entre os dois sujeitos projetados pela enunciação instaura-se uma modalização pelo querer (volitiva), pois para que o destinatário do enunciado faça é preciso que ele queira. E para instaurar o querer é necessário, inicialmente, que se construa a “certeza”, isto é, que o que diz o enunciador é e pareça verdade; a partir do reconhecimento da verdade, o enunciatário adquire a certeza (crer-ser) do fazer do enunciador.

Cumprir observar ainda que o sintagma que completa o verbo “curar” que aparece no título desse livro (sua vida) conduz a leitura do verbo numa acepção distinta daquela que indica “restabelecimento”, por exemplo. “**Curar** sua vida” é, antes de mais nada, “**corrigir** sua vida”. Embora o livro vá mostrar como é possível curar uma doença de seu próprio corpo (restabelecer-se de um mal), seu objetivo primeiro é mostrar como as pessoas devem agir para que suas vidas sejam boas em todos os sentidos, isto é, como se pode ser feliz pela força do pensamento e pela auto-sugestão.

O título do livro de Lair Ribeiro corresponde também a uma sentença completa, mas nele não aparece um verbo modalizador. Apesar disso, é possível verificar que a relação entre o enunciador e o enunciatário desse discurso é modalizada também por uma certeza (crer-ser). Essa certeza é decorrência do caráter verdadeiro da proposição do enunciador e, além disso, a negação do verbo (“não ocorre”) soa como uma advertência a seu interlocutor: “Se você pensa que o sucesso acontece por acaso, está enganado”. A partir do estabelecimento dessa verdade, o enunciatário é afetado pelo desejo de querer saber o que precisa fazer para atingir o sucesso em sua vida. Instaura-se assim o percurso da leitura como busca do saber, como aquisição de competência para a realização do fazer.

Dos cinco títulos do subgrupo de “autoconhecimento” que correspondem a expressões nominais, três deles, o de Daniel Goleman, o de Lair Ribeiro e o de Dalai Lama

e Howard Cutler, parecem funcionar como definições. O primeiro propõe explicar a seu enunciatário em que consiste a “inteligência emocional” e como ela é importante para se obter sucesso em todas as esferas da vida pessoal; o segundo faz a mesma coisa em relação ao conceito de “comunicação”; o terceiro propõem ensinar/doar a seu destinatador um saber que é uma arte, qual seja, a “arte da felicidade”. Os enunciatários a quem esses enunciados se dirigem estão modalizados pelo querer e esse desejo pode ser satisfeito na medida em que eles creiam na verdade que lhes é apresentada pelo discurso do enunciador.

Os dois últimos títulos desse primeiro subgrupo da auto-ajuda que correspondem a expressões nominais, embora não assumam a forma da definição, também exprimem o processo de modalização epistêmica da relação entre enunciador e enunciatário por meio da certeza (crer-ser). Em *Perdas e ganhos*, o enunciador enfatiza a necessidade (dever-ser) da aceitação de que no processo de envelhecimento há mais ganhos do que perdas. A expressão “perdas e ganhos” poderia ser interpretada, no dizer do enunciador, pelo seguinte enunciado: “se, por um lado, durante o envelhecimento há perdas; por outro, também há muitos ganhos”. A expressão dessa verdade é decorrência de um saber que o sujeito produtor do discurso passa para seu destinatário. Em *Um dia daqueles*, uma prescrição (dever-fazer) do enunciador age sobre o enunciatário para que ele faça. Ao aceitar a certeza expressa no discurso do enunciador, quer esteja mobilizado pelo desejo quer pela volição, o enunciatário reconhece no discurso um dizer verdadeiro sobre como evitar o estresse do dia-a-dia.

### **6.2.2. Misticismo e esoterismo**

O segundo subtipo em que dividi a categoria dos livros de auto-ajuda das listas dos mais vendidos dos jornais *Leia e Jornal do Brasil*, que chamei “misticismo e esoterismo”, compreende cinco títulos: *O profeta*, de Khalil Gibran; *O alquimista*, *Brida* e *As Valquírias*, de Paulo Coelho; e *A profecia celestina*, de James Redfield.

Embora não tenham o formato clássico do que se convencionou chamar auto-ajuda, pois não são livros com discurso dissertativo-injuntivo que proponha instruir o leitor na resolução de seus problemas de vida, pode-se verificar que seu propósito é exatamente o mesmo. Os cinco títulos aqui apontados correspondem a cinco diferentes narrativas que apresentam a seus leitores uma opção para atingir um estado de satisfação, de felicidade pessoal, por meio da adesão a um ponto de vista sobre o mundo que envolve uma crença em entidades e elementos sobrenaturais. Todos os livros incluídos nesse subtipo consistem em narrativas predominantemente construídas em terceira pessoa, com exceção apenas do

livro de Redfield, cuja história é contada segundo a perspectiva de uma primeira pessoa que é uma personagem que participa do enredo.

Segundo a proposta de classificação dos gêneros de Bakhtin, esses textos pertencem à categoria dos gêneros secundários, uma vez que não correspondem à reprodução de interlocutores em diálogo. Ao contrário, trata-se de um tipo de comunicação escrita, uma “narrativa”, em que um espaço, um tempo e os sujeitos que nela se manifestam são projeções de linguagem.

Dentre os textos desse subgrupo, três deles, *O alquimista*, *Brida* e *As Valquírias*, de Paulo Coelho, por serem escritos em terceira pessoa, criam um efeito de objetividade. O outros dois, por sua vez, criam o efeito de subjetividade na construção de seu processo discursivo. O de Redfield, conforme já aponte anteriormente, é escrito em primeira pessoa; o de Khalil Gibran vale-se de um recurso interno à sua narração que consiste no destaque constante da voz da personagem central. Nesse sentido, portanto, o segundo subgrupo dos textos de auto-ajuda que aparecem entre os mais vendidos no Brasil entre 1966 e 2004 caracteriza-se por particularidades tipológicas ainda mais específicas.

A escolha lexical para a eleição do título do livro, “profeta”, aponta para a ação central da personagem Al-Mustafa, em torno da qual se constrói o texto, qual seja, a de predizer o futuro. O livro centraliza seu foco na partida desse profeta que assume a voz no texto em substituição à do narrador, pois passa a ser indagado por diferentes atores para falar sobre diversos assuntos. As falas de Al-Mustafa, sempre colocadas entre aspas, são discursos proféticos que pretendem transmitir um ensinamento para quem os ouve. Dessa forma, na estrutura da narrativa, seu interlocutor pode ser substituído, no ato da leitura, pelo próprio leitor. O enunciador é um “eu” que se dirige a um “vós”, o que mais o aproxima do discurso das parábolas bíblicas, conforme se pode observar no trecho desse livro reproduzido no capítulo quatro, quando o profeta fala sobre o amor.

O enunciador (eu) que se dirige a um enunciatário (vós), de forma cerimoniosa, constrói cada um dos discursos internos à narrativa e assim a pequena cena de deslocamento, que consiste na chegada do barco, no embarque e na partida do barco, é entremeadada pelos discursos do profeta aos que lhe fazem perguntas. Dessa forma o leitor “aprende” o ponto de vista a partir do qual esse personagem místico compreende as coisas do mundo humano. Essa sobreposição da voz da personagem Al-Mustafa em relação à do narrador em terceira pessoa é que acentua o efeito de subjetividade e enfraquece o de objetividade que normalmente é mantido nas narrativas em terceira pessoa.

A razão pela qual me reporte ao discurso do livro de Khalil Gibran, reproduzido no capítulo quatro, foi para mostrar ao leitor deste trabalho em que medida esse discurso vaticinador apontado pelo título da obra insere-se numa categoria tipológica mais específica que é a dos textos parabólicos. Seguindo essa mesma estrutura, aparece o campeão absoluto de vendagens, *O alquimista*, de Paulo Coelho.

A própria comparação entre os títulos (*O profeta* e *O alquimista*) aponta para uma identificação tipológica entre eles. O texto de Paulo Coelho é uma narrativa em terceira pessoa, cujo propósito central consiste em mostrar o princípio da chamada “Lenda Pessoal”. Como já apontei em outra parte deste trabalho, a história do pastor que sai em busca de um tesouro é uma parábola que visa à divulgação de um ensinamento. Acima de qualquer crença religiosa, o que a história procura mostrar é que todas as pessoas que acreditam em seus sonhos, chamados de linguagem de Deus, sempre obterão sucesso. Os elementos místicos, entendidos como relativos a crenças em coisas sobrenaturais, sem base racional, ao conhecimento revelado, manifestados ao longo do texto misturam-se, assim, ao discurso religioso, entendido como referente a uma religião, ou conjunto de dogmas e práticas próprias de uma confissão religiosa.

Cabe ressaltar, porém, que, enquanto no texto de Khalil Gibran a sobreposição do discurso em primeira pessoa da personagem central marca a subjetividade, em *O Alquimista*, predomina o efeito de objetividade, porque é mantida sempre a voz de um enunciador que está ausente espacial e temporalmente dos fatos que são contados.

Os outros dois livros de Paulo Coelho, *Brida* e *As Valquírias*, constroem-se a partir de outra configuração tipológica. O primeiro tem por título o nome da personagem central da narrativa e o segundo refere-se à denominação de um grupo de mulheres responsáveis por salvaguardar o conhecimento sobre as leis dos anjos. Esses dois livros são apresentados como relatos de fatos verdadeiramente acontecidos na vida do sujeito enunciador.

Embora no prólogo de *Brida* o autor fale que tudo que está relatado no livro lhe foi contado pela própria Brida, conforme já ficou demonstrado no capítulo três deste trabalho, seu discurso é enunciado sob a forma da terceira pessoa, o que lhe assegura o princípio de objetividade do relato. Em *As Valquírias*, o recurso da objetividade se mantém, chegando ao artifício discursivo de um enunciador em terceira pessoa referir-se a uma personagem que é uma representação do próprio autor, Paulo Coelho.

O último livro dessa categoria de misticismo e esoterismo é *A profecia celestina*, de James Redfield. Trata-se de uma narrativa em primeira pessoa que propõe apresentar uma visão cósmica da felicidade plena e do equilíbrio nos relacionamentos humanos.



Diferentemente dos quatro anteriormente referidos, sua construção aproxima-se do romance de ação e intriga. Há um mistério que envolve o desaparecimento de certas pessoas e o assassinato de outras. Todos aqueles que estão envolvidos na descoberta e na propagação dos ensinamentos do velho documento escrito em aramaico, de cerca de 600 a.C., no Peru, são perseguidos e ameaçados por um exército a serviço dos interesses da Igreja Católica que não queria ver divulgados os preceitos da “profecia celestina”.

Do ponto de vista dos mecanismos de modalização, a relação entre enunciador e enunciatário é marcada principalmente pela crença. Ao mesmo tempo que *O profeta*, *O alquimista* e *A profecia celestina* mantêm o traço de ficcionalidade, como procurei mostrar acima, propõem ao leitor um contrato que consiste em interpretar o texto ficcional como a revelação de uma verdade. Assim, o enunciatário é modalizado epistemicamente pelo dizer do enunciador. Em *O profeta* e *O alquimista*, revelam-se ensinamentos de vida que, se forem seguidos, conduzem à felicidade e à satisfação espiritual. Já *A profecia celestina* apresenta previsões sobre o futuro da humanidade e os ensinamentos necessários para que se atinja um estado de equilíbrio espiritual, o que significaria uma evolução da espécie humana.

No caso de *Brida* e *As Valquírias* a modalização epistêmica ocorre por meio do discurso da revelação. Os temas apresentados por esses livros, a magia e o poder dos anjos, transportam o leitor para o universo do sobrenatural como forma de compreender as coisas que acontecem em suas vidas. Esses discursos afirmam que todo homem que pretende atingir um estágio evolutivo superior, com o alcance da paz e da serenidade, deve iniciar-se nos conhecimentos esotéricos que lhe são revelados. A magia e os anjos lhe oferecem uma possibilidade (não dever não ser) e a aceitação desses princípios, com a conseqüente prática das normas prescritas (dever-fazer), reverterá na satisfação pessoal.

O que se pode constatar, portanto, pelo que aqui se considerou em relação aos livros que classifiquei no subtipo de misticismo e esoterismo, é que eles correspondem exatamente ao gênero da auto-ajuda, porque propõem uma alternativa para um estado de falta, de carência, enfim, uma resposta para problemas que dizem respeito aos indivíduos em particular. Embora não se construam por meio de enunciados injuntivos, os textos místico-esotéricos sustentam a visão de mundo por eles apresentadas por meio de narrativas que instauram implicitamente processos de modalização pela necessidade, pela prescrição e pela certeza.

### 6.2.3. Individualidade e sexualidade

Nesse terceiro subtipo da auto-ajuda estão incluídos quatro títulos da relação dos mais vendidos: *O homem sensual*, de M.; *203 maneiras de enlouquecer um homem na cama*, de Olívia St. Claire; *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera e *Onze minutos*, de Paulo Coelho.

Os dois primeiros, *O homem sensual* e *203 maneiras de enlouquecer um homem na cama*, obedecem ao padrão tipológico dos clássicos textos de auto-ajuda. São textos injuntivos que estabelecem padrões de comportamento a serem seguidos por um sujeito que vive uma carência. O tema específico dessas duas obras é a sexualidade, ligada à auto-estima. O enunciador manifestado nos dois textos possui um saber que pode ser doado ao enunciatário para suplantando essa falta sentida por ele. O enunciatário do texto de M. é um homem a quem o enunciador propõe passar todo o conhecimento que adquiriu em sua vida para sentir prazer no relacionamento com uma mulher e, ao mesmo tempo, fazer com que ela também sinta prazer. O enunciatário do texto de St. Claire é uma mulher que, antes de mais nada, precisa sentir-se atraente e desejada para conseguir despertar no homem o máximo do prazer e, conseqüentemente, desfrutar com ele desse momento.

Segundo a classificação de gênero bakhtiniana, os dois textos inserem-se entre os gêneros primários, porque se constroem a partir da forma do diálogo entre interlocutores. A linguagem utilizada é bastante simples, simulando uma conversa íntima entre dois sujeitos que se mantêm em posições contrárias: um é o doador de um saber, outro é o receptor desse saber; o destinatário espera tornar-se competente, ao adquirir esse saber, para transformar seu estado de disjunção com o prazer em um estado de conjunção.

A maneira de apresentação do título do livro de um autor que não tem nome, um M., é a de uma definição. *O homem sensual* é o livro que explica o que é ser sensual e o que um homem deve fazer para se tornar sensual. Uma vez mais o que é dito é fruto de uma experiência vivida, como já aconteceu com livros dos subtipos anteriores, por um sujeito que não quer se identificar, por isso não tem nome. Depois de muitos anos de insatisfação, M. descobre o que é ser um homem sensual e deseja passar seu conhecimento para que outros homens também tenham uma vida feliz e prazerosa. Seu relato, portanto, é a afirmação de uma verdade, porque é a história da vida real de um sujeito, e responde a um desejo, um querer-ser do enunciatário em falta. Para alterar seu estado de insatisfação o sujeito enunciatário parte de uma necessidade (dever-ser) para atingir a essência, o ser, revelada pelo relato do enunciador.

O título do livro de St. Claire, *203 maneiras de enlouquecer um homem na cama*, instaura as mesmas modalizações da necessidade e da prescrição acima apontadas. Diferentemente do livro anterior, porém, o enunciado que corresponde a seu título não se caracteriza como uma definição (ser), mas como uma receita (como fazer), que parte da instauração de uma prescrição (dever-fazer). A falta do enunciador será suplantada na medida em que ele siga as instruções que lhe são apresentadas por um discurso do saber. As escolhas lexicais do título do livro de St. Claire apontam para o excesso, pois o enunciador não propõe ensinar duas, cinco ou dez maneiras de se atingir o prazer sexual, mas 203 métodos diferentes. E o enunciador não deve apenas satisfazer o parceiro; mais do que isso, deve enlouquecê-lo. O enunciado que dá título ao livro, portanto, aponta para a quantidade, o excesso e o lugar (a cama), o que é uma maneira de representar o desejo erótico.

Afirmar que o título do livro de M. aponta para a definição e o de St. Claire para a prescrição não significa, porém, negar o caráter subjetivo de seus discursos. Em ambos o sujeito que diz é uma primeira pessoa que viveu uma experiência particular a partir da qual adquiriu um saber que é doado ao enunciatário. Portanto, tanto a definição quanto a prescrição têm como fonte um sujeito singular, diferentemente do discurso científico ou legislativo, por exemplo, que, embora também produzam a definição e a prescrição, não o fazem a partir da afirmação de uma subjetividade, mas sim da objetividade.

Os outros dois livros que aparecem nesse subtipo da auto-ajuda são textos narrativos e pertencem ao gênero secundário, segundo a classificação de Bakhtin. O tema abordado por eles é a sexualidade, tal como nos dois anteriores, mas o tratamento dessa questão não é apresentado na forma do manual de instruções que deve ser seguido pelo sujeito enunciatário. Ao contrário, as narrativas reconstróem sujeitos, espaços e tempos distintos dos da enunciação para colocar em cena o tema dos relacionamentos humanos, em específico o relacionamento sexual entre o homem e a mulher. Essa característica enunciativa dos dois textos aponta para um efeito de sentido de objetividade, pois aquilo que é dito não tem como fonte um sujeito singular. A história é narrada por um não sujeito; o que importa é o dito e não a fonte do dizer. No caso de *Onze minutos*, especificamente, no parágrafo que introduz a narrativa, o enunciador se mostra uma única vez como um “eu” a quem é atribuída a autoria do dito.

O título do livro de Kundera remete à própria questão da essência ao falar do “ser”. Entrar no mundo em que se passa a história significa ser interpelado por um enunciador que quer discutir a condição do homem no mundo moderno, ou na Tcheco-Eslováquia dos

anos 80, cuja maior característica é de ser um país que vive sob um regime político (o comunismo) que suprime a liberdade individual. Viver o igual, a vida cotidiana, sob as regras de um comportamento moral é o que deve ser evitado, pois se submeter a esse sempre igual é não viver a vida; o importante é o estado de liberdade que permite ao homem a experiência de sentir a plenitude. Assumindo um tom filosófico, a narrativa funciona como uma encenação da busca da satisfação do homem moderno. Na primeira linha do romance aparece uma referência à Nietzsche, a quem é atribuída a idéia do eterno retorno, isto é, da imagem cíclica da vida, em que tudo é igual e se repete continuamente. A construção dos conceitos de “leveza” em oposição a “peso” remete ao que é a “satisfação” e a “opressão”, respectivamente. O padrão de comportamento moral do sexo, voltado para a procriação e a perpetuação da instituição familiar, base das relações sociais, deve ser quebrado e o que se deve procurar é assegurar o prazer, verdadeiro princípio da sexualidade humana.

Entre os sujeitos em relação no jogo enunciativo da narrativa de Kundera, o que se instaura é luta entre a necessidade (dever-ser), que é individual, e a impossibilidade (dever não ser), que é social. Ao mesmo tempo que o comportamento social impõe a renúncia (não querer-ser), o homem vive o desejo (querer-ser). Essa luta entre o impulso e a contenção é dramatizada na história narrada pela opressão do regime comunista a partir da focalização da questão da sexualidade, que seria a forma máxima de opressão, pois interfere na identidade do sujeito. O caráter de auto-ajuda que se identifica nesse livro manifesta-se em sua intenção de mostrar a seu leitor que ele pode e deve se preocupar com sua individualidade, respondendo positivamente a seu desejo de não querer viver sob uma “ditadura” do comportamento coletivo.

De forma semelhante, mas num outro contexto, aparece o livro de Paulo Coelho, *Onze minutos*. Uma vez mais o que está sendo afirmado nesse texto narrativo é a legitimação da individualidade. A expressão que dá nome ao livro (onze minutos) refere-se ao tempo de duração do prazer numa relação sexual, segundo a ótica da personagem central, Maria. Distante de qualquer posição ideológica frente a um regime de governo como faz Kundera, o texto de Paulo Coelho irá reafirmar a idéia romântica e, porque não, religiosa do prazer sexual enquanto expressão do envolvimento de paixão entre um homem e uma mulher.

O sujeito para quem a narrativa é contada também vive uma falta e quer superá-la. A narração da vida de Maria, uma jovem simples do interior do nordeste brasileiro que acaba se tornando prostituta na Suíça serve para mostrar como o sexo, enquanto atividade

unicamente fisiológica, não pode trazer realização ao sujeito, pois o que o conduz ao estado de satisfação e plenitude é o amor; e o sexo deve ser compreendido como uma expressão desse amor.

Esse discurso “lugar comum” é veiculado pelo romance de Paulo Coelho, que acrescenta a essa idéia de amor um tom místico, embora esse componente não seja a principal questão do livro, razão pela qual não foi incluído entre as obras de auto-ajuda do subtipo de misticismo e esoterismo. Dirigido principalmente a um público feminino, esse texto é o mote para repetir a idéia da Cinderela, a garota pobre que vive um estado de privação e que é resgatada dessa condição por um príncipe rico e bom que por ela se apaixona. Na contraposição entre o desejo (querer-ser) e o desprendimento (querer não ser), o discurso sobre a mulher nesse texto irá afirmar a renúncia, pois esse é o caminho para atingir a felicidade.

#### **6.2.4. Mundo dos negócios**

A auto-ajuda do mundo dos negócios mais procurada pelo público leitor brasileiro no período de trinta e oito anos desta pesquisa corresponde aos seguintes títulos: *Iacocca. Uma autobiografia*, de Lee Iacocca e William Novak; *Virando a própria mesa*, Ricardo Semler e *Pai rico, pai pobre*, de Robert Kiyosaki e Sharon L. Lechter.

A organização formal desses três livros é bastante semelhante, pois são um relato da experiência de sujeitos particulares sobre a administração e a organização de empresas e negócios. Embora os sujeitos que se projetam em cada um dos enunciados na forma de uma primeira pessoa sejam construções lingüístico-discursivas, o efeito de sentido que as narrativas criam no leitor é de uma identificação entre o “eu” do enunciado e um sujeito do mundo real, quais sejam, Lee Iacocca, Ricardo Semler e Robert Kiyosaki. No caso de *Pai rico, pai pobre*, especificamente, além de reproduzir o esquema autobiográfico, o livro organiza-se na forma de um discurso didático, na medida em que propõe ensinar ao leitor como ele deve educar seus filhos para o mundo capitalista. Essa forma de representação da enunciação é responsável pela instauração também do mecanismo de subjetivação do enunciado. O que o enunciado afirma é que o dito não é fruto de uma “ficção”, mas sim de uma verdade, pois consiste na reconstituição daquilo que realmente aconteceu e é assim que espera ser reconhecido pelo leitor.

Cabe ressaltar, porém, sobre a representação da autoria, que *Iacocca. Uma autobiografia* e *Pai rico, pai pobre* têm dois autores declarados: o primeiro Lee Iacocca e William Novak e o segundo, Robert Kiyosaki e Sharon L. Lechter. Em ambos os casos,

essa autoria dupla refere-se a um sujeito que é a fonte do dizer e seu próprio referente (o criador da história) e a outro que organiza esse dizer (o redator). No livro de Iacocca, o nome de William Novak aparece nos agradecimentos, quando o sujeito autor (Iacocca) chama-o de “inestimável colaborador”. Já no livro de Kiyosaki, além do nome de Sharon L. Lechter aparecer nos agradecimentos, a co-autora assina a introdução do livro, momento em que narra, também em primeira pessoa, como conheceu Kiyosaki e porque interessou-se por realizar o trabalho de revisão e composição do livro.

Do ponto de vista bakhtiniano, os três textos pertencem ao gênero secundário, pois se organizam a partir da reconstituição de uma cena enunciativa em que o código lingüístico não é utilizado para reproduzir uma situação de diálogo entre interlocutores. Por outro lado, porém, embora obedeçam a essa ordem de constituição, as narrativas construídas por esses dois textos veiculam ensinamentos que se dirigem ao enunciatário, cujo saber relativo à gestão e organização dos negócios é modificado pelo dizer do enunciador. Nesse sentido, portanto, o caráter dialógico é básico para a constituição desses textos, embora não no sentido que Bakhtin atribui aos gêneros primários.

Os títulos dos livros dessa subtipologia da auto-ajuda têm como característica central a afirmação da verdade. Entre enunciador e enunciatário instaura-se um contrato de veridicção em que a modalização epistêmica da certeza (crer-ser) incide sobre o fazer do enunciatário na forma de uma prescrição (dever-fazer) para atingir o sucesso, objeto do querer. Observando suas capas, é impossível não apontar uma identificação entre os livros de Iacocca e Semler. Em ambas, aparece uma foto dos sujeitos autobiografados. A postura das duas imagens ali reproduzidas é bastante semelhante; um largo sorriso de satisfação que aponta para a conjunção com o sucesso espelha-se no rosto dos sujeitos ali representados. Ambos se vestem como homens de negócios, com camisas de mangas compridas e uma gravata. Um é um senhor de sessenta anos idade (Iacocca), outro é um jovem empreendedor de apenas 28 anos (Semler). Ambos olham para o espectador e em ambos há uma expressão de serenidade e satisfação. É a afirmação do ser, da verdade, da individualidade.

O título de cada um dos livros, estampado no alto de suas capas, reafirma essa focalização da individualidade. No do autor norte-americano, seu nome aparece em destaque, com letras maiores, Iacocca, seguido pelo subtítulo, “uma autobiografia”, e, logo abaixo, ao subtítulo a indicação da autoria. Em primeiro lugar, em letras maiores que a do subtítulo, a expressão “por Lee Iacocca”; mais abaixo, em letras menores, o nome do co-autor adjungido ao do autor, “e William Novak”. Essa disposição expressa uma vez mais o

destaque ao individual, porque o título do livro é o próprio nome do autor. O subtítulo é a confirmação da verdade, pois representa tratar-se de uma história de vida verídica contada pelo próprio protagonista.

Já no livro de Semler, o título aponta para o processo durativo, expresso na forma verbal do gerúndio do verbo virar. “Virando a própria mesa”, além da afirmação de uma ação em processo, constrói-se a partir de uma expressão coloquial do português, “virar a mesa”, que remete à transformação de um estado. Esse título sintetiza a ação central da narrativa que consiste em mostrar como um jovem empresário foi capaz de mudar os rumos dos negócios herdados do pai que pareciam estagnados. Ao título, acrescenta-se um subtítulo que remete ao próprio ato enunciativo: “uma história de sucesso empresarial *made in Brazil*”. Trata-se, portanto, de um livro que conta uma história de alguém que foi bem sucedido em seu fazer e que essa ação destaca a importância do Brasil. A centralização na individualidade aponta inclusive para o sentimento nacionalista.

Tanto no caso do livro de Iacocca quanto no de Semler, o fazer dos sujeitos em destaque consiste num modelo a ser seguido por aquele que também deseja atingir o sucesso. Trata-se, portanto, de sujeitos que estão de posse de um saber e que podem transmitir esse saber a seu enunciatário. De certa forma, e como já mostrei acima quando destaquei a representação figurativa das duas capas, os dois livros se contrapõem. Enquanto no de Iacocca há a afirmação da importância e do poder dos EUA, no de Semler destaca-se a capacidade das empresas brasileiras e como elas podem se igualar às estrangeiras, principalmente as norte-americanas. O discurso de ambos os livros é marcadamente nacionalista.

O livro de Kiyosaki e Lechter, cujo título é “Pai rico pai pobre”, aponta para uma contraposição. Ao termo “pai” duas qualidades são atribuídas (rico ou pobre) o que remete à escolha. Esse livro tem como subtítulo, na tradução para o português, o enunciado: “O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro”. A principal modalização instaurada por ele é a da prescrição (dever-fazer). A relação entre o enunciador e o enunciatário consiste na passagem de um saber para que se realize esse fazer. O caráter didático do conteúdo do livro é marcado inclusive pela forma como ele se constitui. No primeiro capítulo há uma apresentação do contexto de vida das personagens envolvidas na história, em seguida, do capítulo dois ao sete, a seqüência narrativa dos fatos é apresentada na forma de seis lições que devem ser aprendidas por aqueles que desejam ser bem sucedidos nos negócios. A esses sete primeiros capítulos seguem-se outros três e uma conclusão, cujos títulos apontam para o clássico estilo de auto-ajuda: “Como superar obstáculos”, capítulo 8; “Em

ação”, 9; “Ainda quer mais?”, 10; “Como pagar a faculdade dos filhos com apenas US\$7.000”, conclusão. Após a conclusão segue uma exortação assinada pelo autor e pela co-autora: “Aja!”. A instauração do dever marca a peroração do discurso e essa ação invocada remete ao princípio de toda a literatura de auto-ajuda, que consiste em afirmar que cabe a cada sujeito individualmente determinar o que quer ser (desejo). Nesse momento o leitor é interpelado a agir segundo o que pretende fazer com “cada notar dólar que lhe chegar às mãos”, gastá-la imediatamente e ser pobre; gastá-la com passivos e se tornar rico. A modalização do enunciatário pelo desejo segue a da volição (querer-fazer).

### **6.2.5. Estética corporal**

Preocupar-se consigo mesmo é uma das exigências do mundo atual. Muitas são as sugestões de como alguém pode e deve “cuidar de si” na literatura de auto-ajuda, mas há uma vertente que se ocupa especialmente dos cuidados com a alimentação e, conseqüentemente, com a saúde física. *Pare de engordar*, de Néelson Senise, e *Só é gordo quem quer*, de João Uchôa Jr., são duas obras que se encaixam nessa modalidade. Uma vez mais, nesse caso, o discurso desse tipo de texto manifesta um enunciador que possui um saber, sempre um médico que vive com seus pacientes os problemas do excesso de peso, que será transmitido ao enunciatário para que ele saiba como educar seus hábitos alimentares.

Segundo a perspectiva bakhtiniana, os dois textos identificam-se com as características dos chamados gêneros primários, pois se constroem, como é a forma mais comum da auto-ajuda, à maneira de um diálogo entre dois interlocutores. Partindo do princípio da praticidade e do didatismo na exposição, os dois textos representam o sujeito enunciador investido de um saber, um médico, que tem seus enunciatários construídos como os próprios pacientes que o procuram porque têm problemas alimentares ou como o público para o qual ele irá fazer uma palestra a respeito da obesidade e do mau conhecimento que as pessoas têm sobre o tipo de alimento que devem ingerir para não engordar além do necessário.

O princípio da subjetividade marca os dois textos, como já mostrei em outros capítulos ao comentá-los separadamente, exatamente porque é a forma de ação de um sujeito enunciador identificado, uma vez mais, com o autor que se dirige a um enunciatário em estado de falta. O fato de o texto ser expositivo/argumentativo, com esquemas e até recursos do desenho para explicar suas teses, não significa que, do ponto de vista enunciativo, seja um texto objetivo. O conceito de objetividade/subjetividade em semiótica



não diz respeito à maneira formal de organização do enunciado, mas sim à presença ou ausência de marca lingüística de subjetividade, por um lado, e apagamento dessas marcas, por outro. Portanto, os dois textos organizam a maneira de expor a informação esquemática e didaticamente, mas para que a autoridade do enunciador tenha efeito sobre a carência do enunciatário é necessário que ele construa seu discurso a partir da afirmação de um “eu” que ocupa o lugar de um *expert*, de um médico que tem a competência de instruir o paciente-leitor a curar-se de um mal.

Os dois títulos dos livros desse subtipo da auto-ajuda correspondem a duas frases que destacam dois processos modalizadores distintos entre o enunciador e o enunciatário. Na primeira, *Pare de engordar*, a modalização é pelo dever. Trata-se de uma ordem que é emitida ao sujeito que não sabe que seu peso, ou, na verdade, seu excesso de peso, é algo que o prejudica. Se ele já sabe que o fato de estar gordo é prejudicial para a saúde, procurará o livro para aprender como fazer para parar de engordar. Na segunda, *Só é gordo quem quer*, a modalização é pelo querer, pois afirma que o fato de alguém ser gordo é porque escolheu/quis ser assim. Em verdade, trata-se de um enunciado que constrói um querer disfórico, porque representa a opção pela gordura, e um não querer eufórico, porque representa a opção pela magreza. Assim, o primeiro título instaura a prescrição (dever-fazer), enquanto o segundo, a abulia (querer não fazer).

#### **6.2.6. Crenças**

O penúltimo subtipo dos livros mais lidos pelo público brasileiro que denominei como “crenças” diz respeito especificamente a *Minutos de sabedoria*, de Carlos Torres Pastorino. Segundo a tipologia de gênero de Bakhtin, ele se encaixa entre os textos dos chamados gêneros primários, pois segue a estrutura de um sermão de pregador: “não critique”, “lembre-se de que...”, “não deixe que...”, “resolva seu problema”, “modifique seu modo de pensar”, “aprenda a repousar sua mente”, etc. Totalmente formado por enunciados injuntivos, o texto irá dialogar com seu leitor para ensiná-lo a atingir a felicidade que consiste, basicamente, no reconhecimento da palavra de Deus. Os minutos que levam à sabedoria são aqueles que correspondem ao tempo de “reflexão” que cada uma das partes desse pequeno livro deve oferecer a seu leitor.

Em seu discurso há a manutenção contínua do traço de subjetividade, em que um “eu” se dirige a um “tu” para confortá-lo com a fé. A relação entre os interlocutores parte de uma modalização epistêmica pela certeza (crer-ser) para incidir sobre a deontica, na forma de uma prescrição (dever-fazer). Os minutos de sabedoria que o livro apresenta são

o resultado desse saber construído pela crença num Deus que a todos salva e que deve ser aceita pelo enunciatário do discurso. Com sabedoria ele conseguirá tudo na vida, se acreditar na força divina, atingirá a felicidade e o equilíbrio constante.

### **6.2.7. Individualidade e feminilidade**

O último subtipo dos textos de auto-ajuda corresponde a *Complexo de Cinderela*, de Colette Dowling. Na verdade poderia perfeitamente encaixar-se no subtipo que denominei “autoconhecimento”, pois essa última obra trata exatamente dessa questão. Mas o que a difere das sete outras que classifiquei como “autoconhecimento” é a estratégia textual de que se vale. Enquanto os outros textos apelam para um conhecimento que levará o leitor a dirigir seu comportamento, suas atitudes, de modo a acreditar na força de pensamento, a obra de Dowling assume o lugar de um discurso de investigação. Num misto entre o depoimento autobiográfico, a pesquisa com mulheres que viveram a mesma situação do sujeito enunciatário e as explicações psicanalíticas, o discurso constrói a verdade de seu dizer.

O princípio de construção do sentido desse texto é, uma vez mais, o da definição. Ao afirmar o nome, o título remete à explicação do que significa o “complexo de Cinderela”. A voz enunciatória não é a de um médico nem a de um psicanalista que está investido de um saber a ser revelado para seu interlocutor. O princípio de autoridade desse sujeito não é o da competência pela formação, mas o da competência pela experiência, pois a abordagem da problemática da dependência feminina é mostrada por alguém que a viveu e que sofreu suas conseqüências.

Do ponto de vista da classificação de gênero proposta por Bakhtin, trata-se de um texto que pertence à categoria do gênero secundário, pois não está centrado exclusivamente na forma de contato entre locutores em diálogo. Na verdade o texto funciona como um ensaio que analisa uma experiência de vida, do ponto de vista antropológico e psicológico, do sujeito que diz “eu” no discurso.

A modalização do discurso organiza-se a partir da afirmação da verdade, que consiste na afirmação da positividade entre o ser e o parecer. Essa verdade é construída pelo próprio discurso na medida em que o sujeito enunciatário não transfere simplesmente seu saber para o enunciatário, mas simula apresentar a construção de um saber em parceria como enunciatário.

O efeito de sentido de subjetividade que produz esse texto assegura a manutenção desse contrato veridictório entre enunciatário e enunciatário para a construção do saber.

Como afirmei acima, o sujeito enunciatador não é aquele que transmite simplesmente um saber porque é uma autoridade no assunto, mas é alguém que adquiriu esse saber pela experiência e propõe compartilhá-lo com o enunciatário.

O que o exame dos diferentes títulos classificados como auto-ajuda neste trabalho revela é que existem certas características que podem definir um modo de ser, ou o caráter, portanto o *ethos* da auto-ajuda. E a definição desse *ethos*, por sua vez, será responsável pelo delineamento do estilo. Na medida, portanto, em que o estilo é um reflexo, como propôs Discini (2003), da manifestação do ator da enunciação, a apreensão do estilo dos textos de auto-ajuda pode ser detectada por meio do exame das regularidades e irregularidades, ou das variâncias e invariâncias da instância da enunciação nos diferentes textos de auto-ajuda.

Assim, o que constato por meio das observações aqui apresentadas é que, se tomo o conceito de gênero proposto por Bakhtin, enquanto distinção entre a manutenção de um traço de interlocução direta/simplex entre sujeitos, por um lado, e de interlocução indireta/complexa, por outro, percebo que há um equilíbrio entre os textos de auto-ajuda que podem ser classificados como de gênero primário (12) e os que pertencem ao gênero secundário (11). Por outro lado, se retomo as colocações de Bakhtin (1981a) sobre a mobilidade e a transformação dos gêneros, posso reafirmar a proposta de Oliveira (2006) de que a auto-ajuda é um novo gênero que consiste na transformação e na reapropriação de gêneros antigos.

O que é possível identificar, porém, é que o emprego de linguagem simples, característica do registro coloquial, está presente tanto nos textos que classifiquei como pertencentes ao gênero primário proposto por Bakhtin (uma vez que essa é uma característica desse gênero), quanto na maioria dos textos que classifiquei como pertencentes ao gênero secundário. O fato de um texto recorrer à forma narrativa para realizar uma prescrição, por exemplo, implica uma complexificação das relações interlocutivas na medida em que elas deixam de ser diretas e passam a ser representadas, o que significa considerar que esse texto pertence ao gênero secundário, mas se a linguagem utilizada por ele para sustentar essa representação valer-se do registro coloquial para produzir um efeito de identificação entre o texto e seu público leitor alvo, isso significa que esses textos são uma forma de realização do gênero primário. O que quero dizer, portanto, é que, embora formalmente, haja um equilíbrio entre o gênero primário e o secundário entre os textos do *corpus* da pesquisa, do ponto de vista do registro lingüístico, a quase

totalidades deles aproxima-se do gênero primário. Todos os títulos classificados como de auto-ajuda neste trabalho procuram na simplicidade, no coloquialismo linguageiro empregado, entrar em conjunção com um público leitor bastante amplo, sem preocupação intelectual.

Quanto ao efeito de subjetividade, essa característica está presente na maioria dos textos classificados como de auto-ajuda (18). Embora os outros cinco apresentem um enunciador em terceira pessoa, cuja presença signifique um apagamento da subjetividade e a afirmação da objetividade, há um recurso utilizado por quatro desses livros que subordina a objetividade da enunciação narrativa à subjetividade da enunciação autoral. Em *O alquimista*, *Brida*, *As Valquírias* e *Onze minutos*, de Paulo Coelho, o texto narrativo é sempre precedido por um prefácio ou por uma apresentação que diluem esse efeito de sentido de objetividade. Em todos esses livros, a voz da autoria, Paulo Coelho, sempre intermedeia a interlocução, pois suas narrativas são sempre atribuídas a fatos “realmente acontecidos”, com exceção de *O alquimista*, que é denominado por esse mesmo sujeito autor como texto simbólico, mas que, na verdade, constrói-se como uma ficção simbólica para transmitir um ensinamento, os segredos alquímicos da lenda pessoal.

Além desse recurso discursivo que consiste em produzir os efeitos de objetividade e subjetividade, é importante salientar que há um outro conceito, que é temático, de subjetividade, ou poderia chamar, segundo a terminologia junguiana, de subjetivação, presente em todos os textos que aqui classifico como de auto-ajuda, qual seja, a centralidade naquilo que é próprio do indivíduo e não no coletivo. As obras aqui apontadas reafirmam a tendência discutida no capítulo anterior de que, na sociedade contemporânea, identifica-se um crescente movimento para a focalização dos aspectos particulares, individuais, em detrimento dos gerais ou sociais, como mostraram Freud, Lasch, Toffler e Lipovetski.

Se observo, ainda, a presença do traço injuntivo entre os textos de auto-ajuda percebo que ele está presente em vários casos, mas não é um traço que define a caracterização desse gênero textual, tal como foi afirmado por Rüdiger (1996), Martelli (2006), Brunelli (2004) e Oliveira (2006). Entre os títulos aqui levantados, 13 constroem-se discursivamente com o traço da injunção e 10 não. Entre os 13 textos injuntivos, há um deles, *Pai rico, pai pobre*, de Robert Kiyosaki e Sharon L. Lechter, que se constrói de forma narrativa, mas que ensina as normas a serem seguidas por aqueles que pretendem lucrar com a aplicação financeira no mercado.

O que se identifica entre os textos de auto-ajuda é que, quer assumam o modo injuntivo da exposição quer não assumam, sua proposta consiste sempre em aconselhar ou mostrar uma opção a ser seguida para aqueles que pretendem atingir um grau de felicidade ou de realização em suas vidas. Quer isso seja mostrado na forma de lições ou de preceitos, quer por meio de uma narrativa, o objetivo desses textos é sempre influenciar o comportamento de seus destinatários. As idéias esotéricas funcionam como uma espécie de conforto para aqueles que precisam ou desejam acreditar em algo para justificar sua própria maneira de ser.

Com relação ao procedimento da modalização, os textos de auto-ajuda partem sempre da afirmação da certeza (crer-ser) como base do discurso que veiculam, o que significa dizer, portanto, que a modalização principal desse tipo de texto é a epistêmica. Essa certeza age sobre o fazer do sujeito modalizado, uma vez que ele aceita a verdade proposta pelo texto de auto-ajuda. Essa adesão do enunciatário, leitor de auto-ajuda, parte de um querer. A instauração do desejo (querer-ser) alia-se à volição (querer-fazer), porque o enunciatário construído por esse discurso é um sujeito da falta.

Nesse sentido, portanto, é que se pode caracterizar o leitor da auto-ajuda como aquele que se identifica com essa carência projetada para o enunciatário. Esse sujeito vive em uma sociedade urbana capitalista cujo princípio motor de regulação é o consumo, está isolado dos laços da família extensa do início do industrialismo ou do trabalho artesanal, não acredita mais nos princípios reguladores da religião e precisa encontrar uma resposta para suas indagações individuais. Ele vai encontrá-la, então, na literatura de auto-ajuda, que cresce e se multiplica, assumindo diferentes matizes e diferentes formas.

## Considerações finais

---

Mas deixemos o mito de uma linguagem das coisas, ou melhor, tomemo-lo em sua forma sublimada, a de uma língua universal, que portanto envolve de antemão tudo o que ela pode ter a dizer porque suas palavras e sua sintaxe refletem os possíveis fundamentais e suas articulações: a consequência é a mesma. Não há virtude na fala, nenhum poder oculto nela. Ela é puro signo para uma pura significação. Aquele que fala cifra seu pensamento. Ele o substitui por um arranjo sonoro ou visível que não é mais que sons no ar ou garatujas num papel. O pensamento se sabe e se basta; ele se notifica exteriormente por uma mensagem que não o contém, e que apenas o designa sem equívoco a um outro pensamento que é capaz de ler a mensagem porque ele atribui, pelo efeito do uso, das convenções humanas ou de uma instituição divina, a mesma significação aos mesmos signos. Em todo caso, jamais encontramos na fala dos outros senão o que nós mesmos pusemos, a comunicação é uma aparência, ela nada nos ensina de verdadeiramente novo.

(Maurice Merleau-Ponty. *A prosa do mundo*)

Em sua defesa da percepção, Merleau-Ponty (2002) procura mostrar como a comunicação é, em verdade, ilusória. Preso às palavras, o discurso não é nada mais que uma representação de um pensamento que se exterioriza por meio de um código convencionado entre sujeitos em interação. Mas esse código, embora tenha um funcionamento regulado por suas leis internas, não funciona como uma máquina que transmite mensagens, pois a significação não decorre apenas de uma disposição do léxico de uma língua numa sintagmática, mas sim da expressão de um ponto de vista que é sempre ideológico.

A inter-relação entre sujeitos é produto de uma enunciação que se constrói pelo discurso e o exame de um semioticista ou analista do discurso consiste em observar e interpretar de que maneira o enunciado produz os sentidos que veicula. A ciência da

linguagem<sup>21</sup> deu origem a diferentes perspectivas teóricas para o tratamento do sentido e a semiótica da escola de Paris é uma delas. Segundo essa perspectiva, herdeira da tradição hjelmsleviana, o sentido é sinônimo de matéria e assume uma significação ao decorrer de “sua articulação em duas formas distintas que correspondem aos dois planos da linguagem: o plano da expressão comporta, assim, uma forma e uma substância da expressão e o plano do conteúdo, uma forma e uma substância do conteúdo” (Greimas e Courtés, [1985?]).

Assim, o propósito deste trabalho consistiu em examinar uma forma semiótica, as listas dos livros mais vendidos, para, articulada à sua substância, reconstituir a significação própria dessa matéria. Mas apreender a significação das listas dos livros mais vendidos no Brasil durante o período de 38 anos que corresponde ao intervalo de tempo entre 1966 e 2004 não pode ser um fim em si mesmo. Na verdade, o desdobramento dessa investigação partiu da hipótese de que essas listas refletem um perfil do leitor brasileiro contemporâneo. Ou, melhor dizendo, essas listas acabam configurando-se como um discurso, cujo enunciador é o leitor, pois ao registrar suas preferências de leitura registro o seu dizer e, analisando esse dizer, posso chegar a caracterizar esse leitor.

Uma das instâncias constitutivas do discurso mais difíceis de apreender é a do enunciatário. Ao se debruçar sobre um texto para apreender seu sentido, a teoria semiótica parte do pressuposto de que esse sentido é construído a partir de três princípios centrais que sustentam sua proposta de um percurso gerativo. O primeiro princípio consiste na identificação de uma oposição semântica a partir da qual se constroem as oposições mínimas em que se baseiam os procedimentos de tematização e figurativização no enunciado; o segundo de que o discurso organiza-se a partir de um princípio de narratividade, entendida ela como resultante de um fazer que implica uma mudança de estado; o terceiro procedimento é o que examina as formas de manifestação da enunciação entendida enquanto uma instância dialógica em que enunciador e enunciatário se constroem para que os sentidos adquiram expressão e signifiquem.

Dizer isso a partir de uma descrição pura e simples do que a semiótica chama percurso gerativo de sentido não é muita coisa quando se pensa cada um desses princípios como patamares isolados que têm que ser descritos cada um com todos os seus componentes, mas se se conserva a perspectiva da geração do sentido a partir dessa proposta de percurso, muitas são as conseqüências que podem daí ser retiradas.

---

<sup>21</sup>. Restrinjo-me à ciência da linguagem porque ela é o foco de interesse para este trabalho; posso identificar, porém, que a preocupação com o sentido faz parte das ciências em geral, ou mais fortemente, das ciências humanas.

Num primeiro momento, a identificação do princípio de narratividade do discurso pôde dar conta da descrição de diferentes formas de sujeito no texto. Essa exploração foi bastante profícua quando se estudaram os textos literários em que a concepção da transformação (a narratividade) fica muito mais visível devido ao caráter narrativo desse tipo de texto. Puderam-se então descrever as diferentes posições desse sujeito nos enunciados e apreender o jogo modal que desses enunciados de estado, em associação com os enunciados de fazer, se depreendia. A primeira proposta da semiótica das paixões de Greimas e Fontanille (1993) estava presa ainda à instância narrativa porque entendia o jogo de construção passional a partir das manifestações dos sujeitos narrativos. As análises da avareza e do ciúme são interpretações centradas nas paixões narrativas e não nas discursivas.

O grande problema para a teoria semiótica, no que se refere ao exame dessas paixões, veio a se constituir no momento em que ela retomou os antigos postulados da retórica e deslocou seu foco do exame da instância narrativa para o da discursiva. Se os estados passionais podem ser narrativamente construídos no texto, o que os torna figuras da narrativa, também podem manifestar-se na forma de dizer, constituindo-se então em figuras do discurso. Isso quer dizer que a paixão no discurso corresponde a uma forma de ação do enunciador sobre o enunciatário.

A identificação do enunciador com o autor e a do enunciatário com o leitor pode induzir a um engodo que consiste em pensar que esse autor e esse leitor devam identificar seres reais. Mesmo que algumas vertentes da teoria da literatura critiquem a nós, semioticistas, pelo que chamam nosso excesso de formalismo, que vê jogo de imagens e abstracionismo em tudo, deixando de lado o ser do mundo, o Autor, aquele que é o responsável pelo dito, insistimos em afirmar que, para uma teoria do discurso, o que importa é identificar um sujeito que se constrói discursivamente a partir de um dizer.

Embora já tenha avançado seu trabalho com vistas à caracterização da instância do enunciador, a semiótica não conseguiu, até o momento, sistematizar de forma mais precisa a instância do enunciatário. Do ponto de vista do exame das manifestações da enunciação no discurso, Fiorin (1996) desenvolveu um trabalho que foi capaz de descrever as formas de projeção actorial, temporal e espacial de maneira bastante aprofundada, o que resultou numa grande contribuição para os estudos da semiótica sobre essa questão. Em seus trabalhos mais recentes, Fiorin (2004a), tem explorado o conceito de *ethos* do discurso e, em Fiorin (2004b), a questão do *pathos*, enquanto a imagem que o enunciador tem do



estado de espírito do enunciatário. Discini (2003), seguindo sua proposta, trabalhou a noção de estilo a partir dessa reincorporação dos princípios da retórica para a semiótica.

Minha proposta ao desenvolver este trabalho procurou somar-se às desses autores. Para definir, portanto, um perfil do leitor brasileiro contemporâneo, parti do exame dos indícios de manifestação desse leitor num texto: as listas dos mais vendidos. Se tomo como princípio o conceito de *ethos* enquanto imagem que o enunciador constrói de si mesmo no discurso e o de *pathos* enquanto a imagem que ele constrói de seu enunciatário, o que este trabalho identificou é que, se não se tratava de estudar discursos específicos (um romance, um discurso político ou um jornal, como faz Discini), era impossível pensar apenas em descrever o *pathos*; era preciso partir do *ethos* para chegar ao *pathos*.

O que estou querendo dizer é que, se parti do pressuposto de que as listas dos mais vendidos representam uma escolha do leitor, o exame que realizei desse *corpus* tem, necessariamente, que examinar o *ethos* desse discurso, pois se assim fizer, chego ao dizer desse leitor. Na realidade, o que estou aqui afirmando é que, quando se pensa em identificar o gosto ou o interesse do leitor segundo uma perspectiva de analista de discurso, é impossível descrever ou reconstituir esse leitor verdadeiro. O único ato possível é observar o leitor de discurso, e foi isso que procurei aqui fazer, ou seja, examinar o que o leitor brasileiro contemporâneo lê porque isso me levaria a constituir o *pathos* desse leitor. Pelo fato de a enunciação conter em si mesma o enunciador e o enunciatário, nela também se manifesta o *pathos* e o *ethos*. Ou, dependendo da forma como se analisa esse enunciatário, os termos *pathos* e *ethos* são intercambiáveis. A tomada de posição do analista irá determinar, portanto, se esse enunciatário será apreendido a partir de seu *ethos* ou de seu *pathos*.

Quando se elege observar o discurso do ponto de vista de sua eficácia, contrapondo as categorias do enunciador e do enunciatário, interligados a do *ethos* e do *pathos*, pode-se dizer que dois processos podem ser desencadeados, o da identificação e o da complementaridade. O primeiro processo se dá toda vez que existe uma coincidência entre a imagem que o enunciador constrói de si em seu discurso (o *ethos*) e o ponto de vista do leitor sobre aquilo que é dito; ou seja, a imagem do enunciatário construída no discurso (o *pathos*) coincide com o modo de sentir e pensar do sujeito leitor.

Esse processo de identificação talvez possa ser exemplificado por meio dos livros de ação e intriga ou de fantasia que identifiquei no *corpus* desta pesquisa. Se entendo que essas duas modalidades de leitura são características das situações de lazer ou de entretenimento, diria que o leitor que procura ler esse texto, se não se identifica sempre

com o conteúdo expresso nas narrativas, identifica-se com o tipo de discurso próprio dessas modalidades de leitura. Essa é, portanto, a identificação entre o *ethos* e o *pathos*.

O processo de complementaridade ocorre toda vez que o *ethos* do enunciador revelado em um discurso responde a uma carência do *pathos*. Essa é exatamente a situação em que se encaixam os livros de auto-ajuda sobre os quais tratei nos dois últimos capítulos deste trabalho. O leitor de auto-ajuda é, portanto, um leitor em falta e o que ele busca nos livros que lê é uma resposta para essa falta.

Por meio do exame de dois diferentes recortes do *corpus* da pesquisa, expressos nos capítulos 3 e 4, procurei observar as características discursivas dos diferentes textos escolhidos pelos leitores e distribuí-los em classes temáticas para poder traçar o perfil do leitor brasileiro contemporâneo. Uma vez que identifiquei que os livros de auto-ajuda aumentam década a década nas listas dos mais vendidos, procurei examinar mais atentamente o significado dessas escolhas.

O que afirmei acima sobre o processo de complementaridade entre o *ethos* do enunciador e o *pathos* do enunciatário em função do estado de falta pode ser explicado por meio dos diferentes enfoques a respeito do comportamento dos indivíduos nas sociedades contemporâneas apresentados no capítulo 5. As principais causas apontadas para a instauração desse estado de falta são o crescimento do individualismo, a descrença nas instituições, na religião e a visão conspiratória da história.

Como pôde ser observado pela referência aos estudos de diferentes autores que trataram das questões das sociedades modernas, ou pós-modernas, o crescimento do individualismo leva os sujeitos a um sentimento de falta. Como os princípios das instituições e da tradição religiosa são cada vez mais questionados e colocados em xeque, os indivíduos buscam uma alternativa para o que se poderia chamar seu estado de crença. Como não se pode mais apoiar nas certezas da tradição, o homem contemporâneo passa a apreender a realidade que o cerca em função do segredo, do engodo, do mistério, do incompreensível, etc. Esse destronamento dos valores será então responsável pela perda de sentido das grandes narrativas e, conseqüentemente, o impulsionador das narrativas místicas, esotéricas e das diferentes situações propiciadoras da auto-ajuda, que não se limitam aos livros, pois a auto-ajuda passa a ser difundida por diferentes meios de comunicação, como o rádio e a televisão.

Em função dessas questões é que defendemos neste trabalho que a auto-ajuda no mundo contemporâneo deixa de ser apenas um gênero textual e passa a corresponder a um estilo que se difunde em diferentes textos. Essa é uma questão que mereceria uma

investigação mais aprofundada, pois o que procurei aqui apontar foram as características desse processo.

Poderiam ser observados ainda, por meio do *corpus* da pesquisa, outros aspectos que envolvem a questão da leitura. Observando o gráfico 7, que corresponde ao levantamento dos autores que mais venderam durante o intervalo de tempo entre 1966 e 2004, seria possível construir outro perfil dos leitores, na medida em que identificaria o *ethos* dos autores que aparecem entre os mais vendidos. A diferença entre o que aparece nesse gráfico e os dados com que aqui trabalhei deve-se ao fato de que, para o levantamento do gráfico 7, a variável é o autor e não mais as obras especificamente. Assim, quando um autor tem várias obras citadas nas listas dos mais vendidos, seu nome será considerado mais vezes para o levantamento estatístico.

Traçar um perfil do leitor brasileiro contemporâneo por meio desse gráfico ou da composição de diferentes gráficos por décadas seria uma possibilidade de trabalho, mas não me parece que a modificação do perfil do leitor traçado por este trabalho seria muito diferente. Veja-se, por exemplo, que o autor Paulo Coelho aparece em primeiríssimo lugar tanto no gráfico 7 quanto no gráfico 1 ou na junção dos gráficos de 2 a 6, que correspondem às diferentes décadas da pesquisa.

Se quisesse, porém, realizar um trabalho que focalizasse o mercado editorial brasileiro poderia discutir os dados demonstrados pelo gráfico 8, que apresenta um levantamento das editoras que mais venderam livros no período de 1966 a 2004. A editora Record detém o primeiro lugar da lista com um número de aparições nas listas dos livros mais vendidos que chega a ser quase o dobro do segundo lugar, que pertence à editora Nova Fronteira. Uma pesquisa desse tipo seria muito mais voltada para a questão mercadológica, pois além de pensar o perfil do leitor brasileiro entrariam em discussão os interesses de empresas que trabalham com a mercadoria livro.

Cabe, ainda, em último lugar, considerar que neste trabalho deixei de examinar de maneira mais detida as outras modalidades de textos mais lidos além da auto-ajuda. A justificativa para isso é o fato de que, para concluir este trabalho, precisei fazer um recorte. Dada a grande incidência de livros de auto-ajuda nos dados da pesquisa, centrei-me mais nesse tipo de livros para fechar o trabalho. Isso não significa, porém, que com esses mesmos dados não possa realizar novos estudos que focalizem de forma mais ampla o espectro de leituras do leitor brasileiro contemporâneo. Mas essa será uma tarefa para o futuro.

## Bibliografia

---

ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP; Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. Coleção Histórias de Leitura.

AMORIM, Sônia Maria de. **Em busca de um tempo perdido**. Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp/Com-Arte; Porto Alegre: EUFRGS, 1999. (Memória Editorial, 2)

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. 16<sup>a</sup>. ed. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19\_]

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**. As não-coincidências do dizer. Tradução Claudia R. Castellanos Pfeiffer et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1981a.

\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981b.

BARROS, Diana L. Pessoa de. **Teoria do discurso**. São Paulo: Atual, 1988.

\_\_\_\_. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1)

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. Tradução Maria da Glória Novak e Luiza Néri. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1976.

BERTRAND, Denis. **Précis de sémiotique littéraire**. Paris : Nathan, 2000.

BRØNDAL, Viggo. Ominis et totus. In: **Actes Sémiotiques**. Documents VIII, 72. Paris: Groupe de Recherches sémio-linguistiques; École des Hautes Études em Sciences Sociales, 1986, p. 11-18.

BRUNELLI, Anna Flora. **O sucesso está em suas mãos**: análise do discurso de auto-ajuda. Campinas, 2004, 149p. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Lingüística – área de concentração: Análise do Discurso – do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

CANDIDO, Antonio. 4. ed. revista. **Literatura e sociedade**. Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1975.

CHARTIER, R. (Org.) **Práticas da leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary Del Priore. Brasília: Editora UNB, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história**. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CORTINA, Arnaldo. Semiótica e Leitura: os leitores de Harry Potter. In: CORTINA, Arnaldo & MARCHEZAN, Renata Coelho (Org.). **Razões e sensibilidades**. A semiótica em foco. São Paulo: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2004, p. 153-189. (Série Trilhas Lingüísticas, v. 6);

\_\_\_\_. **O príncipe de Maquiavel e seus leitores:** Uma investigação sobre o processo de leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CORTINA, Arnaldo & MARCHEZAN, Renata Coelho. Teoria semiótica. A questão do sentido. In: MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística.** Fundamentos epistemológicos v. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 393-438.

DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar. In: NOVAES, A. **Libertinos e libertários.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_. **Best-sellers proibidos da França pré-revolucionária.** Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DISCINI, Norma. **O estilo nos textos.** História em quadrinhos, mídia, literatura. São Paulo: Contexto, 2003.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação.** Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_. **Interpretação e superinterpretação.** Tradução MF. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação.** Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FIORIN, José Luiz. O ethos do enunciatário. In: CORTINA, Arnaldo & MARCHEZAN, Renata Coelho (Org.). **Razões e sensibilidades.** A semiótica em foco. São Paulo: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2004a. (Série Trilhas Lingüísticas, v. 6), p. 117-138.

\_\_\_\_. O *pathos* do enunciatário. In: **Alfa.** Revista de Lingüística. V. 48, n. 2. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2004b, p. 69-78.

\_\_\_\_. De gustibus non est disputandum? Para uma definição semiótica do gosto. In: LANDOWSKI, Eric & FIORIN, José Luiz (Org.). **O gosto da gente, o gosto das coisas:** abordagem semiótica. São Paulo: EDUC, 1997, p. 13-28.

\_\_\_\_. **As astúcias da enunciação.** As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996. (Ensaio 144)

\_\_\_\_. Sobre a tipologia dos discursos. **Significação.** Revista brasileira de semiótica. São Paulo, n.8/9, p. 91-8, out. 1990.

\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso.** São Paulo: Contexto/Edusp, 1989. (Repensando a Língua Portuguesa).

FREUD, Sigmund [1931]. **O mal-estar na civilização.** Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão.** Leitura e leituras de livros pornográficos no século XVIII. Tradução Maria Aparecida Corrêa. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido.** Ensaio semiótico. Tradução Ana Cristina C. Cezar et al. Petrópolis: Vozes, 1975.

\_\_\_\_. **Semântica estrutural.** Tradução Haquira Osakabe. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976.

\_\_\_\_. **Du Sens II: essais sémiotiques.** Paris: Du Seuil, 1983.

\_\_\_\_. **De l'imperfection.** Périgueux: Pierre Fanlac, 1987.

GREIMAS, Algirdas Julien. & COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica.** Tradução Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, [1985?]

\_\_\_\_. **Sémiotique.** Dictionnaire raisonné de la théorie du langage II (Compléments, débats, propositions). Paris : Hachette, 1986.

GREIMAS, Algirdas Julien & FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões.** Dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil.** Sua história. Tradução Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz e EDUSP, 1985.

- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.
- LACERDA, Lílian de. **Álbum de leitura**. Memória de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999. (Série Temas, 38)
- LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**. A vida americana numa era de esperanças em declínio. Tradução Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- \_\_\_\_\_. **O mínimo eu**. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005a.
- \_\_\_\_\_. **A sociedade pós-moralista**. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Tradução Armando Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2005b.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTELLI, Carla Giani. **Auto-ajuda e gestão de negócios**. Uma parceria de sucesso. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2006.
- MARTINS, Marcelo Machado. **Narrativa policial: uma abordagem semiótica**. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. Constituintes do gênero policial: natureza, percursos e métodos de investigação. In: LOPES, Ivã Carlos e HERNANDES, Nilton (Org.). **Semiótica**. Objetos e práticas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 169-189.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. Tradução Paulo Neves. São Paulo : Cosac & Naify, 2002.



- MOLLIER, Jean-Yves. **La lecture et ses publics à l'époque contemporaine**. Essais d'histoire culturelle. Paris : Presses Universitaire de France, 2001.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**. O espírito do tempo. Tradução Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro/ São Paulo: Forense, 1969.
- OLIVEIRA, Sheila Fernandes Pimenta e. **Discurso, gênero e argumentação na auto-ajuda de Shinyashiki**. Araraquara, 2006, 196p. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.
- PINTO, Júlio Pimentel. **A leitura e seus lugares**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro 1960-1990**. São Paulo: Com-Arte/FAPESP, 1996.
- RÜDIGER, Francisco. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.
- SILVA, Fernando Moreno da. **Vou-me embora pra livraria, pois lá tenho alegria**: uma leitura das crônicas mais vendidas de Luís Fernando Veríssimo. Araraquara, 2005, 131p. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.
- TATIT, Luiz. **Análise semiótica através das letras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Tradução João Távora, 19ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1993.
- TOFFLER, Alvin & TOFFLER, Heidi. **Criando uma nova civilização**. A política da terceira onda. Tradução Alberto Lopes. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- TORRESINI, Elisabeth Rochadel. **Editora Globo**. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40. São Paulo: EDUSP/Com-Arte; Porto Alegre: EUFRGS, 1999. (Memória Editorial, 1)

TAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal*. Os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

## Referências bibliográficas do *corpus*

---

- BENÍTEZ, J. J. **Operação cavalo de tróia**. Tradução Hermínio Tricca. São Paulo: Mercuryo, 1987.
- BRADLEY, Marion Zimmer . **As brumas de Avalon**: a saga das mulheres por trás dos bastidores do Rei Arthur. Vol. 1. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- BUARQUE, Chico. **Budapeste**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BUENO, Eduardo. **A viagem do descobrimento**. A verdadeira história da expedição de Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. (Coleção Terra Brasilis; 1).
- CALLADO, Antonio. **Quarup**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- COELHO, Paulo. **O diário de um mago**. 30. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Brida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- \_\_\_\_\_. **As Valkírias**. 59. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O alquimista**. 162. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Onze minutos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- DÄNIKEN, Eric von. **Eram os deuses astronautas?** 50. ed. Tradução E. G. Kalmus. São Paulo: Melhoramentos, 1995.
- DOWLING, Collet. **Complexo de Cinderela**. Tradução Amarylis Eugênia F. Miazzi. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- ELIACHAR, Leon. **O homem ao zero**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**. Romance da história da filosofia. Tradução João Azenha Jr. Jostein Gaarder, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIBRAN, Gibran Khalil. **O profeta**. Tradução Mansour Challita. Rio de Janeiro: EXPED-Expansão Editorial, 1972.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. A teoria que redefine o que é ser inteligente. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GRAVE, Bradley. **Um dia daqueles**. Tradução Pedro Bandeira. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

HAILEY, Arthur. **Aeroporto**. Tradução Milton Persson. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

\_\_\_\_. **O primeiro-ministro**. 9. ed. Tradução Milton Persson. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

\_\_\_\_. **Automóvel**. Tradução de Milton Persson. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d.

HAY, Louise. **Você pode curar sua vida**. Como despertar idéias positivas, superar doenças e viver plenamente. Tradução Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Best Seller, s/d.

HESSE, Hermann. **O lobo da estepe**. Tradução Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Record, s/d.

HERMAN, K. e RIECK, H. **Eu, Cristiane F., drogada e prostituída**. 35. ed. Tradução Maria Celeste Marcondes. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

IACOCCA, Lee & NOVAK, William. **Iacocca**. Uma autobiografia. Tradução de Adail U. Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Cultura, 1985.

KIYOSAKI, Robert T. e LECHTER, Sharon L. **Pai rico, pai pobre**. O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro. Tradução Maria José Cyhlar Monteiro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Tradução Teresa B. Carvalho. São Paulo: Circulo do livro, s/d.

LAMA, Dalai & CUTLER, Howard C. **A arte da felicidade**. Um manual para a vida. Tradução Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LUFT, Lya. **Perdas & ganho**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

M. **O homem sensual**. Tradução Mario Fabrício. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

MAIOR, Marcel Souto. **As vidas de Chico Xavier**. 2. ed. ver. e ampl. São Paulo: Planeta, 2003.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia . **O amor nos tempos do cólera**. 17. ed. Tradução Antonio Callado. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MILLER, Henry. **Sexus**. A crucificação encarnada I. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1967.

MORAES, Fernando. **Olga**. 13. ed. revisada. São Paulo: Alfa-Omega, 1987.

PAIVA, Marcelo Rubens. **Feliz ano velho**. 32. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Cantadas Literárias).

PASTORINO, Carlos Torres. **Minutos de sabedoria**. 40. ed. São Paulo, Vozes, 2003.

PRETA, Stanislav Ponte. **Febeapá**. 1º. Festival de besteira que assola o país. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

PUZZO, Mario. **O chefão**. Tradução Carlos Nayfeld. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 32. ed. São Paulo: Martins, 1974.

REDFIELD, James. **A profecia celestina**. Uma aventura da nova era. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, s/d.

RIBEIRO, Lair. **Comunicação global**. A mágica da influência. Rio de Janeiro: Objetiva, 1993. (Coleção Sintonia; v. 2).

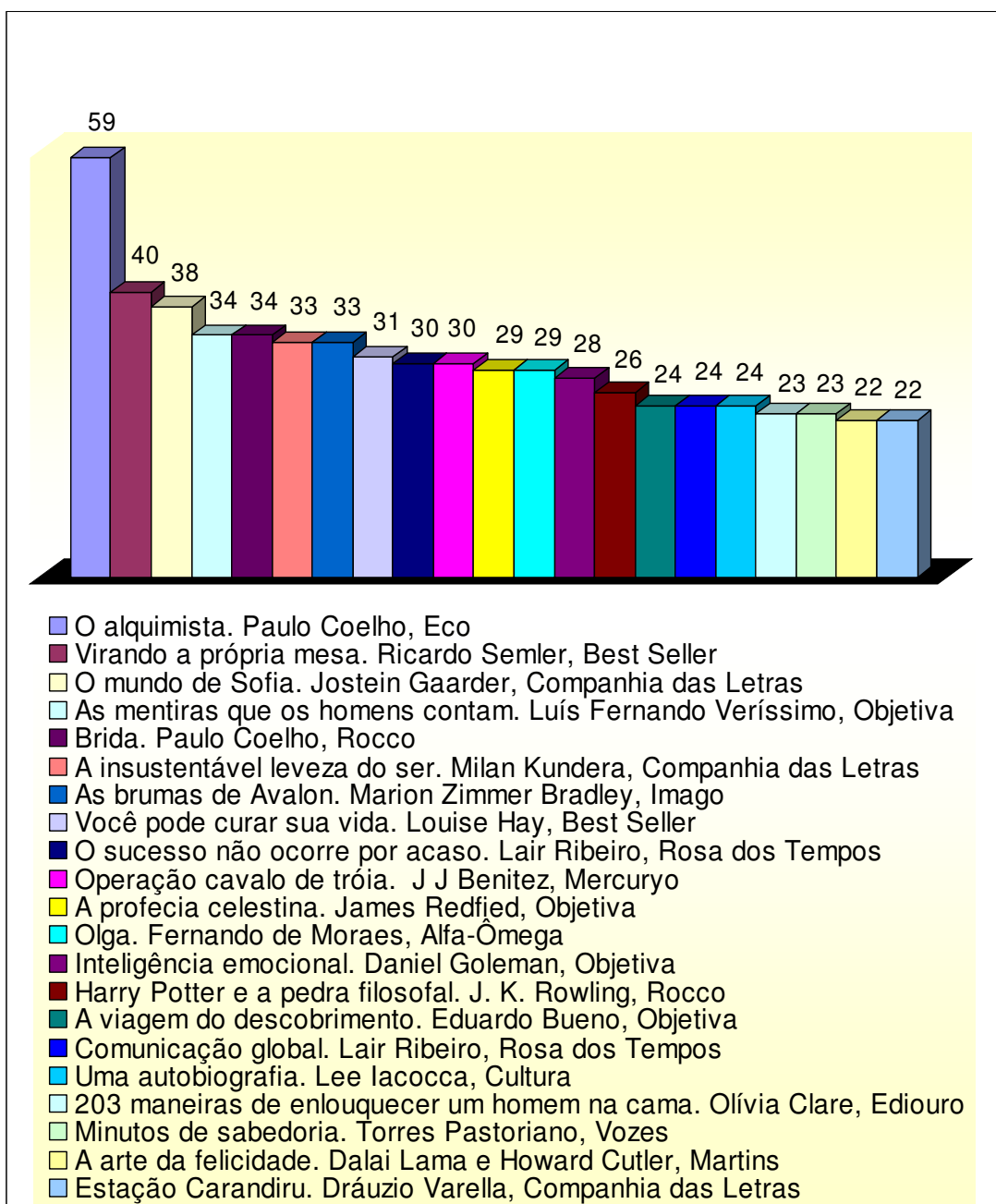
- \_\_\_\_. **O sucesso não ocorre por acaso.** É simples mas não é fácil. Ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 1993.
- ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e a pedra filosofal.** Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- \_\_\_\_. **Harry Potter e a câmara secreta.** Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- RUSSELL, Bertrand. **Crimes de guerra no Vietnã.** Tradução Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- SEMLER, Ricardo. **Virando a própria mesa.** 35. ed. São Paulo: Best Seller, 1988.
- SENISE, Néelson. **Pare de engordar.** Obesidade, um problema psicológico. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- SERVAN-SCHREIBER, Jean-Jacques. **O desafio americano.** Tradução Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, s/d.
- SHELDON, Sidney. **Se houver amanhã.** Tradução A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, s/d.
- SOARES, Jô. **O Xangô de Baker Street.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ST. CLAIRE, Olívia. **203 maneiras de enlouquecer um homem na cama.** Tradução Raquel Mendes. 18. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- UCHÔA JR., João. **Só é gordo quem quer.** 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- VASCONCELOS, José Mauro de. **Meu pé de laranja lima.** São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares.** 45. ed. São Paulo: Globo, 1995.
- \_\_\_\_. **Solo de clarineta.** Porto Alegre: Globo, 1976.
- \_\_\_\_. **O prisioneiro.** 6. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

\_\_\_\_. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

# **Anexos**

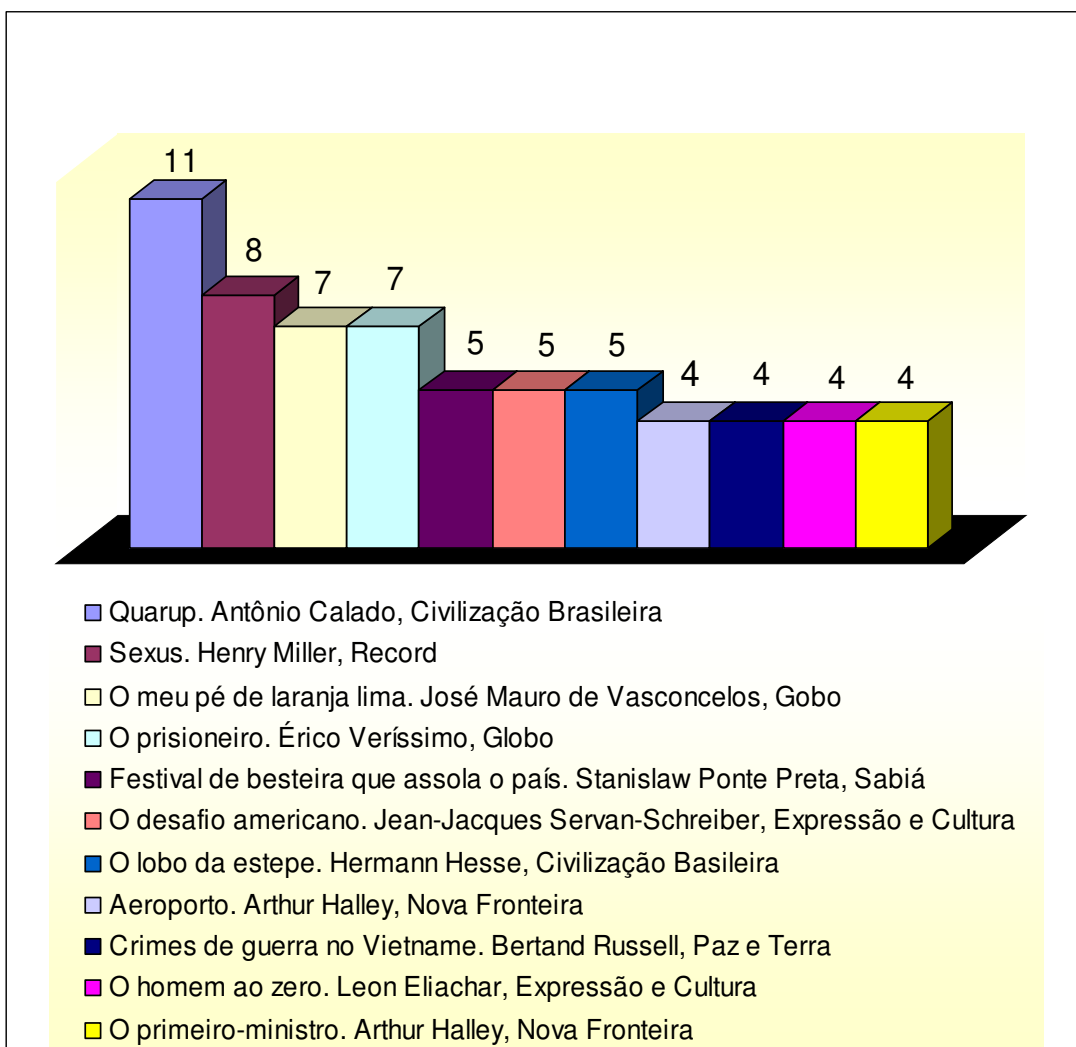




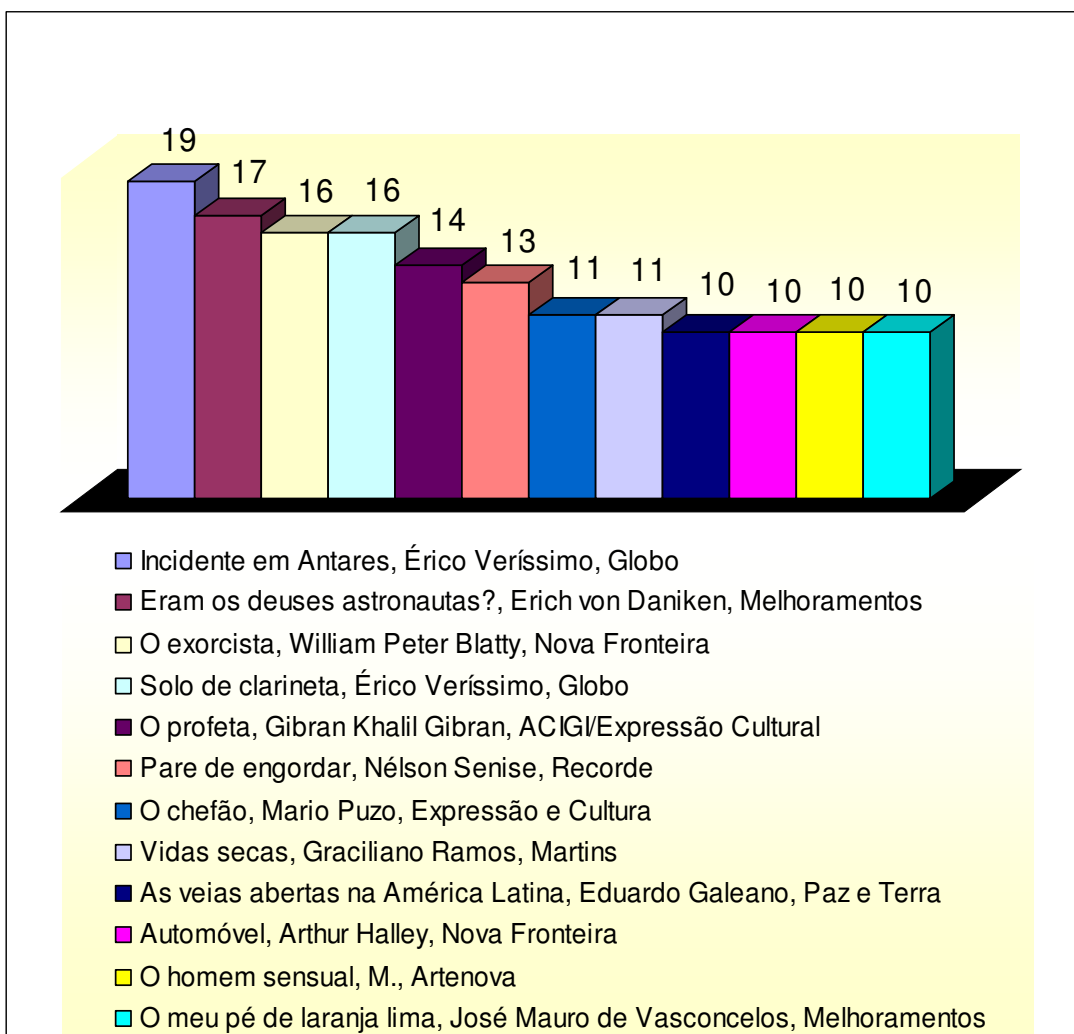
**Gráfico 1 – Levantamento geral (1966 a 2004)**

<b>1. Auto-ajuda</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
<b>1.1. Autoconhecimento</b>		
(8) <i>Você pode curar sua vida</i>	Louise Hay	1990
(9) <i>O sucesso não ocorre por acaso</i>	Lair Ribeiro	1990
(13) <i>Inteligência emocional</i>	Daniel Goleman	1990
(16) <i>Comunicação global</i>	Lair Ribeiro	1990
(20) <i>A arte da felicidade</i>	Dalai Lama/Howard Cutler	2000
<b>1.2. Misticismo e esoterismo</b>		
(1) <i>O alquimista</i>	Paulo Coelho	1990
(5) <i>Brida</i>	Paulo Coelho	1990
(11) <i>A profecia celestina</i>	James Redfield	1990
<b>1.3. Individualidade e sexualidade</b>		
(6) <i>A insustentável leveza do ser</i>	Milan Kundera	1980
(18) <i>203 maneiras de enlouquecer um homem na cama</i>	Olívia St. Claire	1990
<b>1.4. Mundo dos negócios</b>		
(2) <i>Virando a própria mesa</i>	Ricardo Semler	1980/90
(17) <i>Iacocca. Uma autobiografia</i>	Lee Iacocca /William Novak	1980
<b>1.5. Crenças</b>		
(19) <i>Minutos de sabedoria</i>	Carlos Torres Pastorino	1990
<b>2. Memória</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
(12) <i>Olga</i>	Fernando Moraes	1980
(21) <i>Estação Carandiru</i>	Dráuzio Varella	2000
<b>3. Ação e intriga</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
(10) <i>Operação cavalo de Tróia</i>	J. J. Benítez	1980
<b>4. Humor</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
(4) <i>As mentiras que os homens contam</i>	Luís Fernando Veríssimo	2000
<b>5. Fantasia</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
(7) <i>As brumas de Avalon</i>	Marion Zimmer Bradley	1980
(14) <i>Harry Potter e a pedra filosofal</i>	J. K. Rowling	2000
<b>6. Didatismo histórico-filosófico</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
(3) <i>O mundo de Sofia</i>	Jostein Gaarder	1990
(15) <i>A viagem do descobrimento</i>	Eduardo Bueno	1990

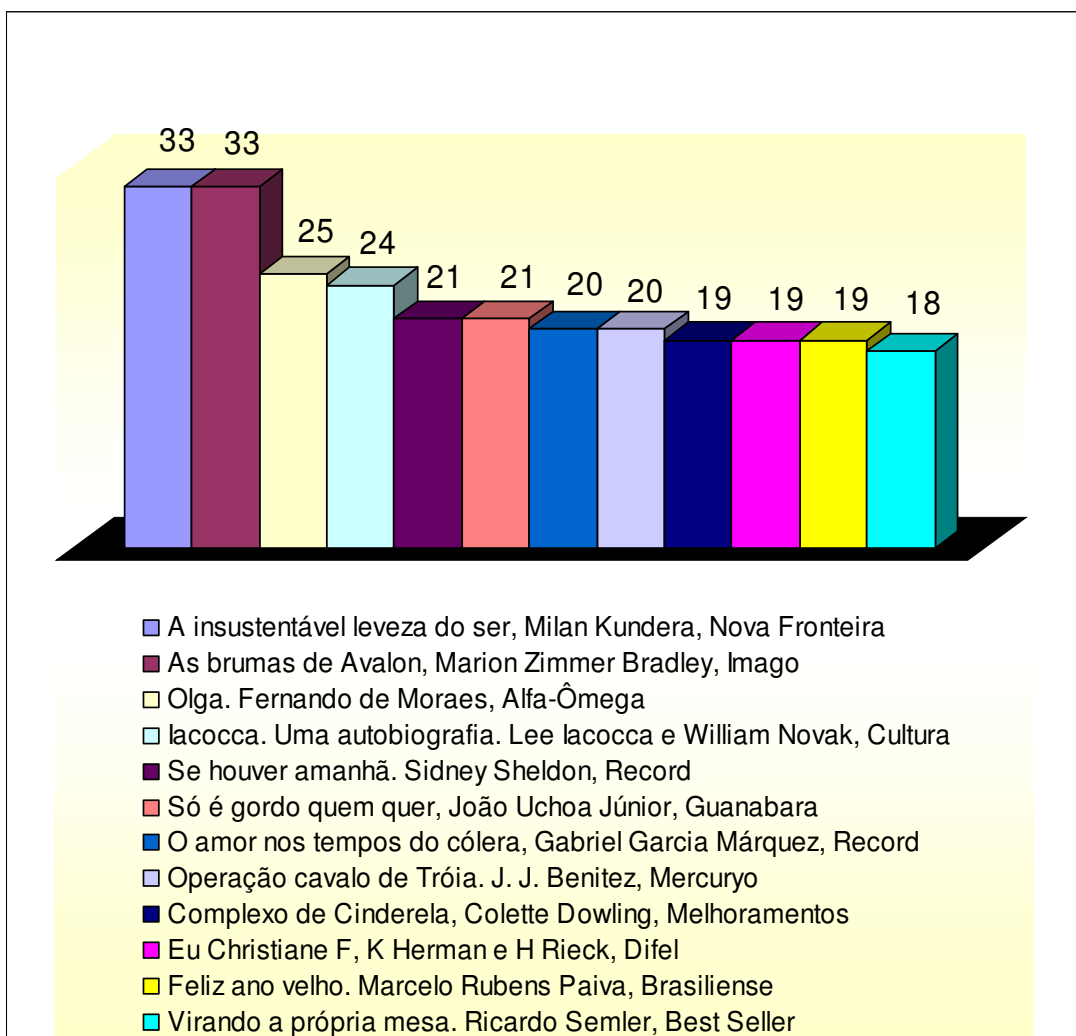
**Tabela 1 - Distribuição dos livros mais vendidos em diferentes categorias, segundo a ordem em que aparecem no gráfico 1.**



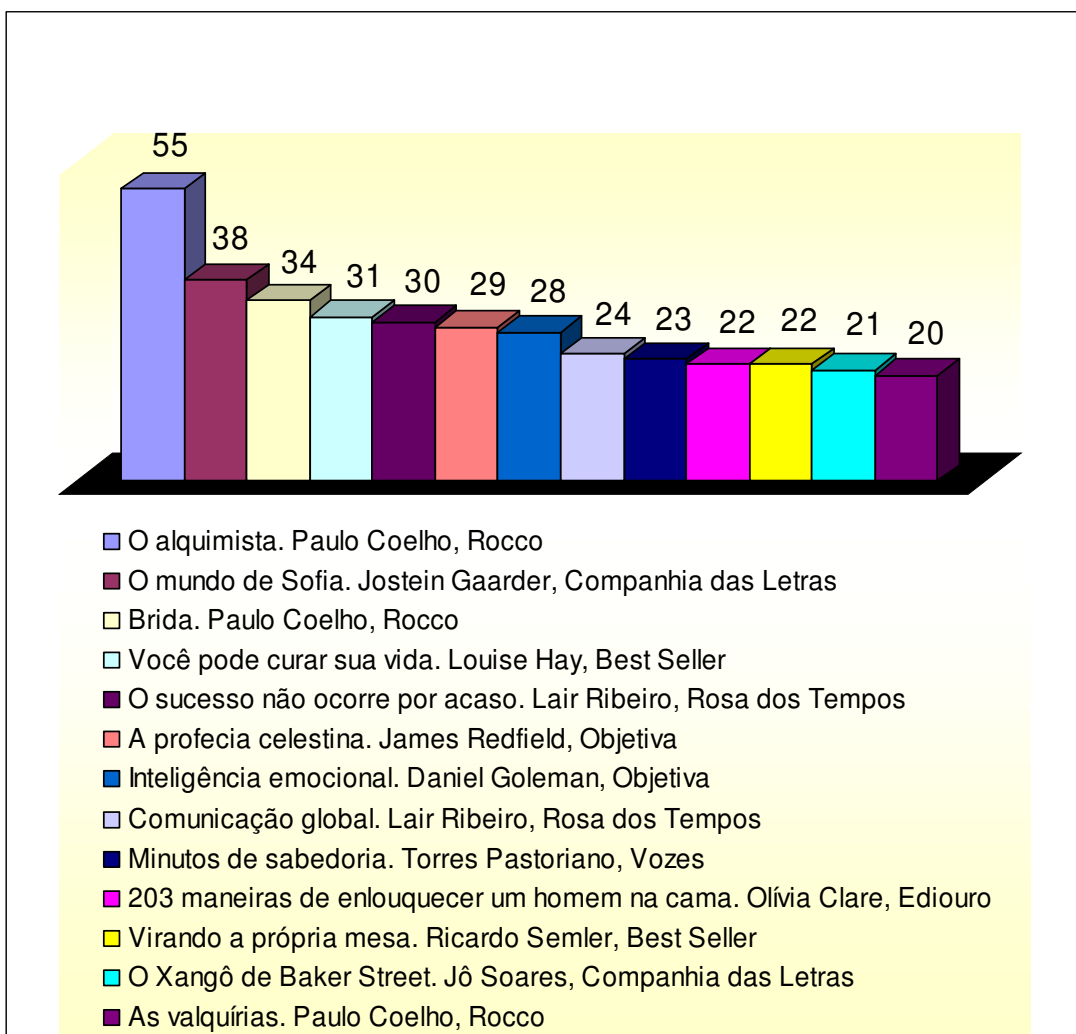
**Gráfico 2 – Levantamento Década 1960**



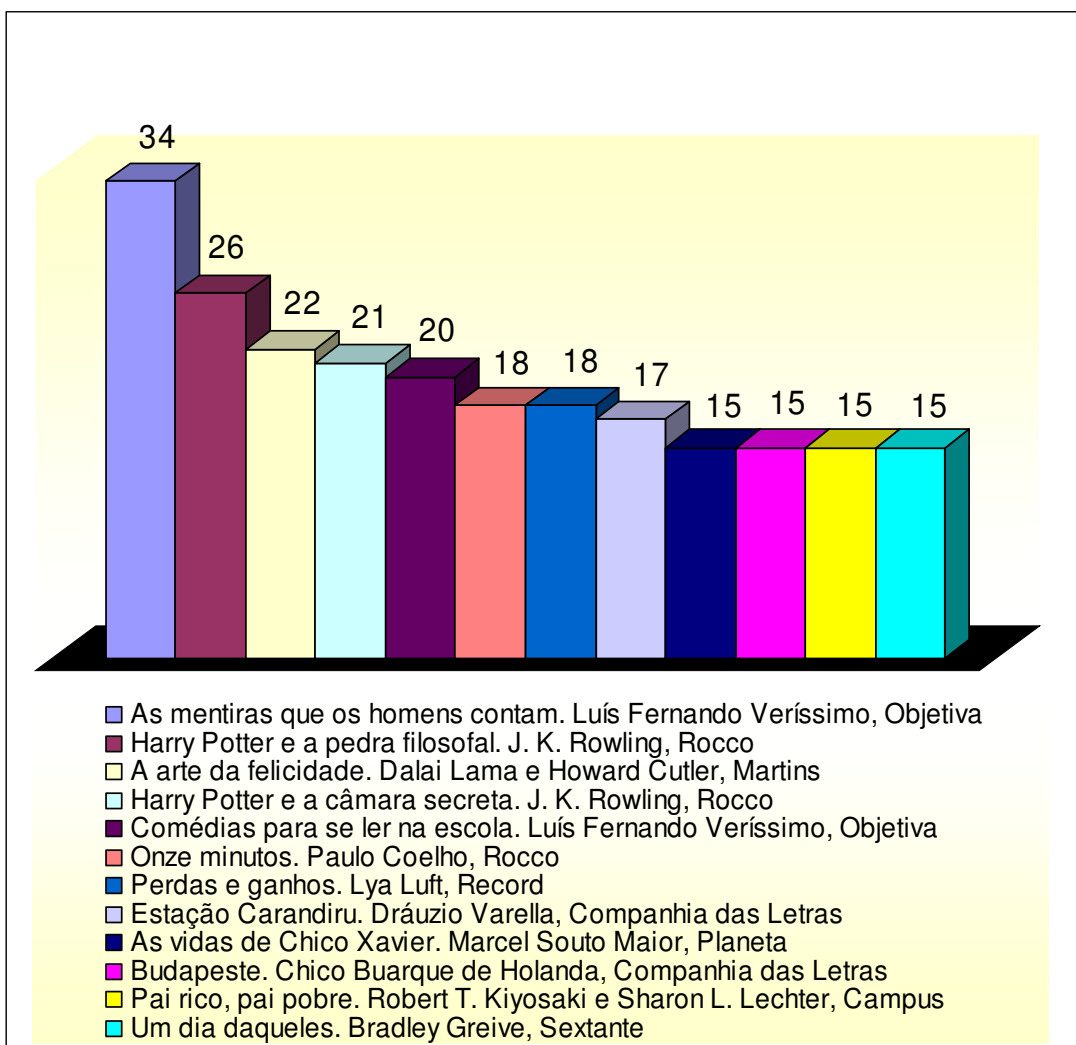
**Gráfico 3 – Levantamento década 1970**



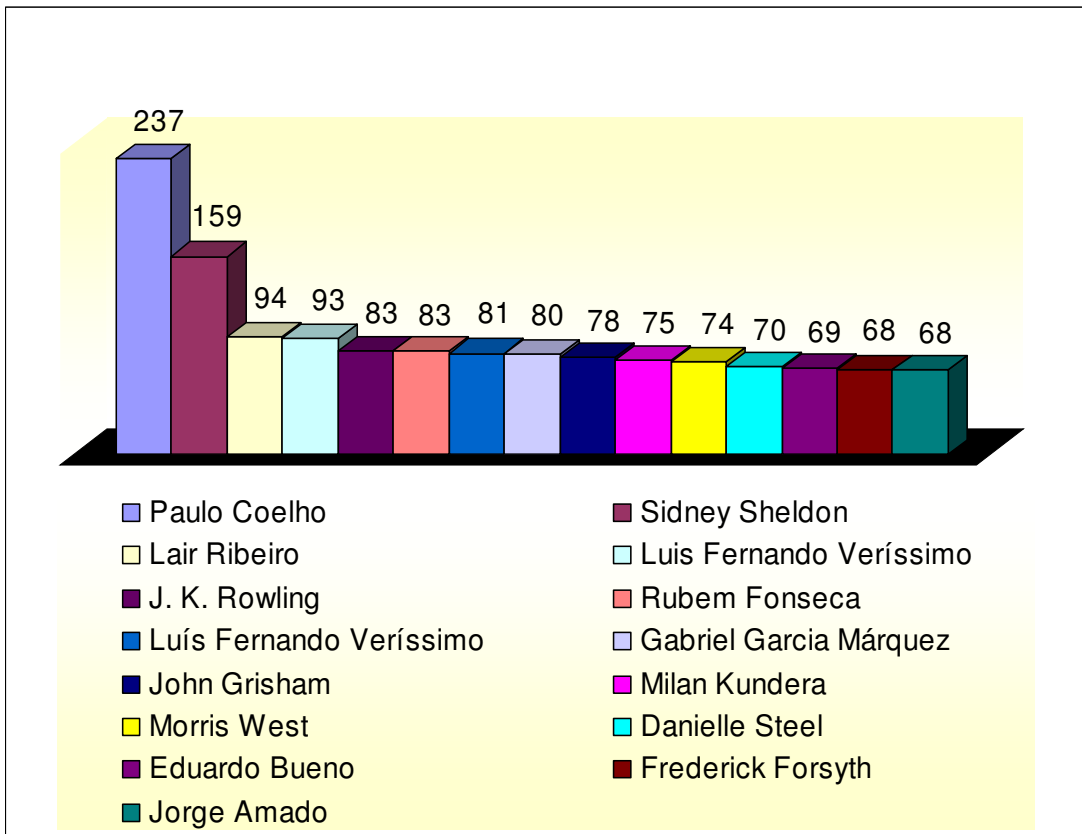
**Gráfico 4 – Levantamento década 1980**



**Gráfico 5 – Levantamento Década 1990**

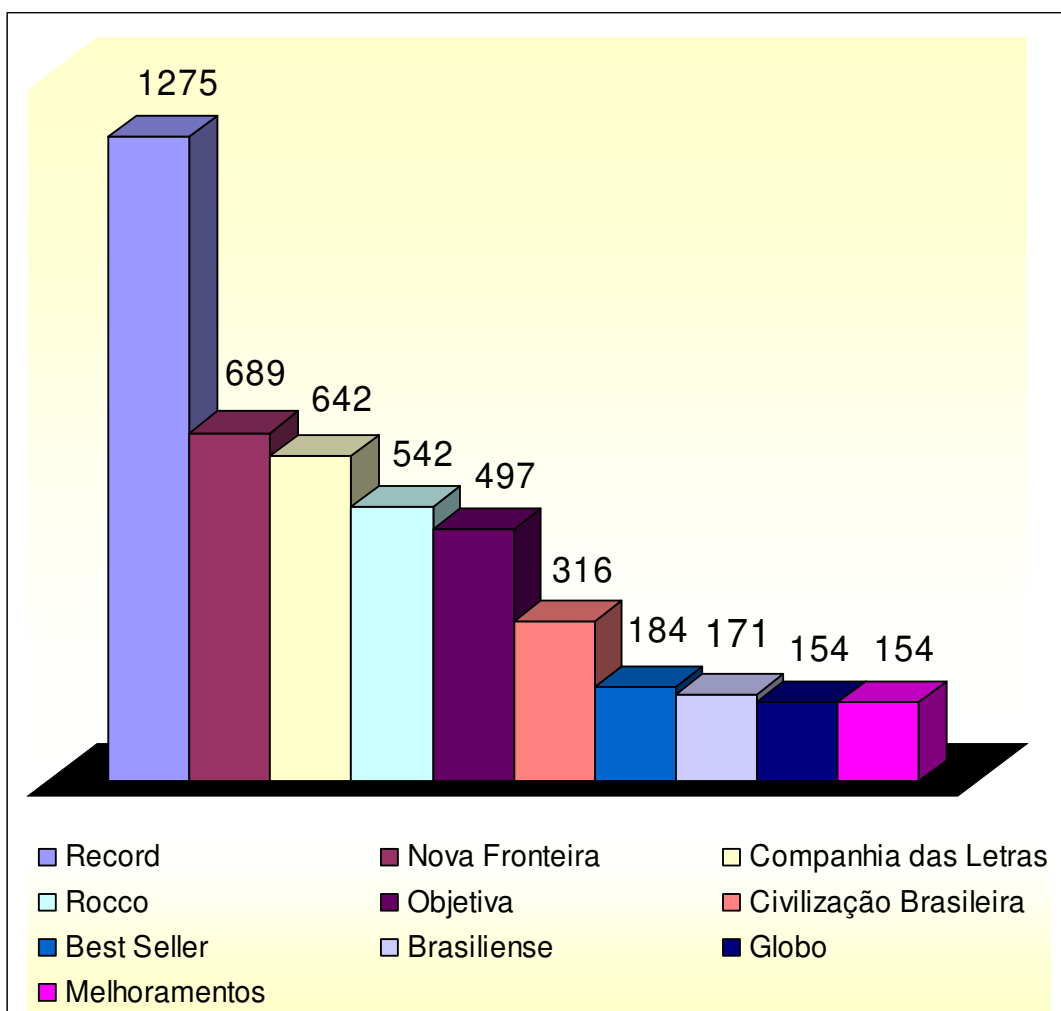


**Gráfico 6 – Levantamento década 2000**



**Gráfico 7 – Levantamento dos autores mais vendidos (1966 a 2004)**





**Gráfico 8 – Levantamento das editoras que mais venderam (1966 a 2004)**

<b>1. Auto-ajuda (23)</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
<b>1.1. Autoconhecimento (7)</b>		
<i>O sucesso não ocorre por acaso</i>	Lair Ribeiro	1990
<i>Inteligência emocional</i>	Daniel Goleman	1990
<i>Comunicação global</i>	Lair Ribeiro	1990
<i>Você pode curar sua vida</i>	Louise Hay	1990
<i>A arte da felicidade</i>	Dalai Lama/Howard Cutler	2000
<i>Perdas e ganhos</i>	Lya Luft	2000
<i>Um dia daqueles</i>	Bradley Greive	2000
<b>1.2. Misticismo e esoterismo (5)</b>		
<i>O profeta</i>	Khalil Gibran	1970
<i>O alquimista</i>	Paulo Coelho	1990
<i>Brida</i>	Paulo Coelho	1990
<i>A profecia celestina</i>	James Redfield	1990
<i>As Valquírias</i>	Paulo Coelho	1990
<b>1.3. Individualidade e sexualidade (4)</b>		
<i>O homem sensual</i>	M.	1970
<i>A insustentável leveza do ser</i>	Milan Kundera	1980
<i>203 maneiras de enlouquecer um homem na cama</i>	Olívia St. Claire	1990
<i>Onze minutos</i>	Paulo Coelho	2000
<b>1.4. Mundo dos negócios (3)</b>		
<i>Iacocca. Uma autobiografia</i>	Lee Iacocca /William Novak	1980
<i>Virando a própria mesa</i>	Ricardo Semler	1980/90
<i>Pai rico, pai pobre</i>	Robert Kiyosaki/ Sharon L. Lechter	2000
<b>1.5. Estética corporal (2)</b>		
<i>Pare de engordar</i>	Nélson Senise	1970
<i>Só é gordo quem quer</i>	João Uchôa Jr.	1980
<b>1.6. Crenças (1)</b>		
<i>Minutos de sabedoria</i>	Carlos Torres Pastorino	1990
<b>1.7. Individualidade e feminilidade (1)</b>		
<i>Complexo de Cinderela</i>	Colette Dowling	1980

<b>2. Memória (9)</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
<i>Sexus</i>	Henry Miller	1960
<i>O lobo da estepe</i>	Herman Hesse	1960
<i>Meu pé de laranja lima</i>	José Mauro de Vasconcelos	1960/70
<i>Solo de clarineta</i>	Érico Veríssimo	1970
<i>Olga</i>	Fernando Moraes	1980
<i>Eu, Cristiane F., 13 anos, drogada e prostituída.</i>	K. Herman e H. Rieck	1980
<i>Feliz ano velho</i>	Marcelo Rubens Paiva	1980
<i>Estação Carandiru</i>	Dráuzio Varella	2000
<i>As vidas de Chico Xavier</i>	Marcel Souto Maior	2000

<b>3. Temática social (7)</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
<i>Quarup</i>	Antônio Calado	1960

<i>O prisioneiro</i>	Érico Veríssimo	1960
<i>O desafio americano</i>	Jean-Jacques Servan-Schreiber	1960
<i>Crimes de guerra no Vietnã</i>	Bertand Russell	1960
<i>Incidente em Antares</i>	Érico Veríssimo	1970
<i>Vidas secas</i>	Graciliano Ramos	1970
<i>As veias abertas da América Latina</i>	Eduardo Galeano	1970

<b>4. Ação e intriga (7)</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
<i>Aeroporto</i>	Arthur Halley	1960
<i>O primeiro-ministro</i>	Arthur Halley	1960
<i>O exorcista</i>	William Peter Blatty Bertand	1970
<i>O chefão</i>	Mário Puzo	1970
<i>Automóvel</i>	Arthur Halley	1970
<i>Se houver amanhã</i>	Sidney Sheldon	1980
<i>Operação cavalo de tróia</i>	J. J. Benítez	1980

<b>5. Humor (4)</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
<i>Festival de besteiras que assola o país</i>	Stanislaw Ponte Preta	1960
<i>O homem ao zero</i>	Leon Eliachar	1960
<i>As mentiras que os homens contam</i>	Luís Fernando Veríssimo	2000
<i>Comédias para se ler na escola</i>	Luís Fernando Veríssimo	2000

<b>6. Fantasia (3)</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
<i>As brumas de Avalon</i>	Marion Zimmer Bradley	1980
<i>Harry Potter e a pedra filosofal</i>	J. K. Rowling	2000
<i>Harry Potter e a câmara secreta</i>	J. K. Rowling	2000

<b>7. Realismo ficcional (2)</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
<i>O amor nos tempos do cólera</i>	Gabriel Garcia Márquez	1980
<i>Budapeste</i>	Chico Buarque	2000

<b>8. Especulação científica (1)</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
<i>Eram os deuses astronautas?</i>	Erich von Däniken	1970

<b>9. Policial (1)</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
<i>O Xangô de Baker Street</i>	Jô Soares	1990

<b>10. Didatismo filosófico (1)</b>		
Nome do livro	Nome do autor	Década
<i>O mundo de Sofia</i>	Jostein Gaarder	1990

**Tabela 2 - Distribuição dos livros mais vendidos em diferentes categorias (junção das cinco décadas)**